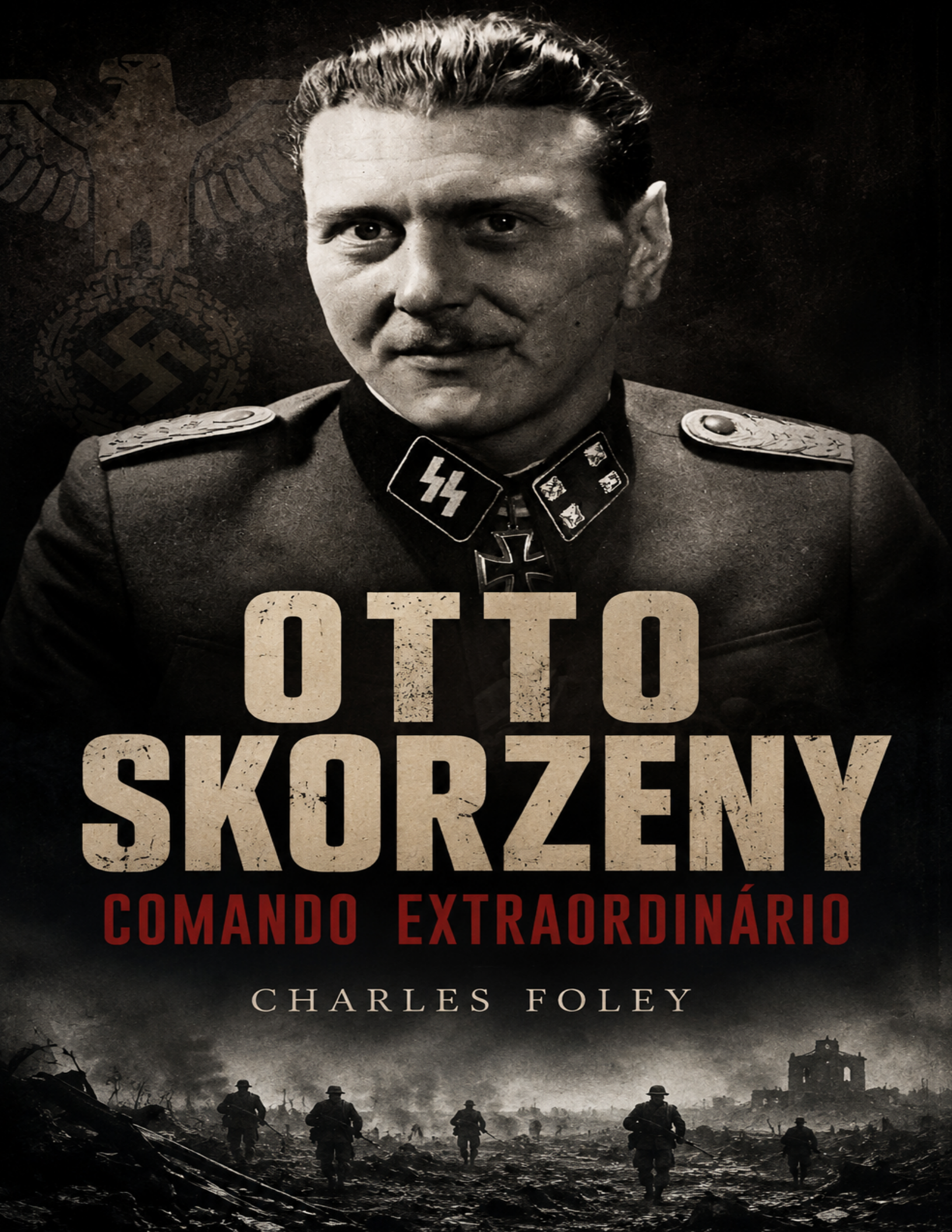

# OTTO SKORZENY

## COMANDO EXTRAORDINÁRIO

CHARLES FOLEY

O nome de Otto Skorzeny surgiu durante a Segunda Guerra, quando, acompanhado de um pequeno grupo de tropas aero-transportadas, desceu no cume do Monte Gran Sasso para libertar Mussolini, levando-o a salvo - para Berlim. Esta façanha, bastante explorada pela propaganda alemã, ajudou a fortalecer o mito do super-homem nazista — um herói romântico, lutando com métodos próprios em missões especiais. Na verdade, a atuação de Skorzeny não se distanciou muito da imagem criada para êle. Começando a guerra como simples soldado, êste jovem engenheiro de Viena, amante dos carros esportes e muito pouco interessado em política, poderia ter passado anonimamente pela guerra, ou mesmo estar sob uma das milhares de cruzes espalhadas no solo russo, onde lutou.

O acaso de uma crise de vesícula o retira da frente russa, mandando-o de volta para Berlim. Ali, o acaso também o designa para o Serviço de Segurança da SS, que no momento ampliava seu raio de ação, voltando-se para as atividades por trás das linhas inimigas. E é nessas novas funções que Skorzeny é escolhido para a ação de libertação de Mussolini, que êle executa com sucesso. Os detalhes dessa missão, os processos de espionagem usados para levantar o local onde o Duce se encontrava — um rigoroso segrêdo de Estado — e os preparativos para a sua libertação são momentos dignos de um livro de aventuras de ficção. A partir de então, Skorzeny torna-se herói nacional e até o fim da guerra é encarregado de várias missões especiais, todas repletas de perigo e de aventura. No mesmo ano, êle prepara uma expedição a Vichy para, discretamente, prender todo o Govêrno francês, que começava a se indisciplinar contra a autoridade alemã. A operação é suspensa quando o palácio já se encontrava cercado. Posteriormente é Skorzeny o escolhido para prender o Regente Horthy da Hungria, quando êste tencionava se bandear para o lado aliado. E também, sob as ordens de Skorzeny é preparada uma expe dição de pára-quedistas ao quartel-general do guerrilheiro Tito, que foge a tempo. Mas é durante a ofensiva alemã das Ardenas, em 1944, que Skorzeny desenvolve a sua mais espetacular ação em toda a guerra: a Operação-Grifo, focalizada em centenas de filmes e romances sôbre o último conflito.

Comandando uma brigada equipada com uniformes e veículos americanos capturados, Skorzeny atravessa as linhas aliadas e inicia uma ação de sabotagem, trocando sinalizações, engarrafando nas estradas os extensos comboios de suprimento, dinamitando pontes e, principalmente, gerando um clima tal de confusão e desconfiança entre os americanos, que um cow-boy do Texas passava a ser olhado como um possível alemão disfarçado. A comoção da notícia da presença de Skorzeny na retaguarda aliada foi tão grande que até o General Eisenhower ficou impedido de sair de casa por um largo período, devido ao boato corrente de que Skorzeny tenciona raptá-lo. A realidade da Operação-Grifo no entanto estava muito aquém de sua legenda, como confessa o próprio Skorzeny. De todos os homens de sua brigada, apenas 10 falavam correntemente inglês, enquanto os outros eram "incapazes de enganar um americano surdo". Mas á verdade é que a sua fama como libertador de Mussolini, aliada ao ineditismo da operação, desencadearam um clima tal entre os americanos que Skorzeny e seus homens foram vistos em vários pontos da frente simultâneamente, ampliando dessa forma o efeito psicológico de sua ação nas Ardenas.

Antes do fim da guerra, os serviços de Skorzeny ainda são requisitados para uma tentativa, com seus homens-rãs de dinamitar a ponte, sobre o Reno, em Remagen, que tinha caído intacta nas mãos dos Aliados, possibilitando assim a travessia do último obstáculo natural da Alemanha ao avanço. A operação não tem sucesso e o fim da Alemanha está próximo. Skorzeny então é encontrado como comandante de uma cabeça de ponte sobre o Oder, que resiste tenazmente à ofensiva dos exércitos soviéticos nos últimos dias da guerra. Prêso quando se apresentou aos Aliados, é julgado num processo fora do de Nuremberg, já que nunca foi considerado "um criminoso de guerra". Por interferência dos comandos inglêses, que o consideravam não um inimigo, mas um adversário leal, que usava os mesmos métodos das tropas especiais inglêsas e americanas, Skorzeny é absolvido, indo viver na Espanha, onde exerce, agora, sua antiga profissão de engenheiro.

SKORZENY

# O Comando Extraordinário

Tradução de

Carlos Evaristo M. Costa

editôra

NOVA FRONTEIRA

Título do original inglês COMMANDO EXTRAORDINARY

Copyright 1954 by Charles Foley

(Esta edição é publicada por acordo com Longmans, Green and Company Limited, Londres)

Capa

LEOPOLDO CÂMARA

Revisão A. TAVARES

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela EDITÔRA NOVA FRONTEIRA S. A.

Rua do Carmo, 27 - 4.° andar - Tel. 231-5830 Caixa Postal 3812

Enderêço Telegráfico — NEOFRONT

Rio de Janeiro — GB

Brasil

# NOTA PARA PAIS E PROFESSORES:

Esta é a biografia íntima do soldado que talvez tenha sido o mais original e o mais paisano que apareceu durante a II Guerra Mundial. Na realidade o livro é algo bem mais importante para os que desejam estudar tática e História Militar, pois é a história de uma nova forma de combater, de uma nova arma para os exércitos e de uma nova definição para a palavra batalha.

Os exércitos sempre confiaram na classe, na energia, nos conhecimentos e na experiência de seus oficiais. O que o alemão e os seus equivalentes nas Forças Aliadas inventaram foi uma forma de combate em que cada uma dessas qualidades era considerada como desvantagem. Se isso nos parecer um pouco louco ou de uma ingenuidade pueril, é porque estamos nos colocando na situação das forças inimigas que foram derrotadas por Skorzeny e prestes a compreender por que os Comandos e as unidades de forças especiais foram uma singular e afortunada descoberta da II Guerra Mundial.

A guerra moderna é travada com técnicos dispondo de enormes quantidades de máquinas, armas, organizações complexas e complicadíssimas instalações de radar — tudo manejado por pessoal altamente treinado. Quartéis-generais, logisticamente situados, controlam exércitos de milhões de homens. Todos os exércitos operam com ordem e disciplina e em massa. Skorzeny percebeu que, se um homem pudesse interpretar como essa massa funciona e, então, agisse exatamente na maneira oposta, o inimigo não

poderia entendê-lo e, muito menos, defender-se contra êle. Tal homem seria como uma abelha voando em cima de um elefante. Justamente o tamanho e a força do elefante é que o impediríam de reagir com eficiência. Skorzeny previu que o princípio por êle descoberto poderia ter aplicação em escala ainda maior.

Seu sucesso mostrou que uma ação de choque pode vencer, também, estados-maiores e políticos que vivem mergulhados no passado. Um soldado, um exército, ou mesmo uma nação, podem ficar suficientemente aturdidos de modo a permitir que alguém consiga seus desígnios. Se alguém puder atacar nos lugares e com os métodos com que nunca se poderia sonhar, é provável que consiga aquilo que quiser.

Uma das idéias desta nova forma de combate era que o rapto ou o assassínio de líderes de um govêrno em guerra eram preferíveis à morte de milhares de seus inocentes soldados. Òbviamente, um grande exército não poderia penetrar até os quartéis-generais de seu inimigo ou até a capital de um país, mas, na verdade, uns poucos homens, com o tipo de treinar mento, com a imaginação e o talento descritos neste livro, penetraram todas as defesas aliadas a fim de resgatar Mussolini, em uma fuga que foi, nas palavras do próprio ditador, "... o mais arrojado e o mais romântico dos resgates e, ao mesmo tempo, o mais moderno em métodos e estilo".

O mesmo foi feito com líderes da Hungria. Um famoso estadista disse, certa vez, que se os líderes de uma nação tivessem que ir para as trincheiras de primeira linha, não haverία mais guerras; Skorzeny, em seu conceito de batalha, colocou-os lá na frente. Êle tem certeza de que se tivesse raptado ou assassinado apenas dois líderes franceses fàcilmente atingíveis, teria concorrido com uma ação mais eficaz e mais moral do que uma carnificina, com o sacrifício de milhares de homens, vitimados apenas porque uma tal tática não era permitida pelas convenções de guerra. Skorzeny foi réu no julgamento de criminosos de guerra em Nüremberg e em outros tribunais,

justamente por ter, inúmeras vezes, violado as “convenções de guerra” em seus ousados ataques. Foi absolvido, no entanto, quando ficou estabelecido que se pode violar convenções quando o inimigo também as violou “mas, para que se esteja duplamente certo, é melhor emergir do lado vencedor”.

Dêste relato detalhado do que aconteceu a Skorzeny depois do último conflito mundial ficam as únicas convenções de guerra que, na realidade, têm sido sustentadas no cenário internacional nos últimos cinqüenta anos. “Liquide o adversário”, “Matar ou ser morto, Se conseguir livrar-se do inimigo é possível que ganhe uma medalha e nada tenha que responder. Se não se livrar.,. que lástima”.

Os últimos capítulos dêste livro descrevem façanhas de comandos britânicos, equivalentes às de Skorzeny e, assim, não restam dúvidas de que esta nova arma, surgida na II Guerra Mundial, não foi uma invenção alemã.

As unidades de comandos, não importa a que lado pertencessem, tinham muitas coisas em comum, que serviam para diferençá-las das unidades militares tradicionais. O “pior inimigo” que tinham a combater eram a burocracia e o formalismo . Skorzeny e seus equivalentes aliados eram fanàticamente leais aos seus selecionados homens. Skorzeny a êles se referia como os seus “belos homens” e sentia que a devoção destes era ainda maior do que a sua própria, uma vez que raramente podiam êles saber para onde estavam sendo levados.

Para o leitor, sentado em uma cadeira de braços em tempo de paz, a parte mais espantosa das proezas de Skorzeny ê a maneira pela qual sempre conseguia convencer outros homens a segui-lo para uma morte quase certa. As taxas de baixas em algumas das incursões de comandos eram de quase cem por cento, mas apesar disso, os rapazes faziam tudo o que podiam para

juntar-se a essas unidades. Ê uma atitude fortuita e petulante sobre a vida, que Charles Foley resume como “o princípio de que era uma vida divertida e uma vergonha abandoná-la”. Os comandos têm um tal élan, um tal prazer em usar suas inteligências, em explodir coisas, em superar em astúcia o seu adversário, em matar silenciosamente, que pouco têm a ver com o lado ideológico duma guerra. Lutam contra os seus próprios estados-maiores e sentem camaradagem pelos adversários. Como os grandes pilotos de combate de ambos os lados, são aventureiros sem ética, que se ufanam do que estão fazendo no momento.

Richard H. Tyre

# NOTA DO AUTOR

Embora já existam, em grande quantidade, histórias sobre ousadia e êxitos individuais durante a última guerra mundial, nenhuma das que li até agora tenta ir além dos acidentes relatados, com o objetivo de descobrir o método, dentro da loucura do arriscado feito. Esta é a tarefa dêste livro — uma tarefa na qual as imperfeições do autor devem ser relevadas pelos amigos que têm uma penetração maior na atenção do público.

A nossa principal testemunha para o renascimento do fator homem na guerra é Otto Skorzeny e sua escolha foi algo que seus adversários aliados saudaram com interêsse e prazer. Um dos primeiros que consultei, o Tenente-Coronel M. J. Calvert, possuidor das condecorações DSO (Distinguished Service Order) e MC (Medal of Congress) e com renome em Burma, declarou que Skorzeny era o exemplo ideal para mostrar o que um comandante que tivesse cabeça poderia conseguir na guerra moderna. Os oficiais do Serviço Aéreo Especial (SAS) que exploram uma técnica semelhante concordaram com êle; o Major Anthony Greville Bell, também condecorado com a DSO e ajudante do SAS, foi incansável na pesquisa de comparações nos concisos mas ilustrativos registros dêsse serviço. O capítulo final não poderia ter sido escrito sem a cooperação do Coronel David Stirling, também DSO.

Muitos outros, na Inglaterra e fora dela, foram generosos em seus auxílios e em suas críticas. Em uma coisa todos concordaram: que, embora as idéias possam não ter fronteiras, não podemos dissociá-las dos preconceitos das mentes onde surgem. Skorzeny lutou pela Alemanha; viu a guerra com os olhos de um alemão. Abstive-me de corrigir o seu ponto de vista onde êste

diferia do meu e evitei todos os problemas morais, como se estivessem fora da área de exame.

Enquanto preenchia as grandes lacunas de meu conhecimento sujeitei-me a outros compromissos. Em particular devo reconhecer a amabilidade do Sr. Allen Welsh Dulles, que me emprestou o seu relatório mais valioso sobre os subterrâneos alemães, do Major Karl Radl, que me permitiu consultar o seu arquivo sobre a incursão Gran Sasso, e do Major Hummel, por sua clara exposição sobre os homens-rãs que dirigiu. Os bibliotecários da Chatham House e os arquivistas do Imperial War Museum e do Edifício do Pentágono simplificaram muitas pesquisas que seriam enfadonhas. O Tenente-Coronel Donald McClure, membro do Grupo para os Crimes de Guerra, do Exército dos Estados Unidos, foi muito gentil em ler o manuscrito do capítulo que trata do julgamento; o Comandante de Esquadrão, Yeo Thomas, possuidor da GC (Grand Cross) e da MC, contribuiu com as suas impressões, como testemunha que foi perante a corte.

Devo, finalmente, render meus tributos ao Coronel Skorzeny, pelo elevado espírito que manteve durante os interrogatórios .

# I.

*Nada ê tão mau como o sucesso ... exceto para os que o conseguem.*

*James Robinson Planché*

Por uma semana, durante a grande crise da guerra na Europa, o General Eisenhower, Comandante Supremo das Forças Aliadas, ficou prisioneiro em seu próprio quartel-general. Na realidade, êle foi confinado tão severamente quanto qualquer soldado faltoso em seu aquartelamento.

Eisenhower impacientou-se, suplicou, irritou-se, mas os seus chefes de segurança foram inflexíveis. Mesmo em seu gabinete não havia garantias contra um ataque. Do lado de fora do edifício, fortemente guardado, assassinos rondavam para matá-lo ou raptá-lo. Usavam, todos, uniformes americanos. Havia um homem, sobretudo, diziam êles, um alemão...

Sem o conhecimento de Eisenhower, um dos oficiais de seu estado-maior, com êle muito parecido, desempenhava a tarefa de agir como seu sósia. Nesse papel, o referido oficial se deslocava, diariamente, no famoso auto de cinco estréias, entre Paris e Versalhes, nos dois sentidos.

A própria Paris se encontrava sob o toque de recolher. Tanques patrulhavam as proximidades do Cafè de la Paix; esperava-se que, a qualquer momento, o “homem” viesse tomar um aperitivo. O povo tinha que identificar-se nas ruas. Os oficiais americanos mais graduados eram interrogados tão intensamente como soldados ou civis. Até a Polícia Militar, com seus capacetes brancos, e que dirigia toda essa inquisição, não estava livre de suspeitas.

Lá longe, nas Ardenas, em plena Batalha do Bolsão, quinhentos mil americanos procuravam por todos os lados um inimigo irreconhecível, perguntando-se, uns aos outros, quem era amigo, quem era inimigo .

Tudo por causa de um homem. Um homem cujo nome era em si tão grande ameaça que o simples rumor de sua presença atrás das linhas era bastante para desanimar um exército e fazer com que o seu comandante-em-chefe ficasse encarcerado .

Dois anos antes Otto Skorzeny era um obscuro soldado entre milhões de combatentes. Alguns meses mais tarde êle seria levado de roldão com os destroçados remanescentes dos exércitos de Hitler, mas, nesse meio tempo, liderou de forma sem precedentes, tratando-se de alguém tão novo para comandar. Skorzeny levantou, atrás de cada seteira da Alemanha sitiada, uma legião imbuída do espírito de ataque — atacar de qualquer forma, desde que o ataque fosse inesperado.

Nos vinte últimos meses de um Reich que deveria durar mil anos, Skorzeny planejou, dirigiu e até mesmo liderou uma série de missões que foram únicas quanto à finalidade, pois visavam a influenciar o curso, não apenas de uma simples batalha, mas de toda uma guerra.

Quando Skorzeny se tornou chefe das tropas especiais de Hitler, podia ser vista a derrota estampada na face de todos os alemães. Todavia, inúmeras vêzes a penumbra que se formava foi iluminada por um clarão que revelava a marca característica dos serviços de Skorzeny — improbabilidade. Quando chegou o fim, êste estranho indivíduo, que aparentemente ninguém conhecia, foi caçado até ser prêso e formalmente acusado por seus interrogadores de ser o soldado alemão "mais responsável pelo prolongamento da guerra".

Eu me lembrava bem disso, mas pouco mais do que isso, Passaram-se alguns anos; então, de repente, o homem e o que fizera entraram em minha vida.

Um amigo e eu conversávamos, em Londres, em uma manhã de outono. A neblina caía no Pall Mall; do outro lado da rua, um contôrno gótico destruído lembrava o dia em que os alemães haviam atingido o Carlton Club. Dessas emoções passamos para outras, até chegarmos à ordem estabelecida e, daí, para a singular figura de Skorzeny.

Meu amigo iniciou o assunto. — Skorzeny — disse êle, — âí está um soldado, se você quiser um. Hoje em dia somos todos penosamente respeitáveis, mas raramente nos terão sido dadas as gloriosas oportunidades que Skorzeny viu e teve. Êle misturou alta política com dinamite e virou pelo avêsso a rotina de combate. Depois da Guerra os Aliados tentaram enforcá-lo. Alegra-me pensar que ajudamos a absolvê-lo.

Êsse meu amigo era um dos nossos mais jovens e brilhantes comandantes, que surpreendeu os que o conheciam ficando no Exército depois da Guerra.

Um crítico vigoroso das tradições, sua segurança em combate combinava-se com o seu desprêzo pelo perigo nos trabalhos de estado-maior e na discussão com oficiais generais nos refeitórios. Quando o incidente que êle mencionara foi relatado, reconheci que êsse amigo via em Skorzeny um companheiro espiritual.

— Nunca o encontrei — começou êle, — e nossa intervenção nos acontecimentos foi irregular... uma revolta cavalheiresca, nos primeiros dias da vitória. Você deve estar lembrado de que, em Versalhes, havia gente nossa, vinda de diferentes frentes de combate — coronéis com vinte e poucos anos, reluzentes brigadeiros, marinheiros e aviadores com um elevado posto hierárquico temporário — que havia conseguido achar uma razão para visitar o Quartel-General Supremo de Paris.

“Um dia, alguns de nós ouvimos dizer que Otto Skorzeny havia sido prêso pelos Aliados na Alemanha e estava sendo acusado de toda sorte de vilanias; tentar matar Eisenhower era uma delas. Não víamos, naquilo, nada de errado. Quanto mais pensávamos no caso, mais indignados ficávamos. Afinal de contas os comandos tinham tentado atacar o quartel-general de Rommel no deserto ocidental — uma entre muitas atividades semelhantes. Quase todos nós havíamos feito coisas que não podiam constar das ordens do Exército e, por realizá-las, tínhamos sido condecorados.

“Todos nós conhecíamos muita coisa sobre as atividades de Skorzeny — o Serviço de Informações tinha preparado um dossiê especial sobre ele. Parecia-nos que o seu único crime era ter agido em um campo que não agrada ao Exército regular.

“Resolvemos escrever uma carta ao Secretário da Guerra. Uma cópia, por medida de segurança, foi remetida ao General Eisenhower. Na carta

dizíamos que, se o Coronel Skorzeny, como líder dos comandos alemães, fosse punido por ter cumprido com o seu dever, nós, também, pedíamos para ser presos. Estávamos prontos a nos confessar culpados de crimes semelhantes e a nos submeter ao mesmo tratamento."

Meu amigo continuou: — Bem, não nos prenderam, mas soubemos, mais tarde, que algumas das acusações haviam sido retiradas e, finalmente, que Skorzeny fora absolvido. Sorte dêle; não se pode fazer guerra com água de rosas e acredito que, apesar de suas idéias fora do comum, Skorzeny lutou limpamente .

Este episódio excitou a minha curiosidade, e o meu interêsse se ativou ainda mais com uma outra observação de meu amigo, proferida como coisa banal: — Skorzeny combateu na última guerra com os métodos que teremos que usar na próxima se acordarmos a tempo.

Comecei, então, a querer saber de tudo sobre Skorzeny e suas idéias "fora do comum". O que teria sido feito dêle? O que estaria fazendo agora? Ainda viveria? Eu tinha ouvido rumores confusos, de tempos em tempos. Uma visita à biblioteca de um jornal permitiu a colheita de recortes da imprensa; notícias que, começando com o que parecia ser um fato, descambava para o terreno da fantasia.

Inicialmente havia as mensagens de Paris sobre a alegada tentativa de morte contra o General Eisenhower. "Assassinato" era a expressão preferida. Houve uma caçada humana por trás das linhas aliadas à procura de Skorzeny, com toda a polícia e com todo o exército que se encontravam na Europa agindo ostensiva ou disfarçadamente. Então, como chefe dos lobisomens, e tendo jurado continuar a guerra mesmo depois do armistício, Skorzeny tinha escapulido para a Dinamarca — uma dúzia de líderes da

resistência dinamarquesa havia desaparecido; presumiu-se que os lobisomens se tinham livrado dêles.

SKORZENY CAPTURADO! Regozijavam-se os jornais. Fotografias da captura mostravam Skorzeny de algemas, e, posteriormente, apesar de repetidas notícias de que tinha fugido, foi levado a julgamento.

As audiências sobre os crimes de guerra se arrastaram vagarosamente e chegaram a ser perdidas de vista; houve uma inexplicável absolvição, mas Skozeny ainda permanecia detido — por ser "muito perigoso" para ficar em liberdade. O prisioneiro decidiu de maneira diferente e os cabeçalhos dos jornais soaram o alarme: SKORZENY FOGE!

Um jornal francês identificou o fugitivo — ou alguém que com êle se parecia — numa emprêsa de serviço do Canal para Londres. Um hospital galês estava guardado; Skorzeny talvez ignorasse que o paciente mais célebre dêsse hospital — Rudolf Hess, o mensageiro de Hitler — já não se encontrava mais lá.

As coisas assim continuaram, com Skorzeny sendo visto em Buenos Aires, onde o General Perón lhe atribuira o encargo de dirigir uma expedição para capturar as Ilhas Falkland; na Áustria, pesquisando nos Alpes em busca dos tesouros enterrados de Hitler; ou em Roma, conduzindo um conclave secreto de uma "Internacional nazi-fascista". Durante um ano inteiro houve notícias como essas. Foi então que uma revista americana publicou que uma rêde de espionagem, agindo sob o nome código de Aranha, tinha estendido seus tentáculos na direção dos Estados Unidos. O chefe Aranha, Skorzeny.

Toda essa ativa perversidade nas asas de um vilão que nunca entrara em cena! Por fim um jornal francês alcançou-o com o clarão de seus refletores e produziu o mais formidável furo de reportagem: um retrato de frente e de corpo inteiro do homem "mais perigoso", numa pose inequívoca. O monstro se encontrava em Paris, passeando ao sol de Champs Êlysées.

Tumulto no Congresso francês; um soco no plexo solar de um govêrno que estava abrigando um criminoso nazista — ou, pelo menos, foi o que disseram os líderes comunistas. Ministros foram atacados, obediente ao chamado do Partido, a população se epalhou pelos bulevares. Do elegante Rond Point, ela caiu sobre os escritórios do Figaro. A repressão policial foi contrabatida com cadeiras e mesas retiradas dos cafés de calçadas.

Quando a ordem foi restabelecida na Capital, Otto Skorzeny desaparecera de nôvo.

Um jornal destacou dois investigadores especiais para rastrear a caça. Êsses investigadores percorreram com rapidez países, inclusive através da África, mas nada conseguiram.

Ali, alguns meses antes, terminara a trilha de recortes de jornais. A perseguição foi interrompida.

Onde poderia ter-se metido o camarada? Indaguei através de amigos na América do Sul; a colônia alemã de lá nada sabia dele. O Quai D'Orsay assegurou-me que êle já não estava na França. Na Itália e na Alemanha, êle teria encontrado inúmeros conhecidos da época da guerra, para passar

desapercebido; nos países menores um estrangeiro era ràpidamente descoberto; o país mais provável que restava era a Espanha.

Milhares de alemães tinham procurado refúgio em um meio de vida atrás dos Pirenéus. Desde que a polícia espanhola estivesse satisfeita com as credenciais de um estrangeiro, êle poderia até trabalhar sob um nome falso. Investigações de outros países não eram estimuladas; o General Franco estava no ostracismo desde a guerra; os outros países que cuidassem de seus negócios e o deixassem em paz.

Enquanto eu estava tratando de um visto de entrada na Espanha, apareceu uma outra fotografia de jornal. A fotografia mostrava Skorzeny numa mesa de jantar e fora tirada, dizia a legenda, por um fotógrafo que usara sua máquina através de uma janela, em Madri. Só isso, já era muito bom para as primeiras páginas, mas a atividade do fotógrafo fora duplamente recompensada, pois ao lado de Skorzeny, com um garfo na mão, estava o Dr. Hjalmar Schact.

Schact, Ministro das Finanças de Hitler e "mago da Economia"! A dedução do cabeçalho, O QUE TRAMAM ÊLES?, talvez não tenha levado em consideração que Schact rompera com os nazistas, o que quase lhe custara a vida, mas tais detalhes não eram importantes e, no dia seguinte, parti para lá.

Crescera em mim a convicção de que, a não ser que Skorzeny fosse uma espécie de super-homem saído das revistas cômicas, deveria haver uma razão simples e suficiente para ficar fora de circulação. Não considerei muito sèriamente as conspirações neonazistas; a guerra acabara muito recentemente e a destruição fora demasiado completa. Nem vira eu naquela notícia, admitida como insuficiente, qualquer coisa referente às atividades

bélicas de Skorzeny, que justificasse uma suposição de que era um político fanático pronto a lançar-se contra a realidade de uma Alemanha completamente derrotada. Acima de tudo, nenhum dos alemães que eu tinha encontrado ouvira mencionar o nome do homem antes da guerra; assim, longe de ser politicamente importante, êle parecia ter surgido da completa obscuridade — e agora, muito provavelmente, somente desejava voltar a ela. Admitindo que Skorzeny fosse suficientemente normal para desejar viver sua vida em paz, ter-se-ia que lhe mostrar que êle estava enveredando por um caminho errado; seria muito melhor dar ao mundo uma explicação que satisfizesse a sua curiosidade, do que manter abertos os portões da especulação pelo silêncio e pela evasiva.

Quando meu avião desceu em Bordeaux para abastecimento, eu tinha assentada uma política de agressiva persuasão — e onde poderia achar um melhor aliado para insistir com Skorzeny sobre as vantagens do esclarecimento do público, do que com o irrepreensível publicista que era o Dr. Schact?

Encontrara-me com o Dr. Schact logo depois de sua absolvição por crimes de guerra em Nüremberg; desde então, êle estivera voando de uma capital para outra prescrevendo receitas para as doenças econômicas de outros povos. Se êle conhecesse Skorzeny, arranjaria uma apresentação.

Mas Schact já tinha partido. Desembarcando em Madri, soube que êle tinha voado para Paris naquela manhã. Entretanto, amigos meus o tinham visto e me levaram a outros que, afinal, admitiam que Skorzeny ainda estava na Espanha, vivendo "não muito longe de Madri". Poderíam pedir-lhe que me recebesse, embora tivessem pouca esperança. Para acabar com os equívocos, disse-lhes, com toda a franqueza, .que fizera uma longa viagem para encontrar aquêle homem e gostaria que êle almoçasse comigo — no dia seguinte. Algumas horas mais tarde, para o evidente espanto de nossos intermediários, o convite fôra aceito e de uma forma que sugeria que minha

prêsa queria que eu soubesse que poderia aparecer a céu aberto se êle quisesse. Assim, longe de insistir em algum encontro furtivo, êle marcou às duas e meia, quando toda a Madri começa a pensar em comida."

Mesmo na Espanha, os alemães não podem aprender a ser impontuais. Assim, foi com alguma inquietação que esperei sozinho atrás do meu sherry, enquanto a sala se enchia de marquesas tagarelas, ministros beija-mão do Gabinete de Franco, barões do Ruhr em visita a Madri e americanos do Ritz, que faziam a vida do Horcher's. Eram quase três horas, quando uma sombra escureceu a alcova azulejada onde me encontrava sentado. Uma enorme figura estava em frente à minha mesa. "Como vai o senhor?" disse o estranho. "Sinto muito; meu carro enguiçou. Otto Skorzeny, às suas ordens."

A voz era de um belo e pausado baixo, mais apropriada para ambientes mais espaçosos e, enquanto me levantava, percebi que diminuira o murmúrio da conversação. As pessoas olhavam em volta e daí, para cima — o mesmo fiz eu com meu metro e oitenta.

Não estou certo do que esperava sobre a aparência de Skorzeny. Os jornais insistiam num "gigante" e, com saudades dos dias dos gangsters de Chicago, também o tinham apelidado de Scarface. Admito que fizera os descontos normais, mas aqui, ao apertar-lhe a mão, estava um homem de enormes proporções. Scarface Skorzeny — o têrmo caía bem: uma linha branca saía de sua têmpora esquerda, passava pela boca e ia até o queixo maciço. A vida, dessa forma, endossava a lenda.

Como para compensar, Skorzeny usava um modesto terno de flanela cinza e tinha os cabelos, negros e ondulados, firmemente escovados. O seu ar quase apologético era tudo o que podia causar dúvidas; um ligeiro brilho dos seus

olhos cinza era a única demonstração de divertimento. Mais tarde, ouvi uma mulher, do tipo que pode fazer essa espécie de observação, dizer que Skorzeny era "um esplêndido animal", o que significava, ela acrescentara, um tigre feroz.

Sentamos numa mesa coberta de branco, enquanto o próprio Herr Horcher atravessava uma multidão de acólitos para prestar as homenagens de sua arte. Antes de vir de Berlim para Madri, seu restaurante tinha sido o preferido do Marechal Goering; agora êle aconselhava núcleos de alcachôfra e patas de lagosta cozidas em creme especialmente para o Herr Oberst.

— O senhor é muito conhecido — aventurei, provocando um largo sorriso.

— Infelizmente — disse êle, — parece que não preciso de passaporte.

Bebemos um pouco de vinho e iniciamos nossa conversa sôbre futilidades.

Meu convidado usava o inglês como um instrumento do trabalho diário, sem artifícios ou sofisticações. Era o bastante; atrás dos gracejos e ao lado de um vivo senso de humor, a sua memória era tão rápida como uma dava.

Eu temia descobrir em Skorzeny aquilo que Madariaga chamou de "condição alemã de efervescência", êsse pântano nublado e psicológico da alma teutônica, com o seu hábito de entrar em ebulição. Era de se esperar por isso, pois, afinal de contas, aqui estava um semideus alemão, cujo nome

era usado como se fôsse o de um assassino e gangster internacional. Mas encontrei em Skorzeny ausência dos vapores da autocompaixão; o seu aspecto era recomendàvelmente sêco.

Em pouco tempo, lancei-me à tese que preparara, encorajado não só pela sua imediata concordância de que desejava ser deixado em paz pela imprensa como por descobrir que o seu senso comum levava a um raciocínio eqüidistante. Concordou que, ficando oculto, não conseguiría afastar a perseguição; admitiu que, como resultado de tôda a mistificação, qualquer coisa poderia ser dita ou escrita a seu respeito, por mais inverossímel que parecesse. Então, insisti, era hora de mudar de política; se acabasse com êste jôgo de gato e rato, a perseguição em pouco tempo se esvaziaria . Admiti que o meu apêlo era interesseiro, pois eu mesmo tinha muitas perguntas a fazer-lhe, mas, afinal de contas, algum dia êle teria que prestar contas ao mundo. Por que não falar agora e acabar com tudo?

Skorzeny ouvira pacientemente. Quando parei, êle sorriu. — Tudo o que o senhor diz baseia-se na suposição de que eu não tenha nada a esconder. Como sabe que seja assim? — Skorzeny inclinou-se para a frente com um divertido ar de zombaria .

Felizmente Herr Horcher interveio para recomendar leitão assado. Quando a indicação foi aceita, Skorzeny riu e disse: — Não se preocupe; não existe nesse mundo quem eu não possa encarar; o fato é que esperei que, mantendo-me afastado do caminho, os boateiros tivessem menos material para prosseguir. Subestimei os meus adversários — um êrro básico em estratégia, A sala estava fechada e o vinho bastante refrescante. Conversa e mais conversa sobre o “tempo” firme da Espanha que, segundo se diz, abre os poros da alma e as janelas da mente.

Afinal Skorzeny resolveu apresentar a sua última objeção. Êle achava inconveniente, para um soldado derrotado, lançar-se à frente, especialmente para um soldado que já era, podia dizer-se, uma ilustre sombra.

Reconheci que os seus escrúpulos davam-lhe dignidade; bem que podiam ter sido compartilhados por alguns que, quando abandonaram o uniforme, tinham trocado a espada pela pena, talvez como "uma continuação da guerra por outros meios". Mas o pior da amargura da guerra tinha passado e o que êle tinha a dizer era do maior interêsse.

Como Skorzeny hesitasse, desequilibrei a balança com a história do silencioso protesto de Paris, quando os oficiais inglêses, após a prisão de Skorzeny, lançaram-se à sua defesa. Seus olhos se iluminaram, êle também sentira este espírito de fraternidade maçônica entre os "soldados da linha de frente" de ambos os lados.

Mas já eram cinco horas — em qualquer país, mesmo na Espanha, não era mais hora para ficar atrás dos copos. Skorzeny disse: — Não me envergonho do que os homens sob o meu comando fizeram durante a guerra ou do que tenho feito desde então. Contar-lhe-ei tudo o que o senhor quiser saber. Mas, antes de mais nada, quero esclarecê-lo sôbre uma coisa. Não estou interessado em política. Não acredito em qualquer renascimento do nazismo; a história nunca volta atrás e, de minha parte, não o desejo. Levei anos para reconstruir a minha vida e a minha carreira, no ponto em que foram cortadas pela guerra. Não tenho anseios de glória. Desejo esquecer tudo. É verdade que experimentamos algumas técnicas para o futuro; se o senhor quiser ouvir sôbre elas, bem, por que não? O senhor ouvirá o que aconteceu e, então, poderá julgar.

Nesse ponto nos separamos, combinando um encontro à noite. Dirigi-me ao endereço que êle me dera. Uma agradável casa de campo, pintada de branco, com grade de ferro na porta, através da qual, segundo o costume espanhol, um empregado examinava o visitante .

A sala em que Skorzeny me cumprimentou ainda estava fechada; fresca e sombria, parecia que estávamos em Chelsea. Sentamo-nos sob um candelabro, em cadeiras revestidas com cretone. Os caixilhos da parede sustentavam quadros de flores.

“Então esta é a sala de visitas do Chefe Aranha” — pensei em voz alta. “Onde estão as portas com armadilhas e os ditafones? Quando se reúnem os conspiradores?”

Como para compensar o prosaico cenário, Skorzeny tirou seu relógio de pulso e colocou-o em minhas mãos: — Época de Mussolini — disse êle.

Olheio-o. Um belo relógio de ouro, com uma napoleônica inicial M no fundo, e com a data do resgate: 12-9-1943. Skorzeny serviu-me uma bebida enquanto contava como Mussolini o tinha oferecido, e que era a única coisa que conseguira recuperar dos caçadores de souvenirs após sua prisão. — Mas agora — disse êle, — vamos ao trabalho. O que o senhor deseja saber?

Assim se iniciou esta narrativa. Perguntei primeiro sôbre o seu início de vida e a sua aprendizagem nas armas — assuntos sôbre os quais êle falou com simplicidade e alguma surprêsa por ver que podiam ser dignos de atenção. No dia seguinte, na hora da sesta, Skorzeny saiu comigo para a sacada do meu quarto de hotel. Enquanto a Espanha dormia, falamos dos

anos de guerra. Êle demonstrou a boa apreensão dos fatos, figuras e datas, que caracteriza uma mente disciplinada, mas o que mais me agradava era a sua sensibilidade para os assuntos menos materiais: relembrava conversas e os tons de voz, o estado de espírito e as inflexões de homens sob pressão. Algumas dessas recordações ajustavam-se dentro de um determinado padrão; outras prendiam-se numa cadeia de raciocínio que começava antes de iniciar o episódio que descrevia e só acabava quando todo o episódio terminava. Acalmou-se a minha curiosidade inicial, trabalhamos juntos no levantamento da sua carreira, refazendo o seu início e considerando não somente o que êle fizera, como também o seu pensamento em cada ação. Esta maneira de agir tomou tempo; Skorzeny tinha uma centena de outras coisas a fazer. Assim, após alguns dias, caímos na rotina de gastarmos juntos os intervalos entre as suas obrigações; cada vez que Skorzeny saía, eu voltava às minhas anotações, para registrar os novos detalhas que êle dera, enquanto ainda estavam frescos.

Eu sabia, antes do nosso encontro, que as experiências de Skorzeny podiam elucidar muitos mistérios e esperava ouvir mais ainda sobre aquelas “idéias fora do comum” . O que eu não previra era que a sua história pudesse enveredar pela encantadora qualidade de um romance de Dumas.

Quem pode resistir a uma narração que põe o rapto dentro do arsenal político, de tal forma que o primeiro passo para resolver uma crise seja raptar de uma reunião o filho de um ditador dentro de um tapête enrolado? Isso é típico da “diplomacia direta” de Skorzeny.

Ouvi o seu plano para cuidar do Príncipe Umberto da Casa Real italiana — que estava encaixotado num plano para tirar de Roma o Rei Victor Emmanuel e toda a sua corte; e, a seguir, como ele foi disfarçado à França e lançou um nó invisível em tomo do Govêrno -— um simples puxão teria lançado ao cativeiro o Marechal Pétain com seus ministros.

O ritmo de Skorzeny se tornou mais acentuado à medida que se aproximava o fim; será sempre tudo ou nada. Fora ajustado o bombardeio de Nova York por submarinos. Londres deveria ter uma chuva de bombas humanas — o voo fatal a ser feito pelo piloto favorito de Hitler, uma mulher que aprendera a pilotar uma V-l, Fraulein Hanna Reitsch.

Assim continuou até que os meus cadernos de anotações ficaram cheios de bandos rivais, que se delineavam contra um pano de fundo estendido do Canal inglês até Kiev e das portas de Moscou até Budapeste.

Agora um aviso para os que são inclinados à cronologia. Skorzeny só recebeu o incentivo à sua carreira depois de ser nomeado Chefe das Tropas Especiais. A partir do resgate de Mussolini, houve um galope desenfreado, no qual a promoção de capitão a comandante de divisão, parece acidental; sentia-se como se estivesse levando diversas vidas ao mesmo tempo. Os acontecimentos importantes dessa corrida desordenada foram colocados em ordem; o mesmo pode não ter acontecido com fatos menos importantes.

Na maioria dos episódios descreve-se a atuação pessoal de Skorzeny. Foi-me chamada a atenção para isso antes de sair de Madri. Fora pedido a um oficial de ligação, pela embaixada de seu país, que pesquisasse sobre um outro rumor — desta vez Otto Skorzeny tinha enviado um grupo de ex-oficiais alemães para treinar o Exército egípcio nas guerrilhas contra a zona do Canal de Suez, então ainda ocupada pelos inglêses.

— Não há dúvida — disse o Primeiro-Secretário, — de que essa é uma história como as demais, mas não haverá alguma forma simples de provar que não é verdade?

— Claro que sim — foi a resposta. — O senhor pode lembrar-lhes de que não é hábito de Skorzeny mandar seus oficiais na frente. Êle sempre vai em primeiro lugar.

Skorzeny reclamava o direito de ir com seus homens e comandá-los pessoalmente. Êle sabia que quando se prepara um plano em todos os seus detalhes, quando se pensa em todas as contingências possíveis* mesmo assim ainda ficam faltando, como a mais importante das instruções, duas palavras: “Sigam-me!”

Finalmente, este registro é algo além da história das aventuras de um soldado com o dom da liderança e “algumas idéias fora do comum” — é também o diário de uma exploração que pode ser tão importante como foi a viagem de Charles Darwin no navio explorador de Beagle. Lançando-se ao desconhecido, Skorzeny voltou de lá para refutar a falta de imaginação com a evidência das sortidas que empreendeu, e com a possibilidade de apontar o caminho para projetos de alcance ilimitado.

# II.

*Se êle estivesse aqui, teria pensado em alguma outra coisa.*

*Castelnau, em Napoleon*

*Na guerra, os heróis sempre excedem os soldados na proporção de dez para um.*

*H. L. Mencken*

Se Otto Skorzeny não foi um soldado comum, era porque, afinal de contas, êle nunca quis ser soldado. De fato, este paladino nazista, nada tinha do Junker Prussiano, ou do soldado impetuoso de uma tropa de choque, que a nossa prevenção poderia esperar. Mal pusera os pés na Alemanha antes da guerra. Até ser recrutado, nunca manejara uma arma, a não ser para caçadas.

A queda da França ocorreu sem que tivesse dado um só tiro. Longe de maldizer a sua sorte em ser mantido fora de ação, o seu alívio não foi atingido. A guerra, pensava êle, estava terminada; tinha cumprido o seu dever . Agora todos poderíam voltar para casa,

A mocidade de Skorzeny poucos indícios oferece do homem que êle se tornaria mais tarde: uma educação quase que irritantemente normal: nenhum desgôsto, divino ou diabólico, que acendesse os fogos da rebelião — uma crença na racionalidade do mundo que, ainda hoje, continua inabalada.

A casa em que se criou era típica da sólida e outrora confortável burguesia de Viena. Os homens da família de sua mãe, como se fôsse uma coisa natural, foram todos para o Exercito. Eram oficiais à moda antiga, da monarquia de Habsburgo; com barretinas e túnicas enfeitadas, êles faziam a ronda no serviço da guarnição ou esporeavam seus cavalos con tra os turcos e tártaros. Durante os três séculos em que se pode traçar a trajetória de sua família, desde a aldeia de Skorzeny (de onde foi tirado o seu nome), na Pomerânia Oriental, não há indicios de que algum de seus membros tenha apresentado brilho ou originalidade ímpares.

A infância de Otto teve lugar durante os piores anos da inflação austríaca, quando a necessidade de manter as aparências impôs uma estóica disciplina à fidalguia. Êle ainda pode lembrar-se da primeira vez que provou manteiga verdadeira: — Foi quando eu tinha quinze anos de idade — diz êle. —- Meu pai dissera-me que não havia prejuízo algum em nos privarmos de algumas coisas; seria até bom não nos habituarmos com uma vida fácil. E êle tinha razão!

Esta última exclamação revela o que Skorzeny nunca deixou de ser: um puritano. Há um vestígio de Cromwell em seu caráter, que o faz aceitar as privações e até a dor, como coisas salutares. Conquanto aprecie as coisas boas de modo razoável, evita os excessos; a uma visita, êle gritará em seu horrível sotaque peculiar: “Tome um conhaque!” Acima de tudo, irrita-se com as histórias de libertinagem que, segundo livros e filmes, são inseparáveis dos duelos universitários, porque elas maculam o ritual espartano que êle bem conhecia.

De fato, o duelo estudantil é diferente do que entendemos por esgrima. Tratava-se mais de aceitar o golpe do adversário, sem titubear, do que de desviá-lo. Quando o sangue quente pingava do rosto, ninguém pensava: “Isso dói!” O único pensamento era: “Movi a cabeça? Pestanejei?”

Durante o décimo dos quinze duelos que travou, a face esquerda de Skorzeny foi aberta por um violento golpe; a sutura no próprio local do combate, sem o uso de anastésico, produziu a famosa cicatriz que o associa, na imaginação popular, com o mundo do crime. O cheiro de ácido fênico, com o qual as espadas eram desinfetadas antes das lutas, se associa em sua memória à ansiedade e ao mêdo de que os juizes pudessem interromper o combate, caso êle perdesse muito sangue e dessem a vitória ao seu rival. Conseguiu continuar a luta até o fim.

Skorzeny acredita que essas pequenas sangrias ensinavam as crianças a serem homens. Diz êle: — Muitas vêzes, mais tarde, agradeci a autodisciplina que aprendi em nosso clube de estudantes. Nunca me senti tão mal debaixo do fogo como aos dezoito anos, quando tive que enfrentar meu primeiro duelo, sob o severo olhar dos meus colegas. O conhecimento da dor que o sabre me deu ensinou-me a não temer o mêdo. E, da mesma forma que no duelo, também na guerra deve-se ter em mente atacar a cabeça do inimigo. Não se pode perder tempo com fintas e esquivas. Deve-se escolher o alvo e ir a fundo.

A maior parte dos seus duelos surgiu de desafios esportivos, mas um, pelo menos, foi de fundo amoroso; uma ou duas semanas depois do encontro, a dançarina vienense interessada ficou noiva de um terceiro, de quem nenhum dos dois contendores havia ouvido falar.

Êle foi apenas um membro de sua geração, na fervorosa devoção às atividades viris, que a severidade paterna e o rigor econômico impuseram a sua austera juventude. Nossos chefes militares, em sua maioria, nasceram dentro da liderança e toda a instrução que recebiam servia para orientá-los para o comando. Não conseguimos distinguir em Skòrzeny qualquer aptidão intelectual especial; sua cerceada juventude não estimulou a independência que a liderança exige. Não há "juventude de Raleigh" para inspirar a nossa expectativa, nem visões nem tempo para devaneios.

Mesmo na escola êle preferia as matérias "práticas": Matemática, Física e Química. Na Universidade a sua tese de doutoramento foi sobre Cálculo e Construção de um Motor Diesel. Por vontade própria tinha pouco amor à leitura, no que era diferente de alguns dos comandos aliados que, segundo dizem, eram capazes de entrar em ação levando livros de poesias com flores apertadas entre as suas folhas.

O romantismo bombástico apenas deixava-o embaraçado. Carecia de capacidade para adornar os heróis e achava a política uma perda de tempo. Com seus vinte anos, quase que acidentalmente, foi levado a candidatar-se à inscrição no Partido Nazista, porque pensava que os apuros econômicos crônicos da Áustria seriam aliviados se ela fosse anexada à Alemanha; nunca fêz qualquer discurso ou foi candidato a cargos. De fato, quando um dos primeiros atos dos vencedores nazistas foi o de banir os duelos, protestou de tal forma que chegou a ser imprudente. Estavam êstes novos homens dispostos a apoiar as suas crenças com uma arma na mão? Aparentemente não estavam. Desgostoso, dedicou-se à corrida de carros fornecidos pela seção esportiva do Partido e ganhou três medalhas de ouro. Êsse foi o resumo das suas "atividades políticas" — sempre havia coisas mais interessantes a fazer.

Gostava de garotas bonitas, apesar de não ter tendência para Lotário. O seu precoce casamento começou com um encontro numa piscina; quando sua

lua-de-mel na Itália terminou, permaneceu uma paixão mais duradoura. “Trabalho, trabalho, trabalho.” Skorzeny sempre seguira o impulso de fazer coisas imediatamente, logo que a necessidade aparecesse .

Esta grande tendência não-austríaca recebeu um apressado e dramático julgamento do destino; o fracasso traria sérias complicações — pelo menos algum derramamento de sangue e, na pior das hipóteses, um choque de nações.

O cenário era Viena na primavera de 1938, durante uma das crises que lançaram os sinais de tormenta através da Europa. O Govêrno tinha caído; o novo Chanceler, nomeado por Hitler, estava discursando da sua sacada; à sua frente, na grande praça embaixo, estava espalhada uma frenética multidão. O ambiente era de histeria e ameaças . Era um dia em que algo podia acontecer.

No meio da enorme multidão, numa rua ao lado da Chancelaria, encontrava-se o jovem Otto Skorzeny. Dirigira-se para lá a chamado do Clube de Ginástica de Viena, uma das muitas sociedades que, na hora de tumultos partidários, tentava auxiliar a polícia a manter a ordem. Enquanto ouvia os alto-falantes, viu o portão lateral do edifício abrir-se e sair de lá um automóvel; o Presidente Miklas, da Áustria, estava no banco de trás. Logo em seguida chegava a seu lado o chefe do seu Clube de Ginástica.

— Skorzeny, você é um sujeito sensato — foi o seu cumprimento, e apressou-se a contar-lhe que Miklas estava seguindo para o Palácio Presidencial, onde havia toda possibilidade de travar-se uma batalha entre a guarda regular e os grupos de defesa nazista, que se preparavam para assumir o poder. O que Skorzeny devia fazer era chegar ao Palácio antes de Miklas, para amaciar as coisas entre as tropas rivais. Poderia dizer que viera

em nome do novo Chanceler, que seria avisado imediatamente da sua incumbência.

Skorzeny entrou no seu automóvel e partiu a tôda velocidade, mas quando alcançou a limusine, dois ou três carros se haviam juntado a ela e êle não pôde passar: as esquadras de defesa dos nazistas haviam acompanhado Miklas de perto e um choque com a guarda parecia inevitável.

Quando Skorzeny saltou em frente ao Palácio, o Presidente já desaparecera lá dentro; os nazistas, de braçadeiras e com revólveres na mão, saíam atropeladamente de seus carros. Skorzeny precedeu-os no vestíbulo, de onde viu Miklas subindo uma escada; o Presidente já estava a meio caminho quando êle o alcançou. Nesse momento, do andar acima, um tenente da guarda, seguido por diversos soldados, começou a descer a escada, gritando: — Pare aí, ou atiro!

O saguão encheu-se com os homens das esquadras de defesa de pistolas prontas para atirar. Skorzeny e o Presidente foram tomados entre dois fogos. Ouviu-se o estalido das travas de segurança; no instante seguinte os projéteis estariam no ar. Skorzeny gritou as primeiras palavras que lhe vieram à cabeça: — Que absurdo! Calma!

O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo Presidente Miklas: — O que significa isso? — perguntou, e, dirigindo-se a Skorzeny: — E quem diabo é você?

A resposta de Skorzeny, em voz bem alta, foi que viera da parte do Chanceler o que poderia ser comprovado se lhe telefonassem — e

encarando o tenente no degrau logo acima, disse-lhe que êle seria pessoalmente responsável por qualquer tiro que fosse disparado.

A coragem do tenente diminuiu à perspectiva de "responsabilidade pessoal" em alguma confusão política. Foi declarada uma trégua, enquanto iam ao telefone. O Chanceler falou com o Presidente e com Skorzeny, a quem agradeceu por sua presença de espírito. E agora, a ironia suprema: as forças rivais em disputa no Palácio passaram a aguardar que o jovem intruso desse as ordens. Êle decidiu que o tenente devia garantir a segurança dentro do palácio, enquanto as esquadras de defesa montariam guarda do lado de fora. A honra fora salvaguardada: os homens saíram para cumprir suas missões. Viena estava de novo em paz.

Êstes poucos minutos foram bastantes para mostrar as qualidades que iriam fazer de Skorzeny uma escolha fácil para as tarefas fora do comum. Quando o chefe do Clube de Ginástica procurou por êle, procurava por um "sujeito sensato" que furaria o tumor da crise. Embora ainda não tivesse treinamento sobre armas ou sobre a arte de comandar, Skorzeny mostrou um aplomb que dominou a comichão para atirar e um senso preciso do ponto mais fraco do seu oponente.

Scarface Skorzeny: este rótulo do matador implacável dificilmente ajustou-se à figura. O seu real sucesso como soldado é ressaltado por uma inata aversão à violência, pela habilidade de ver o lado alegre dos acontecimentos desagradáveis e, ainda, por um amistoso interêsse pelo povo, como demonstram as suas observações na campanha da Rússia, pelo povo que deveria ser absolutamente sem valor para um oficial nazista: camponeses "esquálidos" e "estúpidos" soldados vermelhos. Quando rebentou a guerra, seu primeiro sentimento de pesar foi para com os amigos inglêses e franceses que êle e sua esposa haviam feito durante as férias na Itália; atravessando a França, na esteira dos exércitos blitzkrieg ficou aliviado por ver os soldados alemães oferecendo bebidas e cigarros aos prisioneiros

inglêses; os jovens da Europa ainda não haviam aprendido a se odiar uns aos outros.

Que centelha teria transformado êste recruta bastante estereotipado num homem que conseguia a lealdade e a confiança dos seus soldados? Poderia ter sido a ambição; êle gostava de medalhas e promoções como qualquer outro, mas, para um carreirista, teria de mostrar muita docilidade e moderação quando uma oportunidade se apresentasse.

Por exemplo, perto do fim da guerra Skorzeny comandava uma divisão no Rio Oder, à frente de Berlim, e poderia ter exigido o posto de general-de-divisão; mas permaneceu como tenente-coronel porque não pôde achar tempo para preencher os formulários exigidos. Também não respeitava pessoas e poderes quando estes pareciam ultrapassar a sua noção de dever. Foi suficientemente imprudente para menosprezar o Partido Nazista e, mais tarde, discordar, de forma descortês, até do poderoso Himmler, quando êste interferiu com o trabalho que tinha em mãos. No mínimo por três vêzes, quando estava no Oder, zombou dessa autoridade; uma vez, chegou a enveredar por um caminho que os homens de valor temem mais do que os ferimentos de combate: a corte marcial.

Era dotado de uma tolerância que, normalmente, capacitava-o a encarar de bom humor a estupidez e as exasperações da vida; essa tolerância mantinha o seu ânimo e o dos homens que o cercavam; mesmo no cativeiro, pôde, algumas vêzes, impor a sua vontade sobre os que podiam dispor dêle, como que por um estranho toque de mágica.

Quando a guerra começou, Skorzeny estava dando o melhor de seus esforços numa firma de construções de Viena, na qual entrara como sócio, mas, quando teve que partir, o seu primeiro pensamento foi evitar a

monotonia da vida do Exército . Como já fizera alguns voos, ofereceu-se à Força Aérea como piloto. “Muito velho” foi a resposta — tinha trinta e um anos de idade.

Em vez disso, recebeu um treinamento bastante irregular, durante cinco meses, num depósito de Comunicações da Força Aérea, em Viena; lá, recebeu o posto de aspirante a oficial e foi designado para a Artilharia das SS — uma força militar que lutava ao lado do Exército, mas não sé confundia com a falange política de Himmler. A sua transferência foi no dia 21 de fevereiro de 1940; algumas horas depois nascia sua filha Waltraut. Era uma menina grande e forte; Skorzeny seguiu de moral elevado para juntar-se ao Regimento SS Adolf Hitler em Berlim. — Ganhe uma medalha, se você gostar disso — disse o pai como despedida, — mas não tem que ser obrigatoriamente a Cruz de Cavaleiro.

Skorzeny foi para Berlim e enfureceu os prussianos que encontrou, ao descrever essa Capital como um horrível monte de tijolos comparada com a sua bela Viena. Conheceu também o Sargento monitor no seu próprio campo. Era um batalhão de reserva que estava sendo organizado nos moldes de longa data preconizados. Se aprendeu alguma coisa no aquartelamento, como confessa de bom grado, não foi nada do que os instrutores desejavam.

“Vi como alguns profissionais pecavam contra a excelência do material humano que lhes era entregue, e a teimosia com que dobravam a vontade do indivíduo e esmagavam personalidades. Parecia-me justamente o contrário do que era necessário para as tarefas que o soldado pode realizar na guerra moderna.” Foi dessa semente que brotou a sua doutrina de voltar contra o inimigo o seu próprio supertreinamento, preceito que nunca deixou de funcionar.

Os oficiais, assim como os seus homens, são soldados em fôrmas rígidas. A versatilidade, como regra, não é esperada nem bem recebida. Pouco depois do Armistício francês (e de uma viagem de recreio através da França, como candidato a oficial e na graduação de sargento), Skorzeny viu-se na Holanda no meio de algo que, òbviamente, era o treinamento para a invasão da Inglaterra, e espantou os seus superiores com uma coisa que, para sua mentalidade de civil, parecia ser uma modesta demonstração de iniciativa. Os tanques pesados estavam alinhados, prontos para embarcar nos navios, mas o Exército não dispunha de rampas suficientemente fortes; perguntaram a Skorzeny se êle poderia projetar uma que agüentasse aquêle pêso . O projeto foi rapidamente feito e encontrada uma fábrica local onde as rampas podiam ser fabricadas. Avisaram-lhe que os holandeses só trabalhariam sob a mira de revólveres, mas êle engambelou-os com aguardente e chocolate. Ficaram trabalhando a noite inteira; na manhã seguinte Skorzeny acordou seu comandante para ver o primeiro tanque subindo para bordo.

Não muito tempo depois, uma violenta rusga com a burocracia quase que cortou a sua carreira. Durante uma viagem, precisou de pneus para os seus caminhões; parou num depósito, mas o graduado que tomava conta recusou-se a fornecer qualquer coisa, a não ser que êle pudesse mostrar uma autorização escrita vinda de cima. Jocosamente, Skorzeny prometeu trazer os seus canhões e rebentar com o depósito, se o homem não chegasse à razão. Conseguiu os pneus mas, três semanas mais tarde, teve que suspender uma licença a fim de dar uma explicação da sua conduta perante um general e sofrer uma repreensão.

Na Iugoslávia, em abril, Skorzeny só ouvia falar que o Govêrno de Belgrado tinha sido derrubado e que os novos diri gentes tinham rasgado seu acordo com Hitler. Os alemães entraram em ação. Foi o batismo de fogo de Skorzeny. Nessa noite, vendo os seus primeiros cadáveres, cuidadosamente arrumados em filas para o sepultamento, não pôde evitar o melancólico pensamento de que era sina do soldado fazer tudo em filas;

entrava em forma em fila, marchava em fila, comia em fila e, quando morria, era posto numa fila.

Alguns dias depois, Skorzeny saiu com um pelotão para patrulhar as montanhas; deixou que um contingente inimigo, de efetivo muito maior que o seu, se aproximasse bem do seu dispositivo, antes de saltar sobre êles e exigir a rendição. O blefe deu certo; as mãos foram para o ar. Voltando com sessenta e três prisioneiros, três dos quais oficiais, foi promovido a primeiro-tenente e citado "por bravura em presença do inimigo". Tudo isso sem apertar o gatilho; essa não lhe foi inútil.

Dez dias e a Iugoslávia acabara — outra nação subjugada; outro exército destruído, desta vez um exército com trinta divisões. Foi uma invasão de conformidade com os textos escolares que atestavam a invencibilidade de Hitler. Nesse verão êle se voltou contra a Rússia.

Skorzeny tinha viajado para o Leste, levando no equipamento os Seven Pillars de Lawrence. No trem de tropas que trepidava através da Polônia, os homens cantavam Marchando contra a Inglaterra; acreditavam que tinha sido permitido que atravessassem a Turquia e a Rússia para irem ao Oriente Médio.

Com o Afrika Korps de Rommel atacando pelo outro lado, as mandíbulas alemãs se encontrariam sobre o Oitavo Exército inglês.

No entanto, um dia ou dois antes de chegarem à fronteira soviética o trem parou. A unidade de Skorzeny prosseguiu por estrada de rodagem viajando

à noite. Atrás dos campos de milho, celeiros e montes de feno, viam canhões camuflados e tanques prontos para atacar.

Dos pontos avançados perto de um rio largo e lamacento — o Rio Bug, podiam se ver as sentinelas do outro lado, em torres de madeira. Nessa noite de junho, o General que lhes deu instruções disse: — O inimigo é a Rússia. Atacaremos às cinco horas da manhã. Senhores, o destino da Alemanha, quiçá da Europa, depende de nós. Não podemos falhar. Dentro de algumas semanas estaremos desfilando em Moscou.

Assim deveria ter sido, se não fossem os elementos fora dos cálculos do Estado-Maior e mais um fator particular: o caráter russo.

Antes de decidirmos novamente lutar no território russo, disse Skorzeny, precisamos ter bem claro em nossas mentes o tipo de povo que vamos enfrentar. Os “bestiais russos” quebraram a espinha dorsal da Grande Armée de Napoleão; Hitler os desdenhou — e a Alemanha pagou com milhões de filhos mortos e mutilados. Nós outros temos desculpa para a ignorância.

Pode-se perceber, ainda, nos países que enviaram exércitos à Rússia, um sentimento de pânico só com o pensamento de ir lá novamente. Skorzeny chama a isso de “neurose russa”: um tédio desesperante; um mêdo sem razão, que pode infeccionar companhias, regimentos e divisões — e, eventualmente, transformá-los numa turba.

Skorzeny que não guardava ilusões de superioridade racial, viu o desprêzo de seus camaradas pela Rússia transformar-se em respeito e chegar às raias

do temor. Depois de dezoito meses, ele foi retirado da linha de frente e, assim, sua experiência não foi demasiado longa. Limitou-se à dosagem exata. Os russos, concluiu objetivamente, constituem o único povo que sabe o que está dizendo quando fala de "guerra total".

Skorzeny explica: "É assim. Você vai à Rússia, consegue tremendas vitórias, avança centenas de quilômetros. Os prisioneiros fluem para a retaguarda numa interminável corrente humana — um guarda para cada quinhentos presos. Os campos e florestas são um cemitério de tanques capturados e veículos abandonados.

Quando você se retira... todos se levantam para fazer-lhe frente. É assim que acontece. Milhares de prisioneiros fogem para as florestas. Novos líderes cruzam as linhas à noite para enquadrá-los. Canhões e tanques abandonados são reparados secretamente. Uma chusma de tropas especiais é lançada de aviões deslizando sobre a neve; saltam à luz do luar, sem pára-quedas e sem se importarem com as fraturas. Assim surge uma força de ataque onde antes não havia nada. "

Os russos, verificou êle, podiam marchar distâncias incríveis, dormir em trapos molhados, alimentar-se de raízes do campo. Tinham estômago para tudo; viu prisioneiros arrancarem pedaços de um cavalo morto há muito tempo e seguirem a marcha refeitos.

Essa insensibilidade é uma grande vantagem militar. Significava que êles podiam beber água de pântanos e crateras de granadas, enquanto os alemães tinham que mandar buscar água potável a quinze ou trinta quilômetros através do território inimigo. Podiam sobreviver mesmo sem colunas de suprimento. Antes de um grande ataque, asseguraram a Skorzeny que as tropas inimigas não dispunham de transportes; apesar disso, nunca tiveram

escassez de munição. Os prisioneiros explicaram que foram retiradas as mulheres, crianças e velhos das aldeias atrás da frente e, numa corrente humana, todos tiveram que passar a munição de mão em mão até a linha de combate. Os tonéis de gasolina vinham rolando. Se faltasse comida ou abrigo, milhões morriam, mas o Exército Vermelho continuava.

O soldado soviético, achava Skorzeny, não só era rijo, hábil e instintivo, como também mostrava altas qualidades de improvisação e engenhosidade técnica. Nunca ficava perplexo, uma peça sobressalente era feita para substituir uma outra; para manter os caminhões em movimento, os pneus podiam ser enchidos com palha. Era um mestre na camuflagem e nos disfarces, e em ardis como o da ponte invisível construída abaixo do nível de um rio lamacento, usada só durante a noite e não podia ser localizada de dia. Necessitando de muitos engenhos especiais, os aviões e tanques russos eram o que de mais vigoroso dispunham.

No último ano de guerra, o Exército Vermelho despejou na garganta do invasor uma dose completa do seu próprio remédio. Submeteram os alemães à mesma blitzkrieg e técnica de movimentos de pinça, que haviam sofrido antes. Era óbvio que, agora, o Ocidente não tinha nada de novo a ensinar-lhes sobre a guerra, enquanto que as lições russas ainda não tinham sido aprendidas com tanta facilidade.

Skorzeny não está entre os que acreditam que a Rússia seja invencível. Embora concordando que Hitler pagou o preço de sua superconfiança, não vê necessidade de uma correria em direção ao mêdo exagerado: a “neurose russa” na sua forma de guerra fria. Mesmo depois daquele inverno da retirada de Moscou, os exércitos alemães avançaram novamente e podiam ter derrubado o edifício de poder soviético, não tivesse êle sido reforçado com suprimentos e promessas de ajuda dos Estados Unidos e da Inglaterra. A Rússia pode ser derrotada — mas só por um invasor que encare os fatos e

que aplique novas técnicas, advindas de um estudo realístico do último encontro.

Nos últimos dias de dezembro de 1942, enquanto toda a Alemanha prendia a respiração pelo destino do exército do Marechal-de-Campo Von Paulus em Stalingrado, Skorzeny voltou doente para casa. Retornou a Viena com um ferimento, uma Cruz de Ferro e o mal que haveria de persegui-lo durante anos. Deixara na Rússia o seu exemplar dos Seven Pillars e a última de suas ilusões: os fogos da frente oriental, que forjaram o seu caráter e também o magnetizaram contra a impostura.

# III.

*Eu tinha que fazer o exame para ser promovido a major. Falhei gloriosamente, alcançando um recorde ao obter apenas oito pontos no possível total de 200 em Leis Militares. Felizmente as guerras acabaram com os exames e, desde entãof nunca me pediram para fazer outro.*

*Tenente-General Sir Adrian Carton de Wiart, VC, (Cruz de Vitória) em suas Memórias.*

Como êle conseguiu a missão? Por que o destino escolheu Otto Skorzeny para a aventura de Mussolini e, da noite para o dia, elevou-o da rotina da tropa à posição de prodígio militar?

O acaso, sob a forma de uma doença crônica, trouxera-o de volta da frente russa e encostara-o a um gabinete, em Berlim, com o diagnóstico de "apto sòmente para o serviço burocrático". O acaso, assim, providenciou para que êle ali estivesse, quando Hitler, excitado pela ousadia dos comandos britânicos no mar e no deserto, ordenou que o Alto Comando tentasse o mesmo jogo. Foi ainda o acaso que colocou um conhecido de Skorzeny dos tempos universitários no departamento a que caberia selecionar um oficial para instruir as novas "tropas especiais".

Portanto, se Skorzeny não tivesse sido vítima da sua bexiga irritada, talvez nunca surgisse a oportunidade de empreender novas formas de guerra. Todavia, a ardente energia com que se agarrou a essa oportunidade nada tinha a ver com a sorte; ela foi criada pelo apêlo aliado, no Norte da África, pela rendição incondicional da Alemanha.

Encontrando-se no calor da Conferência de Casablanca, a intenção de Roosevelt e de Churchill bem podia ter sido de que sua declaração fosse para Stalin uma sagrada garantia de que êles não fariam qualquer espécie de tratado com Hitler. Mas, ainda que a sua influência representasse um alívio para Moscou, a declaração soou em outros ouvidos como um desafio tribal: Berlim apelou aos céus como testemunha de que os Aliados estavam inclinados a destruir a Nação; milhões de pessoas exaustas pela guerra foram conjuradas a vencer ou morrer.

Até êsse dia, em fevereiro de 1943, Skorzeny aceitava as coisas da maneira como vinham. Casablanca atingiu-o em cheio; foi um incentivo tão eficiente como o que Frederico, o Grande usou para reunir a Guarda Prussiana: “Cães! Com isto vocês vão viver para sempre!”

Não houve nada de sutil na maneira como Skorzeny decidiu, como êle próprio me explicou: — Em determinadas ocasiões, para quem tem sangue nas veias, só há um caminho a seguir. Se um homem pode ver ainda uma alternativa entre dois caminhos, é, então, um sujeito inteligente. É o máximo que posso dizer sobre um tal homem.

Com sua argumentação Skorzeny conseguiu introduzir-se em uma unidade da ativa, a 3.a Divisão Blindada SS, até que uma desinteria o alijou de novo, e êle foi devolvido ao seu estaleiro. Aí a sorte pregou uma de suas peças, com o oferecimento de um serviço secreto que, praticamente, faria

dêle o seu próprio chefe e lhe permitiría criar uma escola de combate segundo a tática dos comandos. O têrmo foi adotado para abranger toda sorte de ataques de surprêsa por efetivos relativamente pequenos, constituídos de homens selecionados; é nesse sentido mais amplo que a palavra foi usada popularmente, e não no limitado uso tático de tropas regulares de comandos.

Skorzeny era tão irreal e tão ignorante na arte de fraude que nunca perdeu tempo tentando saber por que uma tão invejável comissão teria sido confiada a um oficial subalterno sem qualquer bajulação. A razão não é difícil de descobrir. Hitler havia pedido comandos e deveria tê-los imediatamente; o Alto Comando estava mesmo inclinado a adotar o têrmo aliado como prova do seu zêlo. Deveria achar alguém que organizasse a nova formação; não um oficial de carreira, porque êste poderia enfunar-se em demasia nas suas ambições e tentar elevá-las a um nível de real importância. Nesses casos, precisa-se de alguém "conveniente", apresentável e sem aspirações. Pode-se visualizar os selecionadores, quando o amigo de Skorzeny apresentou o seu nome, com a observação de que estava perdendo tempo em Berlim, folheando aquêles relatórios confidenciais que pairam sobre a vida de todo jovem oficial: "Boa folha de serviços na guerra, posto temporário, boa cabeça para detalhes técnicos, discreto.. ." Êle cumpriría bem a missão!

Assim, decidiram-se por um joão-ninguém de confiança e, com alívio, voltaram aos problemas mais sérios. Afinal de contas ninguém poderia reclamar; o Alto Comando chegara ao quarto ano de guerra sem que o Führer o importunasse com o desagradável problema de ter comandos independentes (na Inglaterra, da mesma maneira, as tropas especiais foram patrocinadas pela adversidade no Ministério da Guerra. Somente depois de Dunquerque é que Churchill pôde despachar atacantes, com os rostos tisnados e portando facas de abrir, para auxiliarem a restabelecer o auto-respeito inglês),

Agora a guerra estava indo mal para a Alemanha: Stalingrado perdida, Rommel em fuga; considerava-se que a situação poderia afastar a Itália do Eixo. O Alto Comando e o seu Führer tinham perdido os seus ares de infalibilidade; o inimigo, com superioridade terrestre, naval e aérea em todas as frentes, estava se reunindo para envolver a Fortaleza Européia. Nenhum auxílio, nenhuma esperança em vista. O momento era manifestamente oportuno para criar os comandos — as condições eram desesperadoras.

Em 20 de abril de 1943, o Tenente Skorzeny foi brevetado como Chefe das Tropas Especiais da Alemanha que existissem ou viessem a ser criadas no futuro, e recebeu um pôsto que indicava a modesta expectativa que era dada à grandiloqüente nomeação — foi promovido a Capitão. Encontraram uma companhia mista, comandada por um holandês, elevaram-na a batalhão e colocaram-na sob o comando de Skorzeny; um segundo batalhão, semelhante ao primeiro, seria criado por etapas. Entre os meios pedidos à nova formação, estavam três "escolas de instrução" de espionagem e sabotagem — mistérios nos quais o seu novo chefe ainda tinha que ser completamente iniciado.

Pouco depois da sua promoção, Skorzeny foi levado à presença do famoso Almirante Canaris, Chefe do Serviço de Informações de Hitler; foi uma árdua entrevista, embora não pelas razões pelas quais êle temera. Ao invés de testar as qualificações do recém-chegado para a parte de serviço secreto de suas funções, Canaris gastou três horas inteiras discutindo sobre a transferência de alguns oficiais subalternos que procuravam colocar-se com Skorzeny e adiou a decisão.

Skorzeny ficou confuso com o encontro. Nos meses seguintes, quando a sensação se repetiu e tomou-se familiar, êle veio a reconhecer que Canaris lhe dera o batismo de fogo na guerra dos "altos escalões". Feliz dêle que, no início do seu primeiro comando, teve tão poucas oportunidades de encontrar

um tão refinado mestre da obstrução! Canaris permanecia sentado no calmo centro de um ciclone, como um califa-militar; ali, tudo estava imóvel. Fora rugia a tormenta. Figuras vivazes com as calças de listras vermelhas do Estado-Maior Geral, dirigiam um redemoinho de formas, ordens e solicitações; muito freqüentemente Skorzeny perdera-se nessa tempestade de papéis quando batalhava para montar e equipar a sua unidade. Alhures, além dos quilômetros de arquivos e das paredes humanas de mediocridade, estavam os Chefes de Departamento; atrás dêles, imutável, infinitamente distante, o Alto Comando.

Radl salvou-o do desespêro; Karl Radl era um alegre camarada dos dias de estudante que, providencialmente, encontrou em Berlim e transformou em seu ajudante. Skorzeny, sozinho, jamais poderia ter batido os seus adversários burocráticos, por causa de sua simplista devoção à preservação da ordem das coisas e ao lugar dessas coisas dentro da ordem. Os funcionários aborreciam-se com o seu entusiasmo e negavam-se a ter as suas horas de meditação alongadas por seus difíceis pedidos, Quando Skorzeny pressionava além do ponto em que as suas exigências poderíam ser ignoradas, bem, êles conheciam muitas armadilhas que podiam ser preparadas para um jovem com pressa e podiam entoar muitos cânticos de justo triunfo quando êle, pontualmente, caía nelas.

Mas Radl estudara Direito; destinado a ser um futuro juiz quando a guerra começou, achou os regulamentos militares um fascinante brinquedo infantil comparado com a jurisprudência da Europa Central que havia estudado. Com a irreverência austríaca êle gozava os “belos absurdos” da chicana; em vez de argumentar com os funcionários, acompanhava-os pela estrada que levava ao absurdo total. Burocratas, peritos na arte evasiva, viam-se enredados em sua própria burocracia e atormentados por Radl exigindo mais e mais formulários até que pediam misericórdia. Na demonologia da nova unidade, os seus oponentes do GQG tornaram-se “Os Generais”, em têrmo ligeiramente cômico que evocava a complacência desmedida e o cintilar de um monóculo admoestador no refeitório dos oficiais superiores. Mais tarde, Skorzeny haveria de encontrar oficiais alemães de alto posto e

brilhante talento que faziam o que podiam contra o intoxicante mal da burocracia. Mas aí já era muito tarde para correções. Ofícios assinados em nome dêste ou daquele general deram a Radl o seu alvará e, ao final de tudo, os generais eram os bodes expiratórios quando alguma coisa ia mal.

Com o seu esfuziante bom humor e o seu gênio em safar-se de dilemas, Karl Radl nunca ficou perplexo; cedo tinha feito o levantamento de todo o campo da estratégia de birôs e avançado em muitos setores da frente mais importante. Antes de Radl se juntar a êle, todo o esforço de Skorzeny estava sendo gasto nesta campanha de atritos; agora êle podia dedicar uma boa parte do seu tempo à consideração da esquecida guerra contra os Aliados.

Skorzeny, como tardio estreante na arte de comandar, deu sua partida perguntando às Informações o que os seus contemporâneos já haviam feito.

Enviaram-lhe um vasto dossiê que tinha sido laboriosamente preparado e rapidamente posto de lado. A história começava com as incursões que os Aliados lançaram contra Saint Nazaire, Dunquerque e Lofoten, e continuava com a descrição da atuação dos incursores do mar e do deserto no Mediterrâneo; estava documentada com relatórios de campanha e declarações de prisioneiros de guerra.

O Alto Comando havia desprezado estas operações tachando-as de “alfinetadas” e “trabalho de amadores”, mas os relatórios confidenciais formavam um quadro muito diferente. À medida que os lia, Skorzeny sentia que todo o seu horizonte mudava: era isto o que estava esperando — aqui havia um toque de sublime. Parecia abrir-se para êle um campo muito maior na imaginação militar. Projetos, com os quais nunca sonhara, já tinham sido experimentados e cada passo dado oferecia novas perspectivas. Se

Casablanca completara a carga do seu explosivo vigor, o estudo dos métodos inglêses dava-lhe direção e significado.

Skorzeny estabelecera a sua escola de comandos em uma hospedaria para caçadores em Friedenthal (o Vale da Paz), não muito longe de Berlim. Estava situada num vasto parque, entre as grandes áreas de florestas e matas. Logo surgiram quartéis e hangares e lá, enquanto trabalhava em programas de instrução e na evolução dos novos métodos, sua mente mantinha-se constantemente a par dos sucessos — e dos fracassos — dos inglêses.

Um dos mais úteis relatórios que vieram às suas mãos falava da tentativa de rapto do General Rommel, no deserto ocidental, por comandos que, desembarcados de um submarino, apareceram a quatrocentos quilômetros atrás das linhas; foi isto que deu lugar à teoria de Skorzeny de que as batalhas podem ser ganhas pela metade antes de se travarem, "arrancando cérebro" do inimigo. O sombrio resultado dêsse ataque, baseado em informações erradas — pois, naquela oportunidade, Rommel estava em viagem para Roma e, além disso, os atacantes escolheram um edifício errado — convenceu-o de que a única maneira de descobrir o que está acontecendo é ir olhar in loco.

Nesse meio tempo descobriu um proveitoso jogo e engajou os Aliados como seus involuntários parceiros. Estando no Serviço de Informações, sabia que os aviões inglêses que passavam noite após noite sobre o continente, estavam lançando de pára-quedas, no interior dos países ocupados, agentes, equipamentos de rádio, explosivos e engenhos perigosos. Numa visita à Holanda Skorzeny descobriu que a maior parte do equipamento e quase a metade dos agentes tinham caído em mãos alemãs. Com prisioneiros — alguns eram agentes duplos, que não se importavam em saber qual o lado que lhes pagava o salário — êle aprendeu as técnicas britânicas de espionagem e destruição, que tinham chegado a um alto grau

de excelência. Usou também os códigos dos espiões capturados, para mandar mensagens em inglês, pelo rádio, pedindo qualquer peça de equipamento que o interessasse; muitas vêzes, os inglêses lançavam o que fora pedido já na noite seguinte. Um revólver silencioso, por exemplo — êles não tinham nada semelhante na Alemanha — foi pedido pela "seção" holandesa de Skorzeny e pontualmente lançado: para experimentá-lo, abriu uma janela e atirou num pato no canal que passava embaixo; ninguém na rua virou a cabeça.

Skorzeny estava encantado com as armas que vinham da Inglaterra e com a facilidade com que podia roubar as invenções do inimigo. Mas, quando chegava a hora de copiá-las, para que seus homens pudessem usá-las, topava com objeções malèvolamente teimosas.

Um fuzil Sten com silenciador, por exemplo; para convencer ós peritos, convidou-os a irem a Friedenthal e levou-os a passear, enquanto um dos seus homens, que os seguia a cerca de dez metros atrás, disparou um carregador inteiro . Os peritos nada ouviram. Ao mostrar-lhe os estojos espalhados no chão, Skorzeny esperava que êles compartilhassem de seu deleite. Os visitantes, ao contrário, ficaram zangados com a surprêsa que êle lhes arranjara e só fizeram encontrar falhas em sua proposta.

Ah, bem, pensou Skorzeny, pelo menos podemos ter uma Sten sem o silenciador. Levou a arma aos generais, com a relação das suas vantagens. De fato, explicou êle, não podia dizer que a arma fosse precisa a distâncias maiores — era para o combate aproximado; mas era à prova de tudo; podia ser lançada na lama e pular-se em cima dela, que em seguida atiraria. As metralhadoras alemãs de que dispunham eram caras e muito mais delicadas.

Não, disseram os generais. Não podiam copiá-la. Hitler tinha ordens para que o soldado alemão fosse equipado com armas "da melhor qualidade sob todos os pontos de vista". Todos os pontos de vista, assinalaram êles, incluía alcance.

Êsse foi o tipo de respostas que Skorzeny teve que enfrentar o restante do tempo; era como se, por um lado, o Alto Comando determinasse a criação de forças especiais para tarefas sem precedentes e, por outro, recusasse os meios para formá-las. Enquanto Mountbatten parecia fazer mágicas para os seus comandos, com armas soberbas e frotas de aviões e navios, o estado-maior de Friedenthal tinha que lutar por cada cartucheira. Os suprimentos estavam escassos em toda parte, êsse era o pretexto, mas o enorme apetite para as formações regulares era satisfeito com pródiga largueza, comparado com a mão fechada que distribuía restos de queijo e tocos de vela para os parentes pobres de Friedenthal.

Uma das primeiras missões que Skorzeny recebeu foi a de cortar a rota de suprimentos do Oriente Médio para a Rússia. Um oficial alemão fora introduzido clandestinamente em Teerã, onde estava tramando com os persas, debaixo do nariz dos inglêses e dos russos. A conspiração estava progredindo. Alemães que falavam o persa tinham sido lançados de pára-quedas para subverter as tribos das montanhas; outros estavam seguindo com o armamento necessário e o país explodiría como um barril de pólvora — pelo menos era o que se esperava.

Um projeto grandioso; estava com o início atrasado, enquanto as lojas de antiguidades de Berlim estavam sendo rebuscadas atrás de pistolas de punho de prata e armas de caça incrustadas (nem mesmo a vivacidade de Radl era bastante para tratar de presentes para os chefes de tribos), e terminou quando recusaram um simples avião de longo alcance para lançar reforços.

O fiasco persa foi uma das idéias que atiraram em suas mãos, sem lhe dar os meios necessários para levá-lo avante. Congeladas desde a saída, essas frágeis sementes deviam ainda ser tratadas, como se pudessem florescer no fim. Foi então que Skorzeny descobriu não ter apenas um grupo de patrões para agradar — tinha dois. Além do Alto Comando, havia os políticos .

Magnitogorsk foi um exemplo disto. Enquanto estava ainda na campanha da Rússia, o seu interêsse foi atraído pelas histórias das fábricas de guerra russas além dos Urais; agora, com os relatórios do Serviço de Informações, êle começou a trabalhar num plano para mutilar parte dêste complexo industrial no que, ainda hoje, é a área mais secreta do globo. Foram interrogados milhares de prisioneiros soviéticos e montados mosaicos com montes de fotografias aéreas. Por fim, foram escolhidas duas usinas de força como centros nervosos para o ataque dos comandos. Mas aí alguém disse a Heinrich Himmler, Ministro do Interior de Hitler, e ministro de muitas coisas mais, que o verdadeiro lugar a ser alcançado na Rússia era Magnitogorsk.

Magnitogorsk? Isso também era nos Urais. No dia seguinte Skorzeny recebeu uma mensagem de Berlim: ordens para destruir os altos-fornos de Magnitogorsk (dos quais não dispunha de qualquer informação). O mais cedo possível deveria informar Himmler sobre quando o ataque seria lançado.

Impossível. Essa foi a resposta que Skorzeny sentou-se para escrever; ninguém deixou que a enviasse. Karl Radl objetou, com uma alegre malícia, que isso fatalmente irritaria Himmler, cuja ajuda no mínimo poderia ser útil algum dia na frente principal contra o Estado-Maior Geral. Finalmente, o jovem e esguio Tenente-Coronel Walther Schellenberg assumiu a orientação de Skorzeny.

Schellenberg era uma criação de Himmler; em pouco tempo galgara a função de Chefe das Informações Políticas em Berlim; agora revelava um dos segredos do sucesso:

— Quanto mais absurda pareça uma idéia apresentada por uma pessoa realmente importante, mais alegremente você deverá acolhê-la. Preparações pomposas devem ser iniciadas imediatamente; deve ser afirmado incessantemente que os planos avançam com rapidez. Então, gradualmente, gota a gota, deve-se permitir que deslizem insinuações de que certos fatores externos podem adiar uma realização gloriosa; até que o próprio autor do projeto sinta-se admirado do seu entusiasmo prematuro e comece discretamente a pôr de lado todo o assunto — se já não o tiver esquecido completamente.

Demoraram dezoito meses na técnica da gota a gota, até que a ordem de Himmler fosse arquivada. Nada pôde ser feito quanto ao plano perfeitamente praticável de explodir as usinas de força até que Magnitogorsk fosse esquecida — e, aí, não havia mais oportunidade.

Skorzeny tinha que lutar contra a crença popular de que um ataque de comandos era um assalto de peles-vermelhas, desencadeado ao sabor do momento, por um bando de delinqüentes homicidas. Na prática, o sucesso exigia justamente o contrário — uma paciente e incansável premeditação. Êle tinha que criar um estado-maior apto para julgar os mínimos fatos levantados pelas Informações. Tinha que criar uma seção de suprimentos na qual pudesse ter confiança de que se anteciparia a todas as necessidades, de uniformes a carteiras de motoristas, dos explo sivos aos fósforos, da comida até as armas especiais. E tinha que viver no centro desta intricada máquina, mantendo sempre sua capacidade de pensar em outras coisas — pois, como líder, cabia-lhe reconhecer o simples dentro do difícil.

Acima de tudo mais, como Skorzeny encarava as coisas, havia a tarefa de unir os seus elementos combatentes em unidades pequenas e compactas; embora todos fossem voluntários, Cada homem tinha que ser exatamente escolhido para uma de terminada missão, e devia ser acompanhado até o momento em que entrava em combate. Devia saber como agir inteiramente por conta própria, sem esquecer, entretanto, os interêsses dos seus companheiros e o objetivo principal da operação. Se a menor engrenagem desta máquina resvalasse, tudo ficava em perigo e, mesmo que conseguissem interromper a ação, os gastos talvez fossem muito altos. “Um por todos e todos por um” não era um lema na unidade de Skorzeny, mas uma regra de Vida e de sobrevivência.

Gastou quatro meses em Friedenthal para trazer à realidade os frios quartéis-generais, levando suas tropas a um elevado grau de adestramento e cometendo os seus próprios erros a sua maneira. Somente quatro meses, mas nesse tempo atingira o auge da imaginação e respirara o ar da montanha. Nada acontecera digno de nota para o mundo e êle não teve nenhuma indicação do que seria a fase seguinte, isto é, que, enquanto corria o mês de julho, seria um dos seis escolhidos, dentre todas as fôrças armadas do seu país, para ser examinado e avaliado pelo próprio Hitler.

# IV.

*O Führer — afastou-se com Donitz e Student para discutir a libertação de Mussolini. Creio que este assunto ficará fora da minha alçada. Não o acho nada bom.*

*General Rommel. As Cartas de Rommel*

Até aquele domingo de julho, quando soube da prisão de Mussolini, Skorzeny nunca tinha visto Hitler — nem esperava vê-lo, a não ser, talvez, como um entre milhares durante um desfile. Quando a convocação chegou pareceu tão absurdamente irreal como se fosse uma ordem do Olimpo. Não somente mal podia acreditar que fosse possível, como quase a perdeu completamente.

Tinha almoçado com um senhor de Viena que havia encontrado no Hotel Eden, em Berlim. À paisana, por algumas horas, tagarelavam enquanto tomavam café ersatz; o dia era dêles, mas Skorzeny, inexplicavelmente, sentia-se inquieto. Telefonou para Friedenthal para perguntar se havia alguma coisa.

Havia alguma coisa? Durante quase duas horas êle tinha sido procurado por toda Berlim. Desejavam a sua presença no quartel-general de Hitler. Um avião especial estava esperando no aeroporto de Templehof e devia decolar

às cinco com Skorzeny a bordo. Não, não tinham a mínima idéia do que se tratava.

Quartel-general de Hitler? Skorzeny determinou: “Digam a Radl para encontrar-me no aeroporto com meu uniforme.” Quando o táxi chegou a Templehof lá estava Karl Radl. Deu a Skorzeny os boletins da frente de combate e disse que tinha havido alguma mudança no Govêrno da Itália embora não pudesse dizer até que ponto . Os motores do avião estavam ligando. Enquanto mudava de roupa, Skorzeny prometeu ligeiramente a Radl que telefonaria logo que fosse possível. Entrementes, disse êle, segure os homens: pode ser que precisemos dêles.

Skorzeny, o passageiro solitário, acomodou-se no fundo de uma poltrona do avião. O caso todo era uma loucura — alguma extravagância imprudente, alguma ridícula confusão. Enquanto o avião decolava, viu à sua frente uma prateleira de bebidas; até conhaque francês — encheu um copo. Otto Skorzeny com um avião destinado às altas autoridades, só para si.

Achou um mapa em sua pasta — Radl que pensava em tudo, tinha-o posto lá — e decidiu acompanhar a viagem. Aí estava uma chance de assinalar o fabuloso quartel-general de Hitler. Muitas vêzes tinha desejado saber onde êle estava. Para o mundo, o Covil do Lobo, como era chamado o quartel-general, ficava “em algum lugar na Frente Oriental” — a um público romântico era lícito supor que o Führer compartilhava dos riscos e desconforto das tropas. A rota do aparelho levou-os à Prússia Oriental; sobre planícies e rios, voaram até Rastenburg e então, ao anoitecer, aterraram numa pista de pouso. Um Mercedes estava esperando. O quartel-general não era um abrigo na linha de frente, mas sim uma grande aldeia no meio da floresta, escondida pelas árvores e pelas rêdes de camuflagem e protegida por canhões antiaéreos, casamatas, muito arame farpado e centenas de guardas.

Skorzeny foi recebido por ajudante-de-ordens que logo o levou para uma confortável ante-sala. Lá, foi apresentado a cinco oficiais, todos mais antigos que êle e que tinham sido convocados de todas as partes da Europa sem terem, também, recebido qualquer explicação. Foi uma longa espera; Skorzeny ficou impaciente — o que seria tudo aquilo? Quando um dos outros oficiais pronunciou mal o seu nome, êle se surpreendeu exclamando: —- Não é tão difícil assim. Tudo o que o senhor tem que fazer é parti-lo: Skor-zay-ny. É muito simples! — nesse momento, quando já se sentia irritado e atingido seus limites, o ajudante-de-ordens voltou. — Cavalheiros, os senhores irão agora à presença do Führer.

Hitler, pessoalmente, os veria! Ninguém tinha esperado por isso. Foram levados em fila para um outro edifício, como alunos de um colégio; após uma pequena espera o diretor entrou rapidamente. Hitler usava uma túnica sem insígnias, ostentando apenas a Cruz de Ferro. Skorzeny, alinhou-se juntamente com os seus companheiros, os viu saudarem o seu Comandante-em-Chefe com uma rigidez prussiana; tudo o que conseguiu fazer nesse momento supremo foi uma desajeitada reverência.

Hitler parou em frente de cada um dos seis homens que mandara chamar, olhando-os bem dentro dos olhos, enquanto cada um recitava um esboço de sua carreira.

Então, deu um passo para trás para fazer uma pergunta: — Qual dos senhores conhece a Itália — e o que pensam sobre os italianos?

Um a um, os outros cinco, deram esperançosas respostas: os italianos eram seus nobres aliados, Roma era parceira do Eixo Alemão e assim por diante.

Skorzeny, último da fila, pensou profundamente.

Sabia que Hitler, como êle próprio, devia ter algum ressentimento pela perda do Alto Adige, a região alpina mais bonita da Áustria e que apesar disso, por motivos políticos, tinha sido obrigado a entregá-la à Itália. Como poderia êle tocar nessa mola escondida, sem demonstrar arrogância? Era a sua vez; Skorzeny disse: — Führer, eu sou austríaco.

Hitler encarou-o fixamente, sem piscar, mas Skorzeny nada acrescentou. Então, repentinamente, falou: — Capitão Skorzeny, o senhor ficará aqui. O restante pode ir.

Ficaram a sós e Hitler disse: — Tenho para o senhor uma missão da mais alta importância. — Qual era essa missão, porém, nada transpareceu desde logo. Ao invés disso, houve um longo preâmbulo; Hitler, com uma entonação de raiva crescente, declarou que o seu parceiro, Mussolini, tinha sido traído e prêso. A Itália estava completamente aberta para a invasão e, a qualquer momento, Roma podia cair nas mãos dos Aliados. O Rei da Itália tinha tramado essa traição com o seu amigo, o Marechal Badoglio; agora queriam passar-se para o lado dos Aliados e levar Mussolini junto, como prisioneiro.

— Não quero e não deixarei Mussolini ter esta sorte — exclamou Hitler, já gritando, a essa altura. — Êle tem que ser resgatado antes que êsses traidores possam entregá-lo ao inimigo.

Skorzeny, conquanto estivesse lisonjeado por merecer a confiança do seu Comandante-em-Chefe, não podia sequer imaginar o que tudo aquilo tinha

a ver consigo. A resposta veio com estas palavras tranqüilamente proferidas: — Você, Skorzeny, vai salvar o meu amigo — êle ouvia em completa confusão, enquanto Hitler continuava, informando-o da necessidade do mais completo sigilo. Somente outros cinco ou seis homens podiam conhecer a sua decisão de que Mussolini devia ser salvo — não interessava que sensibilidades pudessem sentir-se feridas. Um que já estava informado era o General Student, comandante das tropas aeroterrestres, sob cujo comando Skorzeny atuaria. Nem o Estado-Maior Geral na Itália, nem a Embaixada em Roma deveríam saber qualquer coisa a respeito; pois não havia certeza de que êles ficassem calados. Ninguém sabia para onde o prisioneiro tinha sido levado, e dessa forma, Skorzeny não tinha apenas que levá-lo, mas, primeiramente, descobrir onde estava êle.

Imobilizado pelo hipnótico olhar, não foi pedida a opinião de Skorzeny: — Você não evitará qualquer risco — concluiu Hitler. — Será bem sucedido, e o seu sucesso terá um efeito tremendo no curso da guerra. Esta é uma missão em que você será responsável perante mim pessoalmente.

Hitler despediu-o com êsse adeus equívoco e um duplo apêrto de mão. Skorzeny voltou-se da porta; os olhos ainda estavam sobre êle. De volta à ante-sala, Skorzeny, mal tinha apanhado o cigarro de que tanto precisava, quando o ajudante-de-ordens entrou para levá-lo à presença do seu novo chefe, Student. Achou o General jovial, barrigudo e com uma cicatriz na testa, fruto de uma bala em Rotterdam; mal tinham iniciado o encontro, quando entrou o Grande Chefe da SS, Heinrich Himmler. Skorzeny imaginou que teria de forjar mais um pretexto para retardar o ataque de Magnitogorsk, mas Himmler não viera para falar de altos-fornos; o que êle queria era dar-lhes instruções para a tarefa que se seguiría.

Começou repetindo que ninguém na Alemanha, ou mesmo em Roma, tinha qualquer idéia sobre o lugar onde o Govêrno vira-casaca da Itália havia escondido Mussolini, mas suspeitava-se de que já havia entabulações

secretas para transferi-lo para uma prisão Aliada — onde ele serviría de bode expiatório para a Itália.

Agora a relação das pessoas que podiam auxiliar na procura; Himmler começou a desfilar nomes. Dezenas de políticos e nobres italianos ainda se diziam a favor da Alemanha; alguns eram dignos de confiança, outros não. Skorzeny começou a tomar notas, mas Himmler interrompeu-o com um grito e olhou-o com raiva através do seu pretensioso pince-nez de prata. — Largue a caneta imediatamente. O senhor não pode usar a memória? Tudo isso é absolutamente secreto.

Depois de meia hora de instruções, Skorzeny desculpou-se e procurou uma cabina telefônica para chamar Radl. Enquanto esperava a linha para Friedenthal acendeu o longamente esperado cigarro. De imediato o rosto magro de Himmler olhou-o através da porta de vidro. — Então o senhor não pode passar sem fumar — chispou Himmler. — Concordo que foi uma ótima escolha para uma missão tão importante! — era demasiado para o chefe de toda a Polícia Secreta de Hitler, a suspeita de que Skorzeny, por causa de um cigarro, tivesse fugido no meio da sua dissertação.

A voz excitada de Radl chegou através do fio. Skorzeny disse-lhe que a primeira coisa a fazer, no dia seguinte, era decolar com cinqüenta dos seus melhores homens, inclusive os que falavam italiano. Deviam voar para o sul da França e, de lá, seguir para um outro destino que só lhes seria dito na viagem.

— Equipamento? Traga tudo — disse êle. — Quando sobrar um tempinho, mandar-lhe-ei pelo teletipo uma lista de artigos extras. Para início de conversa, serão precisos uniformes tropicais e roupas civis.

A meia-noite encontrou Skorzeny enviando para Friedenthal, pelo teletipo, listas e mais listas de itens — rádios portáteis, granadas, projéteis traçantes, equipamentos de primeiros socorros, metralhadoras ... Pediu café e continuou. Tudo poderia depender de um único detalhe: moeda corrente da Itália; roupas de padre, como possível disfarce e, nesse caso, precisariam de tinta preta para o cabelo e papéis falsos.

Às três da madrugada, ainda com a cabeça cheia de nomes e planos semiformados, achou uma cama e tentou dormir. Não tinha nenhuma idéia do que faria com o monte de coisas que encomendara, mesmo na hipótese que Radl tivesse tempo para conseguir a metade. Ainda não sabia como achar e salvar o amigo de Hitler. Tudo que sabia era que estava acontecendo algo que o tiraria do barril da mediocridade — se fosse bem sucedido.

Depois do café da manhã partiu para a Itália acompanhando o General Student, em um avião pilotado pelo grande ás Capitão Gerlach, piloto particular de Student. Para evitar os aviões aliados, tomaram nova rota, através dos Alpes — uma desagradável lembrança da superioridade aérea do inimigo — e, durante o trajeto, puderam ver Viena, Cidade natal de Skorzeny. Como estava passando por ajudante-de-ordens do General, usava um uniforme forrado de pele da Força Aérea; chegando ao calorão de Roma, sentiu-se sufocado dentro dêle, já que estava com o seu uniforme do Exército por baixo; mas tinha que se manter assim até que pudesse encontrar algo mais adequado . Esta foi uma antevisão do que, no futuro, muitas vêzes teria que sofrer, quando, para não chamar a atenção sobre a sua pessoa, apropriava-se de uniformes que ou eram muito grossos ou muito finos para o clima do momento, e sempre pequenos demais, porque nada se encontrava que fosse condizente com o seu tamanho.

Roma parecia completamente em paz; à noite êle estêve num refeitório tropical de oficiais pára-quedistas, a fim de fazer uma visita social. Junto com Student subiram para as frescas elevações de Frascati; ali, no Quartel-General alemão das montanhas albanesas, jantaram com o Marechal-de-Campo Kesselring. Parecia um absurdo que o Comandante-em-Chefe da Itália fosse mantido no escuro com respeito ao projeto de salvamento de Mussolini, mas ali Skorzeny desconfiou por quê. A educação de Kesselring numa escola de cavalheiros já fora de moda, fazia-o parecer deslocado dentro de uma arena cheia de facções maquiavélicas. Êle acreditava que todo oficial devia ser, por natureza, um homem de honra; quando Skorzeny aventurou-se a duvidar dos protestos dos generais italianos de que não tinham idéia do lugar onde estava Mussolini, o hospedeiro corrigiu-o com aspereza.

O grupo de Friedenthal chegou três dias depois, ávido por ação; disseram-lhe que, por enquanto, nada havia a fazer. Somente Radl foi posto a par do segrêdo; sua mente alerta e seu ôlho vivo eram terrivelmente necessários, pois toda a emprêsa já estava enredada numa trama de pistas falsas e de teorias confusas,

O Marechal-de-Campo Kesselring ainda acreditava que, apesar da derrubada de Mussolini e dos bem sucedidos desembarques Aliados na Sicília, êle poderia manter a Itália lutando do lado alemão. Hitler mostrava-se cético, mas desejava evitar um choque armado que pudesse levar a Itália para o campo Aliado, justamente no momento em que as forças alemãs na península estavam pesadamente interiorizadas em número; esperava também que uma aparente aceitação das garantias italianas pudesse auxiliá-lo a acompanhar o rastro de Mussolini. Esta fachada de amizade também era conveniente para o Rei da Itália e para o novo Govêrno do Marechal Badoglio; tendo Mussolini dentro do saco, êles poderíam negociar a paz secretamente, enquanto fingiam, para os alemães que, apesar da mudança de govêrno, pretendiam continuar a lutar do lado dêles.

Era um esconde-esconde para ver quem se mexia primeiro — os italianos para mudar de lado, ou os alemães para ocupar todos os pontos-fortes da Itália e prender os membros do Govêrno, como traidores da causa do Eixo. Skorzeny percebeu que o ditador caído era a peça vital neste jogo de blefes e contrablefes.

Para Hitler, o salvamento de Mussolini representava o renascimento da energia militar fascista do seu lado, novo alento para o seu prestígio esvaziado e confiança para todos os pequenos Mussolinis dos países satélites.

Para o Rei e para Badoglio, a eliminação de Mussolini significava o colapso final do poder fascista; a posse de sua pessoa era um triunfo no jogo com os Aliados; seus guardas não o deixariam fugir vivo. O Govêrno de Badoglio estava inclinado a contemporizar a situação até que os Aliados mergulhassem na Itália para protegê-lo.

A contemporização também convinha aos alemães; calmamente poderíam trazer suas tropas, sob o pretexto de reforçar a defesa da Itália e, simultâneamente, organizar um plano para, quando chegasse a hora, capturar toda a Família Real italiana e o Govêrno de Badoglio. A parte de Skorzeny nisto tudo era capturar o Príncipe Umberto no Palácio Quirinal. Foi gasto muito tempo nestes esquemas, com ambos os lados fingindo que ainda eram amigos devotados.

Para Skorzeny, o enigma político era um irritante desvirtuamento do seu objetivo básico. Cada dia que passava, mais fria ficava a pista. Mussolini fora prêso ao deixar o Palácio e enfiado em uma ambulância, desaparecendo de vista. Depois disso — bem, havia uma centena de rumos, já que os italianos são pródigos em matéria de boatos.

Skorzeny não demorou muito em sentir que o Govêrno de Badoglio estava encobrindo o seu segrêdo com uma nuvem de coisas plausíveis. Chegava toda sorte de notícias bem inspiradas, atribuídas livremente a generais, embaixadores e estadistas do Vaticano. Mussolini estava em um hospital; tinha sido levado de avião para Portugal; ainda estava escondido nos arredores de Roma. Não é de admirar que, em Berlim, Himmler apelasse para astrólogos e clarividentes.

Depois de três semanas de conversas sem nexo, uma carta de amor, escrita para uma empregada, apresentava uma história digna de mais crédito. Um gendarme da Ilha de Ponza — onde eram confinados os políticos que ofendiam Mussolini — escrevera para sua namorada no continente, dizendo-lhe que o próprio Mussolini estava prêso lá. A tagarelice descuidada de um tenente da Marinha italiana orientou a pista de Ponza até a Base Naval de Spezia — onde o seu cruzador apanhara o prisioneiro .

“Abordem o navio e retirem o prisioneiro!” Foram estas as surpreendentes ordens que chegaram nessa noite, do quartel-general de Hitler. Não foi dito como poderia ser tomado de assalto um cruzador em movimento; felizmente, um oficial de ligação que ainda mantinha contato com os italianos conseguiu verificar que Mussolini fora novamente deslocado: primeiro para uma vila na Sardenha, e daí para o porto fortificado de La Madalena, uma minúscula ilha a cinco quilômetros da costa; lá êle era mantido numa casa chamada Vila Weber.

Skorzeny tocou-se para a Sardenha acompanhado por um subalterno que falava excelente italiano. Para passarem despercebidos usavam uniformes de marinheiros alemães — pois ainda havia em La Madalena um oficial de ligação alemão com uma guarnição de três ou quatro marinheiros. Pediu ao seu companheiro, Tenente Warger, que fizesse a ronda dos bares do porto;

se Warger insistisse, enquanto bebia, que Mussolini havia escapado ou que estava à morte — não interessa o que dissesse — algum italiano, com toda a certeza, desejaria fazer uma aposta de que não estava.

Foi o que aconteceu. Um granjeiro do mercado que, por sorte, supria a Vila Weber, quis aproveitar a aposta. Segurando o agora cambaleante Warger pelo braço, levou-o a um lugar de onde se podia examinar o terraço da Vila Weber; naquele mesmo terraço, o granjeiro vira, naquela manhã, Mussolini passeando entre os seus carcereiros.

No dia seguinte, através de astuto interrogatório, Warger assegurou-se da presença de Mussolini — e do número de soldados que guardavam a cidade e a Vila, como que para prevenir um cêrco. Skorzeny viu que as defesas teriam que ser atacadas em força. Como estavam instaladas as armas italianas? Skorzeny arranjou um avião em Roma e os dois realizaram um voo, tirando fotografias. Um grupo de caças inglêses juntou-se a êles e, antes que tivessem tempo de imaginar até que ponto a RAF conhecia o segrêdo, o seu avião foi forçado a pousar no mar. Quase que terminou aí a busca de Skorzeny; quebrou três costelas e foi posto fora de combate. Arrastado para uma balsa de borracha, voltou a si justamente a tempo de penetrar no avião, pouco antes que afundasse, para recuperar a máquina fotográfica.

Meia hora mais tarde, um barco antiaéreo italiano recolheu os alemães de um aglomerado de rochas. Skorzeny desfaleceu quando foi posto frente a frente com o comandante, pois sentiu, claramente, que o barco estava protegendo o esconderijo de Mussolini. Felizmente os náufragos não foram interrogados a fundo e logo, usando um par de sapatos brancos e calções emprestados pela tripulação, Skorzeny desembarcou novamente em Sardenha.

Daí foi para Frascati. Radl, que recebera a notícia de que o avião de Skorzeny perdera-se no mar, recebeu-o como se êle fosse um fantasma. Além de Radl, uma porção de ordens esperavam por Skorzeny.

Mussolini não estava em La Madalena como supunham; estava em uma ilhota perto de Elba e "o Capitão Skorzeny deverá indicar o dia mais cedo possível para a realização do ataque."

Esta espantosa informação vinha do Almirante Canaris. Quem poderia fazer o Chefe do Serviço Secreto baixar a cabeça? Skorzeny já havia entrado em choque com êle; todavia, mesmo que a versão de Canaris tivesse sido aceita pelo próprio Hitler, sentiu que devia desafiá-la, pois sabia que estava com a razão e Canaris errado. Conseguiu persuadir o General Student e voou com êle ao Quartel-General de Hitler para apresentar o seu ponto de vista contrário às ordens do Alto Comando .

A reunião no Covil do Lobo foi uma audiência proibida em que ia ser julgada a opinião dêsse insolente capitão. A essa altura os dirigentes nazistas já conheciam o segrêdo da procura de Mussolini. Estavam reunidos em torno de uma monumental lareira; Ribbentrop, à direita de Hitler; logo além estavam os dois homens de postos mais altos do Exército, os Marechais Keitel e Jodl, Chefes do Alto Comando e do Estado-Maior de Operações. Himmler estava lá, como sempre com a sua cara impenetrável. Em seguida o Grande Almirante Donitz e o volume impávido do Marechal Goering. Estavam acomodados em poltronas de couro.

Apresentado por Student, Skorzeny disse o que tinha a dizer. Depois de um início gaguejante, começou a falar como os austríacos gostam, "com o coração". À medida que falava de sua teimosa procura, foi esquecendo as anotações que havia feito. Tinha certeza de que Mussolini estava em La

Madalena; mostrou fatos que provavam que não poderia estar em outro lugar. Quando chegou à história da personificação que Warger fêz de um marinheiro embriagado, e deixou escorregar que o jovem nunca havia ingerido qualquer bebida alcoólica antes daquele dia na Sardenha em que recebeu ordem para fazê-lo, Goering quebrou a tensão com uma estrondosa gargalhada.

Skorzeny terminou a sua história que levou mais de meia hora. Todos olharam para Hitler. Não tardou que êle levantasse e apertasse a mão de Skorzeny. — Você tem razão — exclamou. —- Retiro as minhas ordens. Atacaremos La Madalena de acordo com a sua proposta. Como você o fará?

Os outros reuniram-se em volta, murmurando sua aprovação. Skorzeny achou-se mostrando o plano, que Student já aprovara, aos chefes das forças armadas e tudo isso num mapa feito a lápis.

Seria algo exigindo energia, decisão e arrojo. Na véspera do ataque haveria uma visita de cortesia da Marinha a La Madalena; sob esta cobertura, uma flotilha de lanchas-torpedeiras entraria no porto; o seu comandante deveria, inclusive, trocar as visitas de protocolo com os italianos. Na manhã seguinte, enquanto as lanchas ainda estivessem no porto, uma flotilha de caça-minas faria uma visita rápida a uma ilha vizinha e, quando se afastassem, mudariam de rumo bruscamente, indo direto para La Madalena, levando os comandos de Skorzeny e homens das guarnições de canhões antiaéreos da ilha principal da Sardenha, pertencentes à Força SS alemã; os canhões dos navios dariam cobertura velada ao desfile marcial através das ruas da cidade, sob o comando de Skorzeny, que os levaria diretamente à Vila Weber. O plano baseava-se na crença de Skorzeny de que se levarmos homens pacificamente a um lugar e mostrarmos, pela conduta seguida, que não pensamos nem esperamos confusões, teremos noventa por cento de possibilidades de êxito.

Hitler aprovou; todos aprovaram. Ficou assentado que todas as unidades ficariam sob o comando de Skorzeny. Tornara-se realidade o sonho do jovem soldado; o seu plano estava sendo estudado com carinho pelos grandes homens do país. Almirantes e marechais aproveitavam a sua deixa.

Mas Hitler fêz como sempre um último aviso: — O senhor deve compreender, Capitão Skorzeny, que se falhar eu terei que repudiá-lo, pois a Itália ainda é nominalmente nossa aliada. Eu terei que dizer, por motivos de Estado, que o senhor agiu sem ordens, que o senhor empregou mal, virando a cabeça dos comandantes, as tropas que o apoiaram; que a sua idiota ação foi realizada por excesso de zêlo e até por ambição. Se o senhor falhar não deverá defender-se da execração pública.

Skorzeny concordou com a cabeça; não havia mesmo o que dizer. Mas uma imagem negra cruzou a sua mente: Rudolf Hess, também, dizia-se, fora avisado de que seria repudiado como maluco, se o seu voo para a Inglaterra não conseguisse assegurar a paz em separado.

Hitler, porém, acreditava animar os homens que mandava para o combate, com élan. Pôs a mão no ombro de Skorzeny e disse: — O senhor será bem sucedido.

De volta a Roma, Radl ouviu a ameaça de Hitler e fêz Uma careta: — Oh, bem, de qualquer forma, sempre poderemos dividir uma cela acolchoada de um dos sanatórios especiais de Himmler.

Véspera do Dia D. Skorzeny estava em uma das seis lanchas-torpedeiras que entraram no porto engalanado. Radl dirigia o grupo dos caça-minas. Tudo estava pronto para o dia seguinte: funcionaria como um mecanismo de relógio, asseguraram a Skorzeny; até os telefones para o Continente tinham sido assinalados para serem cortados.

Mas não se sentia tranqüilo. Acompanhado pelo Tenente Warger, ambos com uniforme de marinheiros, saiu para a última investigação da Vila Weber e estabeleceu contato com um guarda que estava levando roupas para uma lavanderia. Como tentativa de estabular uma conversa, perguntaram se Mussolini não estava morto. O guarda negou o boato; quando insistiram em que era verdade, passou a negar cada vez com mais calor. Warger, num rasgo de manhosa inspiração, gritou: — Eu soube por um médico, que testemunhou os últimos momentos do Duce. Foi demasiado para o guarda. — Morto? — exclamou êle. — Claro que Mussolini não está morto! Se eu mesmo o vi esta manhã. Fui um dos que o escoltaram até aquêle branco avião-ambulância anfíbio que o retirou da ilha.

De fato fora assim: havia um avião-ambulância no porto e agora êle se fora. Num momento Skorzeny compreendeu que, embora a guarda em torno da Vila estivesse tão numerosa como antes, a tensão tinha desaparecido e êles estavam batendo pernas por ali. Só lhe sobrava tempo para cancelar tudo; por pouco escapara da humilhação de assaltar uma prisão sem prisioneiro — e do castigo que viria com a falha.

Voltou de novo a Roma, para encontrar o jogo do faz-de-conta ainda em andamento. Os italianos, suaves e encantadores expoentes nessa arte, eram os mais hábeis no caso. Um armistício já tinha sido secretamente assinado

na Sicília e, no momento, Badoglio tinha que ganhar tempo até que os Aliados desembarcassem na Itália.

O suspense era grande para os italianos que mantinham a Capital. Mas os alemães também estavam agindo com o cuidado digno do que estava em jogo. Mussolini, Roma, talvez toda a Itália. Suas tropas estavam em posição nas montanhas em torno da cidade. Quem se moveria primeiro?

Mantendo-se teimosamente na procura, Skorzeny recebeu uma série de pistas e declarações falsas; aqui e ali, nesta fazenda, naquele café, cada uma exigindo minuciosa investigação. À medida que os dias passavam, êle suspirava por Friedenthal. Subitamente ficou galvanizado por uma mensagem em código para o Ministro do Interior da Itália que fora interceptada. Dizia ela: "Medidas segurança torno Gran Sasso completadas." Era tudo, mas estava assinada "Cueli" — e os espiões de Skorzeny haviam-lhe dito que um tal General Cueli era o funcionário do Ministério responsável pela segurança de Mussolini.

O Gran Sasso, se Mussolini estivesse realmente lá, representaria um problema. Era o pico mais alto dos Apeninos e nessa área, a cento e sessenta quilômetros de Roma em linha reta, os grupos e as cadeias de montanhas elevam-se a três mil metros de altura.

Onde, nessa terra entre as nuvens, podia ser hospedado um prisioneiro de Estado, com um regimento para guardá-lo? De acordo com os seus mapas de antes da guerra, em lugar algum; mas, recentemente, fora construído um centro de esportes de inverno chamado Hotel Campo Imperatore, sobre um penhasco de dois mil metros de altura. Foi impresso um vistoso folheto turístico. Embora desanimadoramente vago sobre o lugar e o edifício, o folheto dizia que o hotel só poderia ser alcançado pelo funicular — um elo

com o mundo exterior que podia ser fàcilmente cortado, ideal para alcançar rápido isolamento.

Os agentes logo descobriram que as estradas para o Gran Sasso, através das florestas de pinheiros, estavam bloqueadas. Ninguém sabia o que estava acontecendo numa vasta área. Skorzeny resolveu que teria que sobrevoar a área com Radl para descobrir o que havia.

Decolaram no dia 8 de setembro, num avião equipado com uma máquina automática. Nada deu certo; quando estavam sobre o Gran Sasso descobriram que a máquina enguiçara. Skorzeny, assim teve que lutar com uma máquina fotográfica manual, pendurando-se com a cabeça fora da torre da metralhadora da retaguarda do avião, e recebendo o ar gelado no rosto, enquanto Radl, dando ruidosas gargalhadas, segurava as suas pernas. Na segunda passagem sobre o lugar, Skorzeny insistiu na troca de papéis; fêz Radl recuar para dentro do avião, com o riso desaparecendo dos seus lábios .

Conseguiram as fotografias; o hotel, quadrado e maciço como um forte, erguia-se num esporão, tendo ao lado um terreno triangular e a pequena estação superior do funicular.

Na volta houve mais encrencas; tiveram de voar rente ao solo para se livrarem de um enxame de bombardeiros e caças americanos que estavam despejando uma avalancha de explosivos sobre o quartel-general alemão e os aquartelamentos de Frascati. Tiveram sorte em aterrar justamente a tempo de se arrojarem para o seu próprio alojamento, já em chamas, para salvar alguma coisa; mas o estúdio fotográfico, que poderia ter feito ampliações estereoscópicas do Gran Sasso, tinha sido reduzido a destroços.

Roma estava em tumulto; o ataque aéreo comemorava uma irradiação Aliada de que a Itália se rendera. Naquela noite os Aliados desembarcaram em Salerno. O jogo de fingimento estava terminado.

A Itália mudara de lado — oficialmente. Já tinham começado algumas escaramuças entre os alemães e italianos. Agora, que o faz-de-conta acabara, dificilmente Mussolini poderia ser resgatado sem luta; mas, pelo menos, como observava Radl, fora removida a ameaça das celas acolchoadas de Himmler. Caíra o pano e qualquer ação brusca contra os italianos estaria livre dos perigos da diplomacia. Podiam ir avante.

Skorzeny tinha visto o Campo Imperatore do ar; outras investigações pareciam provar, agora, a presença, lá, de Mussolini. Um ou dois dias antes, Skorzeny sugerira a um médico do Exército que, se desejasse requisitar um hotel alpino para servir de centro de convalescentes, êle conhecia o lugar exato — na montanha do Gran Sasso. O doutor pôs-se a caminho na mesma hora; voltou desanimado. O armistício, supôs êle, havia anulado toda a idéia, mas Skorzeny bem que sabia que o havia enviado em papel de bobo. Toda a área estava bloqueada e o médico não pudera se aproximar do hotel. Passara pelo menos por um batalhão de carabinieri e, segundo soube, cêrca de duzentos e cinqüenta homens estavam acantonados no próprio hotel. Telefonara de uma aldeia e pedira para falar com o gerente; um mal-humorado oficial italiano mandara-o para o inferno.

Tudo isto parecia realmente esperançoso: foi quando Skorzeny recebeu a comunicação de que o Sindicato de Trabalhadores estava se queixando da injustiça da expulsão de toda a administração civil do hotel, “através de um aviso de última hora, só pára acomodar aquêle fascista do Mussolini”. Então era isso: o Gran Sasso era o lugar.

Olhando o caso do ponto de vista italiano, Skorzeny tinha que concordar que êles podiam orgulhar-se de si próprios. Mesmo que fosse descoberto o paradeiro de Mussolini, a sua prisão era, òbviamente, inexpugnável. Só para cercar a montanha e assegurar-se de que Mussolini dali não seria retirado, demandaria uma divisão alemã completa; haverία enormes perdas no meio daqueles picos recortados e, muito antes de os alemães chegarem ao prisioneiro — se é que conseguiríam — êle poderia ser escondido em alguma caverna entre as rochas ou até ser morto.

Os italianos podiam descansar; suas defesas eram intransponíveis. Não esqueceram nada, isto é, nada exceto a determinação de um indivíduo de entrar de qualquer maneira.

Skorzeny tinha os fatos, como êles se apresentavam, e as fotografias também como elas eram — instantâneos de feriados com dez centímetros de lado para montar um plano de ataque. Se fosse excluída a possibilidade de um assalto ortodoxo, só sobrava o céu, mas mesmo assim a altitude do lugar afastava quase que completamente essa possibilidade: lançar pára-quedistas nesse ar rarefeito seria reduzi-los a pedaços; os aviões não tinham onde descer; planadores...

Olhou de novo as fotografias, aquêle triângulo de terra perto do hotel. Se fosse realmente regular e plano, alguns planadores ali poderíam descer. Com isso, as tropas de choque podiam alcançar Mussolini antes que os seus guardas lhe metessem uma bala; podiam levá-lo ao funicular — se naquele exato momento os pára-quedistas tivessem capturado o terminal inferior — e fugir. Skorzeny calculou, que, se tudo corresse bem, alcançariam Mussolini três minutos depois do assalto inesperado. Tempo para fugir? Isso correria por conta da sorte.

Student ergueu uma das sobrancelhas quando Skorzeny lhe apresentou o esquema; ambos estavam cansados, após quase três mal-dormidas noites de crises e mais crises; o General não fitava com disposição para fugas insensatas. Mandou chamar dois oficiais técnicos do Estado-Maior Aeroterrestre e Skorzeny teve que explicar detalhadamente todo o esquema, mais uma vez — e o mais plausivelmente possível.

Os oficiais do Estado-Maior não podiam ser enganados; Os peritos nunca o são. Uma olhada nas fotografias mostrou-lhes que o espaço proposto para a aterragem era ridiculamente pequeno; tampouco os planadores poderíam descer com um ar tão rarefeito. Estimaram que, de um total de cem homens que realizassem a viagem, apenas vinte poderíam sobreviver — vinte homens para assaltar uma fortaleza defendida por duzentos e cinqüenta!

Skorzeny argumentou; os peritos resistiram. Por fim êle ofereceu-se a abandonar seu plano caso pudessem apresentar-lhe um melhor. Student parecia ansioso: a não ser que quisessem abandonar a missão que lhes fora confiada por Hitler, não havia outra alternativa à vista, nem tempo para procurar uma outra. Finalmente cedeu; mas seriam necessários três 'dias, disse êle, para que os planadores viessem do Sul da França. Noventa homens sairíam do seu bem treinado batalhão de pára-quedistas; o restante era por conta de Skorzeny; o Dia D seria 12 de setembro, com uma decolagem às sete horas da manhã.

Nessa noite, Skorzeny reuniu os seus homens e disse-lhes que ia dirigir um grupo numa missão difícil e perigosa que fora determinada pelo próprio Hitler.

— Sinceramente — disse êle, — os técnicos não dão muito pelas nossas chances. Crêem que perderemos a maioria de nosso efetivo antes mesmo de iniciarmos o combate. Espero que não seja tão mau assim, mas as perdas provavelmente serão grandes. Ninguém é obrigado a participar. Qualquer um que queira pensar duas vêzes se virá ou não, ou que tenha uma família com que preocupar-se, pode pular fora. Nada terá a temer. A sua recusa não será conhecida fora do nosso meio, nem haverá qualquer registro a respeito e nós não o respeitaremos menos por isso.

Skorzeny devia ter poupado a sua inquietação. Todos os homens deram um passo à frente e êle teve trabalho em persuadi-los de que somente dezoito podiam ser selecionados. As horas que sobravam, antes do Dia D, passaram céleres, enquanto tentavam completar mil e um detalhes: direção de aproximação, a posição dos planadores durante o voo e na aterragem, distâncias, altitudes, horários.

Skorzeny e Radl passaram a última noite junto com os seus soldados. Bebêram uma garrafa de champanha à sua sorte e todos concordaram com o princípio de que a vida era divertida e uma vergonha abandoná-la.

Skorzeny fêz um resumo: — Há coisas que não se pode fazer com uma régua de cálculo. É justamente aí que os nossos peritos podem estar errados — e os italianos também. Quanto mais o inimigo se sentir a salvo, maiores serão as nossas chances de apanhá-los desprevenidos. Bem, logo o saberemos.

Logo que os pára-quedistas partiram para o salto no vale, a rádio Aliada difundiu uma notícia: Mussolini tinha sido entregue pelos italianos; um navio de guerra o havia levado para o Norte da África.

Por um momento Skorzeny perdeu a respiração. Mas lembrou-se do lugar onde tinham sido localizados os principais navios italianos; a coisa não podia ter sido feita a tempo. A transmissão devia ser uma burla para afastar os alemães do caminho de Mussolini. Os cérebros da Itália ainda estavam funcionando.

# V.

*Contos sobre fugas e resgates — dramáticos, românticos, algumas vezes fantásticos —• podem ser encontrados na história de todos os povos e em todos os tempos; mas a minha fuga da prisão do Gran Sasso, mesmo hoje, afigura-se como a mais arrojada, a mais romântica de todas e, ao mesmo tempo, a mais moderna em método e estilo.*

*Benito Mussolini, Storia di um Anno*

Aquela manhã de setembro era clara e sem vento; o grupo de homens que esperava no aeroporto sabia que, para muitos dêles, ela seria a última. As grandes aglomerações de nuvens brancas que corriam no rumo nordeste poderíam auxiliá-los a manter o caminho desimpedido; a manhã calma e transparente teria suavizado as suas tentativas de aterragem se, ao menos, êles tivessem decolado conforme o planejado.

A partida tinha sido prevista para a madrugada — quando êles poderíam aterrar despercebidos por um inimigo ainda sonolento — mas os planadores foram atacados durante a sua vinda da Riviera; não poderíam chegar antes das onze horas da manhã, na melhor das hipóteses.

Isso significava, segundo os cálculos de Student, um atraso de vinte e quatro horas — mas não tinham vinte e quatro horas a perder. Teriam que

aceitar, sumariamente, os riscos de uma aproximação à luz do dia e, além disso, numa hora em que seriam um verdadeiro joguête para as correntes de ar quente que poderiam afastar os planadores do seu rumo como se fossem aviõezinhos de papel.

Certamente, pensou Skorzeny, desde que ninguém no pleno uso de suas faculdades mentais poderia esperar uma operação de planadores em pleno meio-dia, êles poderiam conseguir um grau suplementar de surprêsa, se conseguissem viver para explorá-la. Com êste pensamento dirigiu-se alegremente para o meio dos seus homens a fim de distribuir as caixas de frutas frescas que tinha comprado para dar à expedição um toque de piquenique. Deviam decolar à uma da tarde, o que lhes ensejaria uma aterragem por volta das duas horas.

O atraso permitiu que Radl satisfizesse um capricho que lhe ocorreu: dirigiu-se rapidamente a Roma, onde ainda reinava uma inquieta trégua e voltou com o General Soletti, italiano que tinha prestado muitos obséquios aos alemães, sendo sem importância não fora isso. Havia dito a Soletti que precisava da sua ajuda para "um empreendimento importante"; a esperança de Radl era que a presença de um italiano entre os atacantes, ajudasse a confundir a guarnição do Gran Sasso.

A expedição — doze planadores com os aviões que os rebocariam — seria conduzida à zona de lançamento pelo piloto que levara Skorzeny e Radl em seu frustrado voo de reconhecimento. Dez homens nos dois primeiros planadores cobriríam a aterragem do terceiro com Skorzeny e Warger a bordo; Radl seguiría em um quarto planador. Cêrca das doze e trinta, os aviões foram trazidos para que os homens embarcassem — nesse instante as sirenas gemeram. Foram todos para os abrigos, enquanto as bombas aliadas explodiam por toda parte — uma dessas brincadeiras da Providência, tão cruel como uma chuvarada que acaba com um passeio da família. Entretanto, quando soou o sinal de "tudo limpo", Skorzeny encontrou os

planadores sem alteração; os danos, no que lhes interessava, resumiam-se a crateras na pista.

Skorzeny seguiu seus homens para o planador e puxou Soletti, levando-o para o banco dianteiro. Com êste passageiro extra entre os seus joelhos, sinalizou: a frota começou a partir.

Decolaram exatamente à hora marcada. Só mais tarde Skorzeny soube que dois aparelhos, que vinham atrás dêle, caíram nos buracos das bombas e não conseguiram deixar o solo. O que êle viu, quando emergiram da aglomeração de nuvens brancas e subiram a três mil e seiscentos metros, foi que os dois planadores da vanguarda tinham desaparecido. Tinham perdido o seu guia e o grupo de cobertura. Tanto pior; como logo estariam próximo a área do Gran Sasso, Skorzeny, a fim de liderar a rota, tinha que forçar a memória sobre a viagem fotográfica que fizera. Mas, afundado no seu assento, não podia ver para onde estava indo.

Puxou uma faca e começou a cortar a lona da cabina e o revestimento externo. Quando conseguiu abrir caminho, abençoou a fragilidade do tecido. O ar gelado entrou na cabina superaquecida por estar cheia de homens e de armas e, olhando pelo rasgão, pôde ver as montanhas de granito abaixo .

O Gran Sasso entrou no ângulo de vista. Em pouco estavam bem em cima dêle; lá estava de novo o hotel e aquêle diminuto espaço triangular ao seu lado, a borda onde pousariam .

“Solte” disse êle ao piloto. O cabo de reboque foi solto e êles ficaram planando livre e silenciosamente, apenas com o vento silvando nas asas. O piloto estava apontando o dedo para o triângulo abaixo, ao mesmo tempo que virava o rosto para Skorzeny, com os olhos arregalados. Em hipótese alguma aquêle espaço poderia ser chamado de campo de pouso; era uma prateleira escarpada que no máximo serviría para saltos de esquis e, à medida que perdiam altura, puderam ver que era pontilhada de rochas pontiagudas.

O General Student tinha pensado nessa emergência. Na reunião final tinha dito, categoricamente, que a não ser que pudessem fazer uma aterragem suave, deviam abandonar o ataque e planar para a segurança do vale. Essas eram suas irretorquíveis ordens; num ímpeto de desafio Skorzeny resolveu desobedecer. Gritou para o piloto: —Mergulhe! Faça uma aterragem forçada! O mais perto possível do hotel.

Aproximaram-se rapidamente da montanha com o pára-quedas que servia de freio açoitando a cauda do aparelho. No instante seguinte, o planador estava aos solavancos sobre as pontas do penhasco como um barquinho a remo jogado sobre um recife. Finalmente com um ruidoso choque, ficou imóvel.

Estava vivo foi o primeiro pensamento de Skorzeny; o segundo: três minutos.

Irrompeu do planador destruído; vinte metros à frente, erguia-se a parede do hotel, como se fosse um penhasco. Um carabineiro italiano ali se encontrava, firme no seu posto, estupefato com esta aparição que tinha caído silenciosamente do céu quase a seus pés.

Skorzeny passou por êle rapidamente em direção à primeira porta; do lado de dentro estava um telegrafista manipulando um transmissor. Um pontapé tirou-o da cadeira: a arma de Skorzeny destruiu o rádio. Mas a sala não levava a nenhum lugar.

Fora de novo, correu a toda velocidade ao redor do muro; ouvia seus homens correndo atrás ofegantes. Um terraço de três metros de altura — içaram-no até em cima. De lá, numa janela superior, localizou uma inconfundível cabeça raspada. — Saia! — gritou para Mussolini. — Saia da janela — e deu a volta, correndo pelo terraço.

Por fim, a entrada principal, guardada por dois postos de sentinela. Os guardas mostraram um ar de grande espanto; antes que pudessem respirar, os homens de Skorzeny arrancaram as suas metralhadoras dos reparos e se lançaram através da porta. Muito atrás dêles uma voz berrava em italiano; Soletti aumentava a confusão.

Skorzeny abriu çaminho através de um bando de soldados que encontrou no vestíbulo; mesmo se soubessem o que estava acontecendo, a distância era curta demais para poderem atirar. Subiu um lance de escada, dobrou um canto de parede e escancarou uma porta. A primeira coisa que viu foi Mussolini, com dois oficiais italianos.

Um dos mais viçosos subalternos de Skorzeny, o Tenente Schwerdt, entrou ofegante na sala atrás dêle. Nesse momento, dois rostos brilhantes apareceram na janela: dois dos seus homens, que haviam subido pelo fio do pára-raios para encontrá-lo. Subjugaram os oficiais italianos e os arrastaram

para fora da sala. Schwerdt assumiu as funções de guarda pessoal de Mussolini.

Da janela Skorzeny viu como atuavam os outros companheiros. Radl estava à vista caminhando em direção ao hotel; o seu planador fizera uma aterragem razoável. Skorzeny saudou-o com um grito: — Já o temos aqui. Tudo bem até agora. Cuide para mim do andar térreo.

Outros três planadores fizeram aterragens forçadas e os homens se precipitaram para fora dêles. Um quarto, que desceu um pouco mais longe, ficou reduzido a pedaços; ninguém emergiu dos destroços. Skorzeny não poderia contar com um efetivo maior; voltou-se, atravessou a sala, abriu completamente a porta e gritou em seu péssimo italiano: — Exijo a presença do Comandante. O Comandante deve aparecer imediatamente.

Apareceu um coronel italiano, atendendo aos insólitos gritos.

— Exijo a sua imediata rendição — disse Skorzeny em francês. — Mussolini já está em nossas mãos. O edifício é nosso. Se quiser impedir um morticínio inútil, tem sessenta segundos para sair e refletir.

O coronel voltou antes que passasse o ansioso minuto. Desta vez trazia uma taça completamente cheia de vinho tinto.

— Ao intrépido vencedor — curvou-se êle. Skorzeny agradeceu e esvaziou o copo — estava sedento. Os alemães que esperavam embaixo levantaram vivas quando um pano branco apareceu na janela.

Agora Skorzeny podia dispensar algum tempo a Mussolini, que tinha sido posto num canto da sala, protegido pela massa do Tenente Schwerdt. Mussolini avançou; um homem atarracado, parecendo mais velho do que nas fotografias, com um traje azul grande demais. Tinha a barba por fazer; fios brancos brotavam em sua cabeça. Mas os seus olhos eram prêtos, ardentes e excitados.

Era um momento historio — o pensamento atravessou a mente de Skorzeny. Falou em alemão: — Duce, fui enviado pelo Führer para libertá-lo! — Mussolini que sempre considerava o seu público, respondeu, para a posteridade: — Eu sabia que o meu amigo Adolf Hitler não me abandonaria. Abraço o meu libertador.

Skorzeny foi verificar o desarme da guarnição italiana e viu que tinham capturado um personagem importante de Roma — nada menos que o General Cueli, responsável por que Mussolini fosse mantido prêso e isolado. Desavisadamente pusera Skorzeny na pista que levava ao Gran Sasso, através da mensagem em código interceptada, e fora mais infortunado ainda por ter escolhido justamente aquele dia para visitar o seu prisioneiro. Skorzeny ficou encantado em vê-lo.

Mas, agora, havia um assunto mais urgente: a fuga. Ambos os terminais do funicular estavam em mãos alemãs; um telefonema da estação informou que os pára-quedistas tinham levado a cabo a sua parte. Como não podiam esperar que Mussolini chegasse a Roma por terra após ser dado o alarme, tinha sido providenciado que os pára-quedistas capturassem um aeroporto próximo dali, em Aquila, e o mantivessem por algum tempo, enquanto Mussolini fosse retirado por três aviões Heinkels. Agora, a falta de sorte do operador de rádio impedia-o de enviar o sinal para que os aviões de resgate decolassem de Roma. O plano alternativo, antecipadamente preparado,

previa que um avião leve isolado aterrasse no vale; isso já fora feito, mas, ao descer, tivera quebrado o trem de aterragem. Sobrava uma terceira e desesperada opção: o Capitão Gerlach, piloto pessoal de Student, podia tentar descer com um minúsculo avião de reconhecimento Storch junto ao próprio hotel e retirar Mussolini da borda da montanha — uma operação tão assustadora que Skorzeny e Radl a haviam submetido ao General Student como a mais teórica das possibilidades.

Mas, agora, era a única esperança.

Skorzeny olhou para o céu e lá, de fato, circulava o Storch. Bem, nada podiam fazer por êle. Haviam dito que Gerlach podia realizar milagres no ar — que fizesse mais um neste momento.

Skorzeny reuniu as suas tropas e alguns prisioneiros para remover as pedras maiores de uma faixa de terra da plataforma de aterragem e, a um sinal, Gerlach veio suavemente para o pouso. Gerlach estava pronto para tudo até o momento que viu o que realmente queriam que fizesse. Aí recuou. Levantar o seu frágil aviãozinho com a carga de Mussolini e Skorzeny, ambos pesados! Era uma loucura; recusou-se terminantemente a considerar a idéia.

Skorzeny afastou-se para um lado, contou-lhe a maneira como Hitler, pessoalmente, dera a ordem a êle, Skorzeny, para libertar Mussolini; agora, Gerlach tinha em suas mãos a única maneira de levar a bom têrmo a missão; se êle se mantivesse insensível, estaria desafiando os desejos de Hitler. O que lhes sobraria se falhassem ao Führer? Estourar os miolos; isso era tudo.

Por fim Gerlach cedeu: — Seja como quer. Se de qualquer forma é tudo ou nada, é melhor que comecemos a nos mexer.

Os grupos reiniciaram rapidamente o trabalho na pista; até Mussolini ajudou a rolar uma ou duas pedras.

Apertaram-se no avião; Mussolini atrás do piloto e Skorzeny atrás de Mussolini. Já com o motor girando, doze homens seguraram o Storch, com os calcanhares presos ao solo como se fossem disputar um cabo-de-guerra. Gerlach manteve levantada a mão até que o ruído do motor elevou-se num crescendo; quando baixou a mão, os homens cederam e o avião foi catapultado.

Skorzeny agarrou-se à armação de aço do avião de ambos os lados, jogando o seu pêso de um lado para o outro, para contrabalançar os movimentos do avião, quando uma ou outra roda era levantada pelas rochas. De repente, abriu-se uma fenda a sua frente; o avião lançou-se sobre ela e continuou o seu curso, com a roda esquerda quebrada: em seguida lançou-se sobre a borda da ravina.

Houve um súbito vácuo entre os alemães que ficaram no Gran Sasso. Radl tinha caído, desmaiado.

Gerlach conseguiu o milagre. Com sua consumada habilidade, êle levantou suavemente o nariz do Storch, tirando-o do mergulho, para levá-lo a algumas centenas de metros acima do vale.

O resto, inclusive o glissar em Roma sobre as rodas traseiras e a borda direita pareceu um suave passeio. Lá, imaculado, destacando-se no aeroporto empoeirado, prevenido pelo instinto das grandes ocasiões que anima os ajudantes-de-ordens e os auxiliares diplomáticos, estava o ajudante-de-ordens do General Student, em rígida posição de sentido, enquanto as três amarrotadas figuras saltavam para o solo amigo.

Talvez não continuasse amigo por muito tempo. Já se lutava bem perto e não havia tempo para cerimônias. Skorzeny auxiliou Mussolini a entrar num avião de transporte e, pouco depois, voavam sobre os Alpes através de difíceis condições atmosféricas.

Poucos tiveram o privilégio de, a três mil metros de altura dentro de um avião que jogava terrivelmente, serem os confidentes de um predestinado da História; Skorzeny teria gostosamente recusado tal honra enquanto se esforçava por acompanhar os relatos do seu companheiro sobre traições, prisões e transferência de uma prisão para outra. Mussolini prosseguia, gritando em alemão, acima do barulho dos motores e da tempestade que caía sobre êles; ainda estava intoxicado pelo melodrama.

Aterraram em Viena. Mesmo durante a época de guerra o Hotel Imperial não recebe de braços abertos os visitantes que chegam com barba por fazer, desalinhados e sem bagagem. Entretanto, os quartos haviam sido reservados pelo Govêrno e enquanto os dois hóspedes entravam, sujos daquela forma, com um importante aparato de “segurança”, perto da meia-noite, a gerência teve que afastar o seu desagrado com o melhor dos sorrisos. A partir daí começaram os telefonemas.

Mussolini foi direto para o quarto. — Não preciso de nada — disse êle. — Nem mesmo pijamas. Vou deitar-me.

Mas, para o seu salvador, não houve descanso.

Mal Skorzeny chegara ao seu quarto, veio a primeira chamada -— de Berlim. Era Himmler! Procurou um cinzeiro antes de atender.

O Grande Chefe transmitia as suas exuberantes felicitações. E então, num auge de solicitude, sugeriu que, já que Skorzeny estava em Viena, deveria receber a visita da sua graciosa esposa, no Hotel, até que seguisse com Mussolini para ser apresentado.

Apresentado? Mas, claro, a Hitler.

Enquanto Skorzeny chamava sua esposa, foi introduzido no quarto um coronel. Ostentava a Cruz de Cavaleiro e, agora, no centro do tapête, bateu os calcanhares, curvou-se e, tirando a condecoração, pendurou-a em torno do pescoço de Skorzeny.

— Ordens do Führer — explicou; pela primeira vez esta alta comenda fora conferida no mesmo dia em que alguém a merecera. Era a própria Cruz do Coronel que estava sendo oferecida a Skorzeny.

O esposa de Skorzeny entrou. Mal tinham-se encontrado quando mais uma vez o telefone tocou. Desta vez o operador do hotel estava ao seu lado; Adolf Hitler estava na linha, diretamente do Covil do Lobo .

Hitler estava num transe de prazer — Major Skorzeny— explodiu êle, anunciando assim, festivamente, o novo posto do seu protegido. — Major Skorzeny, o senhor é um homem que está dentro do meu coração. O senhor ganhou o dia e coroou de sucesso a nossa missão. O seu Führer lhe agradece!

O Marechal Goering tirou o telefone das mãos de Hitler. Keitel e outros figurões também exigiam falar com êle. A rádio de Viena espalhou a notícia; a Capital estava em tumulto — toda a Europa foi arrancada do sono.

# VI.

*Alegremo-nos de todo o coração ... Tenho agora o sentimento de que a nossa onda de sorte começou de novo... A libertação do Duce causou uma grande excitação no país e no exterior... Mesmo sobre o inimigo, foi enorme o efeito desta melodramática libertação. Tantos amigos, como inimigos, estão cheios de admiração. .. Dificilmente, durante toda a guerra, terá havido um acontecimento militar que tenha excitado tão profundamente as emoções.*

*... Podemos comemorar uma vitória moral de primeira classe.*

*Diários de Goebbels, setembro, 1943*

Não poderia ser permitido que isso acontecesse com demasiada freqüência. Êsse parece ter sido o acordo tácito do Alto Comando, quando o seu universo de prudentes cálculos foi sacudido por uma tempestade de triunfo que quase o derrubou .

A proeza do Gran Sasso destacava-se como um golpe teatral contra o sombrio pano de fundo das desventuras alemãs. Já era muito mau que o golpe tivesse sido conduzido por um intruso, em flagrante desafio às regras; mas demasiado de aturar era a oportunidade que ele dera àquele outro intruso, o Diretor de Cena, de aparecer no palco e iluminar de novo o seu próprio prestígio.

Era digno de pena o Alto Comando. Desde muito que ele vinha sofrendo os caprichos de Hitler; agora, justamente quando a sua famosa intuição tinha-se restabelecido; quando o Alto Comando poderia, por fim, ter alguma oportunidade de um julgamento sensato — o seu julgamento — ser reassumido, a probabilidade mais remota de todas tinha, afrontosamente, obtido sucesso.

O Führer estava no sétimo céu, completamente insuportável. Quando recebeu a notícia dançou como somente o fizera depois da queda da França. As coisas românticas sempre o atraíram; êle respeitava o bizarro; para alguém com o seu incurável wagnerianismo, toda a aventura fora pura intoxicação. Que outro tirano, deve ter êle pensado, arriscar-se-ia ao escárnio do mundo para salvar um amigo falido, ou enviar um campeão desconhecido em uma missão tão decisiva?

Quando Skorzeny chegou no Covil do Lobo, do qual tinha-se aproximado com tanto temor, algumas semanas antes, foi recebido como um herói conquistador. As fotografias mostram um Hitler encantado apertando a mão de Skorzeny, enquanto os generais aplaudem devidamente. Medalhas choveram sobre êle.

Mussolini — barbeado, refeito e cheio de planos para um retomo — conferiu a seu salvador a Ordem dos Cem Mosqueteiros, a qual poderiam pertencer apenas outros tantos membros. O Marechal Goering fêz uma aparição habilmente cronometrada, por trem especial, para entregar a Medalha de Ouro da Força Aérea. Alguns dias mais tarde, no Palácio dos Esportes, em Berlim, Skorzeny foi apresentado em uma reunião patriótica e lá, por sua vez, condecorou por heroísmo outros soldados.

Os convites choveram. Almoço com Martin Bormann, assistente de Hitler. Chá com o Ministro das Relações Exteriores, Ribbentrop. Jantar com o Dr. Goebbels; estava-se tornando um herói de gabinetes. Mas, quando o Ministro da Propaganda contou-lhe anedotas maliciosas sobre outros membros do Ministério, não houve mais dúvidas — êle estava feito.

À meia-noite, teve o privilégio de entrar no círculo íntimo daqueles a quem Hitler abria seu coração ao fim de cada dia. O Führer sorvia um líquido âmbar de um copo equilibrado num pires de prata. Um criado sussurrou no ouvido de Skorzeny: "Se o senhor realmente não gostar de chá a esta hora, poderei lhe arranjar café." Mas, embora Hitler o distinguisse muito, discursando sobre seus planos de embelezar a cidade austríaca de Linz, quando a guerra fosse ganha, e dizendo-lhe que devia voltar muitas vêzes para tais conversas, Skorzeny não foi mais a chás no Covil do Lobo.

Um homem mais ambicioso poderia ter-se aproveitado dêste estado de delírio para aquilo que quisesse; Skorzeny, entretanto, cansou-se rapidamente do brilho e da ostentação da corte de Hitler e da pesada atmosfera de adulação que o cercava; acima de tudo êle estava enjoado com os vaidosos relatos da ação de Gran Sasso. Os relatórios aliados eram bastante exatos e generosos. Se alguma coisa compensava todo o rebuliço, eram os milhares de cartas que homens de todas as frentes de combate escreviam, dizendo que o seu sucesso tinha-lhes dado alma nova.

Uma tarefa, que Hitler impôs antes de deixá-lo sair do quartel-general, era muito delicada. Êle, teria que realizar, para um auditório de generais de boca fechada, uma conferência sobre as técnicas de ataque dos comandos, cujo exemplo fora o resgate de Mussolini. Parece que a paz de espírito foi perturbada pelo que êle disse, pois, na manhã seguinte, o Chefe dos generais de Segurança levou-o em um giro de inspeção; êle desejava assegurar-se de que, caso o inimigo pensasse fazer uma tentativa semelhante para alcançar Hitler, não haveria brechas em suas defesas.

Skorzeny assinalou dois ou três pontos fracos; o oficial ficou triste quando Skorzeny animadamente assegurou que, por mais que fizesse, um inimigo determinado e engenhoso sempre acharia um meio de entrar.

Era óbvio, já então, que os generais estavam querendo aceitar Skorzeny, mas dentro de seus próprios têrmos, da mesma forma como aceitaram os Comandos, sem ter o mínimo espírito de comando. Se nenhum denominador comum havia entre êles, pelo menos a sua hora de glória o tinha colocado à vontade entre gente que somente conhecia através das lentes de aumento da propaganda. Se, de perto, essas pessoas minguavam; se os homens públicos revelavam ter somente um interêsse mínimo pelo bem-estar do povo, enquanto os oficiais superiores mostravam uma vazia incompreensão da realidade — êle saberia melhor como tratar com essa gente no futuro.

Houve no Parlamento britânico uma inesperada conseqüência do resgate de Mussolini. Ela surgiu com um discurso de Winston Churchill, para quem esta evidência de uma nova força de ação na área do Eixo, era desafio semelhante à fuga de um César cativo. Quando apresentou, na Casa dos Comuns, um relato completo do resgate, pelo menos como era conhecido até aquêle momento, o Primeiro-Ministro declarou:

“O golpe foi de grande ousadia e conduzido com admirável vigor. Êle mostra, certamente, que muitas possibilidades como essa estão abertas na guerra moderna.”

Hitler tinha chegado à mesma conclusão e sempre fora rápido para agir dentro de uma idéia heterodoxa. Cada passo, na sua ascensão ao poder, tinha sido dado batendo os ortodoxos em inteligência. Agora, com a maré contra, tinha encontrado o único homem em quem podia confiar que

seguiria em frente por sua própria iniciativa — um moderno D'Artagnan, com uma técnica deslumbrante.

Assim foi que, nas asas do seu primeiro e inacreditável sucesso, Skorzeny elevou-se acima das cabeças de seus contemporâneos para receber a proteção de Hitler. Embora seus encontros futuros fossem poucos e formais, a aura que esta proteção deu a Skorzeny auxiliou-o a conseguir, pelo menos, a aprovação para emprêsas que, nas mãos de outro piloto, ter-se-iam despedaçado nos recifes da obstinação burocrática.

Nesta segunda visita, antes de permitir que Skorzeny saísse do Covil do Lobo, Hitler deu a seu novo favorito o único prêmio que êle queria: um batalhão de tropas especiais para cada frente de combate. Sob o olhar do Führer, o General Jodl concordou. Onde poderia Skorzeny encontrar os homens? Ora, disse Jodl, êle poderia alistar, imediatamente, quatro mil da Divisão Brandenburg — havia ótimo material lá, excelente pessoal.

Skorzeny não precisou de segundo convite: êle já havia provado a qualidade dos homens da Brandenburg na pessoa de Adrian Freiheer von Foelkersam, que, com alguns outros oficiais daquela divisão, havia pedido transferência para os comandos. Nascido em Riga, Von Foelkersam pertencia a uma família alemã do Báltico — seu avô lutara como almirante da Armada do Czar contra os japoneses. Aos vinte anos de idade falava fluentemente russo, francês e inglês, tinha estudado economia nas Universidades de Berlim e Viena e era um incansável trabalhador.

Como muitos outros, ávidos de assumir os mais insensatos riscos, se pudessem usar suas cabeças para tanto, Von Foelkersam ingressara na Unidade Brandenburg quando esta foi criada, em 1939, como um calmíssimo batalhão no qual os que falavam línguas estrangeiras e os

especialistas voluntários podiam alistar-se. Nos primeiros meses êles foram usados em tarefas secretas e perigosas; então, à medida que o batalhão crescia, primeiro a regimento e depois a divisão, os generais começaram a empregá-los em missões de rotina da linha de frente. Desta forma, jovens alemães, inteligentes e especializados, homens que tinham viajado ao exterior e falavam línguas ocidentais, estavam sendo desperdiçados em ações de rotina nos Bálcãs ou na frenté oriental. Foi por isso que Von Foelkersam e seus amigos entraram para os comandos; chegado a Friedenthal, os dotes que o fizeram chefe do Estado-Maior de Skorzeny roubaram-lhe, infelizmente, muitas oportunidades de entrar em ação na primeira linha. — Adrian era um Junker, porém no melhor sentido dessa desacreditada palavra — explica Skorzeny sucintamente. — De outra forma não teríamos êxito absolutamente. Êle considerava o dever de liderança como privilégio de um nome nobre.

Em 1943, as queixas sobre o emprêgo da Divisão Brandenburg como bucha para canhão e defecções como a de Von Foelkersam amarguravam o gênio do Alto Comando. O que fazer, com toda esta versatilidade pouco militar da massa? Aí apareceu Skorzeny e, indubitàvelmente, o Alto Comando ficou contente com a oportunidade de lançar a criança problema em seu colo. Felizmente êle a acolheu imediatamente.

De volta a Friedenthal — um verdadeiro “vale da paz” depois da turbulência de Berlim e do Covil do Lobo — iniciou-se um vigoroso treinamento. Skorzeny queria o impossível: todos os seus comandos deviam ser pára-quedistas, nadadores, lingüísticos e sabotadores; deveriam saber dirigir — e reparar — tudo, desde uma prensa a vapor até uma locomotiva e assim por diante. Muito cedo êle compreendeu que teria que cortar as roupas de acordo com o tecido disponível e que havia pouco e precioso tempo para bancar o alfaiate. Instantâneos, centenas dêles, tirados em Friedenthal, mostravam Skorzeny na melhor das camaradagens com seus homens; os oficiais podiam ser reconhecidos por sua aparência cansada . — Naturalmentc — disse Skorzeny, quando lhe falaram sobre isto. Preparava seus pobres jovens oficiais para a morte.

A Força SS o informava de que pedisse todo o equipamento que precisasse. Foi enviada uma longa lista; durante semanas não houve nenhuma resposta. Quando o ofício chegou, Skorzeny abriu-o rasgando o envelope: todos os seus pedidos foram aprovados! Mas, veio a última frase, desde que o Major Skorzeny exercia agora as funções de comandante de divisão, êle não podia pedir êstes suprimentos à Força SS; devia tor-nar-se independente.

Radl rugiu com a lógica maluca dos cérebros do quartel-general; no entanto, ràpidamente, tornou-se prático. Por que não? Êste ofício era uma autorização para saquear todos os arsenais e depósitos de suprimento da Europa! Assim pelo menos, podiam usá-lo; situações desesperadas precisam de soluções desesperadas.

Skorzeny, maliciosamente, concordou. Êste foi o início de sua carreira de bandido. Surripiava armas e deixava notas promissórias. Pedia suprimentos emprestados sem nenhuma intenção de devolvê-los; Radl envolveu-se alegremente na corrente de solicitações de suprimentos que êle já tinha recebido, ou citava autorizações inexistentes para requisitar mais.

Começaram roubando equipamentos e chegaram a roubar homens. Gran Sasso tinha dado o sinal verde, em Friedenthal, para as aventuras. Como o comando de Skorzeny incluía elementos das três armas, êle foi assediado por voluntários não somente do Exército, mas também da Marinha e da Força Aérea. Os comedores de fogo, os cavaleiros andantes e os nunca-fazem-nada-certo corriam a juntar-se a sua nova bandeira, todos prontos para marcharem instantâneamente para a boca do canhão — desde que pudessem conseguir uma transferência para Friedenthal. Skorzeny e Radl começaram a "roubar" homens da mesma forma que os contrabandistas de fronteiras roubavam gado; quando chegavam ao santuário de Friedenthal, os mais insubordinados dos descontentes, vindos de outras unidades,

tomavam-se dóceis, tremendo a qualquer palavra, com mêdo de que perdessem sua oportunidade. Radl iludia a perseguição; sua fácil citação de regulamentos tapeava a todos que não se embaraçavam de saída com as galas do formalismo.

Êste período de recrutamento e instrução ganhou mais vida com duas chamadas do Covil do Lobo. A mente de Hitler ainda percorria o terreno da prestidigitação, pois pediu a Skorzeny para arrebatar mais duas figuras internacionais — e foi tudo preparado para isso.

A primeira vítima devia ser o Marechal Pétain, o Chefe do Estado de Vichy, havia tanto tempo em cima da cêrca entre a Alemanha e os Aliados, que ninguém sabia qual seria o seu próximo passo. Hitler inflamara-se com os alarmantes, embora contraditórios, relatórios de seus espiões. Um grupo dizia que o velho estava preparando tudo para levar o seu Govêrno para o norte da África, e lá acertar a partilha com os Aliados. Um segundo grupo alertava que o rival de Pétain em Londres, o General De Gaulle, estava a ponto de causar-lhe dano, porque êle, no fim das contas, pretendia auxiliar os alemães. Hitler ordenou que, fosse o que fosse — é engraçado verificar que tanto os alemães como os Aliados estavam sèriamente confundidos com o enigma de Vichy — Skorzeny devia estar pronto para tirar do palco os principais atores.

Skorzeny foi a Paris com Von Foelkersam; lá recebería suas ordens. Visitaram esperançosos o Hotel Continental, na Rua Rivoli, e o encontraram pululando de oficiais alemães de estado-maior que quase nada sabiam, e as seções da onisciente Polícia SS, em Champs-Élysées, onde sabiam menos ainda. Assim, com a aprovação do Covil do Lobo, êles reuniram alguns milhares de soldados e policiais, prontos para o que desse e viesse. A força era comandada por um General — Skorzeny era major. Quando, finalmente, veio a ordem de seguir para Vichy, o General resolveu

o problema da precedência, nas cercanias da capital de Pétain; desapareceu num albergue célebre por sua cozinha e não saiu mais de lá.

Disseram a Skorzeny que cercasse a cidade sem alarde a fim de bloquear todas as entradas e saídas. Ao receber o sinal de "O lobo uiva", êle entraria na capital e prendería o Govêrno.

Skorzeny tomou as suas providência: foi estabelecido um duplo cordão de isolamento quase em volta de Vichy, mas não muito perto, para não alertar Pétain; uma força de assalto alcançaria os gabinetes do Govêrno em dez minutos. Acompanhado por Von Foelkersam, vagueou dentro do insuspeito parque, deliciando-se com o disfarce de civil e discutindo por trás de xícaras de café com croissants como as tropas irromperíam pelos tradicionais jardins e então, com a captura de uma ponte coberta que ligava os dois hotéis, ocupariam os edifícios principais antes que as tropas francesas recebessem o alarme.

O plano baseava-se em observação de primeira mão — e particularmente na descoberta de que Vichy tinha o hábito da sesta. Skorzeny decidira que — quando o lobo uivasse — marcharia pacificamente para a cidade, às duas da tarde, enquanto todos dormiam; deixou bem claro para a sua pequena força de assalto que não devia haver tiros sem ordem, mesmo que a guarnição francesa atirasse antes. Então esperou. Esperara um mês quando, à meia-noite, foi chamado a Paris e posto em contato telefônico com o quartel-general de Hitler. Ordens, por fim: "Volte a Vichy e fique pronto." Finalmente, ainda a tempo de gozar a licença de Natal, recebeu ordem para cancelar tudo e mandar os seus homens de volta às suas unidades; o único assalto que desencadearam foi para embarcar no expresso de Paris. Pétain foi abandonado para que continuasse a sua enigmática trajetória, completamente inocente sobre os planos de viagem que Skorzeny havia preparado para êle.

“Traga o Marechal Tito — vivo ou morto!” Foi êste o desafio seguinte que lançaram sobre Skorzeny. Aceitou-o deleitado. O chefe de guerrilhas tinha repelido inúmeras ofensivas e seus partisans maltrapilhos estavam imobilizando tropas terrivelmente necessárias em outras frentes. O Alto Comando queria que alguém, fosse quem fosse, até mesmo Skorzeny, retirasse êste espinho iugoslavo de sua carne.

Voou para Belgrado. Onde estava Tito? Cinco relatórios diferentes colocavam o Marechal em cinco diferentes áreas de montanhas. Seguiram-se dias de verdadeiros quebra-cabeças. A única coisa clara era que havia uma guerra de sangrentas represálias na política balcânica, que Skorzeny achou mais obscura que a de Vichy, mais confusa que a de Roma. Da mesma forma que os comunistas de Tito, os alemães ainda supunham combater os realistas do General Mikailovitch, enquanto as forças mistas dos chetniks servos e dos ustachi croatas mudavam de lado e posição numa confusa refrega. As guarnições italianas, abandonadas desde a queda de Badoglio, tinham deposto as armas, que foram alegremente capturadas pelos seus diversos inimigos. O que realmente interessava era a crescente ameaça de Tito com os seus cem mil guerrilheiros de tempo integral, que já mantinham amplos territórios e que podiam atacar quaisquer outros. Tito era a chave de tudo e agora os inglêses estavam providenciando maciços lançamentos aéreos. Os alemães precisavam dar um fim a Tito — imediatamente.

Skorzeny sabia que neste foco de boatos não poderia ter certeza de nada; por isso partiu da capital para Agram, coração do território de Tito, com dois graduados. Dirigindo um Mercedes através de uma área que há meses não via um carro alemão, êle sabia perfeitamente que a metade dos trabalhadores do campo estava pronta para, ao menor aviso, trocar a enxada pelo fuzil. Tinha que tentar passar antes dêsse aviso. Chegaram a um posto avançado isolado nas montanhas de Fruska Gora; durante o almoço o comandante alemão contou arrepiantes historiasse emboscadas além de sua

posição. Até o médico da aldeia era cirurgião honorário tanto dos partisans como dos alemães, disse êle. Quando, finalmente, chegaram a Agram, ninguém queria acreditar que êles haviam viajado de carro desde Belgrado.

Levaram quatro semanas para descobrir a pista de Tito — êle estava em Dvar, na Bósnia Ocidental, com uma missão militar inglêsa. O seu quartel-general secreto estava localizado numa caverna, na encosta de um rochedo, de onde dominava a cidade e todas as vias de acesso.

Skorzeny pretendia furar o bloqueio com homens disfarçados em partisans e destacou Von Foelkersam para informar o General que comandava nominalmente a área de Dvar. O General foi extremamente frio. A razão apareceu um ou dois dias depois: um agente iugoslavo de Skorzeny informou que o General tinha os seus próprios planos para atacar a base de Tito, o que ficou desvendado nos dias que se seguiram, por causa dos aviões que fizeram um reconhecimento da área de Dvar.

Skorzeny telegrafou para o General que, como os seus agentes já conheciam a operação iminente, era bem provável que os partisans também o soubessem; se Tito fugisse desta vez, não seria fácil encontrá-lo de novo. Skorzeny estava pronto a pôr-se sob as ordens do General — poderiam trabalhar juntos.

O General, porém, não concordou, e agiu como se Skorzeny fosse um rival. Para uma tarefa qúe exigia um escalpêlo êle trouxe uma marrêta — invasão aeroterrestre, em grande escala, do vale do Dvar com bombardeiros, pára-quedistas e planadores. A martelada falhou, é claro. Tudo que os alemães capturaram foi um uniforme vazio com estréias de ouro bordadas. O Marechal tinha partido, mas os partisans ficaram para trás para oferecer o

que tinham de melhor: a infantaria alemã teve que lutar através das montanhas para resgatar os sobreviventes do General.

A próxima vez que ouviram falar de Tito, êle estaria numa ilha de Vis, ao largo da costa adriática da Iugoslávia. Skorzeny queria fazer uma investida através dos estreitos, mas, nessa ocasião, encontrava-se enterrado até as orelhas em outras missões.

“Armas Secretas”, por exemplo, palavras que soavam tão exotèricamente, mas que, muitas vêzes, nada mais eram que simples improvisações, entraram no escopo de suas atividades. No mundo subaquático, o indivíduo ainda era rei: um homem sozinho podia deslizar sob a guarda de milhares de outros dentro de barcos blindados, podia atravessar rêdes, campos de minas, telas de radar e cumprir sua missão. Isso exigia nervos que transcendiam a tudo que Skorzeny tinha encontrado na guerra terrestre.

Os submarinos-mirins da Alemanha ainda estavam em seu estágio inicial, por isso Skorzeny ficou contente em tomar conhecimento de experiências italianas de ataques subaquáticos em Gibraltar e Alexandria, onde a ordem de batalha da Armada britânica do Mediterrâneo foi cortada, num momento crítico, pelos ataques nos portos ao Queen Elizabeth e ao Valiant. Depois do colapso da Itália, o seu famoso chefe dos submarinos-mirins, o Príncipe Valério Borghese, juntou-se ao novo Govêrno de Mussolini, no Norte, com toda a sua unidade. Êle passou a trabalhar intimamente com Skorzeny no desenvolvimento de novos artifícios, como velozes lanchas, cheias de explosivos, que ejetavam o piloto no exato momento antes do choque.

Mas, se com o correr da guerra, a Armada alemã ficou encurralada nos portos pelo poderio aliado, o mesmo não aconteceu com muitos marinheiros. Os melhores dêles passaram para uma força de comandos

marítimos, dirigida pelo Almirante Heye, que se deliciou em estudar "armas secretas" com Skorzeny. O Nigger foi um dos melhores resultados da sua colaboração. Para construir um Nigger, basta retirar a carga de um torpedo, colocar uma cúpula de vidro para o piloto e adaptar mecanismos de controle — e prender um segundo torpedo (com toda a carga) debaixo do primeiro. O piloto liberaria o torpedo vivo e desviar-se-ia para lònge do alvo — e da explosão que se seguiría. Vinte Niggers foram lançados contra a cabeça de ponte da Armada aliada em Anzio, ao sul de Roma: quatorze pilotos voltaram a apresentar-se a Skorzeny. Contra uma perda de seis homens, êles danificaram um cruzador, afundaram um segundo navio de guerra e danificaram ou mandaram para o fundo seis mil toneladas de navios mercantes.

Logo os Niggers foram lançados no Canal e no Mediterrâneo. O inimigo veio a conhecê-los e cúpulas de vidro foram postas flutuando; quando os canhões aliados atiravam naquela direção, os verdadeiros Niggers atacavam de outra. Eram essencialmente armas para a surprêsa: toscas e primitivas, mas eficientes por serem a invenção do momento e por poderem ser substituídas ou adaptadas tão logo o seu segrêdo fosse revelado.

Aproximava-se o Dia D para a França. Estudando fotografias aéreas dos portos inglêses, Skorzeny quebrava a cabeça sobre uns contornos desconhecidos — nunca imaginou que fossem peças de um quebra-cabeças que, quando montadas na Normandia, tornar-se-iam portos pré-fabricados. Êle foi mais perspicaz na sua estimativa dos lugares de desembarque: os escolhidos pelos aliados estavam entre os dez que êle selecionara após um estudo das cartas navais. Planejou o seu próprio "comitê de recepção" e moveu céus e terra para conseguir a aprovação do seu esquema. Comandos aquáticos saudariam os aliados com novos inventos — aviões controlados pelo rádio, explosivos enterrados nas praias — havia toda sorte de idéias engenhosas que podiam tirar o equilíbrio do invasor num momento bem crítico. Quando a decisão chegou, Skorzeny verificou que tinha batido a cabeça contra a imutável fortaleza do quartel-general.

O seu plano, no qual todos, em Friedenthal, trabalharam horas e mais horas, foi elogiado com têrmos calorosos: era computável a seu crédito, merecia todos os louvores. “Mas”, acrescentou o Comando da Frente Ocidental, em Paris, “como o Führer disse que a fortaleza do Atlântico é invulnerável, e como os preparativos que o Major Skorzeny propõe podem sugestionar as tropas, dando-lhes um testemunho de que há algumas dúvidas a respeito, o esquema não pode ser aprovado, seja no todo, seja em parte”.

Os desembarques foram enfrentados por forças regulares numa bem regulada ordem de batalha. Seguiu-se uma grossa pancadaria; os aliados bateram mais forte. Em poucas semanas a crosta foi quebrada: Paris estava aberta — e, em Friedenthal, tentavam engolir os seus pressentimentos a respeito da guerra. Os generais alemães, argumentavam êles, ainda deviam ter alguma coisa escondida dentro da manga, alguma surprêsa especial.

Alguns tinham.

# VII.

*No dicionário do soldado não existem os têrmos "traição e "conspiração contra o Estado". Êste é o pior dilema que um soldado pode enfrentar.*

*General Halder, perante o Tribunal de Nüremberg.*

*Deixem que os cães se devorem.*

*Winston Churchill*

*Concordo que, infelizmente, os Aliados reduziram as conspirações alemãs contra Hitler. Isto foi uma verdade, tanto no meu como no seu país.*

*Allen W. Dulles, Chefe da Agência Central de Informações dos EUA, numa carta ao autor, em maio de 1953.*

Os ACONTECIMENTOS DE 20 DE JULHO DE 1944 — Dia da Infâmia, no calendário nazista — estão gravados na mente de Skorzeny como um modelo de confusão. Não fora seu papel acidental no caso, êle poderia estar inclinado a supor que todo o fato, em seus caóticos detalhes, tivesse sido orientado pelas mãos de um mestre. Rememorando o fato, Skorzeny ainda hoje se sente como um homem perdido dentro de um filme de far-west que

descrevesse um antro de jogo, com apostas altíssimas, e alguém, subitamente, atirasse nas luzes.

Às doze horas dêsse dia, seis semanas depois do desembarque aliado na Normandia, um grupo de oficiais de estado-maior, completamente calado, esperava notícias do Ministério da Guerra — e não da frente de combate. Estavam na sala do General Olbricht, Chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa Territorial, como se fossem almas aguardando o Julgamento Final. Só tinham ouvidos para o telefone: o soar de sua campainha no próximo minuto, em uma hora, em duas horas, poderia ser o sinal para a revolução.

Doze e trinta. A bomba, com toda a certeza, já teria sido colocada. Treze horas: nada importava a não ser êsse telefone. Quatorze. . . Quatorze e trinta.

Às quinze e trinta o telefone tocou: — "Quem? Quê? Êle está morto!" Tinha acontecido finalmente. Tinha dado certo. Os homens na sala sabiam exatamente o que fazer. "Plano Valquíria!" ordenou o General Olbricht. Os outros saltaram a essa ordem, exultantes em seu desabafo. Dentro de segundos o nome do código Valquíria partiu de Berlim, cruzando rápido a Europa. Em Paris, Viena, Munique, Bruxelas, em todos os quartéis-generais, em todos os países, estavam sendo abertos envelopes, ordens lacradas, que somente poderíam ser abertas mediante ordem, estavam sendo lidas.

Valquíria determinava ao Exército que realizasse a prisão de todos os chefes do Partido, a começar pelo Dr. Goebbels, o dono de Berlim, a captura da Capital pelas Forças de Defesa Territorial. Significava a transferência do poder para um Govêrno de rendição e o fim imediato da guerra.

Os homens que tinham esperado pelo telefone iniciaram suas tarefas com triunfante confiança. Havia muito o que fazer. Ora, não estava Hitler morto?

"Hitler morto?" Desde o meio-dia esta assustada pergunta estava sendo sussurrada na Capital. Skorzeny estava lá e a ouvia, mas êle sempre deu pouca atenção aos boatos de Berlim, Estava ocupado, de partida para Viena, onde havia uma nova e interessante tarefa; além disso, antegozava a volta a seu lar, especialmente em pleno verão, quando a Áustria estaria mais bela. Na companhia de Karl Radl ocupou um vagão reservado; ambos estavam de bom humor, enquanto o trem atravessava ruidosamente os subúrbios.

"Major Skorzeny, Major Skorzeny!" Tinha chegado à última parada antes de deixar Berlim, e era o seu nome que estava sendo chamado. Um ofegante oficial subalterno assomou à janela. Ordens para regressar imediatamente. Precisavam dêle no Quartel-General das Tropas SS. Era verdade — alguém tentara matar Hitler.

Ainda incrédulo Skorzeny deixou Radl seguir sozinho, prometendo juntar-se a ele pelo próximo trem. Quando voltava para Berlim, o esbaforido mensageiro disse-lhe que Hitler tinha sido ferido por assassinos. Unidades blindadas estavam se deslocando para a Capital. Ordens conflitantes estavam chegando de toda parte. Ninguém sabia quem estava no comando, o Exército e as SS podiam ser destruídos. . .

No Quartel-General do Serviço de Informações da SS encontraram o primeiro quadro do pânico. Um grupo de burocratas fardados estava postado na entrada; alguém tinha posto pistolas em suas mãos e lhes dito para barrarem o caminho. Skorzeny reuniu os burocratas num porão;

deviam aprender a manejar as armas antes de usá-las, disse êle — e trancou-os lá.

Em cima, êle encontrou quem tinha fornecido as armas: o jovem Walter Schellenberg, seu mentor na técnica de gôta-à-gôta. Agarrando-se à manga de Himmler, Schellenberg tinha-se tornado Chefe de Informações, um cargo de dignidade e poder de que desfrutaria alegremente até que aquela crise tivesse passado. Com os adornos prêto-e-prata de brigadeiro da SS, encontrava-se sentado em sua mesa, atrás de um revólver carregado . — Se vierem me buscar, estarei pronto — explodiu êle. — E me defenderei, pode ficar certo disso.

Skorzeny perguntou o que sabia êle. Muito pouco; tudo o que tinha certeza era que a morte de Hitler tinha sido anunciada e, a seguir, desmentida. A notícia viera do Quartel-General das Forças do Interior, no Ministério da Guerra e o desmentido fora do Alto Comando, no Quartel-General de Hitler. Havia rumores de choques em Berlim, de marchas e contramarchas, como se poderia saber no que acreditar?

Não seria, pensou Skorzeny, esperando atrás de uma mesa que "êles viessem". Inicialmente telefonou para Von Foelkersam determinando o alerta de todas as suas unidades e o envio rápido de uma companhia para guardar o edifício do Serviço de Informações das SS. Então saiu para as ruas, para ver o que poderia descobrir.

Desceu a Wilhelmstrasse, que parecia tão sem vida como qualquer quarteirão do Govêrno, na paz ou na guerra, após as cinco horas da tarde. Schellenberg balbuciara algo sobre blindados se deslocando contra os Ministérios; decidiu pegar o touro pelos chifres e rumou para o Grande Quartel-General das Forças Blindadas, mas, ao voltar-se para essa direção,

achou a avenida de acesso aos Ministérios barrada por tanques. De que lado estavam? Saberíam êles próprios? Skorzeny se pôs de pé no carro em movimento e lhes insinuou que estavam do mesmo lado e que a sua presença era esperada. Os homens dos tanques fizeram-lhe continência e deixaram-no passar: entrou.

Rapidamente se dirigiu ao Gabinete do Comandante, General Bolbrinker, mas êste também estava completamente perdido. O Ministério da Guerra dissera-lhe para trazer suas unidades blindadas diretamente para Berlim — diretamente — êle o fizera; então lhe disseram para acabar com um motim no quartel das tropas SS; bem, êle estava pronto também para cumprir esta missão; uma comunicação do Alto Comando, no entanto, dera a contra-ordem. Êle acreditava que, na realidade, só deveria receber ordens do seu Chefe, o General Guderian. Mas, com Guderian fora o que iria fazer?

Skorzeny anteviu que, mesmo que apenas um grupo de reconhecimento de tanques fosse enviado ao quartel dos SS, enquanto Berlim estivesse com tropas em sua volta, isto seria o bastante para iniciar o tiroteio. Além disso, logo escurecería, o que aumentaria a confusão . Era melhor que procurasse acalmar o perturbado Bolbrinker.

— Não faça nada, no momento — aconselhou êle. — Vim agora mesmo do Serviço de Informações dos SS e não há nada lá. Se o senhor quiser, irei agora ao quartel dos SS e poderei informá-lo se há algum cheiro de motim por lá.

Bolbrinker aceitou com alívio esta idéia. Chegando ao quartel das Forças SS, Skorzeny viu que ninguém se tinha amotinado nem recebera ordens para intervir onde quer que fosse; assim, com a promessa do Coronel de

nada fazer precipitadamente, telefonou para o General Bolbrinker avisando-o de que poderia recolher seus tanques.

Que outras unidades podiam ter recebido ordens inflamadas? O pensamento de Skorzeny saltou para as tropas aeroterrestres; êles também estavam aquartelados na Capital. Afastou-se para vê-los no seu centro, à beira do lago. Tudo parecia em paz; todavia, se chegasse um chamado do Ministério da Guerra, que parecia ser a origem do mal, havia um número suficiente de ousados pára-quedistas, capazes de, sob as ordens de jovens oficiais de cabeça quente, lançarem-se sobre Berlim e apanharem-na pelas orelhas. Seu comandante precisava ser avisado — mas não foi encontrado.

Eram nove e trinta quando Skorzeny conseguiu encontrar o General Student. O vencedor de Creta e de Rotterdam, cujas ordens ele desobedecera ao fazer a aterragem forçada no Gran Sasso,“ nada sabia do corre-corre de Berlim. Sentado no terraço de sua casa, em vestes caseiras, folheava pilhas de memorandos, enquanto sua esposa bordava; formavam juntos um quadro de paz suburbana sob uma lâmpada de leitura.

No meio da narrativa do seu visitante, Student atirou-se para trás em sua cadeira de vime. — Conspirações e motins? — gritou êle. — Meu caro Skorzeny, você deve estar sonhando — o líder da arma mais moderna da Alemanha recusava-se a acreditar que algo tão irregular pudesse acontecer. Nem se abalaria a avisar os seus destacamentos em toda a Europa para que só recebessem ordens suas; isso seria demasiado fora do normal. Somente depois de muita argumentação, o General pôs os pés na terra — e então o telefone tocou.

Era Goering; o Marechal chamava do Covil do Lobo. Skorzeny podia ouvir sua voz arfando de excitação: — Conspiração para assassinar Hitler... O

Ministério da Guerra ficou louco. Estão todos metidos nisto até o pescoço.

Goering disse que ninguém devia acatar as ordens das Forças de Defesa Territorial; eram traidoras; somente o Alto Comando devia ser obedecido. As tropas aeroterrestres deviam ser mantidas onde estivessem. — Era muito importante manter a calma — berrou o Marechal, — a não ser que quisessem uma guerra civil.

Deixando um derrotado Student a avisar, um por um, todos os seus batalhões, Skorzeny voltou ao Quartel-General do Serviço de Informações dos SS, onde encontrou Schellenberg protegido pela companhia recém-chegada de Friedenthal. O magro e elegante General-de-Brigada parecia mais do que nunca um fantasma, pois Himmler acabara de telefonar dando-lhe ordens para prender Canaris. O Almirante Canaris, o primeiro chefe do Serviço de Informações Militares, ter que ser prêso! Bem, claro que ele tinha que fazê-lo, mas não sozinho; Skorzeny devia dar-lhe uma guarda pessoal: um oficial e, no mínimo, dez homens; pensando bem, êle gostaria de um pelotão inteiro.

Como Canaris, apesar do seu formidável passado, tivesse caído do poder há meses, e fosse sabido que, então, a única guarda de sua casa era uma porção de dachshunds, Skorzeny sugeriu que um único oficial devia ser mais que suficiente para ajudar a prendê-lo; Schellenberg, procurando força no contato com o seu revólver, saiu noite adentro para trazer Canaris.

Agora, que tudo estava acabado, Skorzeny julgou que podia seguir para juntar-se a Karl Radl em Viena. Mas, não; o Quartel-General de Hitler chamava-o pelo telefone. Êle devia reunir rapidamente todas as tropas que tivesse, “para auxiliar o Major Remer do lado de fora do Ministério da

Guerra". Foi a primeira ordem que Skorzeny recebeu desde que fora chamado de volta a Berlim e seria a última.

O Major Remer, pelo que parecia, comandava o Grande Batalhão de Guardas de Berlim. Quando Skorzeny chegou à entrada do Ministério da Guerra, êle se apresentou a si mesmo explicando que já tinha isolado com seus homens todo o grupo de edifícios.

Aqui estava uma outra situação confusa. Algumas horas antes o Major recebera ordens do Ministério da Guerra para ocupar a Chancelaria de Hitler, bem como a sede dos principais ministérios e prender os líderes do Partido. No Ministério da Propaganda, entretanto, Goebbels persuadiu-o a falar com o Covil do Lobo pela linha privada. O próprio Hitler viera ao telefone e aí a banha ferveu. De onde Remer recebera aquelas ordens? O seu batalhão estava pronto para marchar? Então faça-o seguir imediatamente para o Ministério da Guerra e feche aquêle ninho de traidores. Por isso ali estava êle.

Enquanto Skorzeny estava do lado de fora do Ministério da Guerra, houve uma súbita agitação de continências. Ninguém podia sair; então quem era êste figurão que emergia da porta e embarcava no seu carro?

Disseram a Skorzeny que era o General Fromm, Comandante-em-Chefe do Exército de Defesa Territorial; ainda ouviu suas últimas palavras: — Estou indo para casa, agora; você poderá encontrar-me no meu apartamento. — Com um ranger dos pneus, êle afastou-se. Skorzeny e Remer combinaram que, daí para frente, ninguém por mais graduado que fosse, teria permissão para sair.

Postando as suas tropas dentro do pátio do Ministério da Guerra, Skorzeny subiu com Von Foelkersam e um outro dos seus oficiais. Suas botas ecoavam nas silenciosas paredes de pedra; de repente, no segundo andar, caíram numa emboscada. Um grupo de oficiais de estado-maior saltou sobre êles, brandindo armas e pedindo explicações. Ficaram muito aliviados quando souberam que os intrusos vinham em paz e explodiram em explicações de voz alta.

Parecia que a cortina tinha acabado de cair sobre uma cena de fratricídio militar que os deixara tremendo dentro de seus uniformes. Houve assassinatos, suicídios e execuções. O paroxismo já passara, esperavam êles, nunca tinham sabido de coisa igual.

Skorzeny foi de uma sala para outra; em cada uma, a sua chegada assustava um grupo armado com pistolas em mãos inexperientes. Eram os desgrenhados remanescentes do que Karl Radl chamava “o inimigo principal”: a esperta tribo de calças com listras vermelhas que bombardeava provincianos como êle; os arrogantes burocratas que recusavam fornecer suprimentos; os feudatários de bureau que nenhum soldado ousava ofender. Muito pálidos, encaravam-no como se êle fosse um gênio árabe que não podia ser conjurado para a sua garrafa.

Foi de quarto em quarto, de andar em andar. Os telefones tocavam, mas ninguém atendia; os teletipos picotavam mensagens que não eram lidas. Isso vinha acontecendo durante a maior parte do dia, mas Skorzeny ficou chocado de vê-lo. Muitas vêzes êle se irritara porque alguma ordem não tinha chegado através do Ministério da Guerra; agora, que todo o monstuoso enxame estava parado, o fluxo de suprimentos e reforços para toda Europa devia estar caminhando para uma paralisação. A paralisia começaria a surgir a não ser que alguém fizesse reviver o enxame.

Dirigiu-se a alguns oficiais que já encontrara antes e estes admitiram que alguma coisa precisava ser feita; mas o que, e por quem? O Comandante-em-Chefe tinha ido embora. Outros oficiais superiores tinham sido vítimas do. . . bem, do que acabara de acontecer. Há horas que ninguém podia falar com o Quartel-General de Hitler; as linhas telefônicas do Alto Comando estavam sobrecarregadas de chamadas.

Skorzeny interrompeu esta torrente de pretextos para não fazer nada; sabia que ela podia prosseguir indefinidamente. Sugeriu aos oficiais que o cercavam que dessem o exemplo voltando a suas mesas; afinal de contas, nada como agir com naturalidade . Concordaram com o apêlo. Outros oficiais, vendo os primeiros no trabalho, juntaram-se a êles, no retorno à normalidade; pouco depois êles próprios admoestavam os seus subordinados, trazendo-os ao sentimento do dever. Com um sussurro crescente, a colmeia começou de novo a zumbir.

Já agora Skorzeny podia começar a traçar um esboço "do que realmente tinha acontecido". Os oficiais do estado-maior contaram-lhe a maneira como foram levados a ser as involuntárias testemunhas, se não peças acessórias, de um dia de traições históricas — e dos meses que levaram até isso; "simplesmente não tinham a mínima idéia" do que se passava no seu meio. Agora, realmente, os detalhes se uniam. Tudo começara no Ministério da Guerra, com aquêle camarada chamado Von Stauffenberg...

O Conde Von Stauffenberg era uma vassoura nova; para desgosto dos oficiais de carreira, êle fora trazido há alguns meses e imediatamente transformado em braço direito do General Olbricht no gabinete do Chefe do Estado-Maior. Von Stauffenberg ascendera a Coronel na campanha de Rommel no deserto; perdera o braço direito, dois dedos da mão esquerda e a visão de um olho. Todavia, êste era o homem — o único estropiado entre êles — a que os conspiradores escolheram para matar Hitler: nem com uma

pistola êle podia atirar; tinha que ser uma bomba. Von Stauffenberg foi feito oficial de ligação com o Covil do Lobo.

Pouco antes de Skorzeny chegar ao Ministério da Guerra, continuaram êles, o próprio Hitler havia falado pelo rádio para provar que não estava morto. Os que o ouviram disseram que êle classificara o complô como "uma pequena camarilha de traidores". Nada tinha a ver com as Forças Armadas. Os seus ouvintes no Ministério da Guerra já sabiam mais, porque já ficara claro para êles que o jovem Von Stauffenberg tinha sido colocado na sua nova função por conspiradores do Exército que sabiam que isso lhe daria a oportunidade de colocar a bomba no Covil do Lobo .

Toda a espécie de gente, como ficou claro mais tarde, estava enredada na conspiração de 20 de julho, mas os seus principais patrocinadores eram um grupo de oficiais tanto da ativa como da reserva compulsória. Nos cantos dos refeitórios, nas casas e castelos do interior, com os seus cúmplices civis, houve intermináveis discussões sobre o que deviam fazer. Como falavam, estes generais! Alguns queriam assegurar-se de que a guerra não terminaria antes que fossem eliminados os líderes nazistas; outros receberíam bem as derrotas, desde que se livrassem dêles. Uns queriam matar, outros prender o ditador. Alguns inclinavam-se a uma amizade com Moscou — a maioria detestava mais a Rússia do que a Hitler. Se a coisa fosse deixada aos generais, muito provavelmente nada teria sido feito. Foi por pura sorte que encontraram o Coronel Von Stauffenberg, o único homem que conhecia a si mesmo e que não perdería tempo.

Uma vez introduzido Von Stauffenberg no Ministério da Guerra, restava um simples ato de mandá-lo ao Covil do Lobo em missão oficial. Na manhã de 20 de julho veio a oportunidade. . . Êle deixou a pasta de despachos, que continha uma bomba de tempo, debaixo da mesa de conferências de Hitler e abandonou a reunião sob o pretexto de uma chamada telefônica . Alguns minutos depois êle viu o edifício ser lançado para os ares; foi a sua voz

cheia de júbilo que pôs em ação a Valquíria, quando, voltando para o Ministério da Guerra, chamou do aeroporto.

Skorzeny pediu que um oficial lhe mostrasse a sala de Von Stauffenberg. Sua mesa já tinha sido arrombada e todas as gavetas estavam reviradas, mas uma ou duas coisas tinham sido esquecidas. A primeira era uma cópia do Plano Valquíria — o trombeteante nome parecia um escárnio à paixão wagneriana de Hitler — que tinha sido enfiado num arquivo sob o título de Esquema para Defender Berlim de Ataques Aéreos: Von Stauffenberg estava confiante, e com razão, de que êste disfarce o encobriría até que precisasse dêle. O segundo achado era um jogo de salão no qual os peões eram exércitos que se moviam no mapa da Europa de açôrdo com os pontos que o dado marcasse; então era assim que matavam o tempo nos "altos escalões" do Ministério da Guerra!

Skorzeny voltou ao arquivo do Valquíria e ficou novamente assombrado ao ler as suas instruções para a captura dos centros nervosos alemães e para a prisão dos seguidores de Hitler. Durante semanas, cópias dêste comprometedor documento foram classificadas nos gabinetes de toda a Europa como ordens que não podiam ser lidas até ser recebida a palavra Valquíria. Se um simples exemplar tivesse sido aberto antes do tempo, toda a conspiração cairía por terra; mas os conspiradores confiavam — e não era em vão — no rígido cumprimento dos regulamentos.

Desta forma, parecia que o telefonema de Von Stauffenberg tinha posto em funcionamento as engrenagens do caos. O sinal de Valquíria saiu do Ministério da Guerra; a revolução prevista nas ordens existentes imediatamente começou em Paris, Bruxelas e em muitas cidades alemãs que receberam o aviso de que Hitler estava morto e de que um Govêrno antinazista havia assumido o poder. Os postos-chaves tinham sido distribuídos com antecedência: o General Ludwig Beck dirigiría o novo Estado; o Marechal-de-Campo Von Witzleben seria Comandante-em-Chefe

das Forças Armadas; e o General Olbricht, que enviara o executor de Hitler, seria o Ministro da Guerra.

No centro do complô do Ministério da Guerra, o único enigma para os conspiradores era o seu Comandante-em-Chefe, General Fromm. Aqui estava um gato que podia saltar para qualquer lado. Assim, depois de enviarem o sinal de Valquíria, os conspiradores dirigiram-se para o gabinete de Fromm, liderados por Beck e Olbricht; disseram-lhe que Hitler estava morto e que êle podia aproveitar a oportunidade para aparecer como um dos salvadores da pátria. Mas Fromm quis ter a certeza; apanhou o telefone, pediu o Covil do Lobo e, para horror dos conspiradores, conseguiu a ligação.

Mais uma vez um general tinha empacado. O chefe de comunicações do Quartel-General de Hitler, também conspirador, falhara na sua missão de fazer explodir o centro de transmissões e, assim, em poucos minutos, em ligação com Goering, Fromm soube de toda a verdade. Continuara a sorte de Hitler: desfigurado, atordoado e chamuscado pela bomba, que matara ou ferira vinte e quatro outros, êle ainda pudera recobrar os sentidos — e iniciar sua vingança.

No exato momento em que Fromm largou o telefone, Von Stauffenberg irrompeu no Ministério da Guerra, gritando: — Hitler está morto... eu o matei! — o General Fromm retrucou: — Hitler está vivo. Vocês todos estão presos. — A essa altura como não era mais possível qualquer recuo — os conspiradores deveríam ter acabado com Fromm; ao invés disso, êles o trancaram em um gabinete e tentaram encontrar um dos seus parceiros, o General Hoeppner, para assumir o comando-em-chefe. Hoeppner objetou exigindo instruções escritas. Ordens para um motim! Pouco admira que, logo a seguir, com a ajuda de alguns companheiros, o General Fromm pudesse virar a mesa sobre os conspiradores; seus carcereiros não haviam visto que a sala em que o prenderam tinha um telefone: com êle o

Comandante-em-Chefe iniciou a sua própria contra-revolução. Êle deu início a uma série de retumbantes cortes marciais — e execuções — para alijar os conspiradores antes que êstes o implicassem. Foi assim que começaram as execuções que tanto enervaram o Ministério da Guerra.

Espectadores aterrorizados contaram a Skorzeny como Von Stauffenberg, o General Olbricht e um outro oficial foram arrastados para o pátio e colocados ante um pelotão de fuzilamento sob os faróis de um carro blindado. Houvera uma rajada de tiros na sala do Comandante-em-Chefe; explicaram que o General Beck tivera o privilégio de suicidar-se; como, por duas vêzes, não conseguira matar-se, recebeu um coup de grâce por ordem de Fromm. Também ofereceram um revólver ao General Hoeppner; êste, no entanto, agarrado à justiça até o fim recusou-se a ser o seu próprio juiz e carrasco.

Durante êste expurgo privado, a Europa, pela segunda vez no mesmo dia fora lançada no caos. Intermináveis chamadas do Covil do Lobo deram uma meia volta no Plano Valquíria, Berlim recebeu uma torrente de mensagens; à medida que a noite caía, o Ministério da Guerra mais se tornava o alvo das suspeitas de Hitler: devia ser isolado, devia ser eliminado. O General Fromm não esperou. Já tendo eliminado os homens que podiam falar demais, lavou as mãos, fechou a escrivaninha e prosseguiu na sua trilha ambígua, no momento exato em que Skorzeny o viu à saída do Ministério.

Desta forma, no momento o enxame não tinha a sua abelha-mestra, o que acarretou um hiato: um coronel do estado-maior disse a Skorzeny que acabava de receber um pedido de reforços da frente oriental. A ordem estava pronta, mas faltava que o comandante-em-chefe a aprovasse. O que poderia fazer? Skorzeny surpreendeu-se respondendo: — Eu assino em seu nome —, pensava em seus camaradas na frente. O coronel aceitou a usurpação de autoridade por um estranho. Pouco depois era um despacho que precisava da rubrica de Von Stauffenberg — o seu corpo jazia sob uma

lona no pátio embaixo; em seguida uma mensagem errônea que só poderia ser contestada pelo Coronel Olbricht, que também não mais existia.

Ainda não havia uma maneira de chegar ao Alto Comando. Quem respondería por êle se houvesse erros? Fechando os olhos para o que poderia acontecer, Skorzeny decidiu que êle mesmo respondería. Como ninguém mais quisesse ter sobre os ombros o pêso da responsabilidade nesse labirinto de canais de comando ou fechar os elos na respectiva cadeia, êle próprio teria que fazê-lo, e como não havia quem pudesse exigir podêres extraordinários — bem, êle também teria que assumi-los. Pelo menos os homens e as munições seriam mantidos em movimento, e pela primeira vez, com rapidez.

Algumas horas mais tarde, quando conseguiu ligar-se ao Covil do Lobo, a única coisa que lhe disseram foi que continuasse, que eventualmente alguém iria substituí-lo. No dia seguinte foi a mesma coisa; sempre que falava com o Alto Comando despachavam-no com promessas. As ordens continuavam saindo para os exércitos, apenas com o pêso da sua própria autoridade.

Skorzeny só foi substituído a 22 de julho. Nesse dia o foi procurar Heinrich Himmler. A confusão toda estava terminada, disse êle, mas, infelizmente, assumiría o Comando-em-Chefe das Forças Territoriais. Hitler não confiava em ninguém mais.

Quando, caminhando com alguma rigidez, Skorzeny descia as escadas do Ministério da Guerra onde entrara trinta e seis horas antes, sentiu que uma pergunta se remexia no fundo da sua consciência; no momento, porém,

estava demasiado cansado para dedicar-se a ela. Foi diretamente para Friedenthal e meteu-se na cama. Acordou dez horas mais tarde e se pôs a meditar.

Primeiro, o inacreditável; por quase dois dias um soldado não profissional, pode-se até dizer que um intrometido, esteve com o controle absoluto do vasto e complicado aparato do Ministério da Guerra. Ninguém o designara; não apresentara credenciais; apenas se metera em um vazio que se abrira. A "segurança", com toda a sua farsa, não o impediu de assumir a função de comandante-em-chefe, aquela função incômoda que já trocara de ocupante duas vêzes num só dia.

Os pensamentos de Skorzeny foram adiante; suponha-se, agora, que êle fosse aliado dos conspiradores ou de uma potência exterior. Que ocasião extraordinária para mandar para o inferno toda aquela engrenagem! Levaria semanas ou meses para tomar a compor as peças — sempre admitindo que êste intervalo para tomar fôlego fora permitido por um inimigo insensível, ativo e eficiente.

Era aqui que Skorzeny se admirava da inatividade dos Aliados no dia 20 de julho. Bastaria um desembarque aeroterrestre para transformar a confusão em guerra civil. As tropas com que Hitler poderia contar resumiam-se a uma guarnição de três mil homens, a escola de instrução de blindados de Bolbrinker, os dois batalhões de Skorzeny em Friedenthal e alguns gatos pingados, afora os estados-maiores do quartel-general, que êle não levava em consideração.

Mas, se os Aliados foram lentos em obter o seu prêmio, e se os conspiradores lançaram a toalha tão logo se viram frente a frente com a

luta, julho provou, para satisfação de Skorzeny, como, nos momentos de verdadeira desordem, quase qualquer pessoa pode tomar conta de tudo.

O efeito do caso em Hitler não foi superficial como os ferimentos que recebeu. Na vez seguinte que Skorzeny o encontrou êle estava envelhecido; tinha que juntar as mãos para parar seu tremor. Mais que nunca tinha suas explosões de ciúme; não lhe fora assegurado, até o momento da explosão, que nenhum dos generais alemães podia trair seus juramentos? Skorzeny foi avisado de que o Führer não aceitaria conselhos que não exaltassem os seus próprios prejuízos; nenhum relatório que entrasse em conflito com suas crenças. Refutá-lo era obstinação; argumentar era traição. Desde que a unidade do corpo de oficiais alemães tinha-se esfacelado, Hitler via traidores em toda parte; à noite sonhava com êles.

O atentado de 20 de julho, um fracasso sob todos os aspectos, semeara uma insuportável suspeita no cérebro da vítima. Não pode haver uma guerra bactereológica mais terrível do que a doença da dúvida.

# VIII.

*Finalmente estamos face a face com a morte. Devemos renunciar a qualquer esperança de caprichos da sorte. Torna-se necessário o nosso sacrifício até a última gota de sangue. A rendição significaria paralisação e solapa-mento de nossa raça por muitas gerações.*

*Locutor de rádio do Exército Alemão numa transmissão às tropas, durante a batalha da Hungria, em outubro de 1944.*

No outono de 1944, a Europa tremia sob o avanço dos inimigos de Hitler; êles tinham avançado até a fronteira da região do Reno e o limiar da Prússia Oriental. Cidades alemãs jaziam em ruínas; suas indústrias estavam destruídas; as formações de bombardeiros americanos atacavam também durante o dia, aumentando os horrores dos ataques noturnos.

Qual dos invasores chegaria primeiro a Berlim? Essa era a única dúvida; inevitàvelmente, tudo estaria terminado antes do inverno.

O giro da sorte que permitiu a Hitler continuar a luta por mais um ano traz uma lição em um campo de estudos que tem sido negligenciado: a arte de resistir a vacilantes aliados; também nesta tarefa Skorzeny teve uma inusitada atuação.

No dia 10 de setembro, êle foi arrancado do seu trabalho por um chamado do Covil do Lobo. O General Jodl desejava que êle assistisse a uma série de discussões sobre alta estratégia, o que ampliaria a sua visão para uma missão que Hitler lhe reservara.

Apesar da impaciência de Skorzeny por uma tal inatividade, foi um tempo bem gasto. Ficou conhecendo o verdadeiro estado da Alemanha. O cenário no Oeste era demasiado negro; na frente russa a situação era catastrófica. Ao norte a Finlândia tinha-se ido e os países bálticos estavam destroçados. Ao centro, os russos tinham avançado mais de seiscentos quilômetros em um mês; no momento, o Covil do Lobo estava a uma hora de viagem dos canhões. Ao sul, os vencedores de Stalingrado tinham empurrado os alemães mais de mil e seiscentos quilômetros para o interior dos Bálcãs. A Romênia, com seus campos de petróleo, já estava perdida; a Bulgária seria a próxima; os partisans de Tito tinham juntado forças com o Exército Vermelho, na Iugoslávia.

Êste quadro, que a curta distância infundia mêdo em Skorzeny, não abalava a rotina do Alto Comando. Duas vêzes por dia — nem mais, nem menos — uma augusta assembléia permanecia de pé ao redor da longa mesa da sala de operações. Só Hitler dispunha de tamborete, que êle raramente usava, e uma fileira de lápis de cor, todos bem apontados. Cansado, como êle parecia, inclusive pela maneira de falar, sua memória de arquivo gravava todas as unidades da frente; assim que aparecesse uma nova brecha êle chamaria reservas ou deslocaria forças de uma frente para outra. Como, agora, um revés se seguisse a outro, o desastre em si tinha-se tornado banal e se ajustava às regras. Toda a conversa dos generais era em têrmos de divisões e corpos de exército e, ouvindo os nomes de algumas das unidades que êle conhecia, Skorzeny desanimava. Êle as tinha visto saírem de linha: divisões de infantaria reduzidas ao efetivo de batalhões; divisões blindadas com apenas uma dúzia de tanques de saldo, os quais, sabia, não tinham sido reparados. Aqui, no quartel-general porém, nem se falava dêsses assuntos.

Uma divisão era uma bandeira alfinetada no mapa de situação; desde que as bandeiras lá estivessem tudo devia estar bem — a Ordem de Batalha estava intacta.

Esta era, então, a casa de força da maior máquina militar que o mundo já conhecera. A 20 de julho ele a vira ser deslocada por uma simples sacudidela; uma pequena temporada observando o seu funcionamento explicou o porquê. Muitos dos dentes principais da engrenagem decididamente não se ajustavam; mesmo o chamado Alto Comando só controlava algumas áreas da frente de combate; uma coisa, chamada Estado-Maior das Operações do Exército, tinha usurpado outras. Os oficiais de ligação da Força Aérea e da Marinha faziam poucos contatos com o Exército . Nenhum departamento tinha certeza do que um outro podia estar fazendo e perguntar era um convite a represálias: aliás, tinha sido sempre assim.

Quando Hitler se afastava, deixando o mapa de situação coberto de raivosas curvas e flechas, os generais descansavam. O vermute acendia uma sociável centelha. Haverία murmúrios: “Realmente, não há muito do que falar! É sempre a mesma coisa. ”

Nada agitava a superfície desta serenidade imbecil, exceto os freqüentes acessos de mau humor do Führer. Skorzeny lembra um dia em que a sua entrada era aguardada com peculiar ansiedade. Hitler se dirigiu ao seu lugar e atirou os lápis de cor no chão: nenhum mapa seria assinalado hoje. Em seguida Jodl e Keitel foram acusados de tentar colocar uma venda em seus olhos. O que estava acontecendo na Polônia? Sabia-se que o exército subterrâneo tinha vindo a céu aberto e transformado Varsóvia em campo de batalha. Ninguém no Alto Comando ousara dizê-lo a Hitler; todos esperavam que a confusão pudesse ser resolvida antes que êle viesse a saber; agora êle tinha descoberto! Skorzeny desejou, sinceramente, que estivesse de volta em Friedenthal.

Por fim, uma tarde, Hitler fêz-lhe um sinal para que permanecesse depois da reunião. Sentaram-se num grupo de poltronas com Keitel, Jodl, Ribbentrop e Himmler. Ribbentrop tinha o olhar acuado — era evidente que o Ministro das Relações Exteriores tinha sido "mandado chamar"; como a sua trama de estados títeres e reinos de brinquedo tinha entrado em colapso, êle iria servir de bode expiatório na cena seguinte.

Hitler iniciou com uma arenga sarcástica. Tinha novidades para todos, disse êle; finalmente a estupidez dos generais tinha sido ultrapassada; os seus diplomatas tinham ido mais longe; tinham entregue à Rússia o único aliado que sobrava; tinham derrubado o último baluarte; provavelmente tinham-lhe feito perder a guerra.

Ribbentrop permaneceu pálido e calado durante êste intróito, Keitel e Jodl estudavam o teto. Somente Himmler mantinha-se natural. Enquanto a sorte dos outros se extinguia a sua estréia subia: suas feições estavam compostas em uma máscara de completa virtude.

Hitler prosseguia. O último aliado era a Hungria. Se a Hungria se fosse a Alemanha cairia — não havia alternativa. A Hungria era, no momento, quase que sua única fonte de petróleo, de cereais e da bauxita para o programa de aviões a jato. Mas a economia não era tudo; o colapso da Hungria isolaria setenta divisões da frente de combate mais importante. A Itália e a Grécia, tudo o que sobrava da Europa ocupada, seriam completamente cobertas dentro de uma semana. O Exército Vermelho se derramaria sobre a Áustria, através das planícies do Danúbio.

Skorzeny sabia que não havia nenhuma outra linha de defesa a recorrer, mesmo quando Viena fôsse atingida; de seu país, os russos entrariam Alemanha adentro; a guerra devia terminar em questão de semanas.

Apesar disso, êle não podia entender o extremo pessimismo de Hitler. A Hungria não parecia estar em perigo tão premente. Seus exércitos estavam lutando bravamente nos Cárpatos e havia um milhão de alemães para ajudá-los. Juntos, mantinham a cadeia de montanhas que tinha defendido a Europa durante séculos. Por que iria a Hungria cair?

A Alemanha estava sendo traída, continuou Hitler a explicar, por alguém fora do seu alcance. O Almirante Horthy, Regente húngaro, era um traidor da causa. Êle negociara com o inimigo. Primeiro procurou furtivamente os inglêses; disseram-lhe para tentar Moscou, já que era o Exército Vermelho que fazia face às suas tropas. Agora Hitler soubera que Horthy estava para abrir a estrada para Budapeste — placa giratória de todas as comunicações alemãs no Sul — a estrada para Viena e Berlim.

Os olhos de Skorzeny voltaram-se para o mapa da Europa Meridional: um arco de bandeiras — dezesseis ao todo, cada uma designando um exército russo — estava fincado junto ao contôrno em forma de ferradura que formava a fronteira oriental da Hungria; isso significava um total de cento e vinte divisões inimigas ao longo dos Cárpatos. Se as reprêsas que as continham cedessem, a onda da maré russa se espalharia pela planície do Danúbio; as primeiras a serem engolfadas seriam as tropas alemãs, um milhão de homens para os quais não poderia haver nenhuma Dunquerque.

Hitler dirigiu-se diretamente a êle: — O senhor, Skorzeny, tratará dêste Almirante Horthy.

O plano que Hitler esboçou era ao mesmo tempo formidável e delicado. Skorzeny devia arrancar o ferrão de Horthy, mas não até o ponto de trazer todo o ninho de vespas sobre as suas orelhas. Enquanto os húngaros pelo menos aparentavam amizade, Skorzeny poderia movimentar-se à vontade pelo país e fazer os seus planos.

Começou a parecer um eco da missão de Mussolini, exceto que, desta vez, o clímax não seria atingido num remoto pico alpino, mas sim no coração de Budapeste. De um só golpe, disse Hitler, deviam ser derrubados o Regente em seu castelo e o seu Governo. O Almirante Horthy estava preparado para o pior — e Skorzeny, particularmente, precisava saber que, desde a ação do Gran Sasso, êle tinha tomado precauções para não ser raptado . Não havia lugar para meias medidas — o Castelo teria que ser tomado de assalto.

Depois foi a vez de Jodl falar. Hitler já mencionara as idéias do Estado-Maior Geral quanto a um ataque aeroterrestre; para isto forneceríam um esquadrão de planadores, dois batalhões de pára-quedistas e um batalhão de elite composto de cadetes. Skorzeny disporia também de um avião especial do Esquadrão do Führer, para o seu próprio uso — nada era demasiado para êle nesta oportunidade.

Antes de ouvir o entusiasmado adeus do seu senhor: — Lembre-se, Skorzeny; conto com o senhor — recebeu das mãos de Hitler uma folha de pergaminho. Encimado pela águia alemã e pela Cruz de Ferro ambas douradas, lia-se:

*Do Führer e Chanceler do Estado.*

*O Major Skorzeny recebeu de mim, diretamente, importantíssimas ordens secretas e pessoais. Todo o pessoal militar e civil deve auxiliar o Major Skorzeny de tôdas as formas possíveis e dar andamento a todos os seus pedidos.*

*(Assinado) Adolf Hitler*

Aqui estava a confiança em pessoa: Hitler pusera-lhe nas mãos uma alavanca que podia ser usada para virar a Alemanha de cabeça para baixo. Quem ousa duvidar da sua autoridade ou negar qualquer coisa ao seu portador? Os escritores de ficções de guerra jamais produziram algo tão simples.

Skorzeny pôs de parte o papel. Êle não gostava de exigir cega obediência; um bom uso das relações de amizade, resolveu êle, trar-lhe-ia mais do que esta força capaz de ameaçar a todos e de mobilizar todo o poder do Estado .

Também, então, sentia-se humilde em face da enormidade da tarefa que lhe fora confiada. Desde a infância de Skorzeny na Áustria, o Almirante Horthy tinha dirigido as marchas orientais do antigo Império Austro-Húngaro, como herdeiro de uma reverenciada tradição e elo de ligação com o Imperador Francisco José, cujo reino fora inaugurado quase um século antes. Embora o Regente ainda não usasse a Coroa de Ferro da Hungria, dizia-se que a cobiçava. Êle já podia declarar, da mesma forma que Luiz XVI, "L’êtat c’est moi". Como derrubar o homem e manter o Estado inteiro?

E, de novo, como Horthy poderia ser alcançado? O Regente vivia como um monarca feudal, acompanhado de ministros e guardas e cercado de tropas, no alto do Morro do Castelo, que dominava toda a Budapeste. Skorzeny, nos seus dias de estudante e, muitas vêzes, mais tarde, havia excursionado àqueles velhos e nobres baluartes. Agora, sem aviso prévio, fora-lhe pedido que os atacasse.

Não foi um comando valentão quem desceu em Budapeste alguns dias depois. Em vez disso, desceu lá, de um avião, um Dr. Wolf de Colônia, que passou pelos hotéis usados pelos oficiais alemães que seguiam para a frente e tomou os seus aposentos numa casa particular.

Em pouco tempo, com um guia na mão, êle gozava o ar do cume do Morro do Castelo e confirmava as suas lembranças sôbre a firmeza do seu granito. Os muros encerravam um distrito com casas nobres, embaixadas, ministérios e quartéis para uma guarnição de milhares de homens. As ruas estavam cheias de. tropas; as sentinelas e as armas estavam bem localizadas; e coroando tudo isso, flutuava no mastro do magnífico palácio, que debruçava sôbre o Danúbio, a bandeira dos Habsburgos húngaros — o Regente estava em casa. Era bastante conveniente êste giro pessoal ao Morro do Castelo; entretanto, levou a conclusões sombrias. Uma força de assalto seria destroçada antes que pudesse galgar a metade da encosta. O uso de artilharia de cêrco somente enraiveceria os exércitos húngaros da frente e os viraria contra os alemães — então os russos poderiam avançar. No Covil do Lobo haviam sugerido tropas pára-quedistas — Skorzeny verificou que o único local de aterragem nas proximidades estava rodeado por edifícios; uma descarga de canhões seria assestada sôbre eles, antes que pudessem livrar-se dos pára-quedas. Skorzeny notou o nome que Beadeker dera a êste espaço: “O Campo de Sangue”.

Olhando para a cidade que se espraiava abaixo, Skorzeny decidiu que o seu assalto devia ser baseado num conhecimento mais claro das intenções húngaras: o primeiro forte a ser penetrado era o cérebro do Regente.

O Almirante Horthy estava se conduzindo estranhamente. Êste autocrata arrancara o poder das mãos de um regime comunista, em 1919, e, desde então, mantinha o país com a mão de ferro — como poderia êle pensar em se passar para Stalin? A Hungria seria outra vez bolchevizada; o Regente seria muito feliz se conseguisse salvar o seu pescoço, caso deixasse os russos entrarem.

A resposta a êste enigma surgiu de uma série de conferências em Budapeste — todas elas com muitos assistentes, levando em conta o segrêdo que deveria cercar a missão de Skorzeny. Os diplomatas alemães do Morro do Castelo, que não haviam conseguido manter a lealdade de Horthy, os militares e os chefes de informações alemães, os espiões húngaros a soldo dos alemães — todos tinham a ocasião de falar nas confabulações.

Só havia uma coisa em que todos concordavam: Horthy estava sendo influenciado por seu filho Nicholas, um playboy com os seus trinta anos, visto constantemente nos cabarés de Budapeste, mas também muito ativo nas manobras políticas da Capital. Designado, havia pouco, sucessor do Regente, Nicholas fora persuadido pelos intermediários soviéticos de que a dinastia poderia sobreviver dentro da órbita russa. A mesma garantia fora dada, nessa época, a outros governantes. O Presidente Benes, o Rei Miguel da Romênia e o Rei Pedro da Iugoslávia, achavam-se entre êles. Embora Horthy tivesse engolido a isca soviética, acreditava-se que ninguém soubesse disso. Os húngaros e os alemães encontravam-se diariamente na cidade ou no Morro do Castelo, onde a Embaixada de Hitler ocupava um lugar de honra entre palácios do Govêrno; êles jantavam, almoçavam e bebiam à causa comum. Nos pátios da estrada de ferro de Budapeste as composições alemãs faziam enorme barulho dirigindo-se aos Cárpatos,

onde as divisões germânicas misturavam-se com seus valentes e devotados aliados.

Entretanto, ambos os lados conspiravam furiosamente, debaixo dessa máscara de amizade. Os alemães descobriram que o Comandante-em-Chefe da frente húngara, General Miklos, havia-se encontrado com comandantes do Exército Vermelho nos Cárpatos; o destino de milhões de alemães que estavam lá era o artigo de venda dêste comércio. Quando tudo estivesse acertado, a notícia de paz seria lançada sôbre os alemães tão abruptamente como o armistício italiano, no ano anterior, tinha sido atirado em cima dêles.

Skorzeny cedo verificou que os húngaros estavam completamente armados contra a surprêsa. No Morro do Castelo todos os degraus estavam preparados para a ação; novos canhões e campos de minas estavam sendo lançados. O desamparado posto avançado alemão no Morro, a Embaixada, estava ostensivamente cercada.

De hora em hora pioravam as notícias da Frente Sul. Trinta divisões romenas e búlgaras, que vinham lutando ao lado de Hitler, viraram-se contra êle; se os húngaros também mudassem de lado, certamente haverí a um colapso naquela frente. Algo precisava ser feito imediatamente, mesmo que fosse arriscado .

Foi a essa altura que um agente, que conseguira infiltrar-se no círculo de Nicholas Horthy, trouxe a notícia de um novo ciclo de parlamentações para a rendição processando-se na própria Budapeste. Aqui, as pretensões soviéticas eram defendidas por um grupo de iugoslavos — o Marechal Tito, no momento, tinha a confiança de Stalin — e nessa mesma tarde os dois grupos iam encontrar-se numa propriedade fora da Capital. O próprio

Nicholas Horthy estaria lá. Era uma ótima ocasião para apanhar o "príncipe herdeiro" que estava de mãos dadas com os vermelhos: então, frente a frente com as provas de culpa, certamente que o Almirante Horthy desistiría de seu jogo duplo.

Skorzeny estabeleceu um cordão em torno da casa; o carro de Nicholas chegou na hora certa. Os alemães já iam lançar-se contra a presa, quando saíram do carro, não só Nicholas, mas também o seu pai. Skorzeny tinha sido alertado para que evitasse um choque direto com o Regente; desgostoso retirou os seus homens.

O encontro deve ter sido frutífero, pois, durante êle, foi marcada uma reunião final no domingo seguinte, 15 de outubro, para dar início ao pacto de rendição. Desta vez Nicholas iria sozinho, mas com uma grande força à disposição. O encontro não seria na propriedade isolada, mas em um escritório de segundo andar, numa praça perto do Danúbio.

Os alemães estabeleceram suas contramedidas. Encontraram quartos para alugar no último andar do edifício; quatro agentes foram para lá com ordens de irromper na reunião, cinco minutos depois da chegada de Nicholas. Ao mesmo tempo outros alemães, na rua, lançar-se-iam escadas acima para fechar a armadilha sobre os conspiradores.

Era uma manhã brilhante de outono quando os grupos rivais prepararam suas entradas numa moderna ópera bufa húngara, com balas em vez de flores quando caísse o pano. Skorzeny seguiu sozinho em seu disfarce de Dr. Wolf. A praça próxima do Danúbio apresentava um aspecto vazio e dominical, mas dois veículos húngaros estavam estacionados em frente do edifício: um caminhão do Exército com toldo de lona e um carro que Skorzeny reconheceu como sendo o de Nicholas Horthy. Parou seu carro

logo à frente dêles; em seguida desembarcou, abriu o capô do auto e começou a mexer no motor. A lona de trás do caminhão foi erguida por uma mão curiosa; Skorzeny viu lá dentro três oficiais húngaros com uma metralhadora. Dois outros oficiais passeavam com excessiva indiferença nos jardins da praça. A conferência tinha começado; a guarda de Nicholas estava a postos.

Os amigos de Skorzeny também estavam prontos para os seus papéis. O seu motorista e um dos seus graduados recostavam-se num banco do parque. Na esquina da praça mais dois dos seus confederados preparavam-se para entrar em cena: dois homens da polícia militar do Exército alemão que se aproximavam com passos bem descansados. Passaram por Skorzeny e trocaram uma dramática piscadela — e, como um relâmpago, lançaram-se escada acima no edifício dos conspiradores.

A armadilha fora acionada.

Os húngaros, porém, mantinham severa vigilância. Antes que Skorzeny pudesse mexer-se, fizeram fogo do caminhão com toldo de lona; o segundo policial alemão voltou-se da soleira do edifício e rolou pelos degraus de pedra até a calçada. Skorzeny arrastou o homem para trás do carro; imediatamente as balas de metralhadora começaram a delinear uma tatuagem no automóvel.

Os vagabundos que estavam no jardim apressaram-se em se aproximar. Atirando da altura dos quadris os húngaros correram a reunir-se aos seus companheiros do caminhão coberto; os que descansavam no banco do parque correram a toda velocidade para auxiliar Skorzeny. Seu motorista foi ferido na coxa no momento em que se deitava a seu lado; os três alemães tentaram dar um tiro ou outro no caminhão, escondidos atrás do carro de

Skorzeny. Mas eram pistolas contra metralhadoras; uma outra ação fora prevista. Skorzeny escondera Von Foelkersam com uma companhia de soldados numa rua não muito distante. Enquanto se desviava dos projéteis e tentava responder aos tiros soprou três vêzes um apito e, num minuto, ouviu o tropel de suas tropas que vinham correndo.

Os húngaros abandonaram o caminhão e correram. Mas, em lugar de procurarem abrigo na casa dos conspiradores, fugiram para um edifício das imediações. Skorzeny em seu carro ergueu a cabeça, preocupado. Viu que a segunda entrada estava cheia de tropas húngaras: Nicholas Horthy tinha escondido próximo as suas reservas e, agora, êles saíam em força.

Para atacar primeiro, Skorzeny dirigiu um assalto à casa dos conspiradores. Os alemães, enquanto corriam, encheram de granadas o pórtico vizinho; começaram a cair sobre os húngaros destroços de tijolos, blocos de concreto e pedaços despedaçados de mármore; o restante dos húngaros ficou encurralado pelo outro lado.

Atravessando o umbral da porta da casa dos conspiradores, Skorzeny deu com um grupo que lutava no andar de baixo: os agentes alemães do andar superior tinham invadido o conclave de paz e capturaram o jovem Horthy com mais três homens. Nicholas esperneava e gritava ameaçando vingança. Havia um tapête persa no saguão e, perto, havia um cordão de cortina. Em segundos, o “príncipe herdeiro” foi enrolado, amarrado e metido num caminhão.

— Para o aeroporto — gritou Skorzeny. — Irei atrás — antes de pular para dentro do outro carro parou para determinar a Von Foelkersam que retirasse os seus homens — e não quero mais tiros.

Enquanto tentava alcançar o caminhão que já ia uns cem metros à frente, apareceu uma companhia húngara em fila dupla; atrás dela vinha uma outra e mais atrás uma terceira, todas marchando em direção à praça: os reforços do Regente. De alguma forma êles tinham que ser detidos. Skorzeny dirigiu-se ao oficial comandante: — Parem! Vocês não devem seguir por aí.

O húngaro parou, seus homens estavam logo atrás dêle. — O que é que há? — perguntou. Skorzeny falou durante alguns minutos; então, imaginando que todos os alemães já tivessem saído da praça, afastou-se sem ser perturbado. No aeroporto, viu um tapête enrolado que se mexia, sendo içado para um avião. Com um rugir de motores, Nicholas estava a caminho da Alemanha, como prisioneiro.

Tudo saíra bem até agora. Em troca de alguns peões, uma torre fora retirada do tabuleiro. Só faltava ver como o Almirante Horthy encararia êste revés.

Skorzeny foi para o hotel que servia de quartel-general alemão esperar os acontecimentos. Um chamado telefônico da Embaixada alemã disse que o Morro do Castelo estava em pé de guerra com todas as estradas barricadas e minadas. O Adido Militar tentara descer à cidade e fora mandado de volta. Na gíria diplomática era uma “atitude inamistosa”.

A farsa estava quase no fim. Nesta ocasião o rádio avisou aos ouvintes que se preparassem para receber uma declaração do Regente. Às duas horas da tarde ela veio: uma invectiva contra os seus aliados alemães, terminando com: “Hoje está bem claro que a Alemanha perdeu a guerra... Por isso a Hungria concluiu um armistício preliminar com a Rússia, contra a qual cessará todas as hostilidades . ”

O Regente tinha dado o xeque. Furioso com o rapto de seu filho êle precipitava a notícia do armistício; isso não seria muito ruim se os russos ainda não estivessem preparados para assumir as posições húngaras.

Um general alemão subiu rapidamente os Cárpatos para alijar o Comandante-em-Chefe de Horthy, antes que êle pudesse passar para o lado inimigo — muito tarde; o General Miklos, com alguns oficiais do seu estado-maior, já cruzara as linhas. Mas os alemães ficaram agradavelmente surpresos por encontrarem os exércitos húngaros relutantes sem deporem as suas armas, antes de receberem uma ordem oficial de cessar fogo. Declarações pelo rádio, mesmo dadas pelo Regente, não se enquadravam como ordens.

O Ministério da Guerra húngaro, na confusão, ainda não distribuira mensagem confirmatória — maior razão ainda, disse Skorzeny, para atacar em seguida o Morro do Castelo; se fossem rápidos poderíam, mais uma vez, virar a mesa. Mas como realizar o ataque? Havia quem advogasse a força bruta, principalmente o General-de-Brigada SS Bach-Zelewski, conhecido como um profissional duro: Bach-Zelewski tinha levado para a Hungria um morteiro de vinte e cinco polegadas que tinha sido usado para abrir caminho para a cidadela do Mar Negro, Sebastopol; em luta mais recente, também castigara bastante a cidade de Varsóvia. A única coisa que Bach-Zelewski pedia era carta-branca; com isso reduziría o castelo a pó. Skorzeny manteve-se firme: Hitler queria que a Hungria voltasse a êle e não que fosse atirada nos braços de Stalin.

Os outros alemães estavam indecisos. Bach-Zelewski talvez estivesse querendo ir longe demais, mas o que mais poderia ser feito? Se Skorzeny recusou o desembarque aeroterrestre do Estado-Maior Geral; se, como era óbvio, falharia um assalto de infantaria, o que sugeriríam em troca? Êle

conhecia bem as possibilidades da situação; os alemães tinham menos de uma divisão para enfrentar as três divisões húngaras da área de Budapeste. Até mesmo as tropas de elite que Jodl enviara para o ataque seriam superadas pela guarda pessoal de Horthy, de quase dois mil homens, somente no Morro. Que chances teriam os alemães?

A oportunidade, respondeu Skorzeny, de quem é tão fraco é que os outros abram a guarda. Empregaria todas as forças disponíveis, mas não como êles esperavam. A divisão alemã, ou o que sobrara dela, foi gradualmente cercando o Morro como se fosse para fazer um demorado cêrco. O ataque começaria ao alvorecer. Dois batalhões fariam incursões no perímetro sitiado para distrair e enganar Horthy. Enquanto isso o verdadeiro assalto estaria sendo lançado como se fosse uma adaga introduzida entre as costelas; ou, para ser atualizado no falar, como uma granada daquele novo lança-rojões que liquida um tanque com um único tiro. Bazooka — era isso; um nome em código adequado para êste assalto.

Os oficiais do estado-maior mostraram-se céticos; Bach-Zelewski foi até descortês. O plano de Skorzeny foi finalmente aceito — como sempre — somente pela falta de outro melhor. Por volta da meia-noite, um oficial superior húngaro pediu para parlamentar. Os amigos de Skorzeny concordaram que, embora se tratasse de uma simples manobra para ganhar tempo até que o armistício fosse efetivado, êles deveriam encarar a manobra como esta se apresentava.

O visitante começou se queixando de toda essa atividade militar alemã; a ansiedade de Horthy para uma paz com os russos não excluía, esperava êle, a amizade dos seus velhos aliados.

Por que então, perguntaram os alemães, os seus diplomatas ficaram encerrados no Morro do Castelo? Por que não podiam vir à cidade? Continuavam os cavalheirescos húngaros a respeitar as imunidades diplomáticas? Um Embaixador e toda a sua equipe isolados pela força — era uma coisa inaudita ou pior ainda, era uma descortesia.

O visitante enrubesceu. Skorzeny tomou isso como um esperançoso sinal de que outros, no Morro do Castelo, poderíam ser levados a envergonhar-se por não abrandarem a sua traição com, pelo menos, algumas formas de cortesia. Por isso pediu, como prova de confiança, que a estrada que o Embaixador usava normalmente — a que vinha até o Portão de Viena — fôsse reaberta. A exigência seria feita oficialmente: se as minas e barricadas não fossem levantadas dessa estrada até às seis horas da manhã, a Alemanha "tiraria as conclusões cabíveis".

O húngaro hesitava; os alemães pressionavam com sua argumentação. Admitiam que o Regente — como velho marinheiro — não visse o absurdo de bloquear uma estrada já protegida por fogos cruzados, toda ela coberta pelas armas da guarnição; mas o visitante, um militar, claro que podia sentir isso, mesmo de olhos fechados. Êle devia compreender, também, o valor das concessões nesta intricada situação.

O húngaro prometeu que, pelo menos, tentaria conseguir que os seus desejos fossem atendidos. Protestou que ninguém queria ser injusto com os alemães, enquanto fôsse mantida a paz. Então, com uma maneirosa despedida, êle mergulhou dentro da noite.

Ótimo até agora, mas fôsse o que fôsse o que os húngaros decidissem, o plano Bazooka devia prosseguir. Skorzeny reuniu os seus oficiais para explicar-lhes o plano. Depois, meia hora antes do amanhecer, as unidades se

deslocaram silenciosamente para os acessos ao Morro do Castelo. Todos os homens foram individualmente alertados: “Não abra fogo. Trave sua arma. Aconteça o que acontecer, não atire antes de receber ordem de um oficial.”

A coluna partiu na obscuridade que antecede as madrugadas de outono. Dir-se-ia que não estavam indo para um combate, e sim que se tratava de um desfile, em ordem de marcha. Outra vez com o seu uniforme, Skorzeny assumiu a liderança num carro de comando, com cinco graduados a seu lado; todos levavam lança-rojões e um punhado de granadas prêsas ao equipamento.

Quatro tanques Pantera o seguiam; tinham sido tomados por empréstimo quando seguiam para a frente russa, pois, em toda a Budapeste, só havia seis tanques alemães. A seguir vinha um grupo de torpedos terrestres controlados pelo rádio: tanques-mirins cheios de explosivos que podiam ser lançados contra uma barricada para fazê-la explodir.

À retaguarda da coluna vinham os pelotões de tropas de assalto um a um, amontoados dentro dos caminhões. Uma última verificação dos registros de segurança das armas feita pelas mãos experimentadas de Skorzeny que, de longa data, não acreditava mais no adágio militar de que o fuzil é o melhor amigo do soldado; êstes confiavam no seu líder, em sua legenda e em sua sorte.

Precisavam, agora, de muita sorte. Skorzeny estava mergulhando de cabeça em área hostil e altamente fortificada sem a proteção de patrulhas esclarecedoras ou fogos de cobertura. Mais uma vez confiava no seu estudo da mente do soldado. Esperava que nenhuma guarnição fosse atirar em tropas pacíficas que marchavam pacificamente, eram homens cujas

credenciais podiam ser testadas por sua própria falta de precauções. Simplesmente isso não constava dos regulamentos.

Na realidade, se êle estivesse errado, as suas emassadas colunas seriam totalmente dizimadas de ponta a ponta.

Cinco para as seis: o barulho dos motores quebrou a tensão . De pé no seu carro de comando, Skorzeny levantou a mão e apontou para a frente. Partiram.

O principal perigo, na primeira parte — a longa e acidentada- estrada que levava ao Portão de Viena — eram as minas terrestres. Quando Skorzeny se pôs em marcha, ficou esperando, a qualquer momento, uma explosão sob as suas rodas. Cinqüenta metros, cem, êle estava rígido à medida que ganhavam velocidade. Nada aconteceu; afinal de contas os húngaros tinham retirado as minas. Agora às barricadas.

Mais um minuto e apareceu a massa escura do Portão de Viena. Havia uma barreira atravessando a estrada; no entanto, um raio de luz, no outro lado, mostrou que fora aberta uma passagem. Parecia que seu visitante da meia-noite conseguira influir sobre Horthy para que confiasse na vigilância da guarnição .

Homens emergiram das sombras do Portão — sentinelas. Era êste o momento decisivo. Skorzeny manteve o rumo apenas com uma ligeira queda de velocidade. As sentinelas observavam; não haviam recebido qualquer ordem sobre a chegada de uma coluna alemã, mas quem se desloca com tão ruidosa confiança, claro que deve ter permissão. O carro

guia foi até eles. Skorzeny abanou alegremente; a escuridão do portal envolveu-o — tinha passado.

Atrás passou um tanque, a seguir mais três; entraram pelo portão ruidosamente com os respectivos comandantes de pé, escotilha aberta e fazendo continência; o auge da polidez militar. Skorzeny ouvia o profundo e incessante ruído ganhando terreno atrás dêle. A estrada em frente estava livre; já estava muito acima dos telhados e das copas das árvores da Capital adormecida. Quando chegaram ao cume apareceu um enorme contorno quadrado. Era o aquartelamento do Castelo.

Os portões estavam protegidos por sacos de areia; os atiradores das metralhadoras estavam a postos; à primeira rajada de fogo, apareceríam milhares de homens. Mas, de novo, Skorzeny fez a sua alegre continência; a certeza de que a coluna havia passado sem dificuldades pelo Portal de Viena tranqüilizou as sentinelas. A coluna rodava atrás; filas e mais filas de costas oferecidas ao inimigo. Duas espécies de disciplina estavam em confronto: a reação mecânica dos defensores e o autocontrole que Skorzeny dera às suas tropas.

As metralhadoras não atiraram. Ao contrário, aceitaram a vulnerabilidade dos alemães como prova do direito de ali se encontrarem. Ao descer a avenida de quilômetro e meio que conduzia à Embaixada alemã, Skorzeny tomou a velocidade máxima. Metade da coluna seguiu-o; o restante tomou a segunda avenida que também ia dar no Palácio de Horthy . O ruído dos caminhões e tanques aumentou num crescendo e à medida que o comboio passava pelo Ministério da Guerra onde havia outro milhar de soldados. A praça do Palácio se abriu diante dêles. Uma enorme massa se elevava sobre pátios: o Palácio do Regente.

Ação! Três tanques pesados faziam-lhes frente. Quando os húngaros viram o vendaval que se aproximava, viraram os canhões para o céu. Uma alta parede de tijolos protegia o portão do palácio. Skorzeny desviou-se para o lado e fêz sinal para que um Pantera avançasse: o tanque atravessou a muralha . Skorzeny saltou do seu carro e atravessou o buraco seguido por oito homens sob o comando de Von Foelkersam que o substituiría caso fosse ferido.

Lá dentro havia seis canhões anticarro guardando o palácio. Como passaria o Pantera? Skorzeny não esperou para ver. Entrou no edifício por uma passagem abobadada. O alarme já soara. Uma figura agitada correu para êle, era o comandante da guarda; Von Foelkersam saltou à frente e a pistola rodou das mãos do coronel.

Enquanto corriam apareceu um outro oficial húngaro. — Rápido — gritou Skorzeny. — Venha comigo. Tenho que ver o comandante imediatamente.

Política é a maldição do soldado; o húngaro deve ter pensado que houvera qualquer mudança na situação — alguém devia saber disso. Dirigiu-se a uma escada de mármore com Skorzeny nos seus calcanhares. Von Foelkersam e o seu guarda pessoal seguiram para o segundo andar, para guardá-lo enquanto Skorzeny seguia com o húngaro para o gabinete do Comandante . Na ante-sala, um soldado estava à janela usando a sua metralhadora contra os alemães do pátio; ela foi arrancada das mãos e atirada no pátio lá embaixo. Skorzeny bateu na porta do Comandante.

Ninguém poderá fazer idéia do que tenha passado pela cabeça do General húngaro quando se viu frente a frente com um gigantesco intruso que exigia a sua rendição. O Morro do Castelo já estava em mãos alemãs, disse o estranho, mas alguns tiros ainda podem ser ouvidos; deve ser dada

imediatamente ordem de cessar fogo. Continuar com o derramamento de sangue não seria bom para ninguém — à sugestão foi dada ênfase com um revólver.

Nesse momento apresentou-se um dos graduados de Skorzeny, para comunicar, com os cumprimentos do Major Von Foelkersam, que o pátio e a entrada principal já estavam seguros; quais as próximas ordens? Skorzeny olhou para o General; êste, depois de uma rápida luta interior, cedeu. Ainda se ouviam tiros nos jardins do Castelo; oficiais saíram para fazê-los cessar.

Skorzeny ainda não estava satisfeito. A delicadeza, "mais poderosa do que Hércules", abriria o caminho para a reconciliação e, para isso, precisava ser restabelecido o amour propre.

Antes de mais nada, o General húngaro. Sua mão foi envolvida por um consolador apêrto e êle viu-se cumprimentando o General por sua humana decisão de render-se. Estava certo de que a Hungria muito lhe agradecería.

A seguir, os oficiais. Skorzeny encontrou um grupo hostil na ante-sala; antes que êles pudessem protestar, perguntou o nome de dois majores e os nomeou seus oficiais de ligação. Eles deviam assistir ao desarme dos seus soldados no pátio: as normas do cavalheirismo ditavam que os oficiais deviam ficar com os seus revólveres. Em seguida Skorzeny reuniu todos na Sala da Coroação e dirigiu-se a êles em alemão, língua entendida por todos os húngaros educados.

— Cavalheiros — começou êle, -— estou feliz por têrmos posto fim ao nosso mal-entendido. A Alemanha e a Hungria nunca tiveram problemas

em todo o curso da História; sempre lutaram juntas contra o inimigo comum. Agora que, mais uma vez, os bárbaros estão a nossas portas, devemos cerrar fileiras contra êles.

E assim por diante; era o primeiro discurso político de Skorzeny, mas levava um sabor militar; Skorzeny pôde sentir que os húngaros foram ficando mais calmos com o familiar sotaque austríaco, ao qual êle deu plena vazão. Quando terminou o seu apêlo, os húngaros avançaram de um a um para, saudá-lo e apertar-lhe a mão. Retiraram-se em seguida sem escolta. Skorzeny era senhor do Morro do Castelo.

Sempre se esperava que as grandes vitórias, as batalhas que abalam o mundo e deixam a sua marca na História, paguem um alto tributo em perdas humanas. Toda a Batalha de Budapeste custou sete vidas, enquanto vinte e seis homens ficaram feridos. Também deve ser desculpado o fato de não serem, como de costume, somadas as perdas dos dois lados, já que Skorzeny insistiu em fazer um funeral conjunto. Esta cerimônia foi realizada no dia seguinte com toda a pompa militar, o que foi um bálsamo para o sentimento do Exército húngaro.

Nesse meio tempo o Regente fugira. Skorzeny encontrou vazias as suas dependências. Mais tarde, soube que o Almirante Horthy tinha abandonado o Palácio para colocar-se sob a proteção do General Pfeffer-Wildenbruch, um parente do ex-Kaiser. A sua abdicação foi anunciada dentro de algumas horas e o seu Govêrno sem leme foi substituído. O Conde Szalasi, que tinha a confiança dos alemães, tomou-se Primeiro-Ministro e imediatamente cancelou a proclamação de armistício .

Na manhã seguinte, o novo Ministro da Guerra, o General Bereckzy, visitou Skorzeny para agradecer-lhe pela saída de Horthy e pela captura do Morro

do Castelo sem danificar os belos edifícios. Skorzeny aceitou êste tributo ao Exército alemão, nada dizendo sobre Bach-Zelewski e o seu monstruoso canhão.

Do Covil do Lobo vieram felicitações e ordens para "tomar residência" no palácio. Skorzeny instalou-se nos bastidores do Regente, com os seus suntuosos mobiliários e tapeçarias — lembranças de um mundo já desaparecido. Naquela tarde banhou-se na banheira imperial, ornamentada com cupidos, de Francisco José. Seus oficiais organizaram uma festa na sala de banquetes; Skorzeny sentou-se à cabeceira da mesa; garrafas de vinho, cobertas por teias de aranha, foram trazidas para a aprovação de "Sua Excelência". Sempre houvera um Condestável no Morro do Castelo — agora o cargo era de Skorzeny.

Três dias depois, Skorzeny encontrou pela primeira vez o seu antagonista. Foi formalmente apresentado ao Almirante Horthy na casa do General Pfeffer-Wildenbruch; com o fim do regime, o Regente tinha que ser conduzido à Alemanha, no próprio trem especial de Horthy. Skorzeny explicou que êle seria alojado, como hóspede de honra, num castelo bávaro, na realidade um castelo bem seguro, e que êle próprio teria o privilégio de acompanhá-lo até lá. A conversa fora constrangedora. Na sua última passagem pela Capital, que Horthy dirigira durante tanto tempo, poucas mãos lhe acenaram adeus.

A Operação-Bazooka retirou Hitler de uma perigosa posição. Os milhões de alemães nos Cárpatos mal sabiam do destino a que escaparam; o Exército húngaro lutou ao seu lado até o último dia da guerra .

# IX.

*Êles decidiram ficar indecisos, resolveram ser irresolutos, insensíveis à ação, todo-poderosos para a impotência.*

*Winston Churchill*

*Pas Trop de Zèle — Talleyrand*

Uma missão de comando depende completamente de longa e minuciosa preparação.” Nos primeiros dias de improvisação de Friedenthal, Karl Radl muitas vêzes riu dêste axioma retirado de um relatório capturado ao inimigo; mas, à medida que o tempo passava, sem nenhum alívio no formidável esforço, êste ditado deixou de ser uma pilhéria.

Para cada projeto que Skorzeny levava a cabo, uma quantidade de outros morria na «origem, ou já estava condenada, devido às negligentes suposições de superiores, cujos olhos estavam fechados para a essência da surprêsa estratégica: a preparação .

Tem sido creditada uma “imensa capacidade” ao estado-maior geral da Alemanha; todavia, mesmo o seu crítico profissional mais generoso,

Capitão Lidell Hart, admitiu que os seus modelos prussianos “recebiam mal todas as idéias novas, especialmente se viessem de amadores”. Skorzeny era, grosso modo, um “amador”; as suas idéias eram tão novas como alfinêtes, e, por isso, espinhosas de manusear; assim, os generais usavam de sua imensa capacidade para sofismar sobre as suas propostas e anular os seus esquemas com a velha arte da obstrução e dos retardos. Quando, apesar de tudo, a sua fama cresceu e a sua organização expandiu-se, providenciaram para que Friedenthal fosse mantido em lamentáveis condições.

Durante todo aquêle ano de vitórias dos Aliados, Skorzeny investiu para achar as brechas na armadura do inimigo; viu grandes esperanças no Oriente Médio; Iraque, Suez, Baku eram promissoras aberturas na cota de malha.

Sabotadores deviam destruir as instalações de petróleo do Iraque, que bombeavam o combustível para a campanha britânica do Mediterrâneo, do Golfo Pérsico para Malta e Trípoli, mas o esquadrão aéreo adido ao Quartel-General de Skorzeny não dispunha de aviões de longo alcance. Pensou êle: por que não usar bombardeiros americanos que tenham sido forçados a aterrar atrás das linhas alemãs? Seis fortalezas-voadoras capturadas foram postas em condições de voo. Quando tudo estava pronto elas foram destruídas por um ataque aéreo aliado. Nenhum avião de longo alcance poderia ser arrancado do Ministério da Aeronáutica e assim todo o esquema ficou reduzido a zero.

Os homens-rãs do grupo do Danúbio de Skorzeny foram instruídos para explodir navios ao longo de uma via aquática; esta técnica poderia ter obstruído o Canal de Suez durante semanas ou meses, forçando os Aliados a usarem para o Extremo-Oriente o longo caminho ao redor do Cabo. Mas, quando o Alto Comando finalmente aprovou a idéia a garra aliada no Mediterrâneo estava muito apertada.

Baku, principal centro do petróleo soviético, foi escolhido para uma visita; grupos de pára-quedistas, fazendo explodir alguns pontos, poderíam ter parado o fluxo de petróleo aos exércitos vermelhos. Mais uma vez, demorou tanto para o esquema ser aprovado que, então, já estavam perdidos os aeroportos de onde poderíam decolar as tropas de Skorzeny.

Um projeto após outro era enterrado com o epitáfio "demasiado tarde", apesar do grande esforço que nêles tinha sido empregado. Skorzeny lutava; êle se agarraria a qualquer destroço que pudesse retardar o naufrágio para o qual a Alemanha corria. Os seus homens participavam de seu desprêzo das probabilidades. O seu parceiro na aventura mais desesperada em que se meteu no entanto foi uma mulher.

Delicada, de cabelos louros e olhos azuis, Fraulein Hanna Reitsch era piloto de provas de coragem quase insana; a única mulher, aliás o único civil, que, durante toda a guerra, recebeu a Cruz de Ferro de Primeira Classe. Antes que qualquer pessoa soubesse que a Alemanha estava construindo aviões a jato, ela pilotou um dos primeiros dêsses aviões; tinha defeitos e caiu. Ficou meses num hospital e, em seguida, lutou outros meses para recuperar os seus nervos. Impossibilitada até de sentar numa cadeira, pelo mêdo de cair, fêz com que a levassem para o telhado de sua casa para dominar o seu terror. Um dia convidou alguns amigos para almoçarem no aeroporto. Eles chegaram e viram um novo tipo de avião circulando sobre as suas cabeças. O avião desceu e dêle saltou Hanna. — Eu posso voar de novo! Eu posso voar!

Ao conhecê-la no Quartel-General de Hitler durante o verão de 1944, Skorzeny ficou tocado por seu fanatismo: como Josué, ela teria retido o sol no céu até que fosse conseguida a vitória. Falaram de Peenemunde e da série de armas V que lá estavam sendo produzidas, na estação secreta de

pesquisa de foguetes. Algum tempo antes, Skorzeny tinha visto o ensaio da V-l; vendo o seu dilacerante voo sobre o Báltico e, mais tarde, ao examinar a simplicidade do seu mecanismo, pensou: se é possível colocar um timoneiro num torpedo da Marinha, por que, então, não pilotar a bomba voadora? Em vez de cair ao acaso, a V-l podia ser dirigida exatamente sobre o alvo — a Casa dos Comuns em plena sessão, se assim o quisessem — por um piloto que não se importasse de morrer. Skorzeny tinha horror às missões sem nenhuma esperança de volta, mas, afinal de contas, milhares de aviadores alemães, presos à terra devido a escassez de aviões, estavam entrando em combate como infantes mal instruídos; qualquer um dêles, que se apresentasse como voluntário para pilotar a V-l, sabería, pelo menos, que a sua vida não estava sendo jogada fora a troco de nada. Uma vida em troca de um Ministério, um navio de guerra ou um transporte de tropas, o expediente era digno das dificuldades da Alemanha.

Voltando de Peenemunde, Skorzeny reuniu, nessa mesma tarde, os técnicos do Ministério da Aeronáutica e das fábricas de aviões Heinkel e Focke-Wulf. Trabalharam toda a noite em Friedenthal, em esboços e cálculos; pela manhã o plano estava pronto e no dia seguinte foi colocado na mesa do Chefe da Força Aérea, Marechal Milch. Pela primeira vez Skorzeny invocou o nome do Führer, insistindo, descaradamente, que o próprio Hitler tinha aprovado a idéia de uma V-l pilotada e queria resultados imediatos. As objeções de Três comissões da Força Aérea foram superadas e Milch deu sua aprovação ao plano; podiam ter esperanças que o início da construção se desse em cêrca de três meses, pensou êle. Nessa altura, Skorzeny falou da idéia para Hanna Reitsch. Mas, isto era maravilhoso, gritou ela; tivera a mesma idéia na visita a Peenemunde, mas ninguém quis ouvi-la. Animado pela excitação de Hanna, Skorzeny voltou a Friedenthal com a determinação de reduzir o prazo de Milch de três meses para três semanas. Surgiram hangares; engenheiros e mecânicos trabalharam noite e dia; em uma quinzena, a primeira V-l com carlinga e controle rodou para a pista do campo de aviação.

Então vieram as provas. Em lugar do foguete de partida usual, a V-l, com seu piloto, foi levada aos ares por um avião matriz e solta a mil metros de altura; daí, com sua esteira de fogo, ela disparou a quase 650 quilômetros por hora. Após alguns círculos sobre o campo de pouso, o pilôto veio à terra. Despedaçou-se; os técnicos não podiam compreender por quê.

Hanna viu a destroçada V-l e, no dia seguinte, uma outra que encontrou a mesma sorte; ambos os pilotos sobreviveram mas estavam demasiado feridos para poderem explicar o que estava errado. Skorzeny estava cedendo à derrota quando o Ministro da Aeronáutica pôs um ponto final em novas experiências. Mas Hanna não cedeu: — Ignore a interdição — disse ela, — e eu mesma pilotarei a próxima.

Skorzeny ficou escandalizado. Como último argumento, insistiu em que, se algo acontecesse a ela, êle próprio perderia a cabeça.

— O quê?! — gritou Hanna. — E disseram-me que você era um soldado com coragem para desobedecer.

No fim Hanna conseguiu, como sempre. Skorzeny disse ao comandante do posto que o Ministro da Aeronáutica lhe havia telefonado levantando a interdição. Mais uma vez uma V-l subiu; mais uma vez ela circulou, perdeu altura — e desta vez aterrou suavemente. Skorzeny correu para retirar Hanna da máquina. Ela tirou o capacete de voo. — Eu percebi — declarou ela. — Aqueles outros dois não sabiam como trazer à terra aviões rápidos.

Depois de algumas experiências, Skorzeny voltou a Milch, no Ministério da Aeronáutica e disse-lhe a verdade. O Marechal não ficou satisfeito — Esta

loucura podia tê-lo levado à forca

— grunhiu êle.

Logo uma centena de voluntários estavam em treinamento para a viagem sem volta para a glória. Trinta eram ex-pilotos do seu batalhão de Friedenthal; o restante, aviadores sem avião, da Força Aérea. Os modelos de teste foram seguidos por aviões de treinamento com dois lugares e, finalmente, a realidade —• a V-l pilotada pronta para partir. Esboçaram-se novas táticas; cada avião pilotado voaria entre bombas voadoras normais, e assim, o fogo inimigo ficaria disperso. A esta altura a V-l ortodoxa não era mais um segrêdo; bombas sibilantes estavam caindo às centenas em torno de Londres e nos portos do Canal

— um incômodo, mas longe de ser intolerável. Skorzeny ousou esperar que, dentro de algumas semanas, iniciar-se-ia um tipo de ataque muito diferente.

Mas Skorzeny, raciocinara sem considerar os burocratas; o suprimento de combustível foi gradualmente diminuindo e, com êle, os treinamentos. Karl Radl virou em vão contra Berlim as suas salvas de formulários e minutas departamentais; em vão Skorzeny gastou horas nos telefonemas de longa distância ou percorrendo os corredores da Wilhelmstrasse. Promessas, era tudo o que conseguiam. No outono o treinamento parou e nunca mais foi reiniciado. A mãe dos Parlamentos ainda está em pé.

Constantemente Skorzeny parecia ser apanhado entre dois extremos: generais que não acreditavam em nada e líderes do Partido que acreditavam

em tudo. Pouco depois que a sua bomba voadora com piloto foi abandonada — e os voluntários da Força Aérea "estolados" para uma outra das unidades de comandos de Friedenthal — êle mencionou, durante uma visita ao quartel-general de Hitler, a possibilidade de lançar bombas V-l de submarinos no mar.

Himmler saltou em súbita excitação — Aí está como podemos bombardear Nova York — exclamou êle. — Skorzeny, você deve acelerar ao máximo as pesquisas. Aqui está uma oportunidade caída dos céus para punir a América por ter bombardeado a Alemanha!

Skorzeny protestou que a V-l estava longe de ser precisa, mesmo lançada das bases terrestres. Lançadas de um submarino em movimento... Mas Himmler mal ouvia. Postara-se à frente de um imenso mapa do Atlântico e, de pé, extasiava-se com sua nova visão. Skorzeny procurou em volta um aliado; Schellenberg estava na sala; o jovem carreirista, que o aconselhara a saudar sempre as idéias dos seus superiores com deleite, concordava com a cabeça, em completo enlevo, apesar de Himmler estar de costas. Tendo sobrevivido aos horrores da conspiração de 20 de julho, Schellenberg tinha, assumido as funções do desgraçado Almirante Canaris; ali não havia auxílio para Skorzeny. Tentou, mais uma vez, desenganar Himmler. Bombardeios tão sem objetivo enfureceríam os Estados Unidos, objetou êle, sem provocar, nenhum dano real. Agora, se tivessem agentes em terra para dirigir a V-l com um equipamento eletrônico que os cientistas estavam aperfeiçoando. .. Himmler. porém, estava perdido no seu mapa múndi. — É a vez da América receber algumas bombas — repetia. — Êles jamais resistirão a elas — quando Himmler se virou para Skorzeny, seus olhos pálidos brilhavam atrás do pince-nez., com rara emoção. — Deixe-me saber como vai a coisa — disse êle. — Mantenha-me informado.

Enquanto a Alemanha se exauria, muitas semanas tiveram que ser dedicadas a esquemas levianos de armas imaginárias que não podiam ser

usadas. Muitas vêzes Skorzeny quis abandonar tudo; então, alguma terrível emergência, numa ou noutra frente, reclamava as suas energias. Depois que tudo mais falhava, os generais e os políticos lembravam-se de Friedenthal, pois, quando se tratava de tirá-los de algum apuro, Skorzeny era o seu homem.

Em setembro de 1944, a Alemanha foi sacudida pelo grande desembarque aeroterrestre na foz do Reno. Foi uma jogada audaciosa e poderia ter encurtado de meses a guerra, se tivesse obtido sucesso completo. Skorzeny estava agradecido aos Aliados por não terem ido a Berlim. Até o Alto Comando tinha sido transferido para a Capital, onde todos os náufragos de quartéis-generais e comandos estavam agora reunidos.

Os Aliados buscavam menores prêmios, como a desobstrução de Antuérpia como porto de suprimentos e o flanqueamento da Linha Siegfried em Arnhem. Foram derrotados pelo mau tempo, mas o Primeiro Aeroterrestre, mesmo depois de retirar-se de Arnhem, aferrou-se a uma cabeça de ponte no baixo Reno e ainda estava lá quando a Divisão da Guarda Inglesa tomou Nymegen. Dentro dêsse saliente de uns poucos quilômetros quadrados, estavam as pontes de Nymegen, de estrada de rodagem e estrada de ferro, que tinham sido chamadas de “as portas da Pátria”.

Hitler soou o alarme; durante dez dias o saliente foi o canto mais selvagemente disputado da terra. Divisões e mais divisões alemãs, no mínimo uma dúzia de ataques de infantaria e blindados, foram rechaçados. O que sobrava dos bombardeiros de mergulho de Goering, decolou; quase seiscentos aviões tentaram destruir as pontes e falharam. A cada hora mais se estreitava a garra inglêsa.

Os homens-rãs de Skorzeny foram para esta frente de combate na Holanda. A linha aliada estendia-se sobre o Wall e voltava para trás, atravessando novamente o rio, vinte e cinco quilômetros acima; no centro deste arco, protegidas por milhares de soldados e cercadas de canhões, encontravam-se as duas pontes que representavam a ponta-de-lança do avanço na Alemanha .

O quartel-general alemão não dispunha nem de um bom mapa da região: Skorzeny teve que apelar para a memória de um velho comandante de navio do Reno. Então o Capitão Hummel, um homem-rã que já afundara sozinho quase quarenta mil toneladas de navios aliados, saiu para uma surtida. Hummel nadou rio abaixo em direção ao inimigo, com roupas de borracha e uma rêde de camuflagem no rosto. Era noite, mas, dentro em pouco, os projéteis traçantes lhe mostraram o perfil da ponte rodoviária; segurou-se a um arco escorregadio, isolado e sem defesas, preparando seus planos, enquanto os tanques e canhões inimigos roncavam sobre sua cabeça. A seguir deslocou-se pela água mais uns oitocentos metros até aparecer um pilar da ponte da estrada de ferro: um bloco de concreto com, seguramente, dez metros de comprimento por uns sete metros de espessura. Silenciosamente afastou-se até chegar de novo ao território em poder dos alemães além do saliente.

Os homens de Skorzeny já haviam trazido algumas minas-torpedo de meia tonelada de submarinos para a margem a montante do saliente; sob a proteção da escuridão, as minas foram roladas para o rio. Era um trabalho pesado; uma ou duas granadas explodiram perto, ferindo alguns dos que ajudavam . Depois de colocadas nágua, as minas em forma de charuto foram amarradas duas a duas — cada par seria prêso a um pilar da ponte — e quatorze homens-rãs, dirigidos por Hummel, puseram-se a caminho para guiá-los na correnteza.

As pontes foram alcançadas; as minas amarradas; válvulas se abriram; espolêtas de tempo foram preparadas para funcionar quando tocassem o leito do rio, o que causaria um enorme dano pelo violento deslocamento de água. Os nadadores escapuliram rio abaixo. Ouviram as explosões; no mesmo momento o rio ficou em chamas com os inglêses, das duas margens, atirando em tudo que se movesse. A madrugada estava despontando e as balas caíam em toda volta. Dois homens foram feridos; seus companheiros os arrastaram, mas, quando chegaram à margem, verificaram que estavam mortos. Quatro outros seguiram são e salvos o Capitão Hummel. O restante foi forçado a sair da água e caiu prisioneiro.

Por algum tempo Skorzeny não soube do resultado da missão noturna, ainda que fosse sentido, de imediato, um afrouxamento da pressão contra a frente alemã. A ponte de estrada de ferro fora destruída; cêrca de sessenta metros rebentaram de uma só vez. A da estrada de rodagem estava sèriamente danificada e os inglêses tiveram que construir uma ponte Bailey sobre pontões. Durante um dia ou dois os inglêses do saliente ficaram isolados. Skorzeny não tem dúvidas de que ambas as pontes poderíam ter sido completamente destruídas se os seus homens-rãs tivessem sido chamados mais cedo; as "Portas para a Pátria" teriam sido barradas. Da maneira como foi realizado, pelo preço de duas vidas, os homens-rãs de Skorzeny obtiveram sucesso numa ação em que falharam divisões com tanques e um sem-número de aviões.

Arnhem e Nymegen deram uma parada nos Aliados; teria que ser retardado o golpe contra o coração da Alemanha. A consolidação da frente sudeste liberou forças alemães para uma aventura que estava na cabeça de Hitler mesmo antes de surgir a crise húngara. Era a hora pela qual Hitler esperara. Dava-lhe a chance de realizar uma parada decisiva e uma parte dêste plano era tão incrível que só havia um homem que satisfizesse as especificações.

— Mandem chamar Skorzeny — disse Hitler.

# X.

*Ainda podemos perder esta guerra!*

*General, em dezembro de 1944, durante a Batalha das Ardenas.*

No auge da última ofensiva de Hitler no oeste, que ficou conhecida como a Batalha do Bolsão, quatro homens chegaram de jipe a um posto de gasolina atrás das linhas do Primeiro Exército, do General Hodges, nas florestas das Ardenas. — Petrol, por favor! — gritou o motorista.

Foi um êrro. Os' soldados americanos não pedem petrol e sim gas, nem dizem por favor quando estão com pressa. — De onde são vocês? — perguntou alguém. O motorista nem se dignou a responder, engrenou uma primeira e disparou pela estrada coberta de gêlo.. . esbarrando com um comboio de caminhões. O jipe capotou. Quando seus ocupantes foram retirados de dentro do carro, verificou-se que, debaixo da jaqueta de pracinha americano, êles usavam o uniforme cinza do Exército alemão .

Logo depois um dos prisioneiros, tremendo, avisado de que seria fuzilado se não falasse, confessou que o seu jipe era apenas um entre muitos; tropas alemãs, disfarçadas em uniformes aliados, estavam se infiltrando através de toda a linha de frente. Milhares de outros iriam cruzar as linhas, com uniformes, veículos, tanques e armamento americano. O objetivo dessa

operação era convergir sobre o quartel-general aliado em Paris e matar ou raptar o General Eisenhower. Seu comandante era o Coronel Otto Skorzeny.

Skorzeny, o homem que fugira com Mussolini! A partir dessa hora, chegaram informações daqui e dali, de pontos espalhados em centenas de quilômetros da conturbada frente de combate, citando fatos semelhantes e lançando a consternação no Quartel-General do Comando Supremo Aliado. Quando os prisioneiros falavam, era sempre a mesma história: objetivo, Eisenhower; líder, Skorzeny.

A verdade, porém, é que Skorzeny nunca tentou pôr as mãos em Eisenhower; isto não constava em suas ordens, pois o seu jogo era muito diferente. Sua verdadeira missão e suas estranhas consequências continham, para o futuro, uma lição mais expressiva do que a que qualquer tentativa de rapto poderia oferecer.

O negócio começou como sempre, com uma viagem ao quartel-general de Hitler. Era um dia movimentado. O Covil do Lobo corria perigo de se transformar de fato em um "quartel-general de frente de combate", como já o era nominalmente. Por isso, o Alto Comando começava a ser transferido, antes que ficasse sob os canhões do Exército Vermelho. Apesar dêsse inconveniente, Skorzeny foi recebido efusivamente por Hitler, que premiou o seu sucesso na Hungria com uma promoção e a Cruz Alemã de Ouro. Quando, finalmente, ficaram a sós, o líder nazista puxou-o com um gesto conspiratório.

— Tenho algo a dizer-lhe — começou Hitler, dramaticamente. — O mundo pensa que a Alemanha está acabada, faltando apenas fixar o dia e a hora do funeral. Vou mostrar como estão enganados. O cadáver se porá de pé e se lançará com fúria contra o Ocidente. Então veremos!

Hitler levou Skorzeny até um mapa de parede, onde se via como os exércitos alemães foram empurrados de volta até às posições que ocupavam em 1940, antes de começar a blitzkrieg que, em três semanas, esmagaria a França e expulsaria do Continente os inglêses. — No momento a última coisa que alguém poderia prever — afirmou Hitler, — era um segundo ataque no mesmo setor. — O que êle pretendia era, no inverno que se aproximava, lançar um ataque sob forma de martelo e bigorna, que esmagaria a frente aliada das Ardenas.

Pôs o dedo em Antuérpia, porto belga de suprimentos. Êsse seria o alvo a ser alcançado uma semana depois do Dia D. Isolaria o inimigo na Holanda e no norte da Bélgica — os exércitos inglêses e canadenses de Montgomery e a maior parte do Primeiro Exército americano — e lançá-lo-ia no mar. O restante dos exércitos americanos, ao sul de Antuérpia, esticar-se-ia por quase 800 quilômetros, desde o Mar do Norte até a Suécia. Com sua asa norte rompida, os americanos teriam mais disposições para recriminações do que para a luta.

Êsse era o plano de ataque que Hitler revelou a Skorzeny a 20 de outubro. Mais tarde escritores militares dariam a êsse ataque o nome de "a batalha das impossibilidades". A época, a frente escolhida e a própria idéia de uma contra-ofensiva alemã eram inconcebíveis para os técnicos, de ambos os lados. Tudo o que os generais alemães poderíam esperar era apenas a manutenção da situação, enquanto Hitler, ou o seu sucessor, negociasse a paz. Eisenhower e Montgomery concordavam em que não havia perigo de que o poderio bélico de Hitler pudesse reviver .

Era rejeitada qualquer sugestão de que a caça poderia saltar na garganta de seus caçadores. O General Ornar Bradley, cujo XII Grupo de Exércitos estava prestes a passar à ofensiva, defendeu êste ponto de vista, mais tarde,

dentro da lógica militar. “Quando se ataca, ou é para destruir o inimigo ou para se conquistar um objetivo no terreno. Nenhum objetivo poderia ser alcançado nas Ardenas.”[1] O que os Aliados não podiam supor era que Hitler tivesse abandonado a lógica militar e se encontrasse, então, na estratosfera da intuição política.

Hitler disse a Skorzeny que tinha em vista explorar a inquietação aliada com respeito aos avanços que estavam levando os russos tão profundamente ao interior da Europa Ocidental. Muitos dos chefes britânicos e americanos receberíam bem quaisquer meios que pusessem cobro a êsse desmoronamento, mas nada podiam fazer em face da admiração que seus povos tinham pelos “seus heróicos aliados soviéticos”. Um choque violento poderia trazer as massas à razão; defrontando-se com uma segunda Dunquerque, essas massas estariam prontas para pedir represálias. Então, sob a cobertura de uma trégua com o Ocidente, a Alemanha poderia voltar-se e lançar contra a Rússia todo o pêso de suas armas.

Hitler explicou que estivera esperando por essa oportunidade desde o desembarque na Normandia. As linhas de suprimentos aliadas estavam tensas, seu equipamento desgastado pelo combate continuado, e seus exércitos, ao mesmo tempo, extenuados e atrevidos. Por outro lado, Hitler esperava receber das fábricas milhares de tanques, canhões e novos aviões a jato. Suas linhas de transporte para a frente eram curtas; novas divisões estavam liberadas para a ação a oeste com o fechamento da frente sudeste.

Quando chegou à parte que cabería a Skorzeny desempenhar, Hitler tremia: seria uma surprêsa tão completa quanto o Cavalo de Tróia, e o seu êxito poderia modificar a sorte da toda a operação.

Depois de quebrar a crosta aliada, o primeiro obstáculo para os exércitos alemães seria o Rio Meuse, disse êle. De algum modo, deveríam perseguir o inimigo em fuga, além dêle, sem dar-lhe folga. A única maneira de levar a cabo essa perseguição era capturando as pontes do Meuse, antes que o inimigo pudesse fazê-las explodir. Essa tarefa seria confiada á Skorzeny, juntamente com os meios para realizá-la. Deveria ser criada, à imagem do inimigo, uma brigada blindada, usando seus uniformes e dirigindo seus veículos. Essa brigada poderia confundir-se com as desmanteladas tropas aliadas e manter as pontes para que o Exército alemão as cruzasse. Pequenos elementos de tropas, disfarçados, explorariam a frente, a fim de facilitar a missão da brigada e fariam tudo o que pudessem para desmoralizar o inimigo.

O primeiro pensamento de Skorzeny foi que todo e qualquer homem que se empenhasse em uma tal aventura e fosse capturado teria que enfrentar um pelotão de fuzilamento. Hitler lembrou-lhe que os comandos inglêses muita vêzes usaram uniformes alemães e, recentemente, alguns americanos haviam se infiltrado em Aachen empregando o mesmo ardil. — Daremos a essa gente uma dose de seu próprio remédio — concluiu o líder nazista.

Uma dose? Uma brigada blindada, com uniformes aliados deveria ser uma farmácia inteira. Como que para tornar a mistura ainda mais detestável, Hitler proibiu Skorzeny de cruzar as linhas junto com suas tropas, categoricamente. — Isso não será necessário e, nesta altura, não podemos nem arriscar a perdê-lo.

Skorzeny estava refletindo, em silêncio, que alcançar seus homens depois que êles houvessem cruzado as linhas inimigas não seria violar o texto de suas ordens, quando Hitler acrescentou, quase que acidentalmente: — O senhor deve estar pronto até primeiro de dezembro. — Skorzeny ponderou, imediatatamente, que, em tão curto prazò, só se poderia esperar por um serviço improvisado e mal feito. Hitler ouviu-o e argumentou: — Tudo isso

é verdade, mas devemos atacar em cinco ou seis semanas. Sei que fará o máximo que puder.

Mesmo com toda a boa vontade do mundo, cinco ou seis meses seriam pouquíssimos para uma tarefa tão extraordinária; mas Skorzeny logo compreendeu que teria que lutar com unhas e denles para conseguir qualquer ajuda. Além do estado-maior pessoal de Hitler, apenas alguns comandantes se encontravam, então, a par do que estava para acontecer. O único comandante que de tudo sabia, e cujo apoio era mais do que essencial, era o Marechal-de-Campo Von Rundstedt, que se mostrava completamente contrário a toda a idéia.

Não muito antes, Von Rundstedt tinha sido substituído, após uma série de altercações com Hitler; agora êle voltava para se encarregar do ataque das Ardenas. Mas, quem quer que chegasse à conclusão de que Von Rundstedt acreditava na ofensiva, não conhecia a natureza dêste basilisco militar; particularmente, êle considerava o plano de Hitler "estúpido e absurdo"; não tinha nenhuma fé nêle. Por que, então, concordou em dirigi-lo?

— Como Comandante-em-Chefe no Oeste — queixou-se mais tarde o mais arrogante dos generais, — sempre achei que a pressão de Hitler sobre mim era muito pior que a dos Aliados na frente. Eu só era livre para trocar a guarda do meu portão.

O orgulho de Von Rundsted foi ferido ainda mais quando Hitler deu instruções finais diretamente a Skorzeny; ficou claro que a nova brigada viria à luz apesar dêle.

Foi então que o próprio Alto Comando cometeu um dos sublimes erros da guerra. O Marechal-de-Campo Keitel assinou uma circular a todas unidades na Alemanha:

*ULTRA-SECRETO: Restrito aos comandantes de Divisões e Exércitos. Necessita-se, para uma missão especial, de todos os oficiais e soldados que falem inglês. Os voluntários que forem selecionados juntar-se-ão a uma nova unidade sob o comando do Tenente-Coronel Skorzeny, a cujo quartel-general, em Friedenthal, devem ser feitas as solicitações.*

Skorzeny entregou a cópia que recebeu a Karl Radl, para ser anexada a sua antologia de "coisas incríveis" do Alto Comando; sentou-se, então, e, por escrito, pediu que sua missão fosse cancelada. Desde que o segrêdo tinha sido revelado, seria loucura ir adiante.

O oficial de ligação da Força SS, no Alto Comando, era o General Fegelein, que em 1943 casara com a irmã de Eva Braun. Fegelein chocou-se com a falta de realismo de Skorzeny. Certamente êle devia saber que a sua participação na ofensiva não podia ser cortada, a não ser que fossem tratar com o Führer a êsse respeito. E, como poderíam confessar a Hitler um êrro dêsses? A missão prosseguiría conforme fora planejado.

Acontece que não houve qualquer prejuízo. Como tantos outros erros, êste fora neutralizado por um êrro do adversário. O General Bradley admitiu, mais tarde, que a ordem realmente chegara ao Serviço de Informações aliado, mas ninguém lhe dera maior importância.

Skorzeny tinha pouco tempo para pensar. Os voluntários vieram em torrentes para Friedenthal, de todas as partes da Alemanha. Seu estado de espírito era magnífico; estavam ansiosos por aventuras, prontos para tudo — exceto para um teste de linguagem. A maioria dêles começou a coçar a cabeça ou apenas a responder "yes" ou "no", ao acaso. Uns cem insistiram que tinham sido fluentes no colégio — voltariam a falar inglês. Cêrca de cento e cinqüenta tinham um conhecimento acadêmico da língua inglêsa; uns trinta ou quarenta tinham estado no exterior e falavam-na bastante bem.

Skorzeny fêz o Alto Comando compreender que criar uma brigada eficiente que falasse inglês, com êstes voluntários e no curto espaço de tempo que lhe tinham dado, não era mais que um sonho. Pediu e lhe concederam um grupo de unidades completas — dois batalhões de tanques, um batalhão de pára-quedistas e pessoal de comunicações. A êsses elementos êle acrescentou dois de seus próprios batalhões, organizando uma força de ataque capaz de sair-se bem, com ou sem disfarce. Êle também fêz o Alto Comando concordar que a brigada não seria enviada ao combate em uniformes americanos, a não ser que já tivesse tido início uma derrota de grandes proporções do inimigo. Para cumprir a segunda metade da ordem de Hitler — exploradores disfarçados seguirem à frente da brigada para trazerem informações e semearem a confusão — Skorzeny formou uma companhia especial de comandos com os voluntários que melhor falavam inglês. Todos ficaram sabendo, pela autoridade de um advogado militar alemão, que era um legítimo recurso de guerra usar o uniforme inimigo desde que, na realidade, não se combatesse com êle; Skorzeny esperava que os americanos fossem partidários dêste ponto de vista — se viessem a saber disso.

Os candidatos mais brilhantes foram mandados para uma escola de intérpretes, mas, na sua volta, surgiu um novo problema. Já fora decidido usar toda a brigada contra o setor americano da frente; desta forma os homens deviam passar por americanos. Alguns voluntários foram mandados às prisões para "correção" do idioma; os verdadeiros prisioneiros normalmente "foram corrigidos" antes e pelo menos um impostor foi

seriamente surrado em uma destas escolas de aperfeiçoamento. No fim, Skorzeny teve que advertir a maioria dos homens para passarem rapidamente pelo inimigo com os dentes cerrados, como se estivessem em estado de choque.

Mas, mesmo uma coluna de surdos-mudos deve ter que descansar em algum lugar e ficar exposta à observação próxima. O comportamento dos pracinhas foi explicado aos homens, mas os gritos do sargento instrutor prussiano ainda ecoavam nos seus ouvidos. Sempre que Skorzeny se aproximava de um grupo os homens enrijavam-se em "posição de sentido". "À vontade" imploraria êle, mas a batida das botas para a posição de "descansar" ecoaria na praça. Passear a êsmo de mãos nos bolsos; mascar goma e prendê-la em algum lugar; sacudir um cigarro para fora do maço; todas as artes do menor esforço — mesmo o deixar de ver e, em conseqüência, de saudar os seus oficiais fora das horas de serviço — tiveram que ser expostas. Para êstes prosélitos embaraçados, o modo democrático de vida era "de novo, algo mais".

No campo de treinamento especial perto de Nüremberg, Skorzeny selecionou os seus homens, quase três mil e quinhentos, e preparou os líderes de seção; passou, depois, a esperar pelo equipamento americano. O General Jodl prometera que haverία fartura de tudo — "basta pedir o que quiser". Acostumado a reduzir as suas necessidades, Skorzeny decidiu sacrificar todos os extras, até as cozinhas de campanha, em favor da potência de fogo. Pediu vinte tanques Sherman, trinta carros blindados, veículos para três batalhões de infantaria motorizada, canhões para companhias anticarro e uma bateria antiaérea.

Jodl, no entanto, tinha sido otimista quando disse que havia salvados para todas as necessidades. A retirada contínua não é o meio de capturar armas e equipamentos .

Skorzeny só conseguiu dois dos vinte tanques Sherman que pedira com as desculpas do Inspetor de Viaturas Blindadas que não dispunha de mais para enviar. Os tanques Pantera alemães tiveram que completar a falta. Os seus contornos foram alterados com folhas de estanho. — Quanto mais de longe, melhor parecem — disse Radl consoladoramente; com grande sorte, a um quilômetro e meio de distância, no crepúsculo, êles poderíam ser tomados por Shermans.

Chegaram seis carros blindados americanos. Com os protestos feitos apareceram mais quatro, mas eram inglêses; como poderíam explicar o seu aparecimento no setor americano? As discussões terminaram quando todos os quatro quebraram durante as experiências. Obviamente tinham sido abandonados por serem refugo. Novamente tiveram que camuflar carros alemães com a tinta cáqui e estrelas brancas sobre os capôs.

Jipes. Todos os oficiais que Skorzeny tinha encontrado pareciam haver capturado um jipe para o seu uso particular, mas no dia que Jodl deu ordem para reuni-los, todos os jipes da Alemanha desapareceram. Radl zombou do processo de requisições; destacou exploradores que encontraram quinze jipes escondidos em celeiros e armazéns. Alguns Fords alemães foram pintados de cáqui e conseguiram mais alguns carros tchecos e franceses.

As armas chegaram — somente a metade do que precisavam, mas, mesmo assim, mais do que esperavam obter. A munição também veio; diversos vagões de projéteis americanos, a maioria dos quais explodiu no dia seguinte, graças ao descarregamento mal feito a cargo de homens recentemente chegados. No fim de tudo, somente a companhia especial de comandos pôde ser equipada com armas americanas. O Alto Comando tinha, agora, uma resposta bastante simples para os protestos: — Por que se

preocupar? Haverá boa quantidade disponível quando os americanos começarem a correr.

O primeiro carregamento de uniformes teve que ser devolvido; eram uniformes inglêses. Chegou então uma boa quantidade de capotes americanos; como o inimigo estava usando jaqueta de campanha, êles também não podiam ser utilizados. Finalmente apareceram as jaquetas — cobertas com o triângulo indicativo dos prisioneiros de guerra, que tiveram que ser retirados . — Não faz mal — disseram a Skorzeny, — você poderá apanhar o que quiser depois da ruptura. — Skorzeny não conseguiu encontrar um uniforme americano para o seu tamanho e como recebera ordem de Hitler para não cruzar as linhas, não ousou pedir que lhe arranjassem um. Assim, o comandante da brigada tinha que usar uma suéter cáqui.

Em seguida começaram os boatos. Não se podem colocar milhares de homens por trás de paliçadas, proibi-los de sair, censurar suas cartas, submetê-los a um inusitado esquema de treinamento e prolongar a mistificação semanas e mais semanas, sem criar um terreno propício para toda sorte de histórias. Boatos — não havia jeito de matá-los; a cada negativa mais vida criavam. Inicialmente Skorzeny preocupara-se; posteriormente, à medida que as suposições ficavam cada vez mais aventureiras, êle decidiu confirmar as mais extravagantes, concordando por assim dizer, com um piscar de olho.

Durante algum tempo a maioria dos voluntários acreditou que a sua missão era de atacar através da França e socorrer os alemães isolados em Brest e Lorient; um ou outro havia mesmo visto os planos para isso. Foi então que uma manhã um jovem oficial, muito falador, procurou Skorzeny: êle conhecia Paris intimamente e, assim, poderia ser de muito auxílio na operação que se aproximava. — O que — disse Skorzeny — supõe você que vamos fazer? — o jovem olhou em volta para ver se estavam sós. —

Vamos investir através do Exército americano e capturar o quartel-general de Eisenhower!

Skorzeny ficou espantado; tentou, também, aparentar preocupação: — Onde você ouviu isso? — exclamou. — Não comente com ninguém. . . Quando chegar a hora mandarei chamá-lo.

No dia seguinte, o acampamento fervilhava com a notícia da arremetida que seria feita sobre Paris, onde se acreditava estar o QG de Eisenhower. A história combinava com a reputação de Skorzeny; até havia um nome em código para a operação: Greif [Grifo]— é um pássaro mitológico, mas também quer dizer garra; daí a inspiração do jovem oficial. Logo todos sabiam que as colunas disfarçadas correríam para o centenário Café de la Paix — ninguém fazia por menos — e, lá, reuniríam forças sob a cúpula verde do Teatro de Ópera para agarrar Eisenhower em sua própria cadeira de trabalho. Skorzeny nada fêz para desmentir esta notícia, pois ela poderia ajudar a confundir o inimigo se viesse a captá-la.

Logo depois, vieram-lhe preocupações mais graves. Comparecera a três reuniões do Alto Comando durante a preparação da ofensiva das Ardenas; com o Covil do Lobo abandonado aos russos na Prússia Oriental, Hitler deslocara seu estado-maior — e suas últimas esperanças de vitória — para a Chancelaria em Berlim. O sombrio uivo das sirenas de ataque aéreo combinava com a depressão em que mergulhava Skorzeny à medida que, em cada reunião, minguavam os prometidos recursos de homens e materiais para a ofensiva principal.

Na primeira vez que Hitler confiara nêle, falara-lhe de seis mil canhões para esmagar a frente aliada, de mil tanques para abrir o caminho para Antuérpia, de três mil aviões a jato que Goering estava construindo para

desafiar o domínio aliado dos céus. Agora tornava-se óbvio que nada disso poderia ser esperado; graças aos incessantes bombardeios os novos armamentos não estavam saindo a tempo das linhas de produção e recursos não podiam ser retirados de outras frentes; todos os comandantes, especialmente no Leste, apegavam-se ao que tinham — nada podia ser dispensado .

Por duas vêzes o Dia D foi adiado enquanto o Alto Comando raspava o que podia. O encontro final na Chancelaria de Hitler foi macabro. La estava Von Rundstedt, mergulhado num preocupado silêncio, líder nominal de uma causa na qual nem mesmo acreditava, enquanto os peritos arranjavam frases para preencher as faltas de material. A bomba voadora — "uma arma maravilhosa, cuja pontaria foi muito melhorada" — devia preencher a falta de artilharia e de aviões de bombardeio. Todas as outras deficiências seriam resolvidas "quando tivermos concretizado a ruptura" — inclusive quatro quintos das necessidades de combustível.

O último dado que Skorzeny ouviu e que foi mencionado quase por casualidade, era que os aviões a jato estavam prontos para decolar. Só que, em lugar dos três mil prometidos, a Alemanha teria trezentos e cinqüenta.

O dia chegou. Surprêsa completa cortou a respiração dos americanos, na madrugada de 16 de dezembro. O bombardeio dos seus aeroportos avançados e a cerração que se seguiu mantinham a Força Aérea aliada no solo. A neve e o gelo embaraçavam o movimento de suas reservas.

As patrulhas avançadas de Skorzeny, que haviam recebido os melhores jipes e os uniformes e papéis de identificação mais convincentes seguiram à frente com as vanguardas do Sexto Exército Panzer SS; deveríam cruzar as linhas após se dividirem em vários grupos.

Os demais elementos da brigada esperavam em seus postos de lançamento; quando os tanques realizassem a ruptura êles avançariam ràpidamente para juntar-se aos derrotados. Skorzeny avisou-os de que, acima de tudo, não deviam abrir fogo; sua única função era ocupar as pontes do Meuse como se fossem soldados americanos para que o resto do Exército pudesse usá-las na sua avançada.

Tudo saiu como Hitler esperava — exceto que os americanos não viraram as costas e fugiram. Embora Von Rundstedt progredisse oitenta quilômetros na direção de Namir, embora a frente ficasse dividida em dois, o avanço alemão parou, enquanto os depósitos de armamento e de óleo — todos os despojos com que o Alto Comando tinha çontado — ainda estavam fora de alcance. Enquanto os defensores tentavam juntar tudo o que tinham, tropas de boa vida das linhas de suprimento — cozinheiros, sinaleiros, sargentos de intendência — todos foram lançados na brecha. Então veio a Batalha de Bastogne, a junção de estradas que devia ser mantida a todo custo até que as colunas de tanques do General Patton atacassem para salvá-la.

A operação Greif devia ter sido lançada pouco depois da hora zero; quando, vinte e quatro horas depois, ainda não houvera ruptura para que a brigada explorasse, Skorzeny quis cancelar a operação. — Dê-nos mais vinte e quatro horas — implorou o Sexto Exército. Nesse meio tempo Skorzeny já tinha enviado mais dois de seus grupos de americanos para reconhecer as pontes do Meuse, a fim de que, se a derrota começasse, não houvesse perda de tempo na sua conquista. Passaram-se mais vinte e quatro horas e o inimigo ainda não cedera. Poderosas reservas estavam acorrendo em apoio aos americanos; já estavam refeitos da surprêsa — agora não haveria mais ruptura. Assim sendo, Skorzeny determinou a sua brigada que pusesse de lado sua camuflagem e logo foi ela envolvida no redemoinho do combate.

Atrás das linhas alemãs o tráfego era um caos, como o próprio Skorzeny constatou quando tentou chegar a um outro setor para um conselho de guerra. No quartel-general alguém esquecera de cancelar as ordens para a segunda fase do avanço, ainda que a primeira fase tivesse sido frustrada. Carros-tanques passavam por comboios imobilizados pela falta de gasolina, avançando para abastecerem-se nos depósitos aliados capturados — depósitos que continuavam a quilômetros atrás das linhas americanas.

Skorzeny deixou o seu carro numa estrada principal completamente congestionada e subiu com dificuldade, através da lama, para o alto de uma colina. Lá êle encontrou atolado um gigantesco reboque, que conduzia partes da V-l para uma nova base de lançamento proposta, mas que ainda tinha que ser capturada. Deu ordem àquelas centenas de guarnições inúteis para que descessem e, juntos, removessem o obstáculo para fora da estrada, assim desimpedindo o caminho — até que chegasse o próximo reboque da V-l. Alguns dias mais tarde, quando uma bomba-voadora perdeu a direção e caiu a cêrca de cem metros de onde se encontrava, Skorzeny mais uma vez amaldiçoou os otimistas do Alto Comando: “Uma arma maravilhosa

— sua pontaria está muito melhor!” Por sorte o míssil falhou até na explosão.

Já então os americanos estavam devolvendo o golpe; Skorzeny colocou sua brigada na defesa do flanco norte do saliente alemão, onde as vanguardas de Von Rundstedt podiam ser isoladas de suas bases. Dia após dia deslocava-se de um para outro ponto da abalada frente, liderando suas tropas numa luta do tipo sombriamente ortodoxo. A 21 de dezembro um dos seus oficiais se perdeu através das linhas e entrou em Malmedy, achando-a fracamente defendida . Skorzeny viu aí uma oportunidade de tomar a cidade. Embora a brigada não dispusesse de artilharia e possuísse apenas dez tanques, êle lançou um ataque por duas direções. Os americanos acorreram em força e os alemães foram repelidos com pesadas perdas; o último a voltar foi Von

Foelkersam que fora ligeiramente ferido. Antes de terminar o dia Skorzeny também foi ferido, na cabeça. Medicado imediatamente, voltou às suas tropas a tempo de dar as boas-vindas a uma bateria de canhões pesados há muito prometida; agora poderiam recuperar algo do que haviam perdido

— e talvez até Malmedy. O oficial dos canhões ficou contristado — tinha somente dezesseis tiros, para cada canhão e não havia esperança de receber mais.

Era o Dia de Natal.

A 28 de dezembro eles foram substituídos; o céu, já claro, liberou a Força Aérea aliada e todo o caminho de volta das minguantes colunas alemãs — pretas contra a neve — foi castigado pelos bombardeios. Não tardou em que a ofensiva das Ardenas se transformasse numa grande retirada. No total os alemães perderam quase um quarto de milhão de homens entre baixas e prisioneiros. O resto dos exércitos de Von Rundstedt mergulhou de volta no interior da Alemanha.

Mas, o que tinha acontecido aos americanos de Skorzeny? Aos poucos e aos pedaços, à medida que regressaram e, mais tarde, quando pôde falar com todos os que tornaram a atravessar as linhas, Skorzeny compôs um quadro da guerrinha que êles haviam conduzido.

O primeiro grupo de voluntários disfarçados tinha cruzado a frente belga até alcançar um cruzamento de estradas perto de Mense; estavam em Huy, a meio caminho entre Liège e Namur, no meio de um redemoinho de jipes e caminhões. O comandante alemão resolveu experimentar a sua pronúncia

perguntando aos americanos quais os reforços que esperavam. Depois de algumas horas um regimento blindado passou trovejando em direção à frente.

— Vocês não podem ir por aí — gritou o alemão. — Vocês têm que fazer uma volta — e indicou-lhes, um caminho que os levaria para o outro lado da Bélgica. Lá seguiram êles.

— Obrigado por ajudar-nos. — O alemão respondeu: — Não há de quê.

Um segundo grupo meteu-se no meio de uma companhia de americanos enredada em fios e metralhadoras que interpretou mal o alarme dado quando se defrontou com os alemães. — De que estão vocês correndo? — perguntaram-lhes. O oficial alemão, com uniforme de primeiro-sargento, aproveitou a deixa.

— Desapareçam, companheiros — disse êle. — Romperam tudo em torno de nós — os defensores saíram às pressas.

Movendo-se quase tão livremente como se fossem invisíveis, os grupos de Skorzeny fizeram com que postos de comunicação deslocassem reservas para direções erradas, cortaram linhas telegráficas e telefônicas e prenderam fitas vermelhas nas árvores, para indicar que esta ou aquela estrada para a frente estava barrada por minas. Se “a batalha foi perdida por falta de uma unha” pode-se imaginar o que podem fazer malevolências como essas, deliberadas mas insuspeitas. [2]

Muito mais devastador que qualquer dano material no entanto, foi o caos moral causado pela operação Greif. Quando as primeiras tropas disfarçadas foram retiradas de seus jipes capotados e obrigadas a confessar, ondas de choque percorreram a frente e a retaguarda dos defensores. Uma brigada alemã com uniforme americano! Um ataque ao Quartel-General de Eisenhower! Otto Skorzeny no comando de um bando de assassinos especialmente treinados! Era incrível — todavia ali estava a prova, naqueles desditosos prisioneiros. As firmes convicções da vida militar entraram em colapso e as leis da probabilidade foram jogadas fora.

As histórias que os prisioneiros trouxeram do campo de instrução de Skorzeny criaram raízes no aluvião deixado na esteira da operação Greif e floresceram atingindo monstruosas proporções. Uma semana depois a Rádio de Calais comunicava que cêrca de duzentos e cinqüenta homens com uniforme americano tinham sido cercados — e Skorzeny sabia que muito poucos, entre êles, eram alemães. Anos mais tarde êle encontraria algumas das vítimas do zêlo demasiado. Um capitão americano passou uma semana no xadrez porque foi visto usando um par de botas alemães que apanhara na frente. Dois outros, oficiais de estado-maior, que raramente provavam comida enlatada, incorreram em suspeita no rancho da linha de frente, por estarem destacando a excelência do almoço; sua próxima refeição foi servida sob rigorosa prisão.

As histórias dos prisioneiros casavam-se bem com a requisição que Keitel fizera de voluntários que falassem inglês e que chegara ao conhecimento dos Aliados; roído pelo remorso, o Serviço de Informações dos EUA fêz mais do que apenas compensar a indiferença passada.

O aviso foi passado adiante: “Otto Skorzeny, especialista na arte de raptar e assassinar altos personagens”, estava em caminho para o Quartel-General

Supremo, com cêrca de duzentos homens armados usando uniforme americano; todos haviam jurado prender o General Eisenhower. Colunas semelhantes estavam procurando Montgomery, Bradley e outros chefes aliados. Falavam inglês e dispunham de veículos e documentos americanos; o único deslize era que não levavam os "distintivos de cães" — as placas de identificação de metal usadas junto à pele. Êste detalhe, naturalmente, só podia ser verificado com a revista dos impostores aos quais era atribuído o perigo de lançarem frascos de ácido nos olhos de quem chegasse muito perto. Afirmava-se, outrossim, que "talvez alguns dos bandidos já disponham de plaquetas de identificação".

Dentro de pouco tempo metade do Exército estava esperando por Skorzeny. O ar estava cheio de espectros inimigos, na frente e atrás da linha. Qualquer um poderia ser inimigo. Caminhões junto às estradas podiam ser uma emboscada; aquêle estranho no bar, tão silencioso, não seria um sabotador? Com essas fantasias os defensores não conseguiam acalmar-se enquanto avançavam para recompor a frente das Ardenas.

Para o General Bradley, no quartel-general do seu Corpo de Exército, em Luxemburgo, era a gota que faltava na xícara já transbordante de vexames. Em pouco tempo começou a fazer comentários sobre o fato de "meio milhão de soldados... brincando de gato e rato com os seus companheiros todas as vêzes que se encontravam". Nem ao pressionado Quartel-General do Primeiro Exército êle podia ir de automóvel; o estado-maior do General Hodges implorava-lhe para esperar por um avião depois que a neblina desaparecesse — "porque as áreas de retaguarda estavam sendo postas em pânico por alemães disfarçados".

Oficiais de alto posto, deslocando-se de uma conferência para outra, encontravam bloqueios de estrada em toda parte; os distintivos hierárquicos nada representavam agora; nem nas senhas e contra-senhas confiavam. Toda a enervante rotina do Exército se enredava nestes extremos de

fantasia; os suspeitos — e todos eram suspeitos — tinham que submeter-se a um jogo de perguntas para comprovar a sua cidadania americana.

Quando o próprio General Bradley seguiu pela estrada no seu automóvel de três estrelas, foi para descobrir que "nem o seu posto, suas credenciais, ou os seus protestos" o livrariam da inquirição normal. Em cada barreira tinha que provar a sua nacionalidade: "Na primeira vez teve que dizer que Springfield era a Capital de Massachusetts (seu interrogador era de Chicago); na segunda teve que colocar a guarda entre o centro e a defesa de uma linha de choque de futebol; na terceira teve que dizer o nome do marido atual de uma loura chamada Betty Glable."[3]

Montgomery estava assumindo parte da frente americana que fora rompida; os seus oficiais de ligação, deslocando-se através do gêlo e da neve, depararam-se com metralhadoras empurradas por suas janelas cobertas de gêlo. "Quem é o Pruneface" perguntava uma voz rouca. "Onde vive o Li'l Abner? Quem trabalha com Jiggs?" Oficiais inglêses, não familiarizados com a Declaração de Independência ou o título de uma música assobiada, eram presos. Não fora dito que alguns dos disseminados alemães tinham feito uma rápida mudança para o uniforme inglês? Não se dizia, mesmo, que um dêles andava aí como se fosse o Marechal-de-Campo Montgomery? Nenhum risco se podia correr — e nenhum risco se correu. Êsse era o espetáculo burlesco oferecido pelos empresários da Segurança e encenado num palco em chamas.

Nem Paris e o Quartel-General Supremo tiveram o alívio do Natal. Era no Café de la Paix, em sua famosa esquina perto da Ópera, que as colunas de Skorzeny pretendiam encontrar-se. A Segurança preparou uma emboscada com canhões e tanques; mas, como poderíam distinguir quais, entre êsses brilhantes imitadores e as verdadeiras tropas americanas em licença ou em trânsito, consideravam o terraço do café um lugar divino? Foi posto em vigor um toque de recolher às oito horas da noite; a Segurança esperava que

os homens de Skorzeny entrassem com a Capital vazia; assim poderíam ser agarrados. Claro, se Skorzeny se arriscasse a vir de dia — ou, terrível pensamento — se as suas tropas já estivessem lá... Por isso, centenas de desgostosos americanos eram abordados nos bulevares; para entrar no Café de la Paix, antes do toque de recolher, tinham que passar pelas válvulas dos cordões da Polícia do Exército.

Os carros civis também tinham que ser examinados; patrulhas, cujas orelhas já ardiam com as piadas dos apressados motoristas militares, tinham que suportar os irônicos comentários dos franceses; à medida que os boatos cresciam — novas armas ao renomado arsenal de terror de Skorzeny: explosivos plásticos, pistolas que lançavam granadas — os inquisidores perdiam completamente a cerimônia.

Por essa época o General Eisenhower teve o sabor antecipado do isolamento que ia sofrer na Casa Branca: um informe dizia que uma "esquadra suicida" com, no mínimo, três dúzias de atiradores alemães, estava se dirigindo para sua casa. "A história", relembra êle, "me foi trazida por um coronel realmente agitado que tinha certeza de possuir provas concretas da existência dêsse complô. Descreveu-o com detalhes e as suas conclusões foram apoiadas por outros membros do Estado-Maior de Segurança.[4]

Durante meses o Comandante Supremo andara pela França e pela Bélgica com a escolta de apenas um oficial ou um ordenança. Vivera, também, despreocupado e descansadamente numa fazenda de St.-Germain (que anteriormente fora ocupada por Von Rundstedt), a meia hora de Paris, por rodovia.

A Segurança mostrava-se horrorizada com o seu descuido anterior; o General devia mudar-se imediatamente para as “instalações” do Quartel-General Supremo, por trás dos cordões e patrulhas de Versalhes, com reservas bem próximas. Foi em vão que Eisenhower argumentou que os alemães tinham mais que fazer do que enviar tropas tão longe para procurarem comandantes aliados que, presumivelmente, podiam ser com facilidade substituídos. A Segurança não esposava o ponto de vista do Comandante Supremo sobre a questão de sua substituição. Eisenhower tinha que juntar seus pertences e transferir-se para o Edifício do Trianon em Versalhes — quando mais não fosse, para que “com isso, os soldados pudessem ser usados em combate em lugar de me seguirem por toda a parte”.

O pequeno Dia D do próprio Quartel-General Supremo foi descrito no diário do Secretário e Ajudante-de-Ordens de Eisenhower, Tenente Kay Summersby.

“Dizer que êste informe (da iminente chegada de Skorzeny) preocupou o SHAEF (Quartel-General Supremo) é ficar muito aquém da verdade. Os oficiais da Segurança imediatamente transformaram as instalações do Quartel-General numa virtual fortaleza. Apareceu arame farpado por toda parte. Diversos tanques entraram em posição. A guarda normal foi dobrada, triplicada, quadruplicada. O sistema de ingresso no QG, em vez da velha formalidade, passou a ser uma questão de vida e morte. O barulho da descarga de um carro era o suficiente para parar o trabalho em todas as dependências e iniciar uma enxurrada de telefonemas para o nosso gabinete, para saber se o chefão estava bem. A atmosfera era pior que a de um quartel-general de frente de combate onde todos sabiam como proceder em tais situações."

A pretensa vítima era o único oficial do SHAEF que não se impressionara com o informe. O General Eisenhower tinha a guerra, o Bolsão, para

preocupar-se; não podia ser perturbado por esta fantástica história.

O Estado-Maior insistiu em mudá-lo da casa de Von Rundstedt, relativamente isolada do Trianon. Citaram o isolamento e o trecho coberto de bosques ao longo da estrada; deram ênfase ao fato de que os alemães conheciam todos os centímetros do terreno desde os dias da ocupação. Disseram que era impossível dar segurança ao General sob tais circunstâncias.

Finalmente — e somente depois que os seus auxiliares mais próximos imploraram, mais como amigos pessoais do que como oficiais do seu Estado-Maior, para que abandonasse a casa de Von Rundstedt — êle, relutantemente, mudou-se para as instalações do QG Supremo.

—- Mas com uma condição: que vocês esqueçam dêste maldito negócio e voltem à guerra — rosnou êle.

A Segurança chegou a pedir ao General Eisenhower que não passeasse fora do gabinete, com medo de que algum atirador de tocaia estivesse infiltrado na compacta guarda.

Éramos prisioneiros, em toda a extensão da palavra.

Esta nova tensão pessoal, dobrada pela corrente de más notícias e boatos, que chegavam das Ardenas, deixava a maioria do Quartel-General francamente apreensiva e deprimida. Ike, o único responsável pelo sucesso ou insucesso do nosso contra-ataque e, por isso, o único que podia dar-se ao

luxo de depressão, tinha que sufocar os seus próprios sentimentos e agir como o eterno otimista.”

No dia seguinte, o diário assinala:

“Outra noite de inquietação. Eisenhower está prêso — ao seu gabinete o dia inteiro; à noite êle sobe e dorme... Eu continuo no gabinete. Todos confinados nas instalações. Que vida. ..

Fico acordado horas a fio imaginando a morte ou coisa pior nas mãos dos agentes da SS. O sono era impossível — com o plac, plac, plac das pesadas botas dos guardas patrulhando nosso telhado de lata.”

No dia 22 de dezembro lê-se no diário:

“Na nossa frente pessoal de Informações correu uma notícia de que os assassinos e sabotadores estavam entrando na própria Paris. Dizia-se que o encontro seria no Café de la Paix.”

Êste aviso não conseguiu perturbar o General. Saiu do seu gabinete-cela resmungando: — Vão para o inferno, eu vou passear. Se alguém quiser atirar em mim que vá na frente. Vou sair de qualquer jeito![5]

O passeio roubado teve lugar no pátio do edifício com guardas por toda volta.

No dia seguinte permitiram que Eisenhower recebesse a visita do seu ajudante-de-ordens da Marinha, Capitão Harry C. Butcher, Butcher só voltara a Paris na noite anterior, e a encontrara às escuras e submetida ao toque de recolher, depois de parar em bloqueios de estrada em todo o trajeto desde a frente. Alertado sobre o isolamento do seu chefe, resolveu visitá-lo, e as suas impressões quanto ao prisioneiro de Versalhes foram transcritas num diário ao qual, da mesma maneira que o Tenente Summersby, êle confiou "aspectos do ataque das Ardenas, nos altos e nos baixos escalões."

"Hoje vi Ike. Êle... está completa e desanimadoramente irritado por causa das restrições que lhe impuseram em seus deslocamentos. Em torno da casa há toda espécie de guardas, alguns com metralhadoras; êle tem que ir e voltar do gabinete precedido, e às vêzes seguido, por uma guarda armada, em um jipe. Pareceu alegre em ter alguém para conversar, como eu, aparentemente pertencente ao exterior."[6]

Este mundo exterior era o que a Segurança queria manter afastado. Levado a Versalhes "por dois ou três dias" Eisenhower viu-se detido por toda a semana de Natal sob um pretexto ou outro, pois a Segurança estava fazendo um jogo duplo. Sem que o General soubesse, estavam usando uma isca humana para apanhar Skorzeny: um oficial que se dizia "parecer com Eisenhower", o Tenente-Coronel Baldwin B. Smith. Diariamente êste Coronel andava no carro do Comandante Supremo entre a sua casa em St.-Germain e Versalhes, cumprimentando com aquela rápida continência pela qual Ike era conhecido e esperando receber uma bala ou uma granada lançada por pistola.

Pode-se perguntar como se imaginava que os homens de Skorzeny penetrariam na malha em que a Segurança havia encerrado o seu chefe; a teoria corrente era que êles se infiltrariam com braçadeiras da Polícia do Exército e escoltariam Skorzeny — agora com uniforme alemão — para o interrogatório em Versalhes. Teriam êles plaquetas de identificação? A pergunta era irrelevante já que a própria polícia do exército estava sob suspeita.

Em 27 de dezembro Eisenhower soltou-se e seguiu para o trem de Bruxelas como um colegial que vai à cidade. Encontrou a Gare du Nord fervilhando de soldados e policiais.

"Interroguei os oficiais da Segurança com severidade sobre êste emprêgo de pessoal; êles me asseguraram que haviam reunido na estação o pessoal que normalmente está de serviço naquelas vizinhanças.

Entretanto, depois que iniciamos a viagem, verifiquei que um grupo de soldados me acompanhava. Em cada parada que foram muitas por causa das dificuldades com o gêlo e os blocos de neve — os homens saltavam do trem e tomavam posição a fim de proteger-nos. "[7]

Chegando a Bruxelas para a sua conferência ultra-secreta com Montgomery, Eisenhower deparou-se com outra torrente de precauções, pois constava que uma caravana de carros do Estado-Maior inglês, encabeçada por Skorzeny, andava pelo interior da Bélgica. A Segurança não respirou livremente até deixar em casa o seu vadio.

Meses depois da Batalha de Ardenas, os PE ainda levavam o retrato de Skorzeny para compará-lo com desconhecidos que tivessem uma constituição robusta, com o tipo de matador, enquanto toda a polícia francesa espalhava tratar-se de um homem da maior periculosidade; devia ser caçado com toda a prudência. Até o fim da guerra, talvez para evitar o alarme público, o Quartel-General não liberou o caso à imprensa; com o armistício, os jornais explodiram com narrativas de como "assassinos selecionados, comandados por um gigantesco sequestrador, tinham sido enviados para assassinar Eisenhower". A prisão de Skorzeny jogou água fria na fervura; em vez de milhares de bandidos que falavam inglês, e que vagueavam por tôda parte, finalmente se chegou ao total de homens infiltrados por trás das linhas — vinte e oito. Skorzeny interrogou pessoalmente todos os soldados que voltaram; tinha certeza de que não havia mais nenhum.

Assim foi: um punhado de aventureiros mal treinados e mal equipados, raramente sabendo onde estavam ou o que iam fazer a seguir, foi capaz de lançar a confusão no inimigo e de isolar o seu Comandante-em-Chefe. Foi um sucesso de alarmante magnitude comparado com os meios empregados — e Skorzeny foi um dos últimos a sabê-lo.

Na véspera do Ano Novo êle estava recebendo de Hitler a insígnia de Menção do Exército Alemão por ter rechaçado os ataques na área de Malmedy durante a crise de 18 a 28 de dezembro — a mesma semana em que Eisenhower fora encerrado em Versalhes por mêdo a Skorzeny.

As convocações do GHQ (temporàriamente instalado nas florestas do Reno devido à Batalha do Bolsão) salvaram o olho direito de Skorzeny; ao ver as ataduras, Hitler mandou-o ao "cirurgião da corte", tendo êle permanecido várias horas na mesa de operações. Foi na enfermaria que um conhecido, o Dr. Rudolf Brandt, contou a Skorzeny como o Führer entregava-se agora a drogas e injeções para manter-se em atividade. A guerra, aparentemente, ia

bem, pois, quando Skorzeny voltou à sala de Hitler, foi para ouvi-lo falar alegremente de outra enorme jogada no Sudeste, embora estivesse claro que êle jogara a última cartada e perdera. No Quartel-General alguns ainda mencionavam, vagamente, outras armas maravilhosas que estavam para chegar e poderíam inverter a maré.

Recusando um convite para o refeitório dos generais — que com rara condescendência lhe fizera o Marechal Keitel — Skorzeny saiu para reunir-se a sua brigada; quando passava pelas ruínas de Colônia, ouviu o badalar dos sinos da meia-noite .

O que podia trazer o Ano Novo? Era uma pergunta que nenhum alemão ousava fazer no primeiro dia de 1945, mas que surgiu quando Skorzeny chegou ao seu Quartel-General. Von Foelkersam esperava-o com um pedido que não podia ser negado . A brigada estava sendo desativada; em Friedenthal havia pouca esperança de que houvesse no futuro missões delicadas.

Êle pediu para comandar a Força Tarefa de Leste.

---

[1] A Soldier's Story. Nova York: Henry Holtand Company, 1951.

[2] Os agradecimentos do autor são dirigidos ao Supremo Quartel-General aliado, por tê-lo lembrado do verso de pé quebrado; êste verso se encontra,

emoldurado, na parede do seu Quartel-General de Suprimentos, em Londres.

[3] A Soldier's Story. Nova York: Henry Holt and Company, 1951.

[4] Crusade in Europe. New York. Doubleday and Company, Inc., 1948.

[5] Excertos republicados com a permissão dos editores de Eisenhower Was My Boss, do Tenente Kay Summersby. — Copy-right, 1948, por Kay Summersby. Publicado por Prentice Hall, Inc., 70 Fifth Avenue, Nova York, 11, Nova York.

[6] My Three Years with Eisenhower Nova York; Simon and Schuster Inc., 1946.

[7] Crusade in Europe, Nova York. Doubleday and Company, Inc., 1948.

# XI.

*Sabemos o que os nossos inimigos fariam do povo alemão, se pudessem. Escravizariam muitos milhões e matariam o resto de fome. Nossa existência se encontra em perigo; a existência de nossos filhos e dos filhos de nossos filhos; enfim, tudo o que faz a vida digna de ser vivida.*

*Declaração de Hitler na passagem do ano.*

*A aceitação do Plano Morgenthau (pelo qual, no outono de 1944, em Quebec, Roosevelt e Churchill acertaram a divisão em caráter permanente, depois da guerra, da Alemanha, bem como a sua destruição como moderno estado industrial), foi, certamente, um duro e monstruoso êrro político... É impossível deixar de concluir que muitos milhares de soldados alemães acharam preferível enfrentar a morte em combate do que suportar uma morte mais lenta pela fome, que era a alternativa que o Plano Morgenthau parecia oferecer.*

*Professor William Hardy McNeill, America, Britain and URSS.*

Adrian von Foelkersam foi o idealista em uniforme que Skorzeny nunca poderia ter sido. Tolerante para as fraquezas de outrem, duro para consigo mesmo, só se aborrecia quando sentia que poderia ter feito muito mais. Combinava o ardor de suas entranhas com o espírito atilado dos vikings bálticos de quem descendia; habitualmente alegre e descuidado por

princípio, algumas vêzes, todavia, se isolava. Assim o recordaria Skorzeny, quando de seu primeiro encontro.

Um jovem irascível, pensara êle, quando o subalterno desconhecido fora trazido a sua frente, nos primeiros dias de Friedenthal. Nessa época, o nome bem como a condecoração que ostentava na túnica insinuavam uma parcela de ousadia insensata durante o avanço alemão na Rússia; mesmo então, a Cruz de Cavaleiro não era conseguida com facilidade. O visitante, ainda carrancudo, gaguejou sua pretensão. Havia onze dêles; dissera, êle próprio e mais dez companheiros, da Divisão Brandenburg, que desejavam missões difíceis. Que esperança havia de alistamento nesses novos comandos? Quando Skorzeny prometeu que veria o que podia ser feito, o rosto do rapaz iluminou-se maravilhado.

Foi devido à transferência dêsse pequeno grupo de oficiais que Skorzeny aturou sua primeira e última entrevista com o Almirante Canaris, Chefe do Serviço de Informações. Vencidos por êsse mestre em evasivas, êle e Radl mudaram de tática e, oportunamente, contrabandearam os onze fugitivos pela porta dos fundos. Uma era decorreu, desde então; parecia a ambos que Adrian sempre estivera lá — um terceiro mosqueteiro, sem o qual nenhuma aventura nova seria concebível.

Êsse, no entanto, era justamente o ponto, observou Von Foelkersam em apoio ao que pretendia; não havia novas aventuras à vista e era provável que nenhuma aparecesse. O Alto Comando não empregaria tropas fantasiadas nem esquemas insensatos no curto tempo de vida que restava para a Alemanha. Em têrmos grosseiros, sua tarefa atual, como chefe de estado-maior de Skorzeny, era um beco sem saída; boa ocasião para voltar ao Exército regular e, desde que Friedenthal estava procurando um novo comandante para sua Força Tarefa de Leste, por que não deixá-lo assumir o posto?

Skorzeny não se enganara. Os exércitos de ambos os lados, a oeste, mostravam-se cambaleantes pela luta nas Ardenas, mas, a leste, os soviéticos tinham empreendido uma nova ofensiva que estava desmoronando as defesas diante de Berlim; seu amigo desejava o único batalhão, sob o comando de Skorzeny, que mais provavelmente seria enviado em alguma missão de tapa-buraco. No entanto, ninguém podia conter Von Foelkersam quando havia algo desagradável para ser feito. Partiu para a frente como alguém sobre quem os deuses tivessem derramado os seus mais seletos favores.

A 18 de janeiro a Força Tarefa de Leste encontrava-se em Hohenselza, com ordens para defender a cidade até seu último homem. Durante séculos êste entroncamento de estradas entre a Rússia e a Polônia tinha sido disputado; agora o Exército Vermelho derramava-se em torno dêle. O que podia fazer um milhar de homens nesse mar humano de adversários? Antes de os russos fecharem Hohenselza, Skorzeny retirou alguns caminhões carregados de munição.

Três dias depois, Von Foelkersam radiografou: “Posição insustentável.” O problema nada significava para o Alto Comando, aqui, ali e acolá exigia-se a resistência, a todo o custo, de unidades e destacamentos isolados. Skorzeny achou acertado deixar de considerar uma ordem que se tornara sem propósito. Radiografou: “Rompam o contato hoje à noite”, esperando que pelo menos alguns dos homens conseguissem atravessar o anel russo. Uma última mensagem pelo rádio informou que Von Foelkersam tinha sido seriamente ferido. De todo aquêle selecionado batalhão só voltaram a Friedenthal dois oficiais e três soldados. Von Foelkersam não se encontrava entre êles.

Êsses últimos meses de guerra tornaram-se um pesadelo para Skorzeny. Os homens que havia treinado segundo sua maneira peculiar e que se tornavam tão unidos como irmãos tinham que ser desperdiçados em missões sem esperança, por uma causa já perdida. Além disso, sua tarefa era facilitada, pois marchavam com os olhos abertos e voluntariamente para êsse fim desnecessário.

(O autor ouviu, certa vez, Skorzeny se referir a algumas de suas tropas especiais como "Belos Homens", expressão com que os chamava com a fulgente certeza de que seria compreendido. Eram a elite que sempre dava um passo à frente; soldados cuja devoção transcendia a sua própria, já que, raramente, sabiam para onde estavam indo. Durante a procura de Mussolini êle fora, pela primeira vez, cativado por êsse espírito. Semana após semana os seus voluntários tinha esperado no acampamento; até o dia do ataque a Gran Sasso nenhum dêles, exceto Karl Radl, tivera qualquer idéia do que os esperava; mesmo então, só lhes fora dito que poucos podiam esperar sair vivos do que tinham pela frente. Missões e mais missões confirmaram a sua opinião de que qualquer um pode comandar — desde que saiba onde está indo — mas que é preciso coragem para acompanhar um salto no escuro. Skorzeny insistiu em que êste ponto ficasse bem claro e, agora, o autor está cumprindo sua promessa.)

A missão que mais profundamente afligiu Skorzeny durante êste longo período de obstinação talvez tenha sido a tentativa de salvamento de uma "legião perdida" das profundezas da Rússia. Durante meses ela nublou todos os seus dias e fêz de suas noites um tormento; onde quer que o seu trabalho o levasse, era perseguido por ela; sua aversão pela inócua burocracia exigida ainda faz com que se encha de raiva a sua lembrança. Um telegrama levou-o à presença de Jodl: encontrou o Chefe de Operações de Hitler com dois oficiais que ostentavam nas calças as listras vermelhas do Estado-Maior e imediatamente adivinhou, por sua solenidade, que estava para receber o que Radl costumava chamar de "uma missão particularmente importante" — particularmente importante para que o Alto Comando possa lavar suas mãos.

A suposição estava correta. Um problema indesejável surgira da teimosia de um comandante de regimento, que conseguira reunir os destroços de uma dúzia de unidades, depois do colapso da Frente Central na Rússia. Vinte e cinco divisões da Frente Central se haviam rendido, uma incalculável catástrofe naquele verão. Regimentos inteiros depuseram as armas; apesar disto, o Tenente-Coronel Scherhorn e seu híbrido exército continuaram lutando depois de cercados pelas forças vermelhas . Agentes alemães haviam radiografado repetidas notícias a respeito de combates. Parecia que Scherhorn ainda contava com uns dois mil homens sob seu comando, nas proximidades de Minsk, nas florestas da Rússia Branca, mas a última mensagem esclarecia que não lhe seria possível manter-se por muito mais tempo. O que poderia ser feito?

Skorzeny meditou cuidadosamente sobre o caso. Scherhorn tinha sido isolado em junho e já era setembro. Com três meses decorridos e nada tendo sido feito era demasiado tarde para qualquer ação, a não ser que fosse a mais temerária possível — daí o telegrama que recebera de Jodl. Todo o caso era, claramente, um embaraço para o Alto Comando, que sempre acreditou que a melhor forma de lidar com embaraços era ignorá-los. Afinal avançava-se ou retraía-se; sempre existiram boas engrenagens para ambos os casos, mas os generais não dispunham de fórmulas para tratar de legiões perdidas e fora do alcance das tele-impressoras. Jodl perguntou ansiosamente a Skorzeny se êle poderia assumir a responsabilidade. Não podia recusar. Para homens como o Coronel Scherhorn e as tropas que com êle se encontravam nenhum esforço seria grande demais.

Voando de volta a Friedenthal, Skorzeny meditava sobre sua própria temeridade em assumir uma tarefa como essa, quando a própria Alemanha encarava o dilúvio. Todavia, pensou êle, quando lunáticos extraordinários como Scherhorn atiravam-se contra a maré sempre havia outros para mergulharem junto. E, se por uma chance entre mil, Scherhorn pudesse ser

salvo, o resgate levantaria os ânimos em todas as frentes e em todos os lares da Alemanha.

Uma guarnição inverossímil entrou em forma em Friedenthal poucos dias depois: cabelos mal aparados, queixos com barba por fazer, portavam pistolas automáticas soviéticas para combinar com os informes fardamentos de inverno. Os seus documentos, usados e sebosos, condiziam com os nomes.

Oito dos voluntários eram alemães que, sendo oriundos das províncias do Báltico, falavam bem o russo. Doze ou quatorze mais eram russos que tinham trocado de lado. O destacamento foi dividido em quatro grupos, cada um com um râdio-operador; os grupos seriam lançados um a um na área que se encontrava então a centenas de quilômetros atrás das linhas russas, onde tinha sido dito que estava o Coronel Scherhorn.

O grupo A decolou ao anoitecer. Cinco horas depois o seu rádio crepitou: “Aterragem precária. O inimigo nos viu. Metralhadoras atirando.” A seguir o silêncio.

O grupo B seguiu logo após. Nenhum sinal desta vez, nem mesmo sobre a aterragem, até a quinta noite. Nesta noite o decodificador de Skorzeny chamou-o com um grito. O grupo B estava ileso e encontrara o exército perdido! Ali estava o próprio Coronel Scherhorn para transmitir pelo rádio os seus agradecimentos.

O grupo C saltou na noite seguinte para fazer ligação; desapareceu sem deixar vestígios, da mesma forma que o grupo A. O grupo D seguiu-o. Não

logrou encontrar Scherhorn; seus homens conseguiram voltar a pé. Em todos os lugares que passaram, foram aceitos como soldados russos; a melhor de todas foi a noite em que seu chefe entrou em um refeitório de oficiais vermelhos e ficou a banquetear-se com um ganso assado e vinho roubado.

O orgulho de Skorzeny ao ouvir falar da legião perdida teve curta duração. Êle estava contando em retirá-los pelo ar, depois que tivessem aberto pistas de pouso nas florestas; mas os homens de Scherhorn estavam famintos e tremendo de frio dentro dos farrapos dos uniformes de verão; muitos sofriam devido a ferimentos ou doenças; estavam todos exaustos demais para realizar trabalho pesado. Um médico saltou de. pára-quedas para auxiliá-los, mas quebrou ambas as pernas. Um segundo médico aterrou em segurança e montou um hospital de campanha com equipamentos lançados do ar. A seguir foi lançado um perito de campos de pouso; quando, em algumas semanas de trabalho, êles abrissem as pistas de aterragem, as noites muito longas poderíam dar cobertura para que os aviões de salvamento descessem.

Planejar era uma coisa, fornecer suprimentos, outra completamente diferente. A legião perdida precisava de alimentos concentrados, roupa, munição, provisões — grandes estoques de tudo — de difícil obtenção — e aviões para transportá-los. Depois de discutir com todos os serviços do Exército que encontrou pela frente, Skorzeny conseguiu a maioria das necessidades de Scherhorn e, à medida que eram lançadas, o exército perdido reconstituía-se como força combatente.

No entanto, o ronco de aviões em voo todas as noites atraiu uma indesejável atenção para Scherhorn. Novos ataques das tropas soviéticas diminuíam seu efetivo e desgastavam seus suprimentos; como poderíam ser construídas as pistas? Então, tiveram uma inspiração em Friedenthal. Cerca de trezentos quilômetros ao norte de Minsk, havia uma região de lagos. Se Scherhorn

conseguisse abrir caminho até lá, nas poucas semanas que se seguiam, os aviões poderiam retirar os homens diretamente do gêlo; não havería necessidade de construir pistas.

Uma onda de esperança excitou os planejadores de Friedenthal. Scherhorn saudou com prazer o novo esquema — e fêz um pedido de novas cargas de suprimentos que lhe permitissem pôr-se a caminho. De novo, o velho fantasma: hordas de funcionários de Berlim tinham que ser derrotadas e ativadas. Precisava-se de mais alimentos, armas, roupas de inverno, enfim, uma centena de coisas para cada um dos dois mil. Já era meados de novembro quando começou o êxodo de Scherhorn; as tempestades de neve já estavam próximas. Os poucos caminhões disponíveis foram cheios com os feridos; todo o restante arrastava-se vagarosamente em colunas que serpeavam através da branca monotonia da Rússia; quinze quilômetros no primeiro dia — um máximo de energia, pois, no segundo, Scherhorn só cobriu dez. Depois disso raramente cobriam mais de cinco a seis quilômetros por dia. Algumas vêzes ficavam imobilizados por combates; isto significava que Skorzeny tinha que implorar mais suprimentos para substituir o que fora gasto. A maioria dos seus suprimentos caiu longe da coluna e acabou se perdendo .

O tempo corria. Emergindo da Batalha das Ardenas, Skorzeny encontrou o seu combustível para os voos de suprimento completamente reduzido. Protestou — mas sofreu novo corte. As autoridades eram implacáveis. Êle tinha que lutar por cada tambor de gasolina, embora enormes depósitos estivessem sendo abandonados na retirada alemã através da Polônia. Radl também fazia o melhor que podia esbravejando para todos os lados que, quando o inimigo irrompesse em Berlim, acharia uma montanha de suprimentos com a etiquêta: “Nunca será usado.”

Os russos ainda avançavam para Oeste, deixando Berlim sob enorme tensão na iminência do ataque. Os aviões de carga de Skorzeny tiveram que recuar

para aeroportos no interior da Alemanha; cada voo era mais longo e cada carga menor.

Veio janeiro; as colunas de Scherhorn ainda se arrastavam através das sombrias vastidões, resistindo a ataques. Apesar do seu grande empenho na frente de combate do Oder, Skorzeny continuava fustigando Berlim para que auxiliassem Scherhorn, enquanto lhe radiografava mensagens de duvidosa confiança — o que mais podia ser feito? Finalmente chegou a notícia de que Scherhorn havia-se juntado ao primeiro grupo de pára-quedistas que estava perdido — e, por fim, em 27 de fevereiro, depois de quatorze semanas de trabalho, Skorzeny recebeu a animadora informação que há tanto esperava: o grupo chegara aos lagos!

Em Friedenthal, estavam reduzidos a uma única viagem de suprimentos, com um só avião por semana — agora a linha de combustível fora cortada; ficaram desamparados. Não haverία mais combustível; não havia mais. A resposta de Berlim era definitiva.

Outra mensagem via rádio, de Scherhorn: “Onde estão os aviões? Mande buscar-nos. Rápido. Estamos quase sem alimentos . ”

Os fragmentos da legião perdida encontraram o seu incrível fim. O chefe do grupo B, que achara Scherhorn e o levara aos lagos, foi promovido e a sua Cruz de Cavaleiro, uma das últimas a serem concedidas, foi-lhe lançada do ar. Chegavam mensagens de agradecimento — mas, de quem?

Esta história com o seu brilho estranho e quixotesco, é uma das muitas que trouxeram a Skorzeny as oportunidades de ação por trás das linhas russas. Da mesma forma, indica o preço do fracasso. Nada foi ouvido dos sobreviventes de Scherhorn; se morreram de fome e frio na neve onde os russos, ao término da guerra, os deixaram, ou se foram esmagados pelo inimigo, não se sabe. Há notícia de que o seu líder foi libertado, com a saúde abalada de um campo de prisioneiros, muito depois da guerra, mas os demais estão entre as hostes alemãs isoladas na Rússia cujos números têm ainda que ser avaliados.

Homens como os que se lançaram de pára-quedas para organizar a legião perdida têm gosto especial pelas suas missões; o perigo parece atraí-los. Missões secretas dêsse tipo normalmente eram dirigidas por um oficial alemão; um dêstes, um jovem de extraordinária ousadia, o Tenente (mais tarde Capitão) Walter Girg, passou e repassou as linhas soviéticas tantas vêzes que chegou a perder a conta. Radl costumava dizer que Walter brincava com a sua versão particular da rolêta russa, com balas no revólver, em vez do jogo convencional com uma só bala.

Girg tinha a sorte como certa e esta nunca lhe falhara. Com os seus suaves olhos azuis, cabelos louros e ondulados e ceceante fala austríaca, Skorzeny só foi induzido a aceitá-lo como voluntário devido ao fato irretorquível de que já conquistara duas cruzes de ferro antes de completar vinte e três anos de idade. Era em 1944, muito tarde para heroísmos, mas o recém-chegado logo se tomou o enfant terrible de Friedenthal. “Moscou ou nada” era o sincero lugar-comum para Girg; Skorzeny tinha que mantê-lo severamente sob controle para impedi-lo de passar além dos limites em quase todas as missões. Sempre se metia em dificuldades verdadeiramente insensatas e saía delas sorrindo. Caso se quisesse alguém para provar a indulgência divina depois das maiores provocações, êsse alguém era Girg.

O seu mais famoso sucesso foi o de retardar o Exército Vermelho na Romênia, enquanto as defesas dos Cárpatos eram preparadas pelos alemães; foi citado por ajudar a livrar do desastre todo um Corpo de Exército. Foi em agosto de 1944, quando os Bálcãs caíram. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Os russos pareciam estar em toda parte.

Skorzeny recebeu, então, a seguinte mensagem do Alto Comando: "Formar dois pelotões especiais para imediata operação a iniciar-se no Aeroporto de Temezvar, Romênia. A finalidade é bloquear as passagens dos Cárpatos, reconhecer por trás das linhas inimigas, destruir suas comunicações e auxiliar os civis alemães a fugir."

Uma ordem desarrazoada e para ser cumprida imediatamente após o recebimento de uma notificação. Skorzeny reuniu tropas especiais, peritos em demolição, uma dúzia de comandos que falavam russo — e Walter Girg; pouco antes de decolar, Skorzeny enviou um avião de reconhecimento que voltou com a notícia de que o Aeroporto de Temezvar estava em mãos russas. Em vista disso, aterraram num campo de emergência na Romênia e mergulharam no desconhecido: quarenta homens contra os invencíveis exércitos vermelhos, confiando na sua sorte e nos uniformes romenos que usavam. Como toque final, colocaram uma faixa vermelha no braço, para demonstrar a mudança de lealdade, desde o armistício da Romênia com a Rússia.

Girg dividiu o seu pessoal em quatro grupos. Cada grupo iniciou bloqueando as passagens em suas respectivas áreas — com isso o avanço russo foi retardado por vários dias. Passaram então a concentrar-se no resgate das colônias alemãs há muito estabelecidas na Romênia. Várias centenas de colonos foram levados à segurança. Mas fora reservado ao próprio Girg colhêr o prêmio do máximo de atrevimento. Seu grupo esbarrou numa coluna russa — a caminho, gritavam os camaradas, de ocupar Kronstadt, que o Govêrno romeno tinha entregue aos seus novos

senhores soviéticos. Cantando “Viva o Exército Vermelho; que a vitória não tarde!” os homens de Girg encabeçaram a marcha para Kronstadt, tendo flores apanhadas na estrada enfiadas nos canos dos seus fuzis. Excitados com o vinho e as canções, seguiram o seu caminho, depois de muitas manifestações fraternais no meio da cidade.

Mais tarde, alguns homens de Girg alcançaram um regimento antiaéreo alemão, abandonado durante a retirada dos exércitos, esperando para render-se. A unidade dispunha dos mais modernos canhões de tiro rápido; os homens perfeitamente uniformizados pareciam ter deixado sua base uma hora antes. Os dois mil artilheiros não tinham dado nenhum tiro; na verdade, ainda não tinham visto qualquer russo. Centenas dêles foram postos em brio e aderiram à ação de ruptura. Quase todos voltaram para a Alemanha. Muitas dessas unidades cediam inapelàvelmente à “neurose russa”.

Na sua volta, depois de vagar por centenas de quilômetros para localizar as unidades russas, Girg, com quatro dos seus homens, foi apanhado. Dois dêles foram mortos a coronhadas; Girg estava sendo conduzido, completamente despido, para ser executado, quando conseguiu fugir. Os russos caçaram-no, atirando selvagemente. Ferido, caiu num banhado e desapareceu de vista. Na manhã seguinte um homem nu apareceu num posto avançado alemão, perguntando pelo comandante. Mais uma vez Girg girara o tambor do revólver, acionara o gatilho e vencera .

Antes da débâcle da Alemanha, Girg comandou uma arremetída de tanques através dos russos, no Norte; mais uma vez dispunha de uma turma mista de quinze alemães e vinte e cinco russos, todos com o uniforme de romenos vermelhos. Usando Dantzig como porto de partida, depois que a Prússia Oriental fôra cortada, êle irrompeu através da guarnição sitiada em Kolberg, ao longo da costa Báltica. Skorzeny recebeu uma mensagem pelo rádio, do comandante da guarnição, que não podia acreditar que Girg fosse realmente

oficial alemão e menos ainda que pudesse ter trazido um grupo de tanques a centenas de quilômetros através das linhas russas. Assim sendo, prendera todo o grupo como espiões e se propunha a fuzilá-los imediatamente, a menos que Skorzeny pudesse confirmar a sua história. Skorzeny telegrafou para Kolberg na hora exata.

Êste cêrco russo a Kolberg apresentou uma das mais irrefletidas controvérsias da guerra. Soldados franceses, alistados na Divisão SS Charlemagne, lutavam para manter aberto o corredor através do qual os refugiados alemães estavam fugindo para o Oeste. Comunistas alemães, e prisioneiros de guerra alistados na Divisão Seydlitz, combatiam para cortar a rota de fuga dos seus compatriotas.

Girg voltou com apenas três homens, depois de um percurso de seiscentos e cinqüenta quilômetros em território mantido pelos soviéticos. O seu radiooperador morreu afogado ao partir-se o gêlo no momento em que atravessavam o congelado Vístula; foi enterrado num cemitério com honras militares e tropas russas na "posição de sentido". Na sua volta, Skorzeny distribuiu relógios de pulso aos russos de Girg e sentiu-se recompensado pelo seu exuberante regozijo.

Por sua parte, Girg admirava os civis alemães que ficaram para trás da vazante maré alemã. Embora aterrorizados com o Exército Vermelho, nunca se negaram a ajudar; as mulheres, de forma especial, arriscavam-se a qualquer cóisa se lhes mostrasse a Cruz de Cavaleiro que ganhara na Romênia e que sempre usava debaixo da sua manta.

Com o aumento da enchente russa e o seu avanço, aumentou também a amplitude das tarefas por trás das linhas. Um último esforço foi emprestado às desordenadas missões de salvamento de diferentes espécies; e isso não

somente em terra, mas também naquela artéria da Europa Central e Sudeste, que é o Danúbio.

Correndo através de meia dúzia de países, o Danúbio passava além e aquém da linha de combate. Skorzeny mobilizou uma força-tarefa de marinheiros, técnicos em informações e bons nadadores, logo que os russos alcançaram o rio, para um simulacro de operação naval, conhecida como operação Truta. Os blindados soviéticos eram atacados com minas e botes cheios de explosivos; homens-rãs faziam explodir barcos e pontes; em alguns meses foram afundados cêrca de trinta mil toneladas de navios. E foi através do Danúbio que Skorzeny tentou mandar auxílio a Budapeste.

Os meses ganhos nos Bálcãs estavam acabando. Os russos tinham cruzado os Cárpatos e irromperam em Budapeste, onde os alemães e os seus aliados húngaros ainda lutavam. Skorzeny seguia cuidadosamente as notícias da batalha. Deplorou essa destruição de rua em rua de uma das mais belas cidades da Europa e, ao mesmo tempo, preocupava-se com seu amigo e antigo superior, na Rússia, o General Rumohr, que agora comandava a Divisão Blindada que não pudera sair do interior da cidade.

O prestígio de Hitler estava engajado em Budapeste, tendo feito o que pôde para levantar o cêrco da cidade, chegando a enviar para lá três das suas melhores divisões blindadas. A garra russa era muito forte. A guarnição parecia condenada — mas, pelo menos, poderia adiar o fim se pudesse receber suprimentos médicos e munições.

Skorzeny sugeriu a rota do rio. Carregou um dos mais rápidos barcos de Viena com quinhentas toneladas de artigos e arranjou uma tripulação especial, composta inteiramente de oficiais do Danúbio, que receberam de bom grado a oportunidade de ensinar aos russos um truque ou dois sobre o

seu rio. A viagem levou-os duas vêzes através das linhas russas; depois chegou uma pesarosa mensagem a Skorzeny — o barco encalhara num banco de areia. Mas a tripulação não desistiu. Um oficial foi a Budapeste num pequeno bote; lá roubou uma lancha a motor e com ela foi levada a carga, em repetidas viagens. Um grupo de exploração encontrou o cargueiro, mais tarde, ainda no seu banco de areia; antes, porém, receberam uma mensagem do radiooperador de bordo dizendo que toda a tripulação estava indo para Budapeste para juntar-se aos defensores.

A Batalha de Budapeste continuou furiosamente durante um mês inteiro. Só então a guarnição recebeu ordem de romper o contato. De dezenas de milhares, somente cento e setenta conseguiram salvar-se. O General Rumohr foi ferido e, mais tarde, Skorzeny soube que o seu amigo preferira matar-se a cair em mãos russas.

# XII.

*A última grande batalha começou. Massas enormes de tropas, tanques e aviões estão sendo lançadas contra nósf no Leste. Os russos estão em campo para as decisões finais.*

*Rádio de Berlim, a 12 de janeiro de 1945.*

*As salvas do triunfo continuam a ecoar ruidosamente, todas as noites, em Moscou, e com razões de sobra, pois nunca, em tôda a história da guerra, foi empreendida no inverno uma operação militar tão formidável como esta, que agora está saltando de vitória em vitória.*

*The Times, Londres, 25 de janeiro de 1945.*

Durante quase dois anos Skorzeny mal fora um soldado, no sentido exato da palavra, foi um pirata, um salteador militar, um espetacular trapezista, com cujo solitário brilho Hitler contava para a montagem do espetáculo.

Subitamente, no entanto, nas últimas semanas de guerra, quando a Alemanha já se encontrava no fim e os russos em seu último salto sobre Berlim, Skorzeny foi, mais uma vez, o homem para quem os alemães se voltaram; desta feita, porém, para realizar uma tarefa comum de soldado — o tipo da coisa em que êle não mais pensava desde os seus dias de Tenente

na Rússia. Tenente? Do dia para a noite êle se tornara um verdadeiro general-de-divisão, exceto quanto às divisas e ao soldo.

Numa tarde, nos fins de janeiro de 1945, Skorzeny se encontrava sentado em seu gabinete, em Friedenthal, tornando a escrever um relatório que algum burocrata de uniforme cheio de enfeites havia pedido, pois sua primeira versão fora devolvida por ser "demasiadamente verídica". O telefone tocou. Era Heinrich Himmler. Agora que Hitler classificara a maior parte de seus generais de estúpidos e traidores, o chefe da Polícia alemã tinha-se tornado Generalíssimo na Frente Oriental e assumido o comando do Grupo de Exércitos do Vístula, que já não era um grupo de exércitos nem estava mais em qualquer lugar perto do Vístula. Na verdade o gabinete de seu novo comandante situava-se nas proximidades de Berlim e a Frente, se é que havia uma, estava a uma distância de um par de horas.

Himmler ordenou a Skorzeny que seguisse imediatamente, com todos os soldados que conseguisse raspar, para o vale do Rio Oder, para uma cidade chamada Schwedt, sobre a estrada para Stettin, e lá, de uma cabeça de ponte a leste do rio, detivesse o avanço dos russos. Era preciso que êle organizasse não somente um baluarte que salvasse Berlim, como também que estabelecesse a base de onde seria lançada a grande contra-ofensiva que Himmler prometera que poderia ser lançada. Era a partir daquela cabeça de ponte que dois corpos de exército deveríam fazer os russos recuarem — dois corpos de exército que já não existiam mais.

Eram cinco horas da tarde. A partir daí o telefone do Quartel-General de Himmler não parou mais. "O Senhor já começou?", "Por que não começou?", "Já avisamos Hitler de que o senhor havia começado", e assim por diante. Skorzeny seguiu na manhã seguinte, às cinco horas, com um batalhão de pára-quedistas sob seu comando e quatro companhias de suas tropas especiais — uma delas uma verdadeira babel de holandeses, belgas, dinamarqueses, noruegueses e até suecos. Avançou completamente "no

escuro”. Não havia relatórios sobre Schwedt e no Quartel-General de Himmler, ou mesmo em qualquer outro lugar, ninguém sabia onde estavam os russos.

Na estrada, soube, por acaso, que os russos se encontravam ainda perto do Rio Oder, a alguns quilômetros ao Sul de Schwedt; encontrou a velha cidade com uma população normal de uns cinqüenta mil habitantes — inerte, a dormir, com a Bandeira alemã ainda tremulando no mastro do castelo junto ao rio. A grande ponte sobre o canal e o rio coberto por espêssa camada de gêlo pareciam suficientes para suportar um exército. Skorzeny fêz com que patrulhas transpusessem a ponte e avançassem para descobrir as posições russas. Só então teve tempo para pensar.

Em sua volta e à sua retaguarda parecia ter desaparecido toda a esperança. Nas estradas, retirada, confusão, pânico; a melancólica corrente de refugiados, extraviados remanescentes de um exército derrotado. Na frente, um inimigo triunfante, impondo-se e uma defesa esfacelada e paralisada. À retaguarda,

chefes caprichosos e histéricos, com planos fantasiosos e um comissariado com depósitos e arsenais vazios.

Era dêste lamaçal de penúria moral e material que deveria sacar os meios para deter os russos. Só havia uma coisa a ser feita: êle próprio deveria transformar a fantasia em arsenais; criar, na sua parte da frente, por meio de força de vontade e de exemplo, um elemento de resistência, para isso recrutando e inspirando todos os homens e mulheres ainda aptos para usar um fuzil ou uma pá, e produzir, do lado do inimigo, uma ilusão de força, pela imediata passagem à ofensiva, atacando sempre, aqui, ali e acolá, cortando a cabeça das colunas russas onde quer e logo que elas surgissem.

Improvisar, inventar; enganar a si mesmo e a todos os demais. Agir da mesma forma com respeito à retaguarda: embalar os líderes com promessas e não olhar por sobre os ombros.

De fato, Skorzeny tinha que contrapor sua própria personalidade, sua iniciativa e sua imaginação aos dois inimigos: aqui, o caos; lá, do outro lado, um adversário poderoso e vitorioso. Primeiro que tudo, de que forças dispunha para uma reorganização? Além das tropas que trouxera, Skorzeny havia encontrado em Schwedt mais os seguintes:

— um suposto batalhão da reserva, com cêrca de quinhentos homens, doentes ou velhos;

— cêrca de cento e cinqüenta graduados e cadetes que estavam em Schwedt por acaso, fazendo um curso;

— um punhado de pioneiros, aptos, talvez, para manejar um fuzil, mas sem condições para marchar;

— os doentes, feridos e detidos que ficaram para trás quando, algumas semanas antes, todos os homens aptos tinham sido arrebanhados para seguirem para outras frentes.

Havia, porém, uma fonte potencial de combate que não tinha sido considerada e que, rapidamente, se tomou visível a Skorzeny: a procissão de extraviados que, vinda de leste, se arrastava para a cidade. O primeiro passo de Skorzeny, depois de esboçar um perímetro para sua cabeça de ponte — um arco de postos de combate a uma distância de cêrca de seis quilômetros da cidade, — foi reunir os extraviados à medida que chegavam e pô-los em treinamento sob a direção dos eficientes graduados que lá encontrara.

Sua segunda medida foi recrutar não somente a mão-de-obra representada pelos civis com o seu entusiasmo. Não determinou ao prefeito e às autoridades que "reunissem os cidadãos com pás e picaretas", mas, sim, que "fossem eles próprios com pás e picaretas que o povo os seguiria". No segundo dia a população acreditava — porque Skorzeny lhe dissera e demonstrara — que poderia salvar a Alemanha, que dela dependia a salvação de seus parentes e amigos que se encontravam na retaguarda, e que ela era a rocha contra a qual a onda russa iria despedaçar-se.

Para Himmler, em Berlim, de acordo com os mapas, o Oder se apresentava como uma barreira natural ante a Capital. Skorzeny descobriu que o rio não era, afinal de contas, obstáculo algum; seria necessário que se dispusesse de quebra-gelos e de dinamite para que o rio pudesse ser considerado como obstáculo anticarro e para que pudesse ser inundado o pantanal entre o canal e o rio.

Desde logo Skorzeny percebeu que sua cabeça de ponte, com seu perímetro externo de pontos fortes cobrindo a aproximação de todas as direções e com seu anel interior de defesas cavadas por sua força de mão-de-obra, era suficientemente forte para retardar os invasores, pelo menos por alguns dias — até que êle tivesse conseguido reunir e treinar uma guarnição razoável e pudesse apoiá-la com algo parecido com o armamento apropriado.

Manteve na cidade todos os seus melhores oficiais e graduados — alguns tiveram que ser destacados para tratar dos refugiados e da evacuação de mulheres e crianças — a fim de instruírem seu novo e sempre crescente "exército"; em três dias haviam sido formados dois batalhões completos, aptos para o guarnecimento do anel interior.

Nesse meio tempo, um patrulhamento intensivo estava sendo efetuado, dia e noite, a uns cinqüenta ou sessenta quilômetros para dentro do território controlado pelos russos, apanhando pela garganta as vanguardas soviéticas e produzindo constantes informações sobre os movimentos do inimigo. Ao mesmo tempo, no interior da cabeça de ponte e comprimida como se fosse uma potente mola, uma selecionada força de ataque se achava pronta para atacar qualquer coluna russa que avançasse até ali e, assim, impedir que uma incursão viesse a se transformar em uma ruptura.

Ordens irrelevantes — e, para os homens que ali se encontravam, absurdas — continuavam chegando do Grupo de Exércitos. Skorzeny poderia, de uma forma ou de outra, ignorá-las; o que, porém, não podia ignorar era sua escassez de armas, particularmente de artilharia, e a omissão do QG em responder aos seus pedidos de suprimentos. Quando o informaram de que não havia disponibilidade de canhões anticarro, não pôde deixar o caso por isso mesmo — se Berlim não podia fomecer-lhe os canhões, êle acharia alguns por seus próprios meios.

E achou mesmo. De uma fábrica, uns cinqüenta quilômetros para o sul, que Berlim havia fechado por se encontrar ao alcance da artilharia russa, Skorzeny conseguiu um número apreciável de canhões 75 mm — os únicos que podiam vencer os tanques T-34 e Stalin. Também de um depósito, próximo de Frankfurt — sobre o Oder, seus homens conseguiram o número que quiseram de metralhadoras especiais Mark 42 .

Skorzeny compensou sua falta de artilharia de campanha juntando alguns canhões antiaéreos, que montou em caminhões. Dois batalhões de guarda territorial tinham sido incluídos em sua força. Um veio de Hamburgo — estivadores e homens das docas que, embora comunistas até perto de 1936, lutavam agora como leões contra a Rússia. O outro surgira das defesas de Konigsberg, Cidade a uns doze quilômetros para sudeste. Skorzeny sentia-se agora suficientemente forte para manter sua cidade como um baluarte

avançado. Aqui os seus pára-quedistas e os dois contingentes de Guarda Territorial agüentariam o primeiro choque russo antes de retrocederem para o anel interior da cabeça de ponte.

Hermann Goering telefonou: — Como está indo a coisa? — desde o início demonstrara um interêsse benévolo para com a cabeça de ponte e telefonava freqüentemente. — Poderia consegui-lo, com mais algumas tropas — ponderou Skorzeny. No dia seguinte chegou um batalhão novinho em folha, da Divisão Hermann Goering, comandado por um jovem oficial, impaciente e cheio de condecorações. Era uma tropa ótima, exceto que, sendo da Força Aérea, não tinha qualquer noção sobre o que fazia um infante. Assim, para desânimo do seu comandante, Skorzeny dividiu-a em grupos que foram espalhados entre as suas próprias unidades — e tornaram-se infantes imediatamente.

Um dia, andando de auto em torno da sua cabeça de ponte, Skorzeny encontrou um esquadrão de cavalaria, elegante e montado em cavalos muito bem tratados, como se saído de um filme romântico. O subalterno que estava no comando trotou até êle e fêz-lhe continência. — Pode usar-nos, senhor? — Aposto que posso — respondeu Skorzeny encantado, mas imaginando o que no mundo podia aparecer a seguir.

Quando os dias formaram uma semana, o seu exército de fantasia alcançara o valor de uma divisão: quinze mil e tantos homens, falando quase todas as línguas da Europa — agora tinha russos e romenos, bem como os ocidentais que trouxera com êle de Friedenthal. Êle a chamava de "Minha Divisão Européia".

Tempo havia sido ganho, mas o ataque russo não tardaria. Uma manhã êle enviou uma pequena patrulha para observar Bad Schonfliess, um pequeno

ponto de abastecimento de água além de Konigsberg; a patrulha voltou debaixo de fogo e teve dois mortos. Nessa tarde o próprio Skorzeny saiu em patrulha. Perto do anoitecer êle e os seus homens deixaram os veículos nas cercanias de Bad Schonfliess e rastejaram até à orla das casas desertas. Havia três civis na estrada; um dêles era uma mulher.

Apareceu um civil sozinho — mas ainda nada dos russos. O inimigo tinha chegado dois dias antes, disse o homem; estavam na estação da estrada de ferro, do outro lado da cidade. A todo momento continuavam chegando tropas e munições. Á patrulha de Skorzeny deslocou-se pela cidade às escuras; lá estavam os tanques russos, cêrca de cinquenta, do lado de fora da estação. Não havia tempo a perder; voltaram pelas ruas silenciosas. Skorzeny esperou o tempo suficiente para dizer à população da cidade que voltasse a Konigsberg, a apenas oito quilômetros de distância. Parecia, porém, que os dois dias de ocupação russa tinham arrefecido o seu ânimo. A patrulha voltou a Schwedt com algumas crianças alemãs que tinham perdido os pais; ninguém mais queria sair da cidade condenada.

Os russos atacaram. Quarenta tanques e diversos batalhões entraram em Konigsberg. Lutando de casa em casa, os homens de Skorzeny destruíram dez tanques durante o recuo — um combate em retirada que provou que mesmo a recém-organizada Guarda Territorial poderia lutar.

Depois de uma noite de combates, Skorzeny voltou a Schwedt, sendo recebido pelo comandante da Guarda Territorial de Konigsberg; seus soldados ainda se encontravam no mais aceso do combate.

— Esperei a noite inteira, Coronel, para dizer-lhe que está tudo perdido em Konigsberg — gritou o tal sujeito; Skorzeny imeditamente o prendeu.

Êle era o chefe do Partido Nazista em Konigsberg e, como tal, automàticamente, comandante dâ Guarda Territorial. Inegavelmente êle desertara em presença do inimigo; Skorzeny submeteu-o à corte marcial e enforcou-o em praça pública.

Isso chegou aos ouvidos de Martin Bormann, Vice-Presidente do Partido de Hitler, que enviou de Berlim uma furiosa mensagem declarando que os membros mais graduados do Partido só podiam ser julgados por um tribunal do Partido.

Skorzeny disse ao emissário de Bormann: — Nós julgamos o homem não como funcionário do Partido, mas sim como soldado. Será que a covardia e a deserção não são puníveis nos líderes do Partido?

Skorzeny não dava a menor atenção ao Partido quando êste interferia com os seus deveres de soldado e com as suas intenções. Na mesma batalha demonstrou tal fato uma segunda vez. Uma ordem, de novo vinda de Bormann em Berlim, dizia que êle devia fazer tudo para capturar ou destruir alguns veículos abandonados vinte e cinco quilômetros à retaguarda dos russos, que continham vitais "documentos do Estado". Skorzeny aprofundou-se no caso; não eram documentos do Estado e sim documentos do Partido, do próprio gabinete de Bormann e que êste, por motivos pessoais, não queria que chegassem às mãos russas.

Com isso, respondeu que não desperdiçaria homens numa missão dessa natureza; a ordem não podia ser obedecida.

Dez dias depois que fora organizada a cabeça de ponte, houve um bem-vindo acréscimo à sua força: o Tenente Schwerdt, que estivera com êle no resgate de Mussolini e uma companhia de comandos de primeira classe, entre os quais dez dos seus próprios veteranos que também se tinham lançado no Gran Sasso.

Konigsberg foi abandonada; a cabeça de ponte estava resistindo ao impacto de um selecionado corpo de exército russo, encabeçado por uma grande massa de tanques e apoiado por romenos sovietizados. O inimigo estava detido no perímetro externo, mas inúmeros postos avançados tinham cedido.

Foi nessa altura que o próprio Skorzeny quase foi submetido à corte marcial por zombar de Himmler. Uma aldeia tinha sido abandonada por ordem de Skorzeny; Himmler telegrafou: “O Comandante de companhia interessado está sendo submetido à corte marcial ou já foi fuzilado?” Skorzeny respondeu que não fizera nem faria uma ou outra coisa, e seguiu para a frente, onde tinha que ser detida uma penetração russa.

Outra mensagem: Skorzeny deveria se apresentar ao Quartel-General de Himmler às quatro horas da tarde. Êle a pôs no bolso e, depois de rechaçai o inimigo, apresentou-se ao comandante do seu Grupo de Exércitos com quatro horas de atraso. Himmler estava furioso: Corte Marcial, rebaixamento de posto, motim; trovejou ameaças e acusações contra Skorzeny.

Skorzeny disse-lhe que, em primeiro lugar, êle próprio ordenara a retirada da aldeia e, em segundo lugar, desde que chegara a Schwedt, havia recebido uma torrente de ordens insensatas, mas nunca um simples grama de suprimentos.

Parece que isso abalou Himmler, levando-o à ponderação. — Fale-me sobre a sua cabeça de ponte — disse êle a Skorzeny e convidou-o para jantar. Quando terminou a refeição, Himmler tinha-lhe dado uma bateria de canhões de assalto e prometido todo o auxílio possível.

A batalha pela cabeça de ponte era furiosa; aldeias trocavam de mãos; havia retiradas. Mas Skorzeny sabia que poderia mantê-la. Sentia-se tão seguro, que dizia para si mesmo que ficaria "velho e de cabelos brancos" em Schwedt; pelo menos, estava prolongando a vida de Berlim e dando tempo para que milhares de refugiados procurassem abrigo a oeste.

Uma mensagem em seu QG avançado informou-o de que Goering estava em Schwedt esperando para vê-lo. Realmente, um figurão viera à sua cabeça de ponte; o primeiro visitante que tivera durante toda sua estada! Goering usava o uniforme cinza de campanha; sem medalhas, com o estômago um tanto encolhido, sem bravatas nem zombarias desta vez. Chegou durante um árduo combate.

O grande Panjandrum queria ir ao interior da cabeça de ponte; assim deveria ser feito, mas, nervosamente esperava o seu séquito, não onde houvesse demasiado risco. Goering mostrou-se alegre com tudo, distribuindo cigarros e conhaque. Foi com Skorzeny quase até a linha de frente. Daí partiu com o dever cumprido e a curiosidade aplacada.

A batalha continuou, mas a cabeça de ponte resistia. Skorzeny tinha cumprido a sua tarefa — a tarefa de um comandante de divisão, ortodoxo e dentro dos regulamentos.

Então lembrou-se de que nunca achara tempo para preencher os longos formulários que o teriam alçado ao posto de general-de-divisão. A BBC o fêz por êle, pouco antes de ser chamado de volta a Berlim. “O bem conhecido chefe Skorzeny, das SS”, disse a transmissão de Londres, “que levou a cabo o resgate de Mussolini, foi promovido a general-de-divisão e recebeu o encargo da defesa de Berlim. Tornou-se, assim, o homem mais poderoso da Capital alemã... já começou a liquidar todos os elementos da população de Berlim que não são dignos de confiança.”

Skorzeny deliciou-se com a notícia; lembrou-se da noite anterior ao salvamento de Gran Sasso, quando a BBC transportara Mussolini da Itália para o Norte da África nas ondas de rádio, confundindo os que seriam seus libertadores. Já parecia haver uma eternidade desde que isso acontecera e aqui estavam êles, na mesma jogada. Agora Skorzeny estava para ser usado como coringa em algum jogo da “guerra política”. Sentia-se enormemente divertido; nenhum sexto sentido o avisara de que esta nuvem no horizonte, menor que a mão de um homem, fosse o presságio da tormenta que desabaria sobre a sua cabeça.

Por ordem do General Jodl, êle deixou Schwedt nos fins de fevereiro, a fim de receber uma tarefa secreta ainda mais importante. Alguns dias mais tarde, o seu sucessor no comando recebería ordem de evacuar o grosso das suas tropas. Sua atuação tinha cumprido a finalidade.

# XIII.

*Onde há muita luz, há, também, muita sombra.*

*Goethe, Goetz von Berlichingen.*

Com esta nova chamada de Schwedt, a vida que Skorzeny conhecia tão bem estava próxima do fim. Depois das vicissitudes da cabeça de ponte do Oder êle voltou a trabalhar em Friedenthal — serviço burocrático que, em sua opinião, era cada vez menos realistico, enquanto suas forças especiais eram lançadas para o tamponamento das brechas abertas na defensiva alemã por um inimigo que poderia ser retardado, mas que, no fim de contas, não poderia ser detido.

Uma última e assombrosa missão lhe foi confiada, mas, antes, foram dissolvidos, em sua maior parte, os batalhões de combate sob seu comando. Von Foelkersam estava com a razão: nos últimos espasmos da vida da Alemanha ninguém teria tempo para "tropas de fantasia". O setor atingido foi deixado em mãos dos generais.

Alguns dias mais tarde, quando o Primeiro Exército americano, com energia e sorte, atingiu Remangen e capturou intacta a grande ponte de Lundendorf, houve uma segunda idéia: "Mandem chamar Skorzeny!" O apêlo partiu do Grande Quartel-General.

Os americanos já tinham conseguido uma cabeça de ponte de uns dez quilômetros de profundidade além do Reno. “Tinha sido penetrada a tradicional barreira defensiva para o coração da Alemanha”, escreveu o General Eisenhower. “Êste foi um dos momentos felizes que tive na guerra. A derrota final do inimigo... estava agora, de súbido, em nossas mentes, logo ao dobrar da esquina”.[1]

Da mesma forma que em Nymegen, seis meses antes, o Alto Comando fêz tudo o que podia para recapturar ou destruir a ponte, empregando aviões de bombardeio, colunas de tanques e canhões de longo alcance. Depois, então, pediram a Skorzeny para enviar seus homens-rãs. Pela primeira vez Skorzeny se recusou a obedecer incondicionalmente a uma ordem. Quando a tarefa sem esperanças lhes fosse explicada, caberia, a cada homem do grupo que trouxera de seu centro de treinamento no Danúbio, decidir por si mesmo se a executaria ou não.

A água, esclareceu êle a seus homens, estava apenas uns graus acima de zero. O inimigo guarnecera e artilhara completamente toda a área. Holofotes cobriam todas as vias de aproximação para a ponte — os americanos estavam esperando, justamente, por um ataque daquele tipo. Praticamente não haverία chance de voltar com vida, e, muito menos ainda, de que a operação obtivesse êxito. Agora, então, quem se oferecia como voluntário?

Apresentaram-se voluntários. Alguns sobreviventes foram retirados do rio por seus captores americanos. A ponte ficou onde estava.

Para Skorzeny sobrou apenas a raiva com a estúpida imbecilidade dos ortodoxos; receberam uma delicada arma, cujo fio era temperado pela surprêsa e, uma vez mais, usaram-na num tardio ataque frontal. Skorzeny viu o seu grupo de nadadores enfrentar seu destino nas geladas e ensangüentadas águas do Reno. Seguiu então para Berlim, para que, uma vez mais, os trapalhões compartilhassem de seu desencanto.

Na Chancelaria, arruinada pelos bombardeios, enquanto esperava para apresentar um relatório ao Alto Comando, foi saudado, em nome de Hitler, por uma jovem, de aparência agradável e com belos cabelos louros — uma figura suburbana entre destroços de mármore. A jovem disse a Skorzeny que ouvira falar muito sobre êle. — O senhor deve vir mais tarde, para tomar chá e falar sobre algumas das coisas que tem feito — falou a moça. Um mês mais tarde a morte tiraria da

banalidade o seu casamento com Hitler. A jovem era Eva Braun.

Hitler vivia agora os seus últimos e torturados dias e noites num apartamento à prova de bombas, ao lado da Chancelaria. Uma vez, passando para uma conferência, viu Skorzeny e lhe estendeu as mãos, que tremiam. Êsse homem, que mantinha a Alemanha no caminho da autodestruição por sua exclusiva vontade, estava curvo, trêmulo e envelhecido.

— Skorzeny — disse Hitler, — ainda não lhe agradeci pela defesa do Oder. Dia após dia era o único ponto brilhante nos meus relatórios. Concedi-lhe as Folhas de Carvalho para a Cruz de Cavaleiro e pretendo entregá-las pessoalmente. Aí, então, o senhor poderá apresentar-me um relato completo. Para o futuro tenho uma outra missão para o senhor...

Hitler se retirou. Skorzeny não tornou a vê-lo.

A Chancelaria estava ainda povoada de ilusões, era uma cena de teatro num montão de ruínas. Guardas de honra apresentavam armas; generais discutiam sobre ordens do dia e detalhes burocráticos.

Todos que representavam algo se reuniam nas sombras do mundo de Hitler; até mesmo Hanna Reitsch, que jazia doente em um abrigo, quando Skorzeny a encontrou. — Ainda posso voar — sussurrou ela. — Posso substituir um piloto. Logo estarei de novo no meio de tudo.

Hanna seguiu seu destino, como sempre. Logo em seguida quando os canhões e as tropas russas cercaram a Capital, ela aterrou com um avião em uma avenida cheia de crateras. Hitler lhe pedira para trazer o General Ritter von Grein, que fora designado para substituir Goering como comandante-em-chefe de uma extinta Força Aérea. Grein feriu-se durante êsse voo tormentoso, mas, quatro dias mais tarde, foi mandado de volta com ordens para prender Himmler, acusado de ter entrado em contato com os Aliados . Novamente Hanna Reitsch se encontrava na cabina do avião, arranhando os telhados e passando rente às copas das árvores a fim de evitar o arrebentamento de granadas.

Sobravam vinte e quatro dias para Hitler quando Skorzeny disse adeus a Berlim, mas nada, a não ser a vitória, podia ser mencionado. Nações que nunca perderam uma guerra, povos que nunca conheceram uma invasão, não podiam entender por que os soldados alemães continuavam a lutar. O próprio Skorzeny dificilmente saberia dizer o que o impelia, quando tentou

reunir os remanescentes de suas fôrças-tarefas, para preparar sua última ação contra um mundo em armas.

Era isso de fato a última missão que lhe foi confiada. Com centro no "Ninho da Águia", abrigo de Hitler no alto da fronteira austro-germânica, vinte ou trinta divisões deveríam fechar um arco de aço em torno do Führer. Por trás de sua parede de montanhas, cobertas de neve, em cavernas, túneis e ravinas, havia arsenais e depósitos de gêneros; poderíam manter-se, se fosse necessário, durante anos. Skorzeny recebeu ordens de ficar à frente da guarnição principal e de criar o núcleo de um Corpo de Defesa dos Alpes.

Skorzeny saiu da condenada Berlim para assumir sua designação. Antes, no entanto, visitou Viena, na esperança de encontrar algumas de suas próprias unidades que foram abandonadas na esfacelada frente sudeste; levava-o, também, o desejo de rever seu lar.

Chegou, ao anoitecer, uma cidade às escuras. Não havia acesa nem uma lâmpada. As ruas, vazias, estavam turvadas pela fumaça dos edifícios em chamas. De quando em quando uma sombra deslizava por entre as paredes destruídas; ouviam-se tiros distantes. Ao longo do desmantelado cais do Danúbio, Skorzeny procurou a casa onde vivera seu irmão; suas ruínas bloqueavam a rua. A casa de sua mãe fora destruída; um de seus vizinhos apareceu e o informou de que ela deixara Viena alguns dias antes.

A Capital parecia uma grande e silenciosa fortaleza abandonada: barricadas, sem ninguém para guarnecê-las; tanques alemães abandonados; um silêncio mortal, quebrado apenas por repentinos disparos de fuzil, bastante próximos . Talvez êle tivesse atravessado as linhas uma ou duas vêzes, embora não

houvesse uma frente contínua. Parou seu auto junto a uma barricada aparentemente deserta, para olhar em volta. Duas figuras emergiram da sombra — policiais. Êles mesmos se apresentaram: — Somos a guarnição. Os russos estão logo ali.

— Viena tinha perdido tudo, menos o seu humor.

Skorzeny encontrou o seu velho escritório. Sem luz, sem telefone, sem gás. No entanto, sua sócia e secretária ainda se encontrava lá. Fizeram chá num fogão a óleo e conversaram à luz de~ velas. Como os tanques russos roncassem ainda mais perto, alguns dos seus velhos empregados apareceram: — Esperamos que o senhor se vá. E pense em nós, senhor.

Era hora de partir; no entanto êle devia, antes, ver sua própria casa, na Rua Peter Jordan. Os jardins pareciam fantasmagóricos, como deveria ter ocorrido na sua infância. Foi de quarto em quarto; tudo como êle lembrava — os tapêtes que sua esposa tanto amara, as pratas que compraram juntos, os retratos de família. Os relógios tinham parado em horas diferentes. Deixou tudo como estava, para os russos entrarem.

Agora, para o Posto de Comando. O que estaria acontecendo no Castelo? Ao longo da rodovia para Viena havia sinais de retirada precipitada, de pânico mesmo. Mas no fundo das masmorras do Castelo, tais noções não eram compartilhadas, contra um cenário de luxo baronesco, Baldur von Schirach, Chefe do Distrito de Viena e antigo paladino da Juventude Hitlerista, estava sentado sob candelabros dourados iluminados por dúzias de velas, contemplando um mapa.

— Suponho que o senhor sabe — aventurou Skorzeny — que os russos podem entrar quando quiserem — na verdade êles já estão entrando, agora mesmo.

— Ridículo! — Von Schirach estava inclinado sobre o seu mapa. — Minhas duas divisões SS atacaram pelo norte. Fecharei as minhas pinças pelo oeste . Assim poderemos libertar Viena da mesma maneira que o Príncipe Stahremberg a livrou dos turcos em 1683 — Skorzeny deixou-o fazendo o seu fantástico jogo e manobrando os seus exércitos de imaginação.

— Aqui lutarei e morrerei — foram as palavras de despedida de Von Schirach.

Dirigindo-se para o norte, Skorzeny telegrafou para o QG de Hitler: — Na minha opinião, perderemos Viena hoje — isso não era de sua alçada, mas haviam-lhe dito que informasse diretamente sobre assuntos de importância.

Não obteve resposta.

Prosseguiu para o reduto alpino, de cujas encostas, cobertas de gêlo, Hitler desafiaria o mundo. Radl juntou-se a êle no novo quartel-general, perto de Radstadt; em seguida chegou um mensageiro vindo da sitiada Berlim; as Palmas de Carvalho para a sua Cruz de Cavaleiro!

A seguir um surpreendente encargo do Dr. Walther Funk, que assumira a função do Dr. Schacht como Presidente do Banco Alemão e Ministro da Economia. Funk enviou dois dos seus funcionários para perguntar se podia

colocar sob a proteção de Skorzeny o Tesouro do Estado — e a sua própria pessoa. A resposta foi bem curta: entre as coisas que Skorzeny precisava para enfrentar a tarefa que tinha pela frente, não estavam incluídos um ministro civil e uma fortuna em ouro e jóias.

Os castelos do reduto alpino eram a impostura mais visionária de Hitler. Skorzeny e Radl pesquisaram por toda a região, verificando seu completo alheamento à guerra. Algumas carroças puxadas por cavalos subiam as estradas levando provisões; máquinas abandonadas, esperando quem as instalasse — tinham sido trazidas das fábricas que pretendiam transferir para lá, para fazer da região um ponto-forte auto-suficiente. Os arsenais subterrâneos, porém, estavam vazios. Foi o último sonho, que se desvaneceu com o despertar: não havia nada com que lutar e nada que pudesse ser feito.

30 de abril: Hitler estava morto, tanto para o reduto alpino como para a Alemanha. Debruçado sobre as montanhas vazias, Skorzeny soube seis dias depois que a guerra terminara. Um oficial da Força Aérea ofereceu-se para levá-lo para a Espanha com alguns de seus amigos. Skorzeny recusou?; precisava providenciar a rendição dos seus homens; tinha que dar as últimas ordens.

Foi para uma cabana da montanha com Radl e alguns outros e começou a entrar em contato com o Quartel-General aliado mais próximo. O povo da região disse-lhe, para seu espanto, que as tropas americanas da área estavam revirando tudo à sua procura e, durante a caçada, prendendo dúzias de oficiais e soldados alemães desarmados. Só então começou a suspeitar do aspecto destorcido que o seu renome granjeara com os aliados; soube que a sua fotografia fora exposta durante meses em cartazes de “procurado”, por toda a França. Assim sendo, enviou três cartas dizendo-se disposto a entregar-se; como e onde poderia render-se? Nenhuma resposta veio dos

americanos. Parecia que consideravam a sua aproximação como mais um ardil.

Esperando que algo acontecesse, no imprevisto repouso que a paz trouxera, o grupo que cercava Skorzeny começou a falar do futuro, das conseqüências da paz. A neve e a luz do sol, era como um feriado inesperado: alguns dias despreocupados, parecendo intermináveis.

Discutiram as idéias que o fim da guerra trouxera a muitas mentes e parece que chegaram a um ponto em que todos concordavam: tinha passado o tempo de nações pequenas . Europa, estabeleceram êles, era o menor palco em que podiam encontrar-se todos, amigos ou inimigos, de ontem. A idéia européia devia surgir, naturalmente, do caos.

Mas, se tais sentimentos podiam-se desdobrar no ar rarefeito e puro da montanha, embaixo, o espírito de confiança ainda não estava disseminado. A Rádio de Luxemburgo, o novo porta-voz dos conquistadores, começou a apelar para todos, tanto para os "bons" alemães como para os Aliados, a que ajudassem a prender o chefe de uma conspiração criminosa — Otto Skorzeny. Os jornais aproveitaram-se da deixa e apregoavam: "O homem de inteligência mais diabólica da Alemanha ainda está livre. Está sendo caçado por toda parte pelos melhores cérebros dos serviços de informações aliados."

Uma irônica inversão de fatos; longe dos boletins e manchetes o pivô dêsse assunto fazia tudo o que podia para entregar-se. Finalmente, Skorzeny, Radl e mais dois oficiais desceram para a planície, dez dias depois da rendição da Alemanha. Armados e bem fardados, procuraram o Posto de Comando americano mais próximo, para lá deporem suas armas e tomarem lugar num campo de prisioneiros de guerra, junto com seus companheiros.

Mas não ia ser tão fácil. Pela primeira vez Skorzeny esquecera o paralisante efeito da surprêsa. A última coisa que os Aliados esperavam era que Otto Skorzeny, o protótipo da habilidade e da deslealdade, que devia ser procurado por trás de algum disfarce e que só seria prêso depois de uma desesperada resistência, viesse até êles e dissesse: “Aqui estou eu.”

Encontraram um depósito americano. O sargento encarregado sacudiu a cabeça; para êle, nada significava o nome de Skorzeny; além disso, estava muito ocupado para registrar prisioneiros. O que podia era arranjar um jipe para levá-los a Salzburg; lá, se êles quisessem, poderiam tratar da rendição no QG da Divisão.

Esta foi a entrada de Skorzeny na falta de formalismo dos novos senhores da Alemanha. O motorista do jipe, um texano, já ouvira falar de seu nome. — Skorzeny não é? — parou numa taverna e compraram uma garrafa de vinho: — Se você é Skorzeny, é melhor que tome um gole. Hoje à noite será enforcado.

Em Salzburg, entretanto, o texano deixou-os sozinhos, ainda armados, do lado de fora de um hotel ocupado pelos americanos. Foi esta a última vez que o viram.

Por fim um Major dos Estados Unidos mandou-os para um lugar qualquer, ainda armados, para receberem “ordens” — mas as ordens, quando foram obtidas, tinham que ser assinadas numa outra cidade.

Só então alguém deve ter tido um estalo de que ali, bem no meio dêles, encontrava-se o homem que estava sendo caçado por toda a Europa Ocidental: um homem de um metro e noventa, com uma pistola no coldre. Skorzeny foi conduzido à sala de jantar duma casa de campo e convidado a sentar-se para conversar com um punhado de oficiais americanos. No mesmo instante as três portas e todas as janelas foram escancaradas e êle ficou coberto por metralhadoras de todas as direções.

Os americanos não se mostravam mais sem formalismo. Foi rapidamente desarmado, completamente revistado e levado, com Radl e um outro oficial alemão, para os jipes — um alemão em cada jipe. À frente e à retaguarda do comboio, um carro blindado, com as armas apontadas para os jipes. Um polícia militar mantinha a sua automática comprimida sobre o coração de Skorzeny.

Assim, durante a noite, êles foram levados de volta a Salzburg. Pararam em frente de uma casa com todas as janelas iluminadas. Uma multidão de guardas caiu sobre êles, apontando as armas para as suas costas; Skorzeny foi levado sozinho para o primeiro andar. A cena estava preparada: dois oficiais americanos com um intérprete formavam uma espécie de tribunal; do outro lado, numa fila de cadeiras, a audiência. De cada lado de Skorzeny ficou um policial armado cuidando de todos os seus movimentos.

Os espectadores, descobriu êle, eram correspondentes de guerra e fotógrafos, todos em uniforme. Sua vista perturbou-se com o espocar dos flashes.

“Skorzeny, certamente, desempenha bem o seu papel” — escreveu aquela noite uma repórter de Nova York, com um estremecimento verbal. “Êle está agindo de maneira dura; uma enorme e poderosa figura. A Bêsta de Belsen

é algo saído de um berçário em comparação a êld.” E acrescentou: “Tem olhos azuis.”

“Foi julgado melhor”, disse uma mensagem publicada num jornal de Londres, “manter Skorzeny com as mãos algemadas atrás das costas. Quando lhe dão um cigarro, tem-se que acendê-lo e sacudir as cinzas para êle. Um copo d’água tem que ser levado aos seus lábios.”

Chicago leu, no dia seguinte, que a entrevista terminara com o engatilhamento das pistolas dos PM, “preparados para o que desse e viesse”. O repórter do Daily News dizia: “Direi o seguinte. Êle é em tudo um verdadeiro nazista. Caminhou com a cabeça erguida, enquanto um bando de soldados americanos esperava que êle fizesse uma arremetida em busca da liberdade.”

Agora as perguntas e uma irritante demora. O prisioneiro declarou que nada responderia enquanto estivesse algemado; também queixou-se de que o seu relógio de pulso tinha desaparecido. Era o que tinha uma inscrição de Mussolini para êle. Durantes os meses que se seguiram Skorzeny preocupou-se em livrar-se da fome de souvenirs dos pracinhas americanos.

O relógio foi restituído e as algemas — depois de apelos dirigidos por telefone à Segurança — foram retiradas; Skorzeny caminhou até a janela e, arriscando-se a receber uma bala nas costas, gritou para Radl que tinha ficado embaixo. — Vocês dois ainda estão algemados?

Radl respondeu que sim e, por isso, Skorzeny disse que as suas mãos também deveríam estar livres antes que êle falasse. Novamente conseguiu o

seu intento, auxiliado pela manifesta ansiedade dos repórteres que queriam pôr-se a trabalhar.

Então a causa dos cartazes de "Procurado", dos apelos pelo rádio e da reunião da imprensa em Salzburg, lhe foi revelada pela primeira pergunta: "Por que você tentou assassinar o General Eisenhower?"

Skorzeny respondeu: "Não tentei", e inquiriu como teria surgido a sugestão.

Os repórteres tinham vindo de muito longe para conseguir o lado de dentro da história; não estavam dispostos a tergiversações e aqui estava o Assassino n.° 1 dizendo que nada sabia do complô e nem podia ser envolvido nêle. No dia seguinte deram à imprensa mundial a impressão de que Skorzeny era um homem frio, no qual, em realidade, em instante algum poder-se-ia acreditar. O homem do New York Times não tinha culpa nenhuma por resumir uma pergunta inteira numa frase suave: "Simpático, apesar da cicatriz que vai do ouvido ao queixo, Skorzeny nega sorrindo ter dirigido a missão para assassinar os membros do Comando Supremo."

Quando lhe pediram para provar, desafiando todas as declarações da Segurança, que nunca abrigara tais intenções, Skorzeny respondeu com uma exasperante demonstração de racionalidade: "Se, em algum momento, tivesse recebido ordem para atacar o QG aliado, eu teria organizado um plano. Se tivesse organizado um plano, eu o teria levado a cabo e ninguém ficaria em dúvida sobre o que eu estava tentando fazer."

Para Skorzeny isso era lógica pura, mas a sua desencantada audiência pensava de outra forma. Até o correspondente do Christian Science

Monitoras telegrafou para o jornal dizendo que o prisioneiro tinha “uma personalidade agressiva que casava bem com o seu aspecto físico” e, acrescentou mordazmente, mente preparada para as “atividades subversivas”.

Skorzeny e Radl passaram essa noite juntos, sentados num banco, com as mãos amarradas nas costas, e sob o olhar de guardas que mantinham o dedo no gatilho das armas. No dia seguinte foram levados para Augsburg, no Norte, cqm quatro outros prisioneiros. Três eram generais alemães. O quarto era o Dr. Ley, Ministro do Trabalho de Hitler, que enfrentava o futuro com um pijama azul-celeste, uma enorme capa, chinelos forrados e um chapéu tirolês redondo.

No dia seguinte Skorzeny foi interrogado pelo Coronel Henry Gordon Sheen, o muito hábil chefe de contra-informações de Eisenhower, que correra de Versalhes à notícia da captura. Passaram seis horas juntos. Sheen estava aborrecido, inicialmente, devido à insistência do prisioneiro de que nunca cruzara as linhas aliadas nas Ardenas, pois muitas testemunhas positivamente o tinham visto. Mas no fim, convenceu-se — e disse a Skorzeny — de que os americanos tinham comido uma barriga; os rostos ficariam vermelhos no Quartel-General Supremo. Na hora de sair, no entanto, Sheen lançou uma última e súbita pergunta:

— O que o senhor estava fazendo em Berlim nos fins de abril?

Confundido, Skorzeny disse que não estava lá.

— Vamos — afirmou Sheen, pondo em ação toda a sua técnica de interrogatório, — o senhor sabe muito bem que o senhor mesmo retirou Hitler de Berlim no dia 30 de abril. Para onde o levou?

A única coisa que Skorzeny podia dizer era que não estivera em Berlim desde 10 de abril e prosseguiu, a fim de provar o seu alibi. No final Sheen acreditou, mas a história de que Skorzeny tirara Hitler de Berlim antes da sua queda tomou-se tão duradoura como a lenda da fuga de Eisenhower das suas garras. Êle teria que responder à súbida questão proposta por Sheen não uma, mas centenas de vêzes, para soldados e generais, para jornalistas e juizes, para inglêses, franceses, russos e para qualquer um que tivesse a oportunidade de fazer-lhe essa pergunta. A pergunta era sempre a daquele dia. “Para onde você realmente levou Hitler?”

A melhor resposta que Skorzeny podia dar, era o argumento que apresentara ao Coronel Sheen: — Estou certo de que Hitler está morto. De qualquer forma, se o tivesse levado para um lugar seguro, por que, pelo amor de Deus, teria eu voltado para render-me?

Sheen via sentido nisso, mas em muitas outras caras aparecia uma dúvida zombeteira que Skorzeny interpretava assim: “Duvido! Depois de largar Hitler em algum lugar, não teria êste camarada voltado, justamente para apagar a pista aos Aliados?”

O fato é que, na realidade, Skorzeny tornara-se uma figura da moderna mitologia; era capaz de tudo, desde o infanticídio até desaparecer através do assoalho no meio de uma nuvem de enxofre. Uma semana depois da visita do Coronel Sheen a Augsburg, o General Walther Bedell Smith, Chefe do Estado-Maior do Quartel-General Supremo, pensou que poderia matar o mito. Foi até o Hotel Scribe em Paris, onde se aninhavam os

correspondentes aliados e fêz o papel de arrependido com uma "retratação de alto nível". Nada houve, disse êle; nunca houvera um complô para assassinar Eisenhower. O pessoal da Segurança confundira diversos informes. Fora um snafu.[2]

Os correspondentes de guerra estão acostumados com snafus uma cínica abreviatura que pode ser interpretada como "situação normal, mas tudo em desordem" (situation normal, all fouled up); mas esta era irritante demais. Os repórteres perguntaram: E as informações oficiais sobre o plano de ataque aos chefes Aliados? Tudo retirado, disse o General. Perguntas difíceis foram feitas pelos jornalistas que tinham aceitado as declarações sobre as missões de Skorzeny atrás das linhas e acrescido, ainda, um colorido pessoal; como explicariam êste transtorno aos seus editores? À época, êles tinham obtido confirmação com o aparato da Segurança. Não era verdade, por exemplo, que um sósia de Eisenhower tinha usado o seu carro enquanto êle estava prêso em Versalhes? O General Bedell Smith pestanejou pensando nisso; ter que justificar essa personificação não seria uma tarefa agradável, quando o seu chefe viesse a ouvir falar sobre ela.

A imprensa continuava desgostosa: as negativas eram um buraco; devia haver algo numa história tão circunstancial — os guardiães de Skorzeny pensavam da mesma forma. Êle começou a passar de um tormento para outro; de uma segunda prisão, para uma terceira, uma quarta, uma quinta. Na sexta compartilhou uma barraca com o Marechal-de-Campo Kesselring; depois houve uma sétima e uma oitava. Em todas elas iniciavam-se novamente as inquirições.

19 de maio, prisão de Wiesbaden, trancado numa cabana com o Dr. Saltenbrunner, um dos chefes do Serviço Secreto; era óbvio para ambos que havia microfones escondidos para gravarem a sua conversa sobre os segredos de Estado. A dupla falou interminàvelmente dos dias de

Universidade; descobriram também, que o arranhar das botas no chão era um meio de exacerbar os ouvintes.

A vida, pela própria índole de Skorzeny, ainda podia tear os seus momentos de diversão; ou podiam ser produzidos êstes momentos. Um dêles foi quando tomou a iniciativa em um interrogatório e tornou-se, por assim dizer, o seu próprio diretor de filmagem.

— Dois habilíssimos guardas americanos — lembra-se êle

— levaram-me para uma sala onde estavam montadas umas máquinas para filmagem sonora. Um capitão e um intérprete encontravam-se sentados à mesa. Aí começou a galhofa, como se estivessem rodando um filme verdadeiro — exceto pelo fato de que o astro principal era o único participante que não estava sendo pago por sua atuação. Depois de hora e meia, as coisas ainda não estavam correndo bem; assim, sugeri que seria melhor fazer um ensaio antes de cada cena — preparando com antecedência as perguntas e as respostas. Foi o que fizemos; no final a filmagem foi um sucesso — e êle acrescenta, com prazer:

— Nunca ouvi falar de outro prisioneiro que tenha feito um filme durante o seu próprio interrogatório e, além disso, sob a sua própria direção.

A ronda continuava — entrevistas com um chefe de serviço secreto inglês e com um francês. “Atendido” por um pracinha das Filipinas que devia ter lido Stars and Stripes com as suas coloridas descrições do “raptor gigante”, êle colocava a bandeja de comida para Skorzeny na soleira da porta e desaparecia com a velocidade de um raio.

No cartão do lado de fora da sua cela, havia uma marca vermelha, o código que significava: ÊSTE HOMEM É PERIGOSO.

21 de junho: “Preparem Skorzeny” — três generais americanos esperavam para vê-lo no gabinete. Mas a cabana de madeira em que êle vivia era um forno ao calor do verão; estava de pijama. — Vá assim mesmo — aconselhou um amável sargento, — e deixe que vejam como está. — Cordialidade dos generais. Uísque. Desculpas, promessas de mudança. Foi levado com toda a cerimônia para a prisão local, bombardeada e cheia de vermes.

O máximo do conforto: a guarda, muito amavelmente, admitiu-o a um corredor por uma portinha com a placa “Somente para americanos”. O cúmulo do desconforto; um outro guarda, não tão amável, retirou a esteira de palha que servia para dormir.

Mais interrogatórios à moda militar: diretos, cada vez mais polidos. A 11 de agosto, em Oberursel, permitiram a Karl Radl partilhar da sua cela, sinal seguro de que estava próxima a sua passagem para um campo comum de prisioneiros de guerra. “Preparem Skorzeny.” Algemas de novo e, em seguida, Nüremberg.

10 de setembro: Uma verdadeira viagem de altas autoridades, de aeroplano. Os convidados incluíam o Almirante-de-Esquadra Donitz; o General Guderian, que fora chefe do estado-maior por algum tempo; o Ministro Ley, do pijama azul-celeste, e, claro, o líder da juventude Baldur von Schirach, cujas últimas palavras para Skorzeny, em Viena, tinham sido: “Aqui lutarei e morrerei.” Atores principais do drama sem precedentes e não ensaiado do

Tribunal dos Crimes de Guerra que estava para ser encenado ante uma audiência mundial.

Nos portões da prisão de Nüremberg, notaram que Donitz e Skorzeny ainda usavam as suas insígnias sobre os ombros; cada um dêles arrancou do outro o último vestígio de hierarquia .

Ao atravessar a passagem, Goering acenou alegremente da janela da porta da sua cela. Viram o magro Rudolf Hess, sempre algemado à sua escolta, fazendo exercícios no pátio da prisão.

Dois suicídios — um foi do Dr. Ley — introduziram uma regra de que o prisioneiro tinha que dormir, se pudesse fazê-lo, sob a luz fraca de uma lâmpada e com o rosto virado para a porta.

Novo interrogatório: por um homem com quem valia a pena conversar, o General Wild Bill Donovan, do Gabinete de Serviços Estratégicos, o mais próximo equivalente de Skorzeny no Exército dos Estados Unidos.

Depois de dez semanas em Nüremberg, transferência para a ala aberta das testemunhas, em companhia de mais de cinqüenta celebridades. Foi um choque descobrir que muitos pareciam ansiosos por salvar a própria pele prestando testemunho contra os seus amigos íntimos. Um que manteve a dignidade foi o Marechal Kesselring. Ele abriu caminho para uma reconciliação entre Skorzeny e o Almirante Horthy, que os americanos tinham salvo do castelo bávaro em que Skorzeny o encerrara. Agora o ex-Regente tinha uma cela de alta autoridade em Nüremberg, como testemunha com privilégios especiais — um dêles era o suprimento de cigarros.

Skorzeny ouviu polidamente suas desculpas. Horthy sempre fora amigo da Alemanha e não desejara trair um aliado. Êle ouvia e fumava.

Semanas de monotonia; um dia surgiu a oportunidade de pôr as mãos num luxo há muito esquecido. Caíram em suas mãos alguns lençóis de linho, um monte dêles! Agarrou três, quando passaram à frente da sua cela. Um o acompanharia sempre, amenizando o cansaço das suas noites, durante o resto do seu cativeiro; outro êle deu ao pobre velho, o Marechal Blomberg, que morrería pouco depois no hospital da prisão; o terceiro ao General Glaise-Horstenau — que, como o Almirante Horthy, tinha sido ajudante-de-ordens do Imperador Francisco José — que cometería o suicídio alguns meses depois.

Mas, embora Skorzeny estivesse atrás das grades, a sua lenda continuava a correr do lado de fora. Um dia, a monotonia da prisão foi sacudida por uma demonstração militar: multiplicaram-se as tropas; foram localizados postos-fortes blindados enfiando os corredores; postaram-se metralhadoras em toda a volta e lançaram, rapidamente, armadilhas anticarro do lado de fora. O sorridente capelão da prisão explicou o motivo da excitação, numa visita à cela de Skorzeny. Um general visitante lhe dissera que remanescentes do Exército alemão estavam conspirando para lançar um ataque à prisão de Nüremberg e ao Palácio da Justiça — o seu líder era o notório Coronel Skorzeny. Quando o capelão insistiu que Skorzeny estava seguramente mantido dentro da prisão, o General disse que não podia ser — se alguém lá dentro dizia ser Skorzeny, devia ser um impostor!

Êsse susto tinha algum fundamento; muito tempo depois, Skorzeny soube que alguns dos seus homens tinham, de fato, organizado um ousado esquema para tirá-lo da prisão.

Maio de 1946: ida a Dachau; volta para Nüremberg... com o Marechal Kesselring para um outro campo, daí para Darmstadt e volta a Dachau. Desinteria, greve de fome de oito dias, hospital; uma operação — finalmente tirou a vesícula. Os guardas, dedo no gatilho, jogavam pôquer perto da sua cama a noite inteira, com o rádio berrando sem parar. O acidente inevitável — um tiro no teto!

"Guardado como uma cobra", anunciava o Stars and Stripes, informando sobre "as repetidas fugas" de Skorzeny, enquanto êle continuava deitado desanimadamente.

Havia um conforto. Karl Radl com alguns dos "rapazes de Skorzeny" conseguiram trabalhar na horta da cozinha da prisão de Dachau. A sua convalescença foi ajudada pelos quitutes que contrabandeavam para êle.

"Preparem Skorzeny." A sua melhor lembrança daquelas intermináveis viagens foi de um dia verdadeiramente emocionante, quando, não conseguindo chegar a tempo à prisão, êle e seus guardas passaram a noite numa aldeia. Pela primeira vez em meses, êle se viu jantando em pratos de porcelana, com garfo e faca além da colher regulamentar. E dormiu numa cama, enquanto a sua escolta, lá embaixo, entregava-se a comemorações .

Teria sido facílimo fugir naquela noite. Ficou para ver o que dava e para provar que nada tinha a esconder; além disso, com liberdade legal à vista, por que deveria fugir? Freqüente mente relembrava aquela oportunidade de fuga — e, às vêzes, desejou que não a tivesse posto de lado.

[1] Crusade in Europe. Nova York Doxibleday and Company, Inc.

[2] Snafu — Confusão, mixórdia, desordem, na gíria militar americana.

# XIV.

*Perdoar as virtudes de nossos inimigos este é o maior milagre.*

*Voltaire*

Preparem Skorzeny.” Próximo do fim de julho de 1947, a familiar determinação levou-o à presença do Comandante em Dachau, enfrentando a luz de refletores.

Quando Skorzeny entrou, diminuiu a tagarelice dos repórteres e dos fotógrafos; viu, com satisfação, que a imprensa havia trocado seus uniformes bélicos por roupas comuns. Todos pareciam mais amistosos. Liberdade, afinal?

Suas esperanças eram grandes. Oito semanas antes, um especialista em crimes de guerra tinha ido a Dachau a fim de recomendar uma decisão final quanto a ser ou não um caso para julgamento. A decisão parecia tornar-se uma operação Greif; em dez intermináveis sessões, Skorzeny conduziu seu visitante através de todas as etapas dessa operação e respondeu a todas as suas perguntas. Seu inquisidor mostrou-se satisfeito. — Estou convencido de que o senhor nada fêz que mereça punição — declarou ele.

Com o correr do tempo, sem que nenhuma outra palavra fosse proferida, Skorzeny convenceu-se de que o mecanismo julgador dos criminosos de guerra estava sobrecarregado — mais de mil casos como o dêle foram submetidos perante a corte — e, assim, os atrasos da lei eram quase obrigatórios. Já haviam decorrido mais de dois anos desde que o contato das algemas tinha destruído sua ingênua crença de que sua rendição seria aceita da mesma forma que a dos demais oficiais que haviam, apenas, cumprido seu dever. Sua temporada no cárcere — uma sucessão de cárceres — tinha sido tão longa como toda sua carreira de comando. Skorzeny teve tempo para descobrir algo sobre a causa do ódio dos Aliados; tudo o que agora desejava era esquecer os anos perdidos, os interrogatórios cansativos, as jornadas monótonas, as revistas, antes e depois do suicídio de Goering em Nüremberg.

Olhou à sua volta, no gabinete do Comandante. No círculo formado pela esperançosa gente da imprensa havia um grupo de oficiais e, observou, êle, uma bela secretária. Em seguida, mais oito prisioneiros de guerra foram introduzidos na sala — oficiais de diferentes forças armadas da Alemanha. Supôs que todos seriam libertados, juntamente com êle. Uma figura alta e elegante, com uniforme americano, adiantou-se. Era o Coronel Rosenfeld, que, como tivera uma alta função de Segurança na Batalha do Bolsão, fora um dos que interrogaram Skorzeny com mais cuidado depois de sua prisão.

Rosenfeld começou a ler um documento. Sua voz tranquila foi seguida por uma tradução, frase por frase, para o alemão. Skorzeny ouviu algo como combater em uniforme americano, o que lhe pareceu tudo, menos o preâmbulo de uma libertação.

As duas vozes se revezavam monotonamente; uma acusação de roubo de materiais da Cruz Vermelha — ouviu-a ligeiramente. O que seguiu com muita clareza, embora sem compreender, foi uma acusação de que, juntamente com os demais oficiais ali indiciados, havia “conspirado para

maltratar, torturar e matar, pelo menos uma centena de prisioneiros de guerra americanos” .

Quem eram êsses outros oficiais alemães? Examinou cuidadosamente suas fisionomias cansadas; com a exceção de dois dêles, não se lembrava de tê-los visto antes. Como, então, poderia ter conspirado com êles?

Rosenfeld chegou ao fim. Skorzeny, chocado e desnorteado, teve que esperar que acabasse uma outra barragem de flashes. Após isso, guardas armados empurraram os prisioneiros para o pátio, onde êle foi alvo de um burburinho de horrorizadas perguntas. Como surgira essa acusação de assassinato? Onde e quando ocorrera o massacre dos americanos? Skorzeny lhes assegurou que em todos os interrogatórios a que fora submetido, ninguém lhe perguntara coisa alguma sobre tal crime. Para os outros, constituía também novidade.

Aquêle dia, que lhe trouxera tantas esperanças, terminou novamente por trás de grades. Os nove prisioneiros foram trancados, três a três, em celas, o que lhes permitia, pelo menos, juntar as cabeças para alinhavar medidas de defesa. Seus companheiros pareciam ser um grupo de oficiais do Exército, da Marinha e da Força Aérea, reunidos ao acaso. Todos apresentavam a palidez de anos de prisão.

Do mesmo modo que Skorzeny êles haviam visto as portas da prisão se abrirem para a liberdade e, então, de novo se fecharem. Alguns se encontravam beirando os limites da resistência às pressões morais da derrota. Já tinham decorrido vinte e seis meses desde o Armistício e trinta desde a Batalha do Bolsão. Supunham que nada de novo pudesse ser levantado contra êles. Mas ali estava uma acusação de espantosa gravidade.

Não havia, entre êstes estranhos, nenhum sentimento de camaradagem que os unisse no infortúnio. Podia até mesmo ser esperado que três dêles viessem a plantar sementes de discórdia entre os demais . O primeiro havia jurado, no hospital, prestar um testemunho incriminatório; mais tarde, porém, havia recuado. Outro, cujos nervos estavam em frangalhos, demonstrou, afinal de contas? não ter utilidade para qualquer dos lados. O Terceiro, um jovem tenente da Marinha, a quem a mãe inglêsa ensinara a ter ódio de tudo o que fosse alemão. Depois de algumas semanas, dirigiu-se a Skorzeny e confessou o seu impulso de se livrar dêsse ressentimento contra seus companheiros de prisão; agora, que vieram a conhecer-se mutuamente, êle seria um leal camarada.

Skorzeny fêz tudo o que pôde para levantar o ânimo de seus desalentados companheiros e uni-los para que juntos enfrentassem o que havia ainda pela frente. Entretanto, com a chegada do advogado-chefe, designado para suas defesas, pareciam enfraquecer-se as esperanças de um julgamento justo. O Coronel Robert Durst era advogado militar americano e Oficial de Cavalaria, da escola antiga. Lábios apertados, olhos penetrantes e queixo intransigente, Durst andou pesadamente de uma cela para outra, questionando os réus; a série de mortificações que atormentavam Skorzeny, era, agora, a pior que êle conhecera. Durst não revelava qualquer sinal de simpatia por seus clientes alemães: seu próprio advogado parecia estar tentando forçá-los a uma confissão. No entanto, em sua quarta visita, Durst abriu-se num sorriso largo e apertou-lhes as mãos pela primeira vez. — Estou convencido da inocência de vocês quanto a todas as acusações — declarou êle. — Agora que sei que nada têm a esconder, lutarei por vocês como se fossem meus irmãos.

Durst manteve sua palavra. Combateu com previsão e ousadia, contra uma dura e inflexível acusação. Não menos devotados à causa de salvar os pescoços de seus inimigos de ontem no campo de batalha, estavam os seus auxiliares, Tenente-Coronel Donald McClure e Major L. I. Horowitz. Foi o

Tenente-Coronel McClure quem, mais tarde, declarou ao Tribunal que, tendo conhecido os prisioneiros durante algumas semanas, sentiria orgulho se tivesse tido tais homens numa unidade sob seu comando.

Antes, porém, que os três oficiais americanos pudessem iniciar a defesa, seis advogados alemães vieram ajudar — sem esperanças de honorários, já que os réus não dispunham de meios. Um dêles, um advogado austríaco, de nome Peyrer Angerman, fêz-se até prender, a fim de ser conduzido a Dachau com uma nova fornada de prisioneiros, já que, à época, não havia outros meios para um civil atravessar a fronteira austro-germânica que fora restabelecida.

Este grupo de homens de talento produziu, por si mesmo, uma crise. O Coronel Durst declarou que, a não ser que se encontrassem em confusão legal, êle próprio teria que abandonar as linhas básicas de defesa; seria melhor, também, que Skorzeny, apenas, prestasse testemunho por todos os prisioneiros. Alguns dos advogados alemães objetaram quanto à idéia de colocar vidas alemães inteiramente nas mãos de um oficial americano. Skorzeny confiava em Durst, mas sentiu que sua proposta de que um prisioneiro só falasse por todos era um caso ímpar na democracia de que tanto tinham ouvido falar. Finalmente, por sugestão de Skorzeny, foi feita uma votação e todos os prisioneiros concordaram em dar a Skorzeny e a Durst plenos podêres. Três dos advogados alemães se retiraram, deixando uma equipe reduzida, porém unida.

Durst assumiu um outro arrojado risco quando revelados os nomes do Tribunal, desta vez com menos resultado. Sua objeção à designação do presidente foi rejeitada.

Durante essas semanas que antecederam ao julgamento, os réus ficaram alojados com ladrões e batedores de carteiras e sob a guarda de recrutas poloneses. Os guardas poloneses não tinham nenhum amor pela Alemanha — e menos ainda pela América. Garantiram a Skorzeny que, se êle por acaso escapasse do carrasco ianque, seria somente para enfrentar o verdugo soviético, pois o Exército Vermelho não tardaria a engolir o restante da Alemanha. Em 1947, certamente, a Europa podia ter sido inteiramente dominada em cêrca de uma semana, mas os poloneses estavam fora da linha de partida supondo que os russos queriam apanhar Skorzeny — a não ser para o seu próprio uso.

Uma noite um companheiro prêso foi introduzido, com respeito, na cela de Skorzeny. Êle mesmo se apresentou: um oficial polonês esperando sentença, como espião soviético. Desfrutando a liberdade da prisão porque seus guardas eram comunistas, podia sair sempre que quisesse, disse, e levar Skorzeny consigo: um resplandescente futuro aguardava o salvador de Mussolini atrás da Cortina de Ferro. Skorzeny riu; pensava que o oficial estava se vangloriando. Mas, três dias mais tarde, o polonês fugiu de fato para o Leste, com o auxílio dos seus guardas.

Seus próximos visitantes foram três oficiais americanos que tiveram muita dificuldade em se contrabandearem para o interior de sua cela. Dando seus nomes e unidades, ofereceram-se para auxiliar a libertação de Skorzeny, apresentando provas de que as tropas aliadas, por mais de uma vez, tinham matado alemães que se rendiam. Skorzeny declinou o oferecimento; mesmo que dois erros pudessem fazer um acêrto, nem êle, nem suas tropas, haviam morto qualquer americano desarmado.

Mais tarde, Skorzeny pôde comparar a bravura desportiva dêstes antigos inimigos com a fraqueza de alguns supostos amigos. Um dêles foi um general alemão, que encontrara meses antes na ala das testemunhas de Nüremberg e que tinha declarado voluntàriamente que durante a guerra

havia auxiliado a relacionar violações da lei internacional pelos aliados. Embora Skorzeny não tivesse tempo para ingenuidades legais como essa, Durst julgou que o general podia dar um testemunho útil sobre os ataques dos comandos inglêses. O general, porém, não desejava arriscar-se em atrair para si o desfavor dos novos senhores da Alemanha. Não podia lembrar-se absolutamente de nada, lamentou-se, seja da conversa com Skorzeny, seja da lista que diziam ter feito.

Nesse meio tempo, o interêsse pelo julgamento estava crescendo fora dos muros da prisão. Skorzeny ouviu dizer que estavam sendo feitas apostas sobre o veredicto. Seus guardas o mantinham informado sobre as apostas, que começaram de dez contra um de como êle seria enforcado. Dizia-se que o conselho e os funcionários eram favoráveis a essa opinião e a febre do jogo atingiu as tropas americanas até Munique.

Skorzeny tentou animar-se dêsse espírito quando a data foi fixada para o julgamento. Começaria em 18 de agosto — aniversário do voo em que mergulhou nas águas da Sardenha durante a procura de Mussolini; nesse dia, quatro anos atrás, escapara da morte numa chance de um em cem; sem dúvida poderia sobrepor-se a chances menores ainda na corte de justiça.

18 de agosto, tudo estava pronto. Como deferência aos seus juizes militares, a fim de lhes oferecer uma aparência asseada e regular, os homens trocaram os seus variados uniformes pelos de prisioneiros de guerra americanos, que tinham garbosamente estampadas, com letras de trinta centímetros, as iniciais PW.[1] O toque final de uniformidade foi dado pelos números de identificação, pendurados em seus pescoços. Skorzeny, balançando um enorme número UM, sentia-se como um animal de exposição ao encabeçar o desfile pela porta lateral da prisão.

Das “celas de julgamento”, para onde tinham sido levados alguns dias antes, os prisioneiros marcharam cinqüenta metros pelo pátio, escoltados por guardas armados, e levados para o salão improvisado em um barracão de madeira regurgitante de policiais do Exército. Os guardas pararam atrás dêles com a mão no coldre; os capacetes brancos da Polícia do Exército pontilhavam toda a corte; havia reforços de tropas que pareciam dispostas a tudo. Skorzeny desejou que essas lisonjeiras precauções não tivessem o efeito de impressionar o Tribunal quanto ao caráter violento do acusado.

Já acostumado com a solidão e com as celas estreitas, viu-se sob o olhar de centenas de pessoas enquanto eram escoltados para o que parecia uma fileira de cadeiras de madeira de um cinema, junto ao advogado de defesa. Os bancos para o público estavam cheios de oficiais americanos e civis alemães: flauleins mais saudáveis que no fim da guerra, homens de negócio com pastas, jovens de cabelos compridos que nunca tinham usado uniforme. A imprensa comparecera em massa.

Nove oficiais americanos, cheios de medalhas, tomaram assento numa plataforma sob a bandeira dos Estados Unidos; era o Tribunal. Quando sentaram, todos os olhos viraram-se para uma figura isolada do outro lado da sala: o Coronel Rosenfeld, agora Promotor-Chefe. Êle estava de pé ao lado de um mapa de parede — a Batalha do Bolsão novamente — e pôs à mostrâ o material para o ataque que faria a seguir: têrmos amplos da acusação. Feito isto, chamou a primeira testemunha de acusação: Karl Radl.

Momentâneamente aturdido, Skorzeny pensou que ouvira mal. Mas já o seu companheiro de armas se dirigia para a cadeira das testemunhas, que ficava em uma plataforma de trinta centímetros, no meio da sala; o seu amigo mais íntimo ia testemunhar contra êle.

A cara redonda de Radl estava vermelha . Com voz entre-cortada êle confirmou que estava no quartel-general de Friedenthal quando chegaram os voluntários para a "Brigada Americana" e que conhecia a operação Greif. Mais algumas perguntas e Radl deixou a cadeira; fora convocado apenas para confirmar um documento sobre o qual nem havia dúvidas — aquêle apêlo impróprio do Marechal Keitel convocando soldados que falassem inglês.

O Coronel Durst levantou-se para discordar, Radl tinha sido obrigado a falar para a acusação sem nenhuma necessidade — seria isto para fazer com que os amigos de Skorzeny pensassem que seu assistente estava contra êle?

Um outro oficial de Skorzeny, o Capitão Werner Hunke, recusou-se a abrir a boca. Durante anos o azarento Hunke tinha tolerado Radl chamá-lo de "nossa velha mão chinesa", porque êle fora designado para Friedenthal, por engano, como perito no Extremo Oriente. Na verdade Hunke nascera na China, mas seus pais trouxeram-no para a Alemanha quando êle tinha poucos meses de idade e, desde então, nunca mais saíra da Europa. Agora êle dava uma lição da arte de calar ao desconcertado Radl.

Os prisioneiros podiam ter tido uma sorte pior com um Capitão de Intendência que fora enviado a Friedenthal nos últimos meses de guerra e que lá indispôs-se com a maioria dos seus companheiros. Skorzeny sempre o defendera como um homem hábil e costumava dizer que, sem os seus serviços na Batalha do Oder, não poderiam ter mantido por tanto tempo a cabeça de ponte. Agora, êle era o único homem de Friedenthal que apresentaria "prova de Estado", no Tribunal. Evitando encontrar os olhos dos seus camaradas êle gaguejou uma declaração que galvanizou a cabina da imprensa, e fêz com que os repórteres corressem para os telefones. Era de fato uma sensação: Skorzeny havia distribuído balas marcadas com um

anel vermelho — munição envenenada — para matar americanos na Batalha do Bolsão.

Com isso a corte suspendeu a sessão permitindo que Durst perguntasse a Skorzeny o que sabia sobre a acusação. A resposta foi a mais estranha possível. Skorzeny não podia negar que houvera munição envenenada em Friedenthal, nem que a distribuira.

Um dia, na Rússia, falou Skorzeny, enquanto os excitados espectadores se atropelavam, os alemães conseguiram prender dois agentes soviéticos que andavam vagando no quartel-general alemão perto de Smolensk. Admitiram que tinham sido enviados para matar um general, e suas armas estavam carregadas com uma munição fora do comum. Os testes de laboratório revelaram que cada projétil continha um novo e violento veneno: um tiro na perna de um animal, matou-o em questão de um minuto.

Os técnicos alemães copiaram as balas e enviaram para Friedenthal duas caixas de amostra, de vinte e cinco tiros. Skorzeny costumava dar uma aos voluntários que tivessem mêdo de ser forçados a revelar segredos, se fossem capturados em alguma missão perigosa. Ponha esta bala na última câmara do seu revólver — costumava dizer êle. — Ela lhe dará confiança, mesmo que você nunca a use — Skorzeny também usava uma no seu revólver, pois não queria cair vivo em mãos inimigas durante a guerra.

Devia ser destas balas, disse êle a Durst, que a testemunha estava falando — a não ser que o homem tivesse misturado duas coisas diferentes. De manhã saberíam.

De volta à sua cela, Skorzeny pôs-se a trabalhar para arranjar a prova de que necessitava. Já conquistara um guarda ou dois e, agora, conseguiu passar uma mensagem para Karl Radl no campo comum de prisioneiros de guerra, fora da prisão . Radl passou-a para os amigos da cidade, através do parreiral do campo. A resposta veio com o café da manhã de Skorzeny — uma bala dentro dum pedaço de pão.

Quando a corte se reuniu, Durst interrogou a testemunha. Pálido e tremendo, o oficial de suprimentos confessou que já depusera contra camaradas alemães em Nüremberg — e que o seu depoimento fora reconhecido como falso.

Durst, então abriu a mão, mostrando a bala que Skorzeny lhe dera.

— É essa a sua munição envenenada? — perguntou.

O Tribunal inclinou-se para a frente para ver o exemplar que mais tarde correría em volta para sofrer uma inspeção. Era um cartucho de aparência comum, mas com uma faixa vermelha em volta; a testemunha disse que sim, que era do tipo que Skorzeny fornecera aos seus camaradas para a batalha das Ardenas. Durst forçou-o a admitir que se tratava, apenas, de cartucho normal que só diferia da munição por ser à prova dágua e que as balas envenenadas eram completamente diferentes.

Se esta descrição do julgamento ficasse limitada ao que Skorzeny lembra, havería muitos claros — os períodos em que a sua memória apagava para algum incidente passado ou enveredava por um rumo diferente. Êle escrevia idéias e argumentos em um bloco de papel, sobre os joelhos. Diàriamente, o

tenente da Marinha que falava inglês traduzia centenas de páginas e as passava para Durst. À noite, Skorzeny trabalhava na sua cela de dois metros e dez por um metro e vinte, repartida com um assaltante que se maravilhava com tal atividade. A cela, com uma cama-beliche, não dispunha de lâmpada mas por um buraco da parede do corredor entrava a fraca claridade de uma lâmpada elétrica. Perguntas, comentários, recordações — vinte ou trinta folhas de trabalho pesado; êle aceitara a função de chefe dos prisioneiros e tinha que velar para que não fosse esquecido nenhum ponto que pudesse ajudá-los. Quando terminava o trabalho, as páginas tinham que ser levadas, a uma outra cela, para tradução, e de lá voltavam prontas para serem passadas para Durst quando a corte se reunisse no dia seguinte.

Por fim Rosenfeld chegou às principais acusações. A de lutar com uniforme inimigo "contrariando um anexo da Convenção de Haia de 1907", para a qual êle dispunha de duas testemunhas. Um tenente americano falou de alemães capturados usando jaquetas dos Estados Unidos. A seguir, o depoimento assinado por um prisioneiro doente e baixado ao hospital. Dizia que, usando uniforme dos Estados Unidos, êle atirara num sargento americano e errara.

A defesa classificou esta versão como um incidente momentâneo na confusão das Árdenas. Mesmo que o prisioneiro ausente tivesse atirado, poder-se-ia dizer que êle estivera combatendo se o seu oponente ficara ileso?

Esta prometedora controvérsia foi logo cortada por uma mensagem vinda do hospital: depois de falar com um advogado de defesa, o prisioneiro tinha retirado a sua declaração.

Quanto à acusação de roubo de material da Cruz Vermelha — o objeto do roubo, de acordo com a acusação, eram uniformes americanos — um oficial dos Estados Unidos atestou que pacotes que lhe eram destinados foram retidos durante a Batalha do Bolsão, quando era prisioneiro de guerra. Tinha perdido um quilo e meio do seu pêso. Skorzeny, que já perdera vinte e três desde a sua prisão, não imaginava aonde Rosenfeld queria chegar.

Dia após dia os prisioneiros esperaram e se preocuparam com algum indício sobre a morte "de mais de cem prisioneiros americanos", mas quando Rosenfeld chegou a esta acusação, anunciou que ela seria retirada. A acusação terminara a sua parte.

Durst exigiu a imediata liberação dos seus clientes. Os homens nem sequer deviam ter sido submetidos à corte, não fora a acusação, agora vazia, de matar prisioneiros.

O Tribunal decidiu que o julgamento devia continuar; a sorte dos acusados dependia agora da questão de lutar com uniformes americanos.

Veio, então, uma pausa de quatro dias, que Durst utilizou para preparar Skorzeny para o banco das testemunhas. O interêsse público diminuira; argumentos que se arrastavam sobre pontos jurídicos solaparam a paciência da galeria e, quando a corte fez o sumário, dois terços dos bancos estavam vazios. A imprensa desaparecera, sem suspeitar que a verdadeira sensação estava logo à frente.

Durst disse ao Tribunal que o seu principal objetivo seria o de eliminar os preconceitos que pairavam no ar. A acusação tentara desacreditar Skorzeny, apresentando-o como bruto e canalha. Êle provaria que não havia nada de traiçoeiro na sua conduta e, o que era mais importante, que sempre tentara poupar vidas, tanto de seus inimigos como de seus próprios homens.

Em resposta às perguntas de Durst, Skorzeny deu exemplos dos seus esforços para evitar matanças. Citou, inclusive, a ordem que dera aos seus comandos antes do resgate de Mussolini: "Eu darei o primeiro tiro, não importa qual seja a ação inimiga ou mesmo que êste atire primeiro." Como resultado nenhum tiro fora disparado.

Agora, a operação Greif. Com um mapa e uma vara para apontar, Skorzeny fêz um relato do seu papel na Batalha do Bolsão — o que, agora, podia fazer até dormindo. Tudo ia muito bem até que Durst perguntou sobre o famoso complo para matar ou capturar o General Eisenhower. O presidente classificou esta pergunta como improcedente; em vez de ser liquidado em plena corte, o canard de Eisenhower novamente escapava para bater as asas pelo mundo.

Agora o problema central: os erros e acertos de usar uniformes de outros povos. Era um assunto difícil, como Durst dissera a Skorzeny em sua cela. Êle julgava que haveria uma ampla concordância com a opinião alemã que dera a base legal à operação Greif: que se pode ir disfarçado até o inimigo, desde que se retire o disfarce quando começa o combate. Como essas rápidas e teatrais mudanças de uniforme poderiam ser feitas no campo de batalha, era um assunto que não interessava à lei; havia campo bastante para argumentar sobre problemas tais como até que distância poder-se-ia chegar do inimigo com cores falsas, até onde poderia ser usado, o disfarce e o que significa combate. Uma corte podia interpretar as regras com rigorosa exatidão; uma outra podia ser liberal.

Havia uma grande área de dúvida e, através deste território duvidoso, Durst começou a conduzir Skorzeny, na esperança de encontrar solo firme do outro lado. O seu primeiro e cauteloso movimento foi perguntar se a testemunha considerara as regras de guerra, "a fim de conduzir a operação Greif dentro destas regras".

Skorzeny respondeu que sim. — Dei ordens enfáticas para que meus homens não combatessem com o uniforme. O disfarce só deveria ser usado até que alcançassem os seus destinos.

A próxima pergunta mostrou o rumo que Durst pretendia tomar. Êle seguiría a trilha dos precedentes — mas dos precedentes aliados, os únicos que podiam arcar com todo o pêso da defesa, pois estava claro que os vencedores enveredaram na frente por êste caminho; ou as "regras da guerra" eram obsoletas ou os Aliados também eram culpados do mesmo crime.

Assim, Skorzeny viu-se respondendo que não fora o primeiro a usar uniforme inimigo; de fato, os alemães se depararam com a idéia através dos relatórios de informações sobre operações aliadas. Relembrou que alguns oficiais inglêses tinham sido capturados na Hungria usando uniforme inimigo e não foram fuzilados. Tanto na Itália como na Iugoslávia, depósitos alemães foram muitas vêzes assaltados por partisans para conseguirem uniformes que usavam, posteriormente, no combate. O patriota polonês General Bohr usou uniforme alemão para iniciar o levante de Varsóvia de 1944. Os russos, segundo sabia, freqüentemente adotavam êste ardil. Os japonêses haviam feito o mesmo. E os americanos não ficaram atrás.

Encarando a atenta corte, Skorzeny repetiu o que Hitler lhe dissera sobre americanos com uniformes alemães em Aachen. Havia outros exemplos semelhantes. Em Saarlanten, por exemplo, os americanos lograram abrir caminho para a ponte que levava a Frankfurt, dentro dum tanque alemão. Mas, fora o logro de Aachen que dera a Hitler a idéia desta mesma operação Greif. Em cada exemplo Skorzeny deu ênfase ao fato de que os homens estavam armados e, quando se tornara necessário, usaram as suas armas.

Skorzeny passou dois dias no banco das testemunhas dentro do pantanal da lei, com Durst ao seu lado. As afirmações feitas ofereciam uma boa base de apoio, mas as provas eram difíceis de arranjar, pois os alemães tinham perdido todos os seus relatórios. Entretanto, disse Durst aos juizes, podia ser visto que o uso ou abuso de um outro uniforme era mais comum do que supunham; certamente mais do que era oficialmente admitido. Como se enquadrava isto nas tão discutidas regras de guerra?

Êle invocou a experiência deste tribunal de oficiais superiores como testemunho de que a lei internacional não podia consistir apenas de uma superposição de tratados, códigos e convenções a que nações haviam formalmente aderido em um passado remoto. As mudanças de bom senso nos usos e costumes dos beligerantes criavam uma lei tácita que era praticada por todos.

Ao acusar Skorzeny de usar uniforme americano, a acusação havia invocado um anexo da Convenção de Haia de 1907, mas êsse artigo, já com quarenta anos de idade, tinha sido ultrapassado por duas guerras mundiais de um tipo com que os legisladores nunca haviam sonhado.

Com grande habilidade forense, Durst conjurou a imagem de leis escritas sempre tentando derrubar novas armas, novas técnicas e até novas

dimensões como a da guerra aérea, sem nunca obter êxito. Era uma exposição para deliciar as mentes afeitas ao Direito, mas Durst sabia que numa corte militar alguns gramas de prática pesam mais que uma tonelada de teoria. E assim, com um ar decisivo, que embaraçou os seus espectadores, êle citou outra testemunha: "Comandante-de-Esquadrão Forrest Yeo-Thomas".

Uma figura baixa e forte, usando o uniforme azul desbotado da RAF, caminhou para a cadeira das testemunhas e olhou em volta zombeteiramente. Imaginando que diabo um oficial inglês poderia dizer em sua defesa, Skorzeny notou que êle usava algumas barretas pouco comuns entre as quais as de condecorações francesas de heroísmo e a da Cruz George.

Durst, que amava as surpresas, tinha feito mais uma, e, embora somente muito mais tarde viesse Skorzeny a conhecer o singular passado de Yeo-Thomas, logo ficou evidente que ali, ante os seus olhos, estava uma das mais formidáveis e bizarras personalidades que mesmo o Serviço Secreto inglês poderia ter alistado.

Durante a guerra o nome de guerra de Yeo-Thomas — o White Rabbit (o Coelho Branco) — tomara-se famoso no submundo francês. Um dos elos da cadeia interior dos chefes do Serviço Secreto que, de Londres, dirigiam os patriotas franceses, êle usava êsse seu nome de código nas mensagens-rádio para a Resistência. No entanto, não era do estilo de Yeo-Thomas fomentar confusões em que não pudesse tomar parte ativa: decidiu agir por conta própria. Primeiro saltou de pára-quedas na França ocupada pelos alemães para saber das necessidades dos seus amigos. Depois voltou para Londres, deixando-lhes a promessa de voltar em pouco tempo — e sem ser de mãos vazias.

Armas e equipamento para a gentalha do submundo que poderia tornar desagradável a vida dos alemães? Muito romântico, disseram os peritos, mas completamente impraticável. Incitado por êste ceticismo, Yeo-Thomas irrompeu sozinho em Downing Street; numa violenta entrevista conseguiu fazer com que Churchill se rendesse à sua fé de que, "não importa quão escassos os nossos próprios recursos, seria rendoso para os franceses". Êste ponto acertado, lançou-se de volta à França para unir franceses de todos os credos políticos em um plano de insurreição pará quando os Aliados desembarcassem.

Yeo-Thomas foi traído e caiu nas mãos da Gestapo. Mas o Coelho Branco era duro demais para falar e determinado demais para ser mantido prêso. Condenado à morte, escapou de Buchenwald depois do Dia D, deixando um cadáver em seu lugar, e atravessou de volta a Alemanha, até cruzar a terra de ninguém e voltar às linhas aliadas para continuar a sua guerra. Depois do Armistício êle voltou à Alemanha para completar um negócio: no julgamento dos Crimes de Guerra de Buchenwald o testemunho dêste chefe do Serviço Secreto aliado levou à forca vinte e dois guardas e médicos.

Poder-se-ia pensar que dificilmente seria êste o homem para salvar outro grupo de alemães acusados por crimes de guerra, mas Durst havia estudado o testemunho prestado em Buchenwald e concluira que algumas das ações do Coelho Branco, em suas correrías durante a guerra, debaixo do nariz dos alemães, eram muito oportunas para o caso.

O aparecimento de Yeo-Thomas produziu uma nova reviravolta no julgamento e um clímax bastante improvável ainda que, poucos, fora da quase vazia corte, jamais o tenham sabido. A imprensa já voltara para os seus escritórios em Londres, Paris e Frankfurt; fartos com os julgamentos de guerra, os jornais resolveram afastar Skorzeny dos noticiários, até que tivessem o veredicto. Esta aparição enganou tanto a eles como à acusação; êste oficial inglês não tinha nenhuma razão palpável para gostar dos seus

antigos inimigos, mas, apesar disso, dois anos depois de ter sido desmobilizado, pusera de novo o uniforme e atravessara a Europa para testemunhar a seu favor. Por quê?

Esta pergunta não tardou a ser respondida, e com uma devastadora sinceridade. Yeo-Thomas disse à corte que nunca encontrara Skorzeny ou qualquer dos companheiros, mas que, na sua opinião, não havia nada de errado nos crimes de que eram acusados — tivessem-nos cometido ou não. Pelo que sabia, os prisioneiros tinham se portado como cavalheiros.

Estando bem claro que esta testemunha era um homem de poucas e inequívocas palavras, Durst imediatamente convidou-o para atravessarem a duvidosa zona da lei internacional. Perguntou inocentemente, se, alguma vez, as fôrças aliadas usaram o disfarce e a apropriação de identidade do inimigo como instrumento de guerra.'

Yeo-Thomas respondeu sem nenhuma hesitação. Claro que usaram, disse êle. Insígnias inimigas, armas e equipamento —-tudo. Durst pediu-lhe para narrar um exemplo das suas próprias atividades e depois de um momento de reflexão, Yeo-Thomas contou como planejara o salvamento de um camarada da Resistência enquanto êle, Yeo-Thomas, estava em visita a Londres. Para isso, antes de mais nada, teve que saltar novamente de pára-quedas no interior da França.

— O meu camarada — disse êle — encontrava-se numa prisão em Rennes, na Bretanha. Fiz um reconhecimento do lugar e subornei um dos guardas para descobrir o horário das rondas e o procedimento geral.

“Aí vesti com o uniforme alemão alguns de meus homens que sabiam falar essa língua e consegui cópia dos documentos alemães necessários para tirar um prisioneiro da prisão. Roubamos um carro alemão e havia, também, uma outra viatura preparada para parecer-se com as de transporte de presos.

“O plano consistia em chamar o guarda-portão e mostrar-lhe os papéis falsos. Entraríamos no carro alemão e, em seguida, aproximaríamos a viatura de transporte de presos, colocando-a de modo que não pudessem fechar o portão.

“Os homens com uniforme alemão, um dêles disfarçado de oficial, dirigir-se-iam ao corpo da guarda. Se o prisioneiro não nos fosse entregue à vista dos documentos ou se houvesse qualquer hesitação nós eliminaríamos a guarda rápida e silenciosamente. Para ter certeza de que não haverí a alarme, eu planejara cortar o telefone.

Quando Yeo-Thomas fêz uma pausa, Durst conduziu-o ao desenlace.

— O senhor obteve uniformes alemães para êste fim?

— Sim.

— Como foram obtidos?

— Os detalhes não sei dizer. Dei instruções para obterem os uniformes de qualquer maneira.

— O senhor encarou o uso de insígnias alemãs?

— Encaramos tudo que pudesse garantir o sucesso da operação.

— Insígnas de posto ou outros distintivos alemães?

— Tudo.

— O senhor também planejou irem armados?

— Certamente; tínhamos que nos livrar dos guardas.

— O que, exatamente, o senhor quer dizer com isso?

— Matá-los, se necessário. Não podíamos fazer prisioneiros.

— Êsses planos de usar uniformes alemães foram postos em execução?

— Sim.

Na véspera do ataque a Rennes, o próprio Yeo-Thomas foi prêso e, assim, Durst voltou à matéria dos usos: — Era costume do Serviço Secreto inglês — perguntou êle, — usar uniformes alemães como estratagema?

Yeo-Thomas respondeu desta forma: — Recebíamos missões para cumprir e diziam-nos: Cumpram-nas. Não queremos saber como vão cumpri-las, mas se forem presos o problema é seu; nós os repudiaremos.

Agora, quanto ao combate com uniforme inimigo. Durst pisou com muito cuidado; ainda não conhecia o seu homem.

— Os agentes do Serviço Secreto iam armados quando usavam uniformes alemães?

— Sim — respondeu Yeo-Thomas.

— Para evitar o perigo da descoberta — perguntou Durst suavemente, — qual o hábito?

Yeo-Thomas correu o olhar pela côrte, desde o Tribunal de soldados que tinha que se pronunciar sobre êstes profundos e intricados problemas de comportamento até a galeria que aguardava sem respirar, passando pelo Coronel Rosenfeld, com os seus livros de leis e seu mapa mural de um

combate que esmaecia; em seguida êsse homem, a quem os recursos das modernas câmaras de tortura não conseguiram dobrar, transformou em ruínas todo o edifício dos raciocínios e precedentes, convenções'e anexos, com três palavras.

— Liquide o inimigo — disse êle.

Durst escondeu um sorriso e Skorzeny viu que o caso estava terminado. Sobrava a questão do furto de pacotes da Cruz Vermelha para obter uniformes — de novo não fora declarado onde e quando isso ocorrera — e Durst aproveitou a oportunidade para perguntar como os inglêses conseguiam uniformes e documentos de identidade alemães.

— Bem — disse Yeo-Thomas pensativamente, — tínhamos meios. Costumávamos roubá-los do quartel-general alemão na França. Uma boa quantidade de membros do Serviço Secreto francês costumava ocasionalmente matar um oficial ou soldado alemão para apanhar os seus documentos... e há muitas outras maneiras que eu não saberia dizer-lhe.

Durst perguntou: — Alguma vez os documentos foram tirados de prisioneiros de guerra?

A resposta veio: — Muitas vêzes. Era dever de um prisioneiro, não possuir qualquer documento se fosse prêso. Se os tivesse, era uma pena.

Então era assim. Yeo-Thomas tinha ilustrado a “mudança nos costumes da guerra”. Quando testemunhara contra a equipe de Buchenwald fora para

punir a sua brutalidade contra civis indefesos; de sua parte, êle era soldado e devia cuidar de si mesmo. Não pedia nem oferecia quartel aos seus inimigos. Sua aparição no cenário legal pusera a própria lei internacional em julgamento, no salão de madeira do aquartelamento de Dachau.

Como Yeo-Thomas atestava em toda plenitude o fato de que os Aliados também tinham feito as coisas de que Skorzeny era acusado, a Corte teria que absolver os prisioneiros ou declarar que havia uma lei para os vencedores e outra para o lado vencido. Para soldados que imaginavam se, no futuro, esperavam que êles entrassem em ação com uma cópia codificada da Lei internacional com a qual todas as ordens podiam ser confrontadas, isto trouxe alguma luz. Pode-se quebrar a lei escrita se o inimigo também a quebra — mas deve-se estar duplamente certo de que será melhor emergir no lado vencedor. Essas são as regras de guerra. "Liquide o inimigo." Matar ou ser morto. Caso se saia bem, é possível que se ganhe uma medalha e nada tenha que responder. Se não, "que lástima".

Quando o comandante-de-esquadrão saiu do tablado, Skorzeny deu uma silenciosa ordem; juntos, os prisioneiros tomaram posição de sentido e inclinaram-se; em seguida, voltaram a sentar-se.

Não permitiram a Skorzeny ver o seu novo aliado até êle sair de Dachau nesse dia, mas enviou-lhe uma nota de agradecimento. Obteve esta resposta: "Você fêz na guerra um trabalho danado de bom. Estou certo de que será posto em liberdade. De qualquer forma, caso você precise de algum lugar para instalar-se, tenho um apartamento em Paris." Yeo-Thomas acrescentou o seu enderêço comercial na Rua Royale, Molyneux, o costureiro. De fato, foi dêsse perfumado atelier, do qual era um dos diretores, que o Coelho Branco correu para o seu país, para estar na Inglaterra quando o perigo a ameaçou em 1939.

Não havia dúvidas sobre o veredicto: os alemães foram absolvidos de todas as acusações. Entretanto, abriu-se aí um estranho e prolongado epílogo sobre o qual a cortina não queria cair.

O primeiro envoid foi o Coronel Rosenfeld. Congratulou-se com os prisioneiros: êles deviam compreender que, como soldado, apenas cumprira as suas ordens. — Justamente como nós — retorquiu Skorzeny. Ao Coronel, posteriormente ocorreu um pensamento que transmitiu à impressa: Ainda penso que êste Skorzeny é o homem mais perigoso da Europa.

Nada de liberdade — todavia. Do "campo aberto", para onde foi levado nos ombros dos seus companheiros de prisão e onde êstes o encheram de presentes — um bolo, lingüiça, uma maçã — "para comemorar", êle foi levado de volta às celas. Naquela noite, uma reunião no campo para comemorar o aniversário do resgate de Mussolini, 12 de setembro, teve que ser realizada sem êle.

O que acontecera? A Dinamarca e a Tchecoslováquia queriam Skorzeny; parecia haver crimes terríveis pelos quais êle tinha que responder. Quinze dias de desencantos antes de ser desfeito o engano — nenhuma das nações pedira a sua extradição. Os cabeçalhos, porém, voltaram a ocupar-se com a lenda do cruel assassino. Assim, volta para o "campo aberto". Agora, por fim, êle conheceu uma verdadeira amabilidade; do Comandante para baixo todos faziam tudo para atendê-lo. Suas roupas "da prisão estavam em frangalhos; um sargento americano conseguiu algum tecido do Exército alemão e mandou fazer um traje para êle. "Todos que encontro", escreveu Skorzeny para sua família, "fazem-me sentir novamente como um soldado entre soldados, apesar de ainda pertencer ao grupo de prisioneiros de guerra."

Pediram que êle a Radl auxiliassem a Divisão de História Militar do Exército dos Estados Unidos no preparo do relato da operação de Mussolini. Consentiram e foram às sacudidelas, estrada abaixo, num caminhão amarrado em arame, de volta para o campo de interrogatório de Oberursel — e novamente de volta às celas de criminosos.

Desta vez lutaram por melhores instalações e as conseguiram. O campo adotara uma estranha regra de segurança: todos os alemães deviam usar nomes em código, Radl era Baker e Skorzeny Abel — o que não impedia os pracinhas de gritarem "Skorzeny" sempre que precisavam dêle. Chegaram dois velhos amigos: Ray e Zêbra. O grupo de doidos foi acrescido de Axis Sally [2] — uma americana que ganhara o seu pseudônimo na rádio de Goebbels; mais tarde ela foi condenada a dez anos. O seu cabelo branco como a neve ficava balançando sobre os livros de exercícios quando dava lições de inglês a Skorzeny.

Veio o Natal e nada de liberdade; ao invés disso, teve uma quinzena de liberdade sob palavra. Hanna Reitsch estava vivendo em Oberursel; Skorzeny visitou-a antes de correr a Munique para ver sua família. Foi um inverno de fome; a Cidade era uma ruína completa, cheia de sêres sem lar. — Eu só podia olhar abertamente aquelas pobres caras de sofrimento — diz êle hoje, — porque eu também perdera tudo na guerra.

Após o seu pontual retorno a Oberursel, soube que tinha sido seguido enquanto estivera fora; os americanos ainda pensavam que Hitler estivesse vivo e que Skorzeny podia levá-los ao seu esconderijo.

Passou janeiro, um mês amargo. Fevereiro: o seu trabalho para as Histórias Americanas da Guerra ficou pronto. Depois, uma comissão americana seguindo uma pista de Hitler. Um piloto alemão dissera ter visto Hitler descendo com Skorzeny de um avião, alguns dias depois da notícia de sua morte. Os médicos interromperam o interrogatório para anunciar que o piloto não estava bem da cabeça.

Agora estava tudo quase que terminado. Mais uma história insensata sobre Hitler, que fêz os americanos levarem Skorzeny novamente de volta a Nüremberg para investigação, e os Aliados acabaram com êle. Com isso Skorzeny foi removido do campo de prisioneiros dos Estados Unidos para um campo alemão.

Muito antes disso, êle e Radl tinham sido requisitados para o misterioso processo de "desnazificação"; de novo outro período de espera. Para encher o tempo êles ajudaram a limpar as ruínas resultantes dos bombardeios da cidade mais próxima; numa tarde qualquer, em Darmstadt, podia ser visto o antigo chefe das tropas especiais alemãs marchando para o trabalho com pá e picareta ou andando ao longo da linha do bonde do "expresso do entulho" de Darmstadt. Poucos o reconheciam: estudantes que traziam um ou dois preciosos cigarros, donas de casa com café sintético.

Passaram-se mais quatro ou cinco meses iguais a êste. O seu caso foi adiado sete vêzes. Chegaram novos documentos, novas acusações pairavam no ar. Os funcionários encolhiam os ombros: — Não entendemos o que está acontecendo. Não é nada conosco — Skorzeny escreveu para Yeo-Thomas pedindo conselho. O Coelho Branco respondeu: — Fuja!

Já passava quase um ano desde a sua absolvição. Mais de uma vez êle poderia ter fugido, mas ficava porque queria obstinadamente deixar o seu

nome livre de qualquer mancha. Agora já suportara o bastante. Percorreu todo o campo, dizendo a todos os seus guardiães que não ficaria mais ali.

Em 27 de julho de 1948, Skorzeny saiu. Sem cortador de arame, escada de cordas, suborno ou túneis. Foi contrabandeado .

Um carro de transporte de mercadorias devia sair do campo. Nenhum guarda à vista. Uma palavra com o motorista alemão e êle próprio espremeu-se no compartimento de bagagem. Três ou quatro prisioneiros fizeram uma .parede para encobrir a cena do combate, enquanto Radl, dobrando-se de tanto rir, forçava a porta a fechar-se sobre a enorme massa de Skorzeny. O carro atravessou o portão. Dobrando a esquina o motorista libertou um irritado fugitivo que, então, veio para o seu lado.

Amigos, do lado de fora do campo tinham arranjado uma valise que o esperava numa parada de trens a dezesseis quilômetros de Darmstadt. Mudou de roupa em um bosque e embarcou no trem para Stuttgart. No dia seguinte estava em Berchtesgaden, nas altas montanhas que deveriam ter sido o último reduto de Hitler.

Como seria considerada a sua fuga? Não tardou em surgir uma ampla insinuação de que as autoridades alemãs estavam satisfeitas por terem ficado livre da decisão sobre o futuro de Skorzeny. Não tinham nada contra êle, mas a libertação do “homem mais perigoso da Europa” poderia prejudicar a carroça de maçãs da liberalidade aliada para com a Alemanha Ocidental. Êle devia permanecer desaparecido até que todo o estardalhaço terminasse, pois, assim, não seriam forçados a prendê-lo de novo.

Skorzeny recusou-se a viver escondido; disfarce-se, então, foi a resposta! Um frasco de peróxido bastaria para confundir os curiosos; fotografias tiradas nessa época mostravam um gigante de cabelos louros abraçando a sua filha que fora levada de visita a Berchtesgaden. Êle gastou alguns meses em banhos de sol e alpinismo e cortando árvores. Estava feliz. As suas tribulações tinham causado danos nas suas reservas físicas e emocionais, bem mais profundos do que êle estava querendo admitir.

No início da primavera de 1949, êle estava pronto para enfrentar o mundo exterior; sua fuga já tinha sido esquecida. Perto de Munique, com sua esposa, redescobriu boas amizades, inclusive o prefeito americano da cidade, entre muitos outros. No verão que se seguiu êle andou abertamente pela Alemanha, procurando aqui e ali alguns camaradas de guerra, muitas vêzes encontrando, também, uma viúva ou uma família sem chefe.

Outubro de 1949. O casal foi visitar amigos franceses em St.-Germain-en-Laye; Paris, não tocada pela guerra, era muito fácil de alcançar. Um obturador de máquina fotográfica abriu e fechou: L'Humanité conseguira a fotografia de Skorzeny subindo os Champs-Elysées, a fim de articular levante comunista na Capital. Os repórteres correram para vê-lo; êle se fora. Passou o inverno numa fazenda perto de Lyon e recuperou um pouco de sua antiga verve. Daí foi para Megève, perto da Savoia, para esquiar; em Megève leu como um tal de Otto Skorzeny, lutando pela causa neonazista, viajava constantemente entre Cairo, Nova York, Buenos Aires e Roma. Achou graça na imprensa e consolo na amizade de todos os franceses que conhecia; aquelas “históricas animosidades” entre as nações estavam estranhamente ausentes nas pessoas que encontrava, mesmo depois de saberem quem era êle.

Outra primavera encontrou Skorzeny completamente refeito, ansioso por trabalhar. Sua volta para a Alemanha, porém, foi uma inoportuna lembrança das virtudes marciais, numa época em que era muito importante para o Govêrno de Bonn mostrar para o mundo uma nova face, pacífica e decente. Ao pedir licença para trabalhar, lembraram-lhe que êle viera da Áustria. Não fora a Áustria libertada dos alemães desde a guerra? Com isso, tudo o que tinha a fazer era viajar para Viena e lançar-se nos braços dos Aliados como um austríaco livre! Para um homem que acreditava que "em determinadas situações só há um caminho a seguir" não havia alternativa. Êle era soldado de um país derrotado, que tentara levar os Aliados a uma parada. Assim devia continuar.

A Espanha ofereceu-lhe asilo, com um passaporte de Nansen, fornecido aos sem pátria. A jogada combinava com o último plano militar de Skorzeny.

A guerra crepitava novamente no verão de 1950, ameaçando espalhar-se da Coréia para o mundo. Os Aliados ocidentais estavam nos primeiros dias do seu rearmamento; não poderiam deter um avanço russo até os Pireneus. Skorzeny pensou que o Exército espanhol — bravo, disciplinado e acostumado à dureza das guerrilhas — poderia retardar o avanço se fosse treinado por métodos modernos. Sabendo como uma pequena quantidade de fermento pode fazer crescer o pão militar, Skorzeny imaginou que podia criar quatro ou cinco divisões selecionadas em torno das quais erguer-se-ia o primeiro "Exército Europeu" para tarefas especiais na defesa do Ocidente.

A Alemanha estava cheia de ex-soldados que não podiam encontrar lugar na vida civil; os Aliados, também, mantinham muitos prisioneiros de guerra; que os melhores dentre êstes se apresentassem voluntàriamente para o novo corpo. Se, finalmente, fossem expulsas da Espanha, as tropas podiam ser usadas para defender a África Setentrional Espanhola dos ataques russos através do Estreito de Gibraltar. As intenções de Skorzeny

não eram só defensivas —- o invasor da Espanha podia receber muitos golpes de um líder que tivesse idéias a êsse respeito .

Aquêles poucos generais alemães, cujo prestígio sobrevivera à derrota, receberam bem o plano de Skorzeny; o Pentágono e as autoridades espanholas também estavam interessados. Mas todo o mecanismo do acordo ficou embaraçado pela política e pelo protocolo. Depois de anos do ostracismo imposto pelo Ocidente, os espanhóis insistiam em que a primeira aproximação oficial deveria vir de Washington; os americanos diziam que devia vir da Espanha. Nesse meio tempo, diminuiu o perigo da guerra generalizada; na primavera de 1951, Skorzeny abandonou o plano e voltou-se aliviado para tratar de seus próprios negócios.

Com uma escrivaninha, um arquivo de escritório e um pequeno capital emprestado, já fundara uma agência de engenharia em duas salas que davam para a Gran Via, a principal rua de Madri. Trabalho, trabalho e mais trabalho; uma fórmula tão rara na vida de negócios de Castela, que certamente não poderia falhar.

A Espanha precisava de tudo que um engenheiro pudesse fazer ou conseguir e, subitamente, Skorzeny viu que tinha o que o mundo dos negócios tanto preza — ligações. Na ala das testemunhas de Nüremberg, onde passara meses durante o andamento dos processos sobre crimes de guerra contra os trustes comerciais alemães, Skorzeny tivera como companheiros de cárcere muitos industriais, cientistas e economistas de preeminência; horas de discussão ensinaram-lhe muita coisa sobre o mundo dos negócios. Assim foi que, em 1952, pôde arranjar o maior contrato de pós-guerra entre a Espanha e a Alemanha, no valor de cinco milhões de dólares, relativo a material ferroviário e ferramental em geral. Atualmente, é difícil passar-se uma semana sem que um ou outro dos seus colegas da ala das testemunhas, indo a Madri, não vá vê-lo.

No meio de seus novos problemas, chegou um boletim de Bonn: Skorzeny tinha sido desnazifiçado na sua ausência, pelo Tribunal de Hessen. O seu passado fora considerado sem mancha depois de sete anos. O Gabinete Aliado de Controle, de Madri, que investigava ex-inimigos estrangeiros, já tinha aprovado o pedido de Skorzeny para receber documentos de viagem. Assim, êle podia viajar ao exterior, para tratar de seus negócios .

No último verão, encontrando Skorzeny de novo, de volta de um circuito pela África, o autor ficou surpreendido pelo alto padrão do pessoal que dera boas-vindas a êste incomum negociante — funcionários inglêses, franceses, espanhóis, belgas e portuguêses, em todos os territórios que êle visitara. A lenda ainda estava viva e o interêsse abre as portas. Um acréscimo possível: tendo visitado governantes do Egito, murmurou-se confidencialmente que êle estava enviando homens-rãs contra navios inglêses no canal.

Um nome cercado de ilegalidade, embora imerecida, não se limpa fàcilmente. Quando, mais tarde, o sultão deposto de Marrocos foi retirado de Córsega por seus guardas franceses, sendo levado para uma ilha do Oceano Indico, Paris noticiou que a mudança fora feita para anular a Liga Árabe, que tinha oferecido 500.000 libras a Skorzeny para que devolvesse o Sultão aos seus amigos do Cairo. Solicitado a comentar o caso, Skorzeny só pôde expressar surprêsa e zombaria — se o Govêrno francês estava realmente tão preocupado, por que não lhe fizeram uma oferta ainda melhor para garantir a segurança do Sultão — não fazendo nada? — Afinal de contas, sou um raptor aposentado — disse êle.

O mundo é um palco; espera-se, de quem obteve fama, que repita o seu papel interminàvelmente. Mas, quando as notícias voltam ao seu passado, o próprio homem descobre um novo mundo de coisas muito mais absorventes. Hoje, na Espanha, Skorzeny tem toda sorte de

empreendimentos em andamento; seu favorito é um projeto de aproveitamento do vento para acionar novas indústrias com uma força grátis e inesgotável de energia. As primeiras máquinas, protótipos com três hélices cada uma, estão sendo montadas e êle sonha com a colocação de uma em cada cume de montanha. Uma fantasia digna de Cervantes? Skorzeny sorri. — Se o senhor está pensando em Dom Quixote, lembre-se que eu desejo construir moinhos de vento e não derrubá-los. Eu sou construtivo.

Como sempre, a verdade sobre Otto Skorzeny repousa numa contradição do óbvio. Da mesma maneira que, quando se vem a conhecê-lo, sua cicatriz de gangster fala de uma juventude de estudo e autodisciplina, assim, também, os seus moinhos de vento não são os anacronismos pitorescos que saltam na sua mente. Êles são extremamente práticos e realísticos, a coisa mais moderna que existe em aço.

---

[1] Iniciais de Prisioner-of-War (Prisioneiro de Guerra).

[2] Axis Sally — Salley do Eixo.

# XV.

*Na guerra não são os homens que interessam, mas sim o homem.*

*Napoleão*

Se a arma secreta é o homem, o projétil que ela atira é a surprêsa — mas não como a maioria dos oficiais de estado-maior a entende. Desta forma, muito diferentemente dos comandantes não-convencionais que jogam fora os regulamentos, Skorzeny teve o maior cuidado em aprender de cor toda a rotina, ainda que fosse apenas para prever o que seus inimigos fariam, como verdadeiros soldados. Seu sucesso mostrou que ataques de surprêsa podem vencer também estados-maiores e políticos que vivem do passado. Um soldado, um exército e mesmo uma nação podem ficar suficientemente aturdidos, de forma a permitir que alguém consiga seus desígnios. Se puder atacar em lugares e com métodos com os quais êles nunca puderam sonhar, você poderá conseguir o que quer.

Como esta doutrina simples pode ser aplicada em um mundo tão complicado, mais estimula do que desanima a Skorzeny. O tamanho e a complexidade atrasam as reações. Agora que a guerra tornou-se sobrecarregada, com centenas de divisões e montanhas de maquinarias, há campo para uma forma flexível de ataque, na qual o pêso das armas chega a ser um obstáculo.

O que se pode esperar da surprêsa alcançada com o pequeno uso da força?

Imaginemo-nos de volta a 1940, logo depois de Dunquerque. Churchill declara que a Inglaterra lutará “sozinha se necessário”, mas voa para a França e faz um derradeiro esforço para manter seu último aliado. Falha. A França cai nas mãos de Hitler.

Recordem a cena. Pétain e Weygand, chefes do Exército francês intimidavam o Gabinete, na tentativa de uma paz em separado com Hitler. Êles se recusam a continuar a guerra ou mesmo a render as suas forças na França e a admitirem a existência de um Govêmo francês que continuasse a resistência de além-mar. Todas as alegações de Churchill e do seu próprio Premier, Reynaud, são em vão. Ao invés de um combate em retirada para o Norte da África, os dois Generais forçam um armistício e usurpam o Govêmo.

Deveríam os inglêses ter permitido que a França desertasse? A opinião de Skorzeny sobre o destino dos dois Horthys, que queriam entregar a Hungria aos inimigos da Alemanha, sugere uma alternativa imediata — os fatais conselheiros do Gabinete francês deveríam ter sido enfiados dentro de um avião da RAF e levados para a prisão.

O indomável Reynaud teria, assim, imposto sua vontade e mantido o Norte da África ainda como base aliada, com a Armada francesa intata. Mesmo se a Alemanha tivesse irrompido através da Espanha para alcançar Gibraltar, a situação no Mediterrâneo teria sido modificada.

Com suas linhas marítimas cortadas pela Armada anglo-francesa, a primeira derrota de Mussolini no Egito teria produzido a destruição prematura de seus exércitos no deserto. Rommel não poderia ter trazido o África Korps para salvá-lo. Não haverία necessidade da trabalhosa invasão do Marrocos e da Argélia; toda esta região, bem como o trampolim da Tunísia teriam ficado em mãos aliadas com o restante do império francês. A Itália poderia ter sido encurralada de uma vez, a curta distância. Para atacar Gibraltar, Hitler teria que trazer os aviões de que precisava para a Batalha da Inglaterra e estender suas linhas através da Espanha — uma península notoriamente inóspita para conquistadores estrangeiros. Depois que Pétain e Weygand tomaram posse, mesmo que alguma matriz côr-de-rosa pudesse ser tirada dêste quadro, êle ainda seria de hilariante contraste com as “horas mais sombrias” da Inglaterra .

Estas especulações surgiram de uma opinião que, aparentemente, a ninguém ocorreu naquela oportunidade. Raptar personalidades aliadas, embora seus comportamentos ponham tudo em perigo, ainda pode parecer demasiado não ortodoxo. Todavia, há a considerar o prejuízo por permitir que os oponentes de Reynaud impusessem seus métodos.

Um mês depois de a França sair da aliança, os inglêses estavam bombardeando a esquadra francesa em Oran, para evitar que caísse nas mãos de Hitler. Protestando contra êste “assassinato", o Almirante Sir James Somerville teve seu protesto recusado porque se acreditava que a vida da Inglaterra estivesse em jogo. O que parecería, perante uma corte de Justiça, a matança de mil e trezentos marinheiros franceses e um bombardeio sem declaração prévia de guerra, se vencedores e vencidos fizessem face a tribunais de crimes de guerra? Oran era apenas uma tragédia que poderia jamais ter ocorrido, se dois velhos franceses tivessem sido postos fora de circulação.

Skorzeny, que planejara pessoalmente a eliminação do Marechal Pétain quando êste começou a obstruir os alemães, cêrca de três anos depois, acredita que tais assuntos, no futuro, serão resolvidos pelos melhores meios disponíveis. E, se um firme apoio fôr dado a cúmplices inconstantes, qual a dignidade que será estendida ao inimigo? Está obsoleta qualquer tradição que proteja líderes políticos e militares. De fato, Skorzeny sempre quis saber por que os Aliados nunca tentaram eliminar o único homem cujo afastamento poderia ter parado a guerra; era óbvio pela consternação em que ficaram os chefes de segurança de Hitler com o rapto de Mussolini que lhes faltava confiança em sua capacidade para defendê-lo. Nem Skorzeny teria hesitado, se realmente lhe tivessem dado ordem para raptar Eisenhower; êle considera todo comandante-em-chefe como caça livre e atingível. Os russos participam dêste ponto de vista —- os comunistas nunca insistiram em suas vítimas que usam uniforme. Na próxima vez, nenhum político ou chefe de estado, esteja onde estiver, dormirá com demasiada calma.

Outro conflito bem pode começar com uma série de assassinatos e desaparecimentos, predição não tão forçada como pode parecer. Um inimigo que escolhesse a oportunidade encontraria a Casa Branca aberta; os homens do Serviço Secreto estão prontos para guardar o Presidente contra lunáticos ou manobras políticas, mas não podem esperar conter um ataque de profissionais, baseado no minucioso estudo dos hábitos de Washington. Muitas vêzes entrei no Edifício do Pentágono, em Washington, com seus milhares de generais, almirantes e oficiais de estado-maior, e me perdi por seus andares e galerias. Downing Street parece prêsa fácil; há muitos modos pelos quais as precauções em torno dos principais ministros da Inglaterra poderiam ser iludidas: disfarces domésticos, de aparência casual. Três amigos meus, por puro acaso, atravessaram os portões da frente de um estabelecimento atômico inglês sem apresentar permissão. Acasos como êste podem ser provocados.

Mais de uma vez, na última guerra, planos de raptos e assassinatos de líderes alemães — certa vez pela destruição de um teatro cheio de figurões

nazistas — foram rejeitados pelas autoridades aliadas. Constrangimentos como êstes não acontecerão outra vez, especialmente se o bloco soviético estiver envolvido. Não devemos aplaudir os pilotos que partem para destruir uma cidade e, ao mesmo tempo, recuar na morte de um líder inimigo. Terríveis choques podem ser infligidos no cérebro dirigente inimigo por alguns homens decididos — e é o cérebro inimigo que está destinado a ser o melhor alvo do beligerante moderno.

Olhemos agora as campanhas do Norte da África e da Itália, para ver o alcance daqueles golpes relâmpagos que, nas palavras de Skorzeny, podiam derrubar um adversário mais lento. Cautela e retardo parece que roubaram aos Aliados pelo menos duas grandes oportunidades.

Túnis, o trampolim para a Sicília, foi riscada da lista final dos locais de desembarque no Norte da África, porque os planejadores esperavam que a resistência francesa fosse mais forte do que foi. Enormes comboios desembarcaram os exércitos muito a oeste e, quando os defensores franceses trocaram de lado, só havia fracas forças aliadas na Tunísia. Marchando mais de seiscentos quilômetros, desde a Argélia com a vanguarda do Primeiro Exército, o General Anderson chegou demasiado tarde — os alemães haviam trazido quase vinte mil homens com uma velocidade que envergonhou os Aliados, pois alguns tinham vindo da Bavária e da Áustria. Assim, com sua retaguarda garantida durante a longa retirada de El-Alamein para a Tunísia e com seus suprimentos razoavelmente garantidos, Rommel foi capaz de manter a pinça dos aliados aberta durante mais seis meses.

Tenho ouvido Skorzeny dizer que mil franceses podiam tomar Paris durante a noite, se agissem com um plano para capturar de surprêsa seus ministérios e ministros. Os Aliados tinham amigos franceses na Tunísia. Não poderiam êles, a um determinado sinal, ter aberto os portões para uma força especial, preparada para aquêle exato momento? Dias após o trampolim para a Sicília

foi mantido desguarnecido; os Aliados chegaram em força, mas encontraram as vias de acesso completamente fechadas.

A seguir, Itália. Mussolini foi derrubado em 26 de julho, mas passaram-se três semanas inteiras, até contrabandearem um enviado italiano, através da França ocupada e da Espanha, para encontrar os agentes aliados, enquanto as tropas alemãs inundavam o país. Nesse meio tempo nada foi feito, e a primeira palavra que êsse emissário ouviu foi que nada, a não ser a rendição incondicional, poderia ser discutido. Foram necessários mais quinze dias para que o homem voltasse a Roma e outros três para ser assinado o armistício. A essa altura Hitler tinha dezoito divisões na Itália; dessa forma, para o Rei e para Badoglio era menos uma questão de rendição incondicional, do que de saber se, afinal, sobrava alguma coisa para ser rendida.

Agora nós sabemos por que foi desprezada a inesperada vantagem oferecida pela prisão de Mussolini e por que, segundo as palavras de Churchill, os italianos foram deixados "a cozinhar em seu próprio molho". Os Aliados não podiam arriscar-se a perturbar o seu plano de invasão, meses antes fixado para meados de setembro, e não puderam imaginar qualquer outra forma imediata de aproveitamento da queda de Mussolini. No final a invasão foi adiada por uma semana, mas quarenta dias foram perdidos. Somente na véspera dos desembarques, o General Taylor, assistente de Eisenhower, foi secretamente enviado para ajustar com Badoglio um lançamento aeroterrestre em Roma. Muito tarde: Roma estava sendo invadida, a Família Real estava pronta para a fuga, os campos de pouso perto da Capital tinham sido perdidos algumas horas antes. De novo os alemães tinham saído depois dos Aliados, mas chegado na frente.

"Nunca hesitamos", escreve Eisenhower, defendendo a atuação aliada no Mediterrâneo. "A doutrina do oportunismo. .. é muito perigosa de ser seguida na estratégia. " Êste princípio é, de fato, impecável — já que a

política global não pode explorar todos os fogos-fátuos que possam aparecer — mas não explica a falta de algum esforço de vulto, fora do quadro da invasão, para capturar a Itália quando Mussolini caiu. À hora dos desembarques, de muito adiada, os Aliados perderam Mussolini; ao mesmo tempo, a notícia de que o ditador italiano tinha sido raptado de sua rocha por uma força ligeira em planadores oferecia um contraste ‘ que ninguém podia desprezar. “É essa a maneira de fazer”, sentiram todos. “É essa a maneira de agarrar-se a uma oportunidade. ”

A conspiração de 20 de julho foi um complô clássico; vejamos que chances havia quando, com Berlim em desordem, ninguém sabia se Hitler estava vivo ou morto.

Skorzeny, como a maioria das pessoas, esperava uma intervenção dos Aliados. Mesmo com o retardo da ação, êle ainda esperava que ela viria — o inimigo deveria ter admitido, em seus planejamentos, a possibilidade de uma coisa. Mas as horas passaram, dias se foram, sem que os Aliados fizessem qualquer coisa. A conspiração foi abafada e a guerra continuou, como antes.

Durante meses, depois que passou o caso da bomba de 20 de julho, o mundo continuava a perguntar por que os Aliados não fizeram nada. Todas as conjecturas foram feitas, exceto a verdadeira, de que, do início ao fim, êles conheciam todos os detalhes da conspiração; sabiam de tudo, mas não levantaram um dedo.

O 20 de julho ficará marcado na História como o supremo exemplo de uma oportunidade jogada fora. Do seu efêmero posto no Ministério da Guerra,

Skorzeny mal podia acreditar no que via — no exterior os que mais podiam lucrar com a jogada não pensaram em aproveitar a oportunidade que se lhes abria.

Hoje, a história e a explicação são claras. Podemos apelar para o testemunho da Corte Popular de Hitler; podemos nos reportar às provas obtidas ante o Tribunal de Nüremberg; e temos, no Sr. Allen Welsh Dulles, irmão do Secretário de Estado dos EUA, uma testemunha magnificamente situada sobre o modo como tudo se desenvolveu.

As raízes desta conspiração alcançaram os dias de antes da guerra. Antes mesmo de Munique, seis dos mais altos oficiais de Hitler tentaram derrubá-lo. Mas, todas as vêzes em que estavam dispostos a atacar, a Inglaterra e a França deixavam que Hitler tivesse os despojos que queria. Veio a guerra; quando os exércitos alemães foram rechaçados da Rússia, a conspiração renasceu.

Durante dezoito meses, antes do 20 de julho, Allen Dulles, trabalhando como agente chefe dos Estados Unidos na Suíça, estava a par dos esquemas para se livrarem de Hitler. Arriscando-se à morte ou a coisa pior, mensageiros alemães iam e vinham para contar-lhe todos os detalhes do que estava planejado . Sua confiança não pôde ser retribuída. Embora Dulles soubesse o que estava sendo feito, não tinha autoridade para oferecer o apoio que teria unificado os conspiradores e lhes dado o estímulo de que precisavam. Assim, naquelas horas em que a existência de Hitler estava em dúvida, quando ninguém na Alemanha sabia que caminho seguir, a ordem de quem obedecer, os Aliados permaneceram indiferentes, e deixaram a oposição alemã à sua própria sorte.

Vimos como Skorzeny temia um lançamento aeroterrestre em Berlim. Êle acreditava que uma ou duas divisões poderiam ter capturado e mantido a Capital por cinco dias; uma força muito menor seria suficiente, se houvesse um núcleo de tropas especiais e agentes civis em ligação com os conspiradores. Nessa ocasião os Aliados provavelmente poderiam ter tirado de Berlim quem êles quisessem, de Goebbels para baixo. Na melhor das hipóteses, a guerra podia ser vencida de imediato; na pior um choque devastador teria sido infligido no regime.

Até os russos, que naquela oportunidade não tinham as vantagens de que dispúnhamos, viram que o momento não era para ser desperdiçado. Não dispondo de uma força aeroterrestre pronta, mandaram o renegado General alemão Seydlitz para o rádio, para conclamar os seus compatriotas. "Virem suas armas contra Hitler", gritava êle. "Não faltem a êsses bravos que tentaram matá-lo. " Depois da sua rendição em Stalingrado, Seydlitz fora festejado pelos russos e persuadido a organizar um comitê da Alemanha Livre, que conclamaria os oficiais alemães, em sua própria língua, para derrubarem a tirania de Hitler. Dificilmente algo semelhante fora tentado pelo Ocidente, exceto de uma forma secreta, mas quando explodiu a bomba todos esperavam — com esperança ou com mêdo — por algum movimento de Londres. Nada ocorreu; nem mesmo um apêlo ao levante ou uma chuva de panfletos. Os Aliados fecharam a brecha em lugar de alargá-la. Mais uma vez foi levantada a exigência de "Rendição Incondicional" com todas as suas implicações, para a mente alemã, de ruína e escravidão; os conspiradores, longe de receberem qualquer apoio, foram abandonados aos seus próprios destinos com um churchilliano "Deixem que os cães se devorem!" Hitler cortou toda a oposição tão cruelmente que esta nunca mais poderia surgir. Nada melhor que o resumo de Dulles: "Os que fazem a política na Inglaterra e nos Estados Unidos parece que querem dificultar ao máximo as tarefas militares, unindo todos os alemães até seu amargo fim."

Havia uma trágica ironia no destino que os generais da oposição alemã deram a si próprios. Revolução, tem sido dito, era uma manobra que êles nunca praticaram em sua mocidade e, agora, era tarde demais. Ficaram

embaraçados com a tradição e com o juramento militar que os ligava ao seu destruidor. Várias vêzes chegaram ao limiar do motim e recuaram. É claro que, com Hitler morto — fosse como fosse — ficariam livres da sua lealdade.

Muito antes de os generais estarem prontos para atacar, a polícia de Hitler já estava aparando as bordas da conspiração e já tinha quase alcançado o centro quando ela explodiu. Depois de uma demora de seis anos a última cena fora fatalmente precipitada pelos que sobreviveram aos primeiros expurgos de Hitler. Êstes generais aceitaram-na tão fatalisticamente que permitiram aos seus oponentes que os eliminassem um a um. Dos dezessete marechais-de-campo que o Exército tinha quando começou a guerra, somente um manteve o seu bastão de comando até o fim. Só três, dos trinta e cinco generais-de-exército de 1939, ficaram em postos da ativa. Todo o restante desapareceu — alijados, enforcados, fuzilados ou envenenados . Até o audacioso Rommel; tarde demais para desferir um golpe sobre Hitler, teve que aceitar a cicuta do mensageiro do tirano.

Arrancado da rotina da honra e da obediência, um general pode ficar tão perdido como qualquer soldado bem treinado. E isto não é apenas com generais alemães; basta volvermos os ohos para a invasão do Norte da África. Longe de saudarem a libertação aliada, os comandantes franceses, quase que por unanimidade, estavam prontos para devolverem ao mar os Aliados; quando o Almirante Darlan, em nome do Marechal Pétain, determinou que cessassem fogo, êles obedeceram. O que interessava era a palavra do Marechal, já que êle, da mesma forma, exigira um juramento de lealdade pessoal dos seus oficiais. Logicamente, a notável exceção entre os generais franceses e que seguira a sua própria consciência depois de Dunquerque, o General De Gaulle, era tido como um traiçoeiro desertor; tinha saído de forma.

A obediência era o código de general e, depois da guerra, os generais alemães declararam, nos julgamentos dos crimes de guerra, que não podiam fazer nada senão cumprir as ordens. Churchill, com simpatia, enviou um cheque para auxiliar a defesa de Manstein. O Marechal-de-Campo Montgomery foi citado pela defesa: “Sou soldado. Obedeço ordens.” Tudo em vão. Condenando Manstein, Kesselring e outros, os tribunais estabeleciam que os generais não devem obedecer ordens “erradas” — um julgamento que parece abrir as portas para a subversão nos altos escalões hierárquicos.

Um outro 20 de julho será mais fácil pelo que foi estabelecido nesses tribunais. Desde o primeiro dia de guerra deveremos fazer chegar aos generais inimigos a idéia de que o patriotismo marca o caminho da traição, de que somos os seus verdadeiros amigos e de que longe de ser a rendição uma coisa indivisível, ela será aceita com alegria, no todo ou em parte — “incondicionalmente”. Não haverá mais piadas como a “Deixem que os cães se devorem”; ao contrário, asseguraremos constantemente a quaisquer líderes de oposição o nosso sincero auxílio para derrubar o tirano. A vitória, como escreveu o historiador militar Tucídides, há dois mil e tantos anos, é obtida mais cedo pelos que chegam como libertadores.

Seria fácil retirar de duas guerras mundiais outros exemplos de como a precaução, que deve regular empreendimentos planejados meses e até anos antes, repetidamente sufoca as esperanças de um movimento rápido para derrubar a estrutura básica do inimigo. As razões contra a pronta ação são plausíveis e têm pêso — normalmente resumem-se em duas objeções: que todos os recursos já foram empregados em outros projetos e que novas ações dependem de consulta prévia aos aliados.

Mais tarde, serão feitas propostas específicas para obviar tais obstáculos, mas, antes de chegar a isso, convinha examinar a experiência inglêsa neste particular e, de forma especial, sobre um tipo de operações virtualmente

desconhecidas, a que os recentes acontecimentos deram uma sinistra notoriedade.

# XVI.

*Ex África semper aliquid novi.*

*Plínio*

Um desenvolvimento surpreendente da Segunda Guerra Mundial foi o aparecimento dos, assim chamados, exércitos privados, unidades com algumas dezenas de homens reunidos para, juntos, levarem a guerra ao território inimigo. Êsses grupos surgiram espontâneamente quando Dunquerque privou a Inglaterra de meios para a guerra regular; de fato, foi a necessidade de improvisar que deu a primeira autorização a êsses corsários.

Com aparente despreocupação, partiam em pequenos grupos para lutar contra a sorte que se tinha instalado na Europa conquistada. Eliminavam sentinelas a, faca, minavam estradas, emboscavam comboios de tropas. Na Noruega, nove esquiadores destruíram uma fábrica de água-pesada e, assim, interromperam o programa de Hitler para a construção da bomba atômica; uma estação de radar novinha em folha foi levitada da França, através do Canal. Êstes comandos — como êles rapidamente ficaram conhecidos —- agiam em uma despreocupada parceria com agentes atrás das linhas e com os diversos movimentos de resistência, os quais se fortaleciam com o seu exemplo.

Com o correr do tempo, a maioria dos exércitos privados foi englobada numa unidade oficial, a Brigada de Comandos. Alguns sobreviveram e floresceram como unidades independentes — a principal delas foi a que chegou a atingir o efetivo de Brigada e agiu atrás das linhas do General Rommel na África; seguiu-o através do Mediterrâneo até a Itália e, mais tarde, coroou o seu trabalho ao ajudar a eliminar os trincos e dobradiças das defesas de Hitler na França. Quando a guerra terminou, esta notável organização estava adaptando uma técnica para o teatro do Extremo-Oriente e tinha conquistado um alarmado respeito dos nossos inimigos na Europa.

Ninguém se aventurou, ainda, a escrever a história do Serviço Aéreo Especial. As suas primeiras atividades devem confundir os que procuram as suas origens nos registros oficiais e os triunfos do seu apogeu foram encobertos pela censura. Mas, aqui e ali, alguém esbarra em sua pista; assustadoras narrativas de aventuras que parecem não merecer crédito quando se conhecem os homens inofensivos e modestos que as viveram.

“Bem, realmente não lhe posso dizer muito” dizem êles. Segue-se, então, o esboço de algum assunto que envolve um informante de alguém e que é mais arrepiante que a sua fortuita narração. Com uma desculpa por ter sido tão insípido — “Já faz tanto tempo, não é?” — êle sugerirá procurar fulano de tal: uma autoridade da Igreja ou do Estado que alguma vez teve ligação com o SAS.[1]

Como o Serviço Aéreo Especial caracteriza o mêdo de os inglêses obterem inspiração das catástrofes, o seu sucesso encerra uma lição para o futuro. Em têrmos de evolução, poder-se-ia dizer que êle surgiu do fracasso da tática ortodoxa de comando para atingir fins estratégicos; em têrmos humanos, êste serviço surgiu, da personalidade de David Stirling.

Foi-me assegurado que Stirling era tão pacífico, quando rebentou a guerra, que a eclosão desta pegou-o a milhares de quilômetros de casa; com a mistura de energia e indiferença, que o caracterizam, encontrava-se percorrendo a cavalo as Montanhas Rochosas. Voltando para o seu país, para a Guarda Escocesa, êle achou, depois de Dunquerque, um caminho para escapar aos deveres de rotina, incorporando-se à famosa coluna de comandos Layforce.

A unidade viajou em janeiro de 1941 para o Oriente Médio, a única área onde havia tropas britânicas em ação. Alguma coisa fora do comum fora planejada para a Layforce; agora que os italianos tinham sido batidos no Norte da África, ela devia levar a cabo uma operação combinada contra Rodes.

Antes que essa operação pudesse ter início, entretanto, Hitler virou de cabeça para baixo o quadro estratégico. Exércitos alemães invadiram os Bálcãs; os inglêses foram expulsos da Grécia e de Creta; o Afrika Korps, recém-chegado, empurrou os homens do General Wavell seiscentos quilômetros para trás, através da Líbia, até a fronteira do Egito.

As esperanças inglêsas de limpar o Mediterrâneo dissiparam-se com a ameaça de Rommel a Alexandria e ao Canal de Suez; Wavell podia apenas manter o inimigo a distância de um braço, enquanto desembarcava incursores para destruir os aeroportos na sua retaguarda. Foram lançadas três dessas operações combinadas, mas, uma vez que nessa época não havia possibilidade de substituir qualquer destróier britânico, todas as três tiveram que ser abandonadas quando os navios ficaram em perigo. De cada vez, duzentos homens ou mais, da Layforce, foram trazidos de volta sem terem desembarcado. O quartel-general do Cairo concluiu que Rommel estava aparelhado contra ataques de pequena escala e, por isso, foi interrompido o perigoso jogo e dispersada a Layforce.

Esperando um navio para voltar para casa, o Tenente Stirling, encorajado pelo Brigadeiro Laycock,[2] comandante da Layforce, decidiu, junto com alguns amigos, aprender a saltar de pára-quedas. Pediram emprestado um velho avião, uma tarde, e se revesaram saltando da porta. David Stirling foi o último a saltar, mas o primeiro a chegar ao solo com um pára-quedas defeituoso: passou zunindo por seus companheiros que flutuavam no ar e abriu uma cratera no deserto.

Um hospital da base, no Delta, permitiu a Stirling, que ainda não queria ser mandado de volta, seguir a sua inclinação de fazer planos, mais do que tê-los feito para si. Em folhas de papel espalhadas na sua cama estava esboçado o que, normalmente, se chama de "estudo de situação". Raciocinando com as experiências da Layforce, chegou a deduções peculiarmente próprias: o quartel-general do Oriente Médio era de opinião que os ataques abortivos eram grandes.

Os golpes de mão de vaivém estavam no sangue de Stirling — qual a outra forma de explicar a sobrevivência da sua família em guerras incessantes e sangrentas disputas na Escócia? — e os três séculos de govêrno de Whitehall não conseguiram reprimi-lo. Seu primo, o jovem Lord Lovat, iria comandar o seu próprio regimento de comandos em incursões à costa do Canal. Era inconcebível que os aeroportos de Rommel ficassem intatos, só porque ao Oriente Médio faltasse poder aéreo para atacá-los; Stirling havia imaginado exatamente como o poderio aéreo alemão poderia ser atacado em terra e pensava fazê-lo pessoalmente.

A sua apreciação continha uma nota desfavorável ao hábito do Comando do Oriente Médio de lançar a maior força possível contra um único ponto. Por que transportar duzentos comandos em navio de guerra para uma praia inimiga, perguntava êle, se a intenção era atacar uma base aérea, mas sem a

idéia de mantê-la? O verdadeiro intento era a destruição dos aviões; isso podia ser conseguido com mais êxito e por menor preço, se cêrca de meia dúzia de sabotadores pudessem colocar bombas incendiárias de tempo nos aparelhos. A força de duzentos homens podia ser dividida em pequenos grupos que poderíam ir a trinta ou quarenta aeroportos de uma só vez. Obtendo sucesso em apenas um de cada quatro lugares, êles ainda destruiríam muito mais que os ridículos cinquenta aviões, que era tudo o que se podia esperar com um ataque concentrado a um único campo.

A falta de transportes marítimos não interessava mais, porque os vulneráveis vasos de guerra não precisavam ser postos em perigo. Pequenos grupos de sabotadores podiam desembarcar de barcos de pesca ou de submarinos, ser lançados de bombardeiros ou procurar transporte em carros de reconhecimento do Grupo de Rangers do Deserto.

Naturalmente, escreveu Stirling, tais tropas deviam aprender a abrir seu caminho através das áreas inimigas, e na escuridão. Então, por que não organizar uma nova força para essas missões especiais? Qual o chefe mais naturalmente indicado para formá-la, do que o próprio autor do esquema?

A êste monumento de raciocínio, Stirling acrescentou um sedutor enfeite: se recrutasse desde logo sua nova força, êle estaria apto para paralisar os cinco principais campos avançados de Rommel às vésperas da próxima ofensiva inglêsa. Sabia-se muito bem, no Cairo, que esta grande arremetida estava prevista para novembro, somente três meses depois.

Os papéis rabiscados foram reunidos, mas não foram remetidos. Um ponto ressaltado na apreciação de Stirling era que êle seria diretamente responsável perante o Comandante-em-Chefe; isto como delicadamente

indicara, pouparia o tempo de inúmeros serviços e departamentos. Êle iniciava, conforme pretendia continuar: com o ataque direto.

Passaram-se alguns dias; a cena muda-se do hospital para um posto da guarda no quartel-general do Oriente Médio. Não tendo credenciais, Stirling recebeu uma recusa. Claudicando em torno do prédio com o auxílio das muletas das quais, então, se desfaz, ergue os seus dois metros de altura por cima da cêrca e entra cambaleante no edifício. Uma sentinela localiza-o; esquiva-se por um corredor para o interior da seção do Ajudante-Geral, onde convida um mal-humorado oficial do estado-maior a ler o seu estudo de situação. O oficial passa os olhos pelas propostas e aconselha Stirling a não perder seu tempo.

Alguns minutos mais tarde, Stirling invadiu o gabinete do general subchefe do estado-maior. O General Ritchie protesta contra esta intrusão, e se surpreende lendo o documento. Chegando à última página, elogia o novo esquema: é exatamente o que a situação precisa.

Três dias depois, Stirling está na presença do seu Comandante-em-Chefe, General Sir Claude Auchinleck. Sai com o posto de capitão, para dar partida e recrutar a sua força imediatamente. No entanto a criação do fruto do cérebro de Stirling não havia de ser tão fácil como o seu nascimento. Primeiro de tudo, o estado-maior do quartel-general do Oriente Médio tinha que ser atraído ou vencido. Furiosos com a insolência de Stirling e ultrajados por ter obtido êxito, os obstrucionistas decidiram ignorar a criança abandonada na soleira da porta; que morresse de fome. Mas êles ainda não sabiam contra o que se batiam. Numa observação feita por Stirling, em carta a um amigo, depois da guerra, quase que se pode perceber um eco da rebeldia de Friedenthal, com Skorzeny e Radl discutindo como ser mais esperto que o "inimigo principal" em Berlim. "Conquanto a maioria dos setores soubesse ser prestativa nos altos escalões", escreveu Stirling, "era surpreendentemente contrária nos escalões médios e baixos.

Na Ajudância-Geral, obstrusiva de alto a baixo, só pude abrir caminho invocando a autoridade do General Ritchie.”

Mesmo um apelo a César, no entanto, pode ser ignorado; então, Stirling tomou a lei em suas próprias mãos. Sub-repticiamente informado de que não disporia de nenhum acampamento, pelo menos por seis meses, convidou seus amigos a saírem num caminhão tomado por empréstimo. Ao cair da noite, chegaram a um acampamento guardado por tropas, enquanto os seus ocupantes, um destacamento da Commonwealth, encontrava-se fora, em exercícios. Foram feitas três viagens antes do alvorecer e, no dia seguinte, a unidade de Stirling estava num campo muito bem equipado, montado novamente em Kabritz, na Zona do Canal.

Alguns oficiais, nos quais Stirling estava de olho, não podiam ser obtidos tão informalmente, mas êle os conseguiu. Paddy Mayne, um irlandês afàvelmente agressivo, foi retirado de uma base de infantaria, onde tivera uma diferença com o seu comandante de companhia. Jock Lewis foi extraído da Guarda Galesa. Bill Cumper, perito em explosivos, cuja trilha seguiram por todo o Oriente Médio, foi desenterrado de um depósito, onde Stirling o encontrou distribuindo equipamento sanitário .

Como êles próprios se designariam? No quadro de efetivos do Grande Quartel-General, havia uma força imaginária, conhecida como Serviço Aéreo Especial, sendo sua invenção destinada a persuadir Rommel de que os inglêses tinham uma brigada aeroterrestre no Oriente Médio, onde não havia nenhuma. Para dar cor à impostura, lançavam, perto dos campos de prisioneiros de guerra, tropas de manequins, lançamentos que os cativos transmitiam em código para os seus países. Planadores falsos ficavam alinhados onde podiam ser fotografados pelos aviões visitantes. Ao encontrar o general responsável por essa farsa, Stirling ofereceu-se para adotar a bandeira do SAS e colocá-la em ação de uma forma convincente. O ajuste foi feito,[3] os antigos membros da Layforce deram à brigada-

fantasma do SAS o seu primeiro destacamento em carne e osso. O efetivo era de sete oficiais e sessenta homens, dos quais doze eram graduados, pois Stirling, inicialmente, dividira a sua força em unidades de quatro homens mais um oficial ou graduado em cada uma. Essa divisão do átomo militar fora projetada para liberar energias latentes — independência, espírito de luta e imaginação.

Todo o treinamento achava-se impregnado de tremenda urgência; dizia-se comumente que Jock Lewis, que organizara os programas, havia previsto tudo, menos tempo para dormir. Marchas de cento e cinqüenta quilômetros, saltos de caminhões a toda, velocidade, tiro a queima-roupa, endurecimento dos nervos com explosões cada vez mais violentas e mais próximas — Lewis oferecia um curso de pós-graduação aos homens que já tinham passado pelo crivo dos comandos. Os desfiles em Kabrit rivalizavam com os de St-Moritz pelas talas, bandagens e gêsso. Uma perna quebrada dava direito a uma dispensa médica, mas um braço quebrado não eximia ninguém de marchar; nem ninguém procurava uma tal dispensa. Três meses depois no "Campo de Repouso de Stirling", como o centro de Kabrit era caprichosamente conhecido, e um homem nada mais tinha a temer. Muito cedo Stirling comandava doze equipes de combate que se moviam como um só homem, à medida que praticavam infiltração através de áreas cobertas por tropas e a fazer mágicas na escuridão com o cortador de fios e as bombas de tempo.

Como ensaio final, o SAS marchou cento e quarenta quilômetros para atacar a Base Aérea inglêsa de Heliópolis. Seus homens infiltraram-se pelos guardas e colocaram mensagens em todos os aviões, dizendo que tinham sido destruídos. Stirling provara que as medidas de segurança do GQG eram uma farsa, o que, de forma alguma, serviu para recomendá-lo perante o que foram acusados.

Em 19 de novembro de 1941, foi lançada a longamente prometida ofensiva britânica e, com ela, a primeira operação do SAS — com a finalidade de esmagar, com uso de apenas sessenta homens, toda a força combatente alemã do deserto. Tudo estava contra os atacantes. Aviões obsoletos, sem instrumentos direcionais, foi tudo o que o SAS conseguira para voar sobre as linhas de Rommel; um vento de cinqüenta quilômetros por hora provocou no deserto uma tempestade de areia e espalhou os pára-quedistas a quilômetros dos seus alvos. Um avião que se extraviara aterrou por engano justamente no campo alemão que deveria ser atacado, todo o grupo foi feito prisioneiro. Dos sessenta homens que partiram apenas vinte e dois voltaram a Kabrit.

Isso teria acabado com a história. Poucos poderíam ter sobrevivido a um fiasco tão flagrante e à satisfação com que a notícia foi recebida em certos gabinetes do Cairo. Mas, um mês mais tarde, para espanto dos críticos, Stirling tentou novamente, desta vez mantendo os sobreviventes da sua unidade no solo e conduzindo-os pelo sul, pelo flanco exposto do deserto. Passar-se-iam muitos dias até que o GQG fosse sacudido por um relatório incrível: transportado pelo Grupo de Rangers do Deserto, até muito próximo dos campos de pouso escolhidos, o SAS tinha destruído quase cem aviões alemães. Quando as fotografias da RAF confirmaram a notícia, acabaram-se abruptamente as gargalhadas dos baixos e médios escalões.

Antes que Rommel pudesse compreender essa ameaça, a unidade desencadeou mais ataques atrás das suas linhas — incursões friamente planejadas e brilhantemente executadas, sobre os comboios rodoviários, depósitos e, acima de todos os alvos importantes, os campos de pouso. Em três meses, o SAS destruiu mais aviões que qualquer esquadrão de caça da RAF.

A chave era a surprêsa; imaginemos um dêsses ataques. As sentinelas patrulham o perímetro de uma base aérea alemã rodeada de arame. Do

telhado do aeroporto os metralhadores perscrutam a escuridão com óculos próprios para a noite. A centenas de quilômetros atrás da linha de frente, pode parecer que essas precauções sejam exageradas — mas essa base já fora visitada pelo SAS e não podiam permitir que isso acontecesse de novo.

O silêncio é quebrado por uma explosão, o que é o único aviso. Elevam-se chamas de um dos bombardeiros na pista e,

uma após outra, as sombras escuras dos aviões explodem como se fossem bombas de São João. A sirenas começam a uivar; os holofotes iluminam homens correndo em todas as direções — alguns são guardas, outros incursores —-enquanto mais e mais aviões explodem. No meio desta confusão, Stirling e os seus homens sentem-se perfeitamente à vontade; prosseguem em suas tarefas dentro de um caos previsto e calculado. Ao estrondo de um depósito de combustível êles partem, lançando as suas últimas granadas pela janela de um refeitório ou colocando-as entre as compactas filas de caminhões estacionados perto dos portões.

De todas as descobertas feitas por Stirling nesse novo tipo de atividades a mais satisfatória foi o pequeno número de perdas, e isso numa tarefa reputada como ataques suicidas. A sua proteção era a confusão.

Rommel dobrava e redobrava as suas guardas. Quando colocava uma sentinela em cada avião, esta explodia junto. Numa base aérea, perto de Bengazi, as tropas italianas eram igualadas em número por um forte destacamento alemão, do outro lado da pista; quando o SAS concluiu a sua visita, as duas equipes de defensores tiroteavam ardorosamente uns aos outros, por cima dos destroços dos seus aviões.

Rumores sobre essas incursões espalhavam-se pelo Oriente Médio, atraindo para Kabrit mais e mais homens que pensavam rápido e dos quais o SAS necessitava. Stirling também fêz uso de viagens ao Cairo com a finalidade de fazer proselitismo ocasional; o Brigadeiro Fitzroy Maclean, parente de Stirling, descreveu um encontro típico.

"David era um jovem alto, moreno e forte, com aspecto normalmente vago, mas, às vêzes, extremamente alerta. Perguntou-me quais eram os meus planos. Respondi-lhe. Por que não se junta à Brigada do Serviço Aéreo Especial? — disse êle.

Perguntei o que era isso. Explicou que não era realmente uma brigada; era mais parecida com um pelotão. Só a chamava de brigada para confundir o inimigo. Mas era muito bom pertencer a ela. Êle próprio a formara...

"Passou a descrever em detalhes as suas idéias sobre ataques de pequena escala. Eram muito esclarecedoras. Inicialmente poderiamos operar no deserto, posteriormente no Sul e Leste da Europa. Poderiamos lançar pequenos grupos de pára-quedas e, depois, apanhá-los de submarinos. Havia possibilidades sem fim".

Maclean juntou-se ao SAS e uma das missões que êle conta foi uma visita ao porto de Bengazi quando, com Stirling e Randolph Churchill — outro recém-chegado — conseguiram abrir caminho, enganando todas as defesas do porto, em uma camioneta Ford ostentando a identificação do Eixo. Maclean a resume:

“David, por sua parte, emprestava a êsses empreendimentos o poder de choque e, no seu planejamento e execução, aquilo que Lawrence chamara “o décimo irracional”... da mesma forma que o martim-pescador quando irrompe nas águas; uma audácia infalível e um pendor tal para a ousada improvisação que invariàvelmente apanhava o inimigo de surprêsa... Dentro destas linhas David obteve, nos meses que se seguiram, uma série de sucessos que ultrapassaram as melhores expectativas dos que, originalmente, tinham apoiado a aventura. Nem bem completava uma operação, já partia para outra. Nem bem o inimigo notava a sua presença numa parte do deserto e, em con-seqüência, tomava suas contramedidas, já estava êle atacando em outra parte e sempre onde menos o esperavam... Para proteger a sua retaguarda, o inimigo era obrigado a trazer cada vez mais tropas da linha de frente. E tudo isso era feito com um punhado de homens, alguns quilos de explosivo e alguns cartuchos de munição.

Uma coisa talvez tenha contribuído mais que tudo para o sucesso dessas operações: o próprio David tanto planejava como executava e, além disso, nos primeiros dias, todos os homens da unidade tinham sido selecionados por êle pessoalmente.[4]

Uma oportunidade decisiva surgiu nos princípios de maio de 1942, quando a castigada ilha de Malta esperava um comboio . A Força Aérea de Rommel dominava a maioria das rotas para Alexandria e o Serviço de Informações selecionara nove bases de onde os seus aviões de bombardeio poderíam decolar. Sete eram ao longo da costa da Líbia; duas mais escarranchavam-se sobre o Mediterrâneo em Creta. O Chefe de Operações Militares, no Cairo, dissera que se Stirling pudesse ajudar a diminuir a força aérea de Rommel durante a próxima batalha, poderia, com isso, influir nos acontecimentos de todo o Mediterrâneo .

Stirling viu nisso um ponto de mudança nas tarefas do SAS. Sugeriu que o QG estava exigindo demasiado de uma unidade que não tinha um status

adequado; não parecería melhor se a guerra do Mediterrâneo fosse salva por um regimento em vez de um destacamento de livres-atiradores? O General retorquiu que os regimentos britânicos não eram criados todos os dias. De qualquer forma o SAS, bem como outras unidades de comandos e os batalhões de pára-quedistas, seriam dispersados no fim da guerra; o que poderíam êles oferecer que faltasse no Exército?

Stirling expôs, inabalado, a sua fé na técnica do SAS; era uma coisa inteiramente nova que teria largo emprêgo no futuro. Comandos e pára-quedistas podiam ser retirados da infantaria comum, mas somente tropas excepcionais, com um alto grau de treinamento, podiam desempenhar o papel do SAS; além disso, êles não podiam ser controlados pela hierarquia militar normal que nada entendia da delicadeza dêste novo meio. A unidade devia ser responsável pelo seu próprio planejamento e as suas diretrizes viríam do mais alto escalão de comando.

O General protestou que Stirling parecia ter mais interesse no estabelecimento do diabo do seu regimento do que em tratar de vencer a guerra. — No meu ponto de vista, senhor — disse Stirling — os dois objetivos coincidem.

Na mesma noite foram atacados sete dos nove aeroportos inimigos; os de Creta o foram por dois grupos desembarcados de um submarino, que remaram até a praia e de lá escalaram a montanha com mochilas cheias de bombas. Ao todo foram destruídos cêrca de setenta e cinco aviões; muitos mais ficaram sem condições de decolar. O quartel-general do Oriente Médio enviou uma mensagem de congratulações ao “Comando do Primeiro Regimento SAS”.

Com êste título, e um efetivo aumentado para mais de trezentos homens, o regimento prosseguiu na ocasião em que apareceu, do outro lado do Atlântico, um acessório que o SAS imediatamente incorporou às suas forças; o ágil jipe de grande autonomia. Em pouco, todo o regimento estava sobre rodas. O Coronel Stirling, por essa época, "tinha dado ao regimento uma boina com distintivo — fundo azul com uma adaga dos Comando em branco e, embaixo, as palavras Who Dares Win (Quem é ousado vence.) Todos os seus homens eram pára-quedistas ... com a boina veio também um par de asas, dadas aos oficiais e soldados que tivessem atuação excepcional nas operações, para que as usassem no peito. Quando achou que já tinha feito bastante, Stirling concedeu-as a si próprio. Um dia, êle encontrou o General Auchinleck na escada de Shepheard's. — Deus do céu, Stirling — disse o General — o que é isso que você está usando? — Nosso brevê operacional, senhor — respondeu Stirling, fazendo uma elegante continência.

— Bem, bem — observou o General — é muito bonito também. .. muito bonito.

"A insígnia do Serviço Aéreo Especial recebera a sua bênção oficial."[5]

Em setembro de 1943, enquanto os exércitos se defrontavam em El Alamein, Stirling empreendeu a mais ambiciosa — e menos afortunada — de suas missões: um ataque do valor de batalhão a Bengazi. Levou as suas tropas num circuito de dois mil e oitocentos quilômetros através do deserto — somente para serem rechaçadas com pesadas perdas de homens e veículos.

Mais ao estilo do SAS foi o estabelecimento de uma base secreta profundamente à retaguarda de Rommel, de onde jipes armados saíram para

incursionar. Os ataques variavam, desde campos de pouso até estações de rádio, de comboios a depósitos de munição, de ferrovias do deserto novamente aos aeródromos. As patrulhas, muitas vêzes, ficaram pelo espaço de dois ou três meses atrás das linhas.

Depois da derrota de Rommel em El Alamein, Stirling incursionou atrás das suas vias de retirada, destruindo seus depósitos e saqueando seus comboios; para o que desse e viesse, o Afrika Korps devia ser mantido no rumo de El Agheila, onde o terreno se estreitava. Dezesseis sub-bases do SAS surgiram atrás de El Agheila para auxiliar no seccionamento das veias e das artérias dos suprimentos de Rommel, enquanto o Oitavo Exército o empurrava. El Agheila caiu no devido tempo; Rommel retirou-se para Trípoli, ainda com o SAS atrás das suas linhas. Para evitar os efeitos danosos dos seus ataques noturnos, os comboios alemães eram forçados a se deslocarem durante o dia, quando a RAF tomava a si os ataques.

Com o fim da campanha da África já à vista, Stirling preparava-se para levar morte e destruição à Europa de Hitler. O Primeiro Regimento crescera para um efetivo de quinhentos oficiais e soldados, incluindo a Seção Especial de Botes e o Esquadrão Grego, para os ataques ao Mediterrâneo Oriental; um grupo do SAS já voara para a Argélia para lá hastear o seu pavilhão com a Adaga Voadora. Logo foi formado na África Setentrional Francesa um segundo regimento, sob o comando do irmão de Stirling, o Coronel Bill. Aos recém-chegados que perguntavam o que significavam as iniciais SAS, costumava-se responder: “SAS? Stirling and Stirling, claro.”

Com isso, no início de 1943, enquanto as forças principais respectivas ainda estavam a centenas de quilômetros de distância, as patrulhas dos dois regimentos do Serviço Aéreo Especial já uniam os Aliados através da África.

Justamente quando acabava de realizar essa tarefa, David Stirling foi prêso durante uma sortida a centenas de quilômetros atrás das linhas inimigas e tornou-se um dos mais bem guardados prisioneiros da Alemanha. Nas Cartas de Rommel, o seu adversário paga um tributo "ao mais eclético comandante de grupo do deserto que nos causou mais danos que qualquer outra unidade inglêsa de igual efetivo".

A guerra de Stirling terminaria apenas dois anos depois da sua chegada ao Oriente Médio como um subalterno imaturo com vinte e cinco anos de idade e, como o destino o quis, quando Skorzeny começou a trançar o rabo dos Aliados. Algumas das suas artimanhas para assombrar o inimigo foram exatamente iguais às de Skorzeny. Na noite dos ataques ao comboio de Malta, guardas alemães conduziram um grupo de prisioneiros franceses ao mais inexpugnável aeroporto do deserto; só nas investigações do dia seguinte, no meio dos destroços, é que foi descoberto que tanto os franceses como os alemães eram do SAS. Stirling havia alistado em abril um esquadrão de pára-quedistas franceses; os guardas pertenciam a uma tropa de voluntários antinazistas, muitos dos quais tinham servido no Exército alemão antes da guerra.

O Major Paddy Blair Mayne, sucessor de Stirling no comando e talvez o único homem que jamais destruiu mais de cem aviões, acresceu grande brilho ao nome do SAS. Outro dos seus tenentes foi Earl Jellicos que, depois de lançar-se de pára-quedas em Rodes para induzir os italianos à rendição (encontrou seis mil alemães e teve que fugir às pressas), prosseguiu com o seu Esquadrão Especial de Botes indo dirigir as forças de incursão que libertaram metade da Grécia. A chegada de Jellicos a Atenas ajudou-a a impedir a guerra civil. Outro irregular inglês com algo do toque de Skorzeny foi Fitzroy Maclean. Ele raptou o comandante de Isfohan para sufocar uma conspiração antibritânica na Pérsia. Uma década mais tarde, por um dêsses paradoxos da história, êste General Zahedi derrubou o Premier Mossadeq e trouxe de volta os inglêses. Na sua tarefa seguinte Maclean lançou-se de pára-quedas na Iugoslávia, à frente de uma missão militar a que se juntou Randolphl Churchill. Quando achou que, afinal de

contas, Tito colocaria o bem-estar do seu país na frente da lealdade a Stalin, a Inglaterra resolveu apoiar os guerrilheiros. Fitzroy Maclean era um diplomata profissional; hoje Jellicoe também o é; desmobilizado como General aos vinte' e seis anos de idade, entrou para o Ministério das Relações Exteriores a tempo de integrar a primeira missão em Moscou, no pós-guerra. Eis aqui dois líderes do SAS que compreenderam o lugar da política na guerra.

Depois que o SAS uniu os exércitos Aliados, o irmão de David Stirling teve que empreender novamente na Argélia a mesma batalha burocrática que êste já vencera no Cairo. O Quartel-General de Eisenhower tinha quase tanta desconfiança do SAS como tivera o do Oriente Médio; no meio dos detalhados preparativos para a tomada da Sicília, o plano de Bill Stirling de espalhar o seu Segundo Regimento por toda a SAS só pôde ser levado a cabo de forma simbólica.

Na própria invasão da Itália, Bill Stirling quis lançar todo o 2.° SAS entre Florença, Bolonha e Spezia, onde as principais ferrovias para Roma estavam expostas a ataques, pois eram estas as vias empregadas pelos alemães para o deslocamento de tropas para enfrentar a invasão aliada. Retardos e dúvidas na Argélia reduziram esta expedição a apenas vinte homens, com mochilas de explosivos. Cinco minutos depois de aterrar o grupo perdeu o seu chefe. Assumiu o comando o ruivo Anthony Greville-Bell, um dos mais jovens subalternos de Stirling, que se viu com uma missão que poderia ter sido um golpe crucial na campanha. Os incursores conseguiram descarrilhar quatorze trens, mas as distâncias eram muito grandes para que pudessem manter as linhas fora de ação tão rapidamente quanto podiam elas ser reparadas. Se tivessem usado todo o regimento, o sistema ferroviário poderia ter sido paralisado por duas ou três semanas.

Logrados nessa soberba oportunidade, a maioria do SAS foi desembarcada na ponta da Itália, onde fêz os primeiros prisioneiros da invasão antes de se

lançarem de jipe, no escuro. De uma vez, quatro grupos estiveram agindo, devastando aeroportos alemães, destruindo comboios ou desembarcando pelo mar atrás das linhas para atacar a ferrovia do Adriático. O fato de que, daí para a frente, os homens do SAS apanhados pela Gestapo ficavam sujeitos à execução, era um sinal claro da fúria impotente do inimigo . Mas o SAS prefere relembrar hoje incidentes mais agradáveis da jornada italiana, como o das tropas francesas que requisitaram um trem e seguiram através do território inimigo até alcançarem um campo de concentração, encheram o trem de prisioneiros libertados e voltaram em triunfo.

Perto do fim da campanha, guerrilheiros italianos e russos fugidos das prisões foram alistados atrás das linhas, formando um "Batalhão Aliado do SAS" que atacou o sistema principal de suprimentos de Kesselring e tudo fêz para transformar a sua retirada em debandada. Na primavera de 1945, o Major Ferran realizou um ataque inesperado ao Quartel-General do Quinto Corpo de Exército alemão, matando o General e vários dos seus oficiais e incendiando as suas instalações: uma cena inigualável de assalto em todo o curso da guerra.

No início de 1944, todo o corpo foi levado para a Inglaterra a fim de se reorganizar para a invasão através do Canal. Novamente tiveram que ensinar, a um terceiro grupo de autoridades, o verdadeiro papel das tropas de ataque estratégico. Bill Stirling insistiu para que o SAS fosse lançado bem na retaguarda do inimigo, onde teriam espaço para movimentar-se e receber reforços pelo ar; os seus adversários, por outro lado, queriam usar o corpo bem mais próximo à linha de frente, onde nem ao menos suprimentos poderíam receber. Os argumentos tornaram-se tão ásperos que Stirling desistiu do comando, depois de fazer prevalecer o seu ponto de vista. Com as aparências salvas, as autoridades designaram seu sucessor o Coronel Brian Franfs, DSO, para colhêr o prêmio.

Para o Dia D, o ampliado SAS teve a sua própria ordeni de batalha:

l.° Regimento SAS 2.° Regimento SAS

3.° Regimento (francês) 4.° Regimento (francês)

l.° Regimento Belga (independente)

O SAS sempre teve um aspecto ligeiramente exótico, reunindo todo e qualquer estrangeiro que tivesse idéias corretas. David Stirling prometera aos franceses e belgas que um dia êles voltariam a lutar na sua própria terra e agora chegara o dia.

A operação de cruzamento do Canal teve surpreendente volume e vigor. A maioria da Brigada, como tinha insistido Bill Stirling, foi lançada de pára-quedas no interior da França ou desembarcada de avião com seus jipes e caminhões, em pistas de pouso recém-capturadas, para infiltrar-se nas linhas inimigas. Muitas vêzes em ligeiro contato com os maquis, mas na maioria delas sozinho, o SAS atacou trens, depósitos de munição e de combustível na própria zona de ação inimiga; emboscaram caminhões e destruíram carros do estado-maior — ao todo, cêrca de mil veículos alemães foram destruídos.

Uma semana depois do Dia D, nenhuma estrada ou ferrovia da Bretanha para a Suíça oferecia segurança. Tropas da reserva estratégica do Pas de Calais, que eram necessárias na Normandia, tiveram que correr para áreas como Dijon e Rheims, por onde cruzaram esquadrões do SAS em uniforme inglês. Mudando de hábitos o SAS com freqüência viajava de dia, quando

os bombardeiros aliados afastavam das estradas a maioria do tráfego inimigo. A noite era dedicada às emboscadas.

Depois da ruptura de Patton em Avranches, as tropas do SAS, atrás das linhas foram muitas vêzes confundidas com as vanguardas dos exércitos principais. A estação de radar de Beaulieu, por exemplo, foi destruída por uma guarnição alemã que ficou sob o fogo de um pequeno grupo do SAS e pensou que os tanques de Montgomery já estivessem chegando. Em toda a França, os alemães foram perseguidos pelos boatos de um ataque iminente . Assim o SAS ficou à vontade realizando sua tarefa com felicidade, dentro de um redemoinho de dúvidas e mêdo, matando cinco mil e tantos alemães até desistirem de contá-los. Durante meses viveram no meio do inimigo em um dos mais densamente populosos países da Europa, metendo-se em dificuldades, mas normalmente conseguindo delas sair — uma existência de Robin Hood a que nada faltava, pois até cigarros e correspondência de casa a RAF lhes entregava.

Depois da Batalha da Alemanha, o SAS viajou para a Noruega para desarmar duzentos e cinqüenta mil alemães. Foi sua última tarefa e a última notícia que a maioria dos seus amigos teve da brigada e dos seus métodos de ação que eram os que tinham maior probabilidade de vencer, já que o outro lado não entendia as suas regras.

---

[1] Special Air Service — Serviço Aéreo Especial.

[2] Antes de voltar para a Inglaterra, para assumir o cargo de Comandante da Brigada de Serviços Especiais (os Comandos), com 34 anos de idade, Laycock acompanhou o ataque de Keys ao quartel-general de Rommel e foi um dos dois únicos sobreviventes.

[3] É muito forte a mágica contida em um nome; muito depois, quando a origem deste nome já fora esquecida, Stirling esteve por ser perseguido por sua associação com pára-quedas e planadores. O SAS provou rapidamente que a sua missão era completamente diferente da tarefa das fôrças regulares aeroterrestres e que nem dependia de transporte aéreo; apenas sobravam o nome e as associações dele decorrentes. Um tal sofisma, já que o seu intento era exclusivamente atacar aeroportos, surgiu porque, para iniciar o trabalho, Stirling concentrou-se em reduzir a superioridade aérea inimiga no Oriente Médio, que era de três para um. Como os alemães rapidamente descobriríam, o SAS não teria limite algum em seus métodos de aproximação, nem nos tipos especiais de alvos que atacaria atrás das linhas. No entanto, o último a entender o papel do SAS foi o Ministério da Guerra em Londres, onde, finalmente, vieram a tomar conhecimento dele, sendo o Serviço Aéreo Especial colocado sob o contrôle das Fôrças Aeroterrestres.

[4] Escape to Adventure. Boston; Litle, Brown and Company, 1950.

[5] John Lodwick, The Filibusters. London: Mathuen and Co. Ltd., 1947.

# O Comando Extraordinário

Quando Otto Skorzeny, com um punhado de Tropas Especiais alemãs, tirou Mussolini, à fôrça, de uma "impenetrável" prisão, em uma montanha, o mundo ficou aturdido e recebeu uma surpreendente demonstração da nova guerra, que vai além das linhas de batalha, além mesmo das "regras da guerra".

Charles Foley conta aqui a história completa de Otto Skorzeny que foi, seguramente, um dos maiores aventureiros da II Guerra Mundial. A confusão lançada pela "brigada disfarçada", atrás das linhas americanas nas Ardenas, a destruição da ponte de Remagen e o resgate das divisões alemães "condenadas", nos Bálcãs... Estas e outras operações são descritas inteiramente, pela primeira vez, neste livro, com todos os seus incríveis e excitantes detalhes.

Coleção Testemunha EDITÔRA NOVA FRONTEIRA